

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS: TRADUÇÃO – LATIM

Jéssica Frutuoso Mello

Um bando de pastores e senhores do mundo: introdução, tradução e notas dos retratos dos
romanos no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*

Juiz de Fora

2022

Jéssica Frutuoso Mello

Um bando de pastores e senhores do mundo: introdução, tradução e notas dos retratos dos romanos no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Letras – Tradução: Latim.

Orientadora: Profa. Dra. Charlene Martins Miotti

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mello, Jéssica Frutuoso.

Um bando de pastores e senhores do mundo : introdução, tradução e notas dos retratos dos romanos no Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo / Jéssica Frutuoso Mello. -- 2022.

171 f. : il.

Orientadora: Charlene Martins Miotti

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, 2022.

1. Tradução. 2. Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo. 3. Justino. 4. Romanos. 5. Pompeio Trogo. I. Miotti, Charlene Martins, orient. II. Título.

Jéssica Frutuoso Mello

Um bando de pastores e senhores do mundo: introdução, tradução e notas dos retratos dos romanos no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trog*

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Letras – Tradução: Latim.

Aprovado em 24 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Charlene Martins Miotti – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Adir de Oliveira Fonseca Junior
Universidade Federal de Juiz de Fora

À professora Neiva Ferreira Pinto,
sempre inspiradora.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Charlene Martins Miotti, por ter aceitado participar deste trabalho, quando já me orientava em outro que não partilha o recorte aqui apresentado. Logo, agradeço por sua paciência e disponibilidade para me auxiliar nas empreitadas a que me proponho, por me dar uns empurrões quando duvido e por puxar minha orelha quando é necessário, tudo sempre com muita classe. Tem sido uma jornada inspiradora.

Aos meus amigos, meus três mosqueteiros, Ivana Guimarães, Helieucio Oliveira e Leandro Almeida, que nunca soltaram a minha mão. Vocês sabem que participaram e contribuíram demais ao longo dessa formação, e ela teria sido muito mais difícil sem vocês na minha vida. Obrigada por aceitarem que eu vou aparecer aleatoriamente dizendo que Aníbal só bebia uns 600 ml de vinho e, além disso (ou mesmo assim), demonstrarem interesse por aquilo que faço.

Ao professor Wellington Ferreira Lima, que me apresentou o mundo dos Estudos Clássicos e me disse, no início, enquanto me deleitava só com a literatura, que, para seguir este caminho, eu precisaria aprender latim e/ou grego. E francês. Ao longo desse percurso acadêmico, em momentos de dúvida, sempre tenho certeza quanto a quem recorrer. Obrigada por sua amizade, seu apoio e pelo uso irrestrito de sua biblioteca. É necessário, contudo, que eu termine a tese antes de devolver seus livros. Mais fluida, espero que esteja, a tradução.

À professora Neiva Ferreira Pinto, a quem este trabalho é dedicado. Muito me honra que a senhora faça parte de minha formação. Obrigada por ser sempre tão acolhedora.

À minha mãe, Elizabeth Frutuoso, que, apesar dos momentos de dúvida, me ofereceu as condições para que eu chegasse até aqui.

Embora este Trabalho de conclusão de curso se concretize na Universidade Federal de Juiz de Fora, como uma argonauta, passei por outros lugares. Assim, ele é fruto de uma formação que se iniciou na Universidade Federal de Alfenas, em que fiz minhas primeiras disciplinas de Língua e Literatura Latinas e em que tive o prazer de lecionar, brevemente, essas mesmas disciplinas, e continuou na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em seu campus de Araraquara, na qual iniciei o Bacharelado com habilitação em Latim. Então, registro meu agradecimento aos discentes, docentes, demais servidores e terceirizados das três universidades que, de algum modo, participaram desse processo.

À educação pública, gratuita e de qualidade de que sempre pude desfrutar. Que assim permaneça.

Apesar das circunstâncias, eu consegui terminar (o TCC, pelo menos)!

“Ainda que seja útil que se façam traduções, e já que se fazem, seria bom que, deixando os autores várias vezes traduzidos, os tradutores se voltassem àqueles muitos que estão quase intactos [...]” (TOMMASEO, 2005 [1838], p. 175).

RESUMO

Este trabalho tem como objeto o *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, de Justino, com enfoque nas passagens em que os romanos são retratados de alguma forma. Pouco se sabe a respeito do autor, e as possibilidades de sua datação variam do século II ao IV da Era Comum. Uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, foi realizada com dois objetivos principais: traduzir trechos selecionados a partir do texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet (JUSTINUS, 2003) e refletir acerca da sobrevivência da obra e de sua leitura, no contexto brasileiro, por meio de intermediários, principalmente – mas não só – traduções para outras línguas estrangeiras. A tradução realizada apoia-se, sobretudo, nas proposições de Walter Benjamin (2008 [1923]) e Antoine Berman (2007 [1985]), enquanto as discussões acerca das demais traduções e utilizações de Justino partem da noção de polissistema, segundo Itamar Even-Zohar (2012 [1990]; 2013 [1979]). Conclui-se que o *Epítome* já está inserido no polissistema brasileiro apesar de não haver uma tradução extensa da obra para o português brasileiro, sendo a lusitana de difícil acesso. Aqui, a tradução é acompanhada de introdução, notas e um índice onomástico, e espera-se que esses elementos possam contribuir com os estudos realizados a partir do texto de Justino em diferentes campos do saber.

Palavras-chave: Tradução. *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*. Justino. Romanos.

ABSTRACT

The object of this study is Justin's *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*, by Justin, primarily the passages in which the Romans are portrayed. Little is known about the author and the dating of his writing vary from the 2nd to the 4th century CE. We did qualitative research based on bibliographic sources with two main objectives: to translate selected excerpts from Justin's text as established by Marie-Pierre Arnaud-Lindet (JUSTINUS, 2003) and to propose reflections about the survival of the work and its reading, in the Brazilian context, mainly through intermediary sources, such as translations into other foreign languages. Our translation is based mainly on the propositions of Walter Benjamin (2008 [1923]) and Antoine Berman (2007 [1985]), while the discussions about other translations and uses of Justin's text start from the notion of polysystem, according to Itamar Even-Zohar (2012 [1990]; 2013 [1979]). We conclude that the *Epitome* is already present in the Brazilian polysystem despite the fact that there is no extensive translation of the work into Brazilian Portuguese, while the Lusitanian one is difficult to access. Here, the translation is accompanied by an introduction, notes and an onomastic index, and we hope that these elements can contribute to the studies that employ Justin's text as a source in different fields of knowledge.

Keywords: Translation. *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*. Justin. Romans.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Exemplos de traduções do <i>Epítome</i> , de Justino	32
Quadro 2 - Trechos do <i>Epítome</i> , de Justino, traduzidos neste trabalho.....	57
Figura 1 - Prólogos dos livros finais e início do prefácio.....	163
Figura 2 - Final do prefácio e início do livro I	164
Figura 3 - Didragma de prata com o retrato de Ptolomeu VI.....	167
Figura 4 - Didragma de prata com o retrato de Ptolomeu VIII	168
Figura 5 - Reprodução de inscrição encontrada em Giulianova (<i>Castrum Nouum</i>), Téramo (<i>Interamnia Praetuttiorum</i>) e datada de, aproximadamente, 100-30 AEC: [-M]anlius / Maltinus / pr(aetor)	169

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS¹

ABNT			Associação Brasileira de Normas Técnicas
Andr.	Lívio Andronico		
App.	Apiano	<i>Mith.</i>	<i>Guerras Mitridáticas (Μιθριδάτειος; Mithridáteios)</i>
Catul.	Catulo		
Cic.	Cícero	<i>Brut.</i>	<i>Bruto (Brutus)</i>
		<i>Opt. Gen.</i>	<i>Do melhor gênero dos oradores (De optimo genere oratorum)</i>
CIL			<i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i>
Enn.	Ênio	<i>Ann.</i>	<i>Anais (Annales)</i>
Gel.	Aulo Gêlio		
Hier.	Jerônimo	<i>In Dan.</i>	<i>Comentário a Daniel (Commentaria in Daniele)</i>
Hom.	Homero	<i>Od.</i>	<i>Odisseia (Ὀδύσσεια; Odýssea)</i>
Hor.	Horácio	<i>Ars</i>	<i>Arte Poética (Ars Poetica)</i>
		<i>Ep.</i>	<i>Epístolas (Epistulae)</i>
		<i>S.</i>	<i>Sátiras (Sermones)</i>
Just.	Justino	<i>Prae.</i>	<i>Prefácio (Praefatio)</i>
Lactat.	Lactânio	<i>Div. Instint.</i>	<i>Instituições divinas (De Diuinis Institutionibus)</i>
Lucil.	Lucílio		
Pl.	Plauto	<i>St.</i>	<i>Estico (Stichus)</i>
		<i>Tri.</i>	<i>Trinumo (Trinummus)</i>
PL			<i>Patrologia Latina</i>
Plb.	Políbio		
<i>Prol.</i>			<i>Prólogo (Prologus)</i>
Quint.	Quintiliano	<i>Inst.</i>	<i>Instituição Oratória (Institutio Oratoria)</i>
Tac.	Tácito	<i>Ann.</i>	<i>Anais (Annales)</i>
Ter.	Terêncio	<i>Eun.</i>	<i>Eunuco (Eunuchus)</i>
Sal.	Salústio	<i>Jug.</i>	<i>Guerra de Jugurta (Bellum Iugurthinum)</i>

¹ Para os nomes dos autores e das obras, busca-se utilizar as abreviaturas propostas, principalmente, em *A Greek-English Lexicon* (LIDDELL; SCOTT, 1996) e *Oxford Latin Dictionary* (GLARE, 1968).

Sapph.	Safo	fr.	Fragmento
Verg.	Virgílio	<i>Aen.</i>	<i>Eneida (Aeneis)</i>

LISTA DE SÍMBOLOS

$\geq$	Maior ou igual a
$\leq$	Menor ou igual a
$\mathbb{Z}$	Número inteiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	“DURANTE O ÓCIO QUE ESTÁVAMOS VIVENDO”: ALGUM CONTEXTO HISTÓRICO PARA O <i>EPÍTOME</i>	16
2.1	<i>EXCERPSI, FECI, TRANSMISI</i> : JUSTINO SE CONSTRÓI	16
2.2	UMA BREVE COLEÇÃO DE FLORES: O <i>EPÍTOME</i> DE JUSTINO	21
3	OS PERCURSOS DE JUSTINO: A SOBREVIVÊNCIA DO <i>EPÍTOME</i>	27
3.1	OS PÓSTEROS FALAM OUTRAS LÍNGUAS: JUSTINO É TRADUZIDO	29
3.1.1	Justino brasileiro?: a circulação do <i>Epítome</i> no Brasil	34
4	“DA TRADUÇÃO, NINGUÉM ESTÁ LIVRE”: REFLEXÕES PARA A TRADUÇÃO DO RECORTE DO <i>EPÍTOME</i>	39
4.1	NÃO IGUAL A UM INTÉRPRETE: ASPECTOS DA TRADUÇÃO EM ROMA	40
4.2	SOBRE ROMA, MAS NÃO INTEIRAMENTE COMO OS ROMANOS: TRADUZINDO O RECORTE DO <i>EPÍTOME</i>	48
5	“QUE TIPO DE HOMENS SERIAM OS ROMANOS?”: AS REPRESENTAÇÕES DOS ROMANOS NO TEXTO DE JUSTINO	52
5.1	“FIZ, POR ASSIM DIZER, UMA BREVE ANTOLOGIA”: O RECORTE	53
5.2	O TESTEMUNHO DO TRABALHO: TEXTO LATINO, TRADUÇÃO E NOTAS	57
5.2.1	Índice onomástico	131
6	CONCLUSÃO	149
	REFERÊNCIAS	152
	ANEXO A – TRECHO DE <i>PARISINUS</i> 4950 (A) ESCANEADO	163
	ANEXO B – PAR DOS DEUSES: SAFO E CATULO	165
	ANEXO C – EXEMPLOS DE REPRESENTAÇÕES DE PTOLOMEU VI E PTOLOMEU VIII	167
	ANEXO D – CIL 9.5073	169

1 INTRODUÇÃO

Segundo as informações que constam em seu prefácio, o *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo* é uma obra de cunho histórico, em que seu autor teria se dedicado a reunir, a partir de um outro texto, os acontecimentos que considerava mais dignos ao conhecimento e ao modelo. Como pouco se sabe a respeito dessa figura autoral, convencionou-se chamá-lo de Justino. Assim como sua fonte – as *Histórias Filípicas*, de Pompeio Trogo, que hoje estão quase inteiramente perdidas –, o *Epítome*, que foi escrito nos primeiros séculos da Era Comum, é dividido em quarenta e quatro livros, e sua narrativa é iniciada com a história de Nino, rei dos assírios, e terminada com a redução da Hispânia à condição de província romana perpetrada por Augusto.

Ainda que não se disponha, no Brasil, de uma tradução extensa da obra, e a lusitana, realizada por Troilo de Vasconcellos, no século XVIII, seja de difícil acesso, considera-se a hipótese de que o trabalho de Justino tem sido lido em território nacional, o que atestam estudos, como os de Beatriz Aires Fernandes Cunha (2020) e de Diego Souza da Rosa (2021), que o usam, em alguma medida, como fonte. A análise desses trabalhos e de outros permite que se observe que pesquisadores brasileiros recorrem a traduções e artigos publicados em línguas estrangeiras para acessar e abordar o texto. Assim, acredita-se que a tradução da obra diretamente do latim para a língua portuguesa possa contribuir para os estudos que utilizam de algum modo o *Epítome* de Justino. Contudo, dada sua extensão, incompatível com um trabalho de prazo limitado, fez-se necessário um recorte.

Embora a narrativa específica acerca de Roma só se dê no penúltimo livro, os romanos integram a narrativa, desde o livro II, a partir de seu contato com outros povos. Como, nesses trechos, são representados, muitas vezes, como se a partir dos olhos de estrangeiros, seus retratos podem ser considerados desfavoráveis, tendo os romanos sido caracterizados, por exemplo, no discurso de Mitrídates VI², como tendo: “[...] ânimos de lobo, implacáveis de sangue, ávidos e esfaimados de poder e de posses.”³ (Just. 38.6.8). Com isso, tem-se apontado que a obra de Justino teria tons antirromanos (FORNI; ANGELI BERTINELLI, 1982, p.

² Todas as traduções de textos em língua estrangeira são de nossa responsabilidade, a menos que expresse o contrário.

³ “[...] *luporum animos inexplēbiles sanguinis, atque imperii diuitiarumque avidos ac ieiunos habere.*”.

1350), ou, pelo menos, não “romanocêntricos”, de maneira que se considerou que a tradução dessas passagens⁴ seria relevante para uma futura leitura mais aprofundada desse aspecto.

A tradução desses episódios em que os romanos aparecem toma como base, principalmente, o texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet (JUSTINUS, 2003) e apoia-se, sobretudo, nas proposições de Walter Benjamin (2008 [1923]), a respeito da tradução como um estágio de continuação da vida de uma obra, e de Antoine Berman (2007 [1985]), quanto a um trabalho que busque respeitar a estranheza de um texto produzido em outra cultura.

Complementar à tradução, às notas e ao índice onomástico, propostos para auxiliar o acesso à narrativa, este trabalho também é dedicado a apresentar Justino e sua obra e a discutir a sobrevivência do *Epítome*, tanto em sua língua fonte como por meio de traduções, e os modos por que estudiosos brasileiros têm acessado a obra para o desenvolvimento de seus estudos. Para isso, parte-se da noção de polissistema, segundo Itamar Even-Zohar (2012 [1990]; 2013 [1979]).

Assim, a partir de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, no capítulo dois, como uma introdução à obra, considera-se o contexto histórico em que ela teria sido escrita, de modo a se ponderar a forma como Justino se constrói em seu texto, principalmente, a partir do prefácio do *Epítome*, e como as características deste e, por consequência, o gênero em que está inserido têm influenciado sua recepção.

O capítulo três é dedicado ao percurso de sobrevivência do texto, de maneira que a transmissão e a organização de seus manuscritos em classes são discutidas a partir, sobretudo, dos estudos de Arnaud-Lindet (2003) e de José Castro Sánchez (2008). Ademais, são indicadas as primeiras traduções da obra, e se buscam elencar algumas das diferentes traduções para as mais diversas línguas, para que se possa observar, em certa medida, sua presença em variados polissistemas e sua possível disponibilidade para leitura em línguas vernáculas. A partir disso, reflete-se acerca de sua inserção em um polissistema brasileiro, partindo-se da análise das formas por meio das quais pesquisadores no país acessam o *Epítome* para a realização de seus estudos em diferentes campos do saber.

No quarto capítulo, são apresentadas as discussões a respeito das questões teóricas relativas ao processo tradutório. Assim, em um primeiro momento, dá-se destaque às ideias acerca do tema a partir de alguns registros dos romanos, com o intuito de se demonstrar que, de certa forma, já em Roma, tais opiniões sobre os critérios a serem utilizados para a

⁴ Quais trechos integram este trabalho podem ser consultados no Quadro 2, ao final da seção 5.1.

realização de uma tradução considerada adequada variavam. Em seguida, abordam-se as proposições de Benjamin (2008 [1923]) e de Berman (2007 [1985]), para se explicitar quais reflexões teóricas norteiam as escolhas realizadas para a tradução do recorte do *Epítome*.

Por fim, o capítulo cinco é dedicado, especificamente, à tradução. Então, apresentam-se o texto-fonte utilizado, os critérios usados para o recorte da obra e a numeração dos trechos que o integram, a tradução – a qual aparece lado-a-lado com o texto latino –, acompanhada de suas notas, e um índice onomástico que diz respeito às figuras históricas que estão presentes ao longo da narrativa selecionada. Este foi proposto com o objetivo de guiar o leitor, já que devido às características do texto – Justino, por exemplo, opta por omitir informações como a numeração dos reis –, sua leitura pode ser considerada, por vezes, um tanto desafiadora no que diz respeito à identificação dessas personagens. Complementarmente, após as considerações finais, há quatro anexos, principalmente imagens, que se ligam a diferentes partes desta monografia, o que poderá ser verificado ao longo de sua leitura.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com os estudos realizados no Brasil que abordam, de alguma forma, o *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, de Justino, em diferentes campos do saber, mas também com sua leitura mais descompromissada, em momentos de ócio.

2 “DURANTE O ÓCIO QUE ESTÁVAMOS VIVENDO”⁵: ALGUM CONTEXTO HISTÓRICO PARA O *EPÍTOME*

Em algum momento dos primeiros séculos da Era Comum, em um alegado período de ócio, alguém se dedicara a realizar uma antologia dos trechos que considerava mais importantes da obra histórica de Pompeio Trogo, para que seu trabalho pudesse servir, posteriormente, a fins de deleite e instrução. Assim teria sido produzido o *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, segundo o que consta em seu prefácio. A seguir, discutem-se a autoria e as características desse texto.

2.1 *EXCERPSI, FECI, TRANSMISI*⁶: JUSTINO SE CONSTRÓI

Toda a informação de que se dispõe acerca do autor do *Epítome*, conhecido como Justino, parte do próprio texto, a qual não é suficiente para precisar seu nome ou sua datação. Quanto a este segundo elemento, o primeiro ponto de partida é a obra de Pompeio Trogo. Sua data de produção também é incerta, mas de modo mais limitado, já que varia apenas entre o final do século I antes da Era Comum e o início do século I EC (CASTRO SANCHÉZ, 2008, p. 25), tendo o autor vivido sob Augusto ou Tibério (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online). Por outro lado, a de Justino está sujeita a um amplo espaço de tempo em que pode ser inserida. Nesse contexto, Jerônimo cumpre um importante papel quanto às possibilidades para essa datação, visto que representa o *terminus ante quem* da escrita do texto por elencar, em seu *Comentário a Daniel*⁷, o nome do autor entre os historiadores cuja leitura considerava importante para o entendimento do texto bíblico:

Para compreender as partes finais de Daniel, é necessária a vasta historiografia dos gregos: Sutorio (naturalmente Calínico), Diodoro, Jerônimo, Políbio, Posidônio, Claudio Téon e Andrônico, de sobrenome Alípio, aos quais também Porfírio disse haver seguido; e também a Josefo e aqueles aos quais cita, particularmente a nosso Lívio, a Pompéio Trogo e a Justino, todos os quais narram a história correspondente à última visão.⁸ (Hier., *In Dan.* PL 25 494A. Trad. L. C. Maluf. Grifo nosso).

⁵ “*per otium quo [...] uersabamur*” (Just. *Prae.* 4).

⁶ Extraí, fiz, enviei.

⁷ *Commentaria in Daniele*.

⁸ “*Ad intelligendas autem extremas partes Danielis, multiplex Graecorum historia necessaria est: Sutorii uidelicet Callinici, Diodori, Hieronymi, Polybii, Posidonii, Claudii Theonis et Andronyci cognomento Alipii, quos et Porphyrius secutum esse se dicit, Iosephi quoque et eorum quos ponit*

O intervalo possível para a datação do *Epítome* se estende, então, do século II ao IV EC, e os estudiosos têm divergido quanto às suas proposições de acordo com os critérios que utilizam na tentativa de precisá-la. Arnaud-Lindet (2003, recurso online), por exemplo, propõe que Justino teria escrito sob Constâncio II ou seus sucessores, no século IV, dado que, no período, houve o florescimento do gosto pela leitura de narrativas históricas, atestada pela produção de obras como o *Breviário de História Romana*⁹, de Eutrópio, e o *Breviário dos feitos dos povos romanos*¹⁰, de Festo. Yardley (1994, recurso online), em contrapartida, baseado na pouca evidência interna e no estudo da linguagem e do estilo, propõe o final do século II, início do século III como um intervalo mais provável, sendo este, conforme apontam Castro Sánchez (2008, p. 9) e Alice Borgna (2014, p. 65-6), o mais amplamente aceito.

Em relação ao nome do autor, segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), *Iuniani Iustini*¹¹ aparece no início de dois manuscritos importantes¹² para o estabelecimento do texto – *Laurentianus (Casinas) 66, 21 (C)* e *Vaticanus latinus 1860 (D)* –, enquanto apenas o primeiro apresenta também *Marcus*. Como o nome está no genitivo, não é possível precisar se um deles seria, no nominativo, *Iunianius* ou *Iunianus*, de maneira que é recorrente que se escreva seu nome como *Marcus Iunian(i)us Iustinus*. Seguindo uma tradição que aparece já em Jerônimo, Agostinho e Orósio (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online), opta-se por se referir ao autor, neste trabalho, apenas por Justino.

Ainda que impreciso, seu nome é uma das poucas informações disponíveis acerca dessa figura. Yardley (1997, p. 17) propõe que o autor se apresenta, pelas características de sua obra, mais como um orador do que como um historiador, já que seu interesse parece se concentrar em cenas em que há, por exemplo, súbitas mudanças de sorte, além de ter destacado, em Trogo, mais do que qualquer outro elemento, sua “eloquência venerável”¹³. O estudioso teoriza que Justino poderia ter sido um professor de retórica, dado seu uso recorrente de figuras desse campo e de expressões da área jurídica na construção de seu texto.

Iosephus, praecipueque nostri Liuii, et Pompei Trogi, atque Iustini, qui omnem extremae uisionis narrant historiam.” (Grifo nosso).

⁹ *Breuiarium historiae Romanae*.

¹⁰ *Breuiarium rerum gestarum populi Romani*.

¹¹ Arnaud-Lindet (2003, recurso online) apresenta o trecho: “*Iuniani Iustini epithoma historiarum liber primus*”; “Primeiro livro do epítome das histórias de Justino Junian(i)o”.

¹² Discutem-se os manuscritos com mais detalhe no próximo capítulo.

¹³ “*priscae eloquentiae*” (Just. Prae. 1).

Também destaca sua linguagem que se assemelha àquela encontrada no *corpus* declamatório reunido sob o nome de Pseudo-Quintiliano, ou seja, posterior a Trogo, o que permitiria considerar que não partiria de sua fonte, mas caracterizaria o estilo do próprio Justino (YARDLEY, 1997, p. 18; 2003, p. 115). De fato, segundo o estudo realizado por Yardley (2003) acerca da linguagem do *Epítome*, este tem um maior número de paralelos com as declamações atribuídas a Pseudo-Quintiliano do que com qualquer outro autor, ao ponto de que se permitiria conjecturar que Justino teria escrito, pelo menos, algumas delas (YARDLEY, 2003, p. 180). Infelizmente, não há, ainda, uma forma de confirmar essas possibilidades.

De todo modo, conforme Patrícia Prata (2017), ao discutir as proposições de Foucault sobre a noção de autor: “[...] [este] é construído a partir dos textos que lhe são atribuídos (então, o autor é posterior a sua obra). Finalmente, a função autor não nos remete a um ser real, mas a posições de sujeito que diferentes indivíduos podem ocupar.” (PRATA, 2017, p. 141). Destarte, um certo Justino se constrói por meio de seu próprio texto. O momento em que isso ocorre de maneira mais explícita é o prefácio da obra, o qual é escrito, em tom epistolar, para um destinatário que deveria corrigir o trabalho realizado durante o ócio¹⁴. Esse destinatário não é nomeado, e não é possível precisar se Justino de fato enviaria a obra a alguém, como, por exemplo, Cícero diz que Ático fizera¹⁵, ou estaria, ali, simplesmente, desenvolvendo um exercício retórico em prol da *captatio benevolentiae*¹⁶. Para Jackie Elliott (2018, p. 119), a falta de um nome para o receptor indicaria a segunda opção.

Embora não seja incomum que obras históricas sejam iniciadas com epístolas – na verdade, é uma tradição que isso ocorra (ELLIOTT, 2018, p. 114-5) –, tal prática não é corrente em epítomes. Há a possibilidade de que Justino tenha retrabalhado temas que já apareciam em um possível prefácio da obra de Trogo (YARDLEY, 1997, p. 8; ARNAUD-

¹⁴ Discutimos o prefácio em um artigo intitulado “Gênero e autoria no prefácio do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*” a ser publicado, em 2022, na revista *Fólio*. Embora, neste capítulo, se tenha escrito um novo texto, as ideias centrais são comuns a ambos.

¹⁵ “[...] Acaso, continuei, poderia haver para mim uma saudação mais bem vinda ou mais oportuna para esta circunstância do que o seu livro, em que ele, dirigindo-se a mim, como que despertou-me de meu abatimento? [14] Bruto, então, disse – Você está certamente se referindo àquele livro em que ele abarcou toda a história de modo breve e, pelo menos segundo me parece, com muita diligência? [...]” (Cíc., *Brut.* 3.13-14. Trad. O. V. B. de Almeida); “*An mihi potuit, inquam, esse aut gratior ulla salutatio aut ad hoc tempus aptior quam illius libri, quo me hic adfatus quasi iacentem excitavit?* [14] *Tum ille: nempe eum dicis, inquit, quo iste omnem rerum memoriam breuiter et, ut mihi quidem uisum est, perdiligenter complexus est?* [...]”.

¹⁶ Do campo da retórica, consiste no ato de cativar a benevolência do receptor em relação à obra com que está em contato.

LINDET, 2003, recurso online), contudo, a opção pela manutenção dessa seção também pode funcionar para localizar o texto no horizonte de expectativa de um leitor que conhece a tradição relacionada à abertura de narrativas históricas.

No início do prefácio, há a descrição elogiosa da empreitada de Pompeio Trogo e, em consequência, a descrição de sua obra:

1. Embora muitos dos romanos, até homens da categoria de um cônsul, tivessem reunido, em narrativa histórica, os fatos romanos em grego e em idioma estrangeiro, Pompeio Trogo, um homem de eloquência venerável, ou atraído pela variedade e a novidade do trabalho, ou mesmo pela emulação da glória, organizou as histórias gregas e do mundo todo em língua latina, de maneira que, já que a nossa história pode ser lida em língua grega, a grega também pudesse ser lida em nossa língua: sem dúvida, empreendeu uma obra de grande ânimo e corpo! 2. Com efeito, como a maior parte dos autores que escrevem os feitos ilustres de únicos reis ou povos façam sua obra parecer um trabalho árduo, não é verdade que Pompeio, cujos livros são compostos dos feitos de todos os séculos, reis, nações e povos, que aborda o mundo inteiro, deve ser visto por nós como de uma audácia hercúlea? 3. E de tudo que os historiadores gregos se ocuparam em separado, conforme o caminho foi apropriado para cada um, Pompeio reuniu esses feitos em tomos divididos pelo tempo e pelo encadeamento dos fatos com omissões aos que eram sem proveito.¹⁷ (Just. *Prae.* 1-3).

Entretanto, os elogios a Pompeio Trogo não parecem ser utilizados como um encaminhamento explícito do leitor à sua leitura, funcionando mais como destaque da qualidade da fonte utilizada por Justino. Assim, ainda que, conforme o final do trecho acima, seu predecessor já tenha omitido o que era sem proveito (*omissis quae sine fructu*), o autor considera que se podem destacar fatos mais específicos:

4. Então, destes quarenta e quatro volumes – com efeito, publicou esse número – escolhi de cada um, durante o ócio que na urbe estávamos vivendo, os fatos mais dignos ao conhecimento e, deixados de lado esses que não eram necessários conhecer nem por boa vontade, nem pelo exemplo, fiz, por assim dizer, uma breve antologia, de maneira que os que tivessem

¹⁷ “1. Cum multi ex Romanis etiam consularis dignitatis uiri res Romanas Graeco peregrinoque sermone in historiam contulissent, seu aemulatione gloriae siue uarietate et nouitate operis delectatus uir priscae eloquentiae, Trogi Pompeius, Graecas et totius orbis historias Latino sermone composuit, ut, cum nostra Graece, Graeca quoque nostra lingua legi possent: prorsus rem magni et animi et corporis adgressus! 2. Nam cum plerisque auctoribus singulorum regum uel populorum res gestas scribentibus opus suum ardui laboris uideatur, nonne nobis Pompeius herculea audacia orbem terrarum adgressus uideri debet, cuius libris omnium saeculorum, regum, nationum populorumque res gestae continentur? 3. Et quae historici Graecorum, prout commodum cuique fuit, inter se gratiose occupauerunt, omissis quae sine fructu erant, ea omnia Pompeius diuisa temporibus et serie rerum digesta composuit.”

estudado em grego, tivessem onde se lembrar, e os que não tivessem estudado, onde se instruir. 5. E enviei para ti, não tanto com a intenção de que o conheça melhor, quanto de que o corrija; ao mesmo tempo para que, junto de ti, estivesse seguro o resultado de meu ócio, cujo trabalho, como supõe Catão, merece recompensa. 6. Por isso, basta para mim teu juízo no tempo apropriado: o testemunho do trabalho haverá de ser mantido junto aos pósteros, quando a inveja difamatória tiver cessado.¹⁸ (Just. *Prae.* 4-5).

A passagem é significativa, pois, segundo Marietta Horster e Christiane Reitz (2010, p. 9), é raro que um autor de uma obra abreviada indique um motivo e uma intenção para seu trabalho, todavia, quando o faz, costuma revelar uma consciência quanto às suas intenções literárias e à dinâmica de uma forma. Justino deixa claro que o objetivo de seu trabalho seria didático, seja para aqueles que precisam estudar, seja para os que precisam se lembrar do que tinham conhecido antes, e apresenta um método a partir do qual sua obra foi idealizada: escolhera o que era mais digno de conhecimento e de servir de exemplo. Além disso, ao final do trecho, registra que esperava não só a crítica de seu destinatário, como também, seguindo um *tópos*, a sobrevivência de seu trabalho.

Dessa forma, Elliott (2018, p. 111) destaca que, no prefácio, se constrói uma *persona* para Justino em oposição à de Trogo. Ao contrário de se esconder, como faz o abreviador de Tito Lívio, Justino marca seu controle sobre o texto de sua fonte por meio, principalmente, do uso da primeira pessoa do singular em verbos – escolhi (*excerpsi*), fiz (*feci*), enviei (*transmisi*) – e em pronomes – de meu ócio (*otii mei*), para mim (*mihi*) (ELLIOTT, 2018, p. 111-2). Embora a marca desse controle que representa, em parte, a construção de sua autoria esteja mais clara no prefácio, ela se estende para o restante da obra, já que Justino, por exemplo, demonstra apreciação quanto ao estilo de Trogo na construção do discurso de Mitrídates VI¹⁹ – momento em que a primeira pessoa do singular reaparece de modo claro ao se referir a uma ação de Justino – assim como retoma questões que já narrara²⁰.

¹⁸ “4. Horum igitur quattuor et quadraginta uoluminum – nam totidem edidit –, per otium quo in Vrbe uersabamur, cognitione quaeque dignissima excerpsi, et omissis his, quae nec cognoscendi uoluptate iucunda nec exemplo erant necessaria, breue ueluti florum corpusculum feci ut haberent et qui Graece didicissent, quo admonerentur, et qui non didicissent, quo instruerentur. 5. Quod ad te non cognoscendi magis quam emendandi causa transmisi, simul ut otii mei, cuius et Cato reddendam operam putat, apud te ratio constaret. 6. Sufficit enim mihi in tempore iudicium tuum: apud posteros, cum obtrectationis inuidia decesserit, industriae testimonium habituro.”. Ao se juntar estas duas últimas citações do texto de Justino, tem-se o prefácio completo.

¹⁹ “11. Considerei seu estilo digno de que eu inserisse seu exemplo na curta extensão desse trabalho; Pompeio Trogo o narrou de modo indireto, já que criticou em Lívio e em Salústio que tenham excedido a medida da história inserindo, em seu trabalho, discursos diretos como se (fossem) de sua própria lavra.” (Just. 38.3.11); “11. Quam orationem dignam duxi cuius exemplum breuitati huius operis insererem; quam obliquam Pompeius Trogus exposuit, quoniam in Liuio et in Sallustio

Certa independência do trabalho de Justino em relação ao de Trogo é atestada por sua sobrevivência em detrimento desta. Contudo, durante muito tempo, o autor foi considerado sob um tom acusatório, como se tivesse sido responsável pela perda das *Histórias Filípicas*. Jules Pierrot (1862, p. V) registra esse aspecto:

Justino tem sido julgado de maneira diversa. A leitura de seu livro é infrutífera, segundo mais de um crítico, e o abreviador Henault chega a chamar seu antecessor *de uma traça da história, a qual a deixou em pedaços*. [...] ²¹ (Grifo do autor).

Por conseguinte, buscava-se em seu texto aquilo que seria de Trogo, a ponto de que se teorizasse que a narrativa apresentada pertenceria a ele, mas os enganos históricos seriam de Justino por seu descuido no processo de abreviação (YARDLEY, 2003, p. 4). Nesse contexto, Watson (1853, recurso online), por exemplo, não o consideraria um autor pleno: “Como Justino não é propriamente um autor, mas um abreviador, nós devemos, primeiro, dar nossa atenção ao autor a quem ele abreviou.”²². Contudo, não se pode perder de vista que a outra obra de Pompeio Trogo, *Sobre os animais*²³, também não foi conservada – salvo as referências presentes em Plínio, o Velho (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 19) –, neste caso, sem qualquer intervenção de Justino, e que, como se discutirá adiante, a sobrevivência de textos antigos está ligada, muitas vezes, ao mero acaso. Felizmente, estudos mais recentes, como o de Yardley (2003), têm contribuído para uma nova visão acerca da posição de Justino, a qual foi, por um longo tempo, também influenciada pelo gênero em que sua obra é inserida.

2.2 UMA BREVE COLEÇÃO DE FLORES: O EPÍTOME DE JUSTINO

Embora Justino deixe claro que sua obra parte daquela de Pompeio Trogo, ele não a circunscreve de modo explícito a um gênero, dizendo apenas que fizera “uma breve coleção

reprehendit quod contiones directas pro sua oratione operi suo inserendo historiae modum excesserint.”.

²⁰ Como em “Com efeito, como foi dito acima, todos os seus reis eram distinguidos por esse nome, [...]” (Just. 41.5.8); “*Nam sicut supra dictum est, omnes reges suos hoc nomine, [...]*”.

²¹ “*Justin a été très-diversement jugé. La lecture de son livre est sans fruit, selon plus d’un critique, et l’abreviateur Henault va même jusqu’à traiter son devancier de ver rongeur de l’histoire, qui n’en a laissé que les lambeaux. [...]*” (Grifo do autor).

²² “*As Justin is not properly an author, but an abridger, we shall first give our attention to the writer whom he abridged.*”.

²³ *De animalibus*.

de flores” (*breue florum corpusculum*²⁴. Just. Prae. 4). A tradição dos manuscritos, entretanto, define o texto de modo inequívoco como um epítome, conforme demonstra Arnaud-Lindet (2003, recurso online).

Segundo Horster e Reitz (2010, p. 8-9), a prática de abreviação atravessa o mundo antigo grego e latino, servindo a diferentes propósitos e recebendo nomes variados²⁵, os quais são utilizados de modo inconsistente. Assim, é comum que esses textos sejam divididos entre *epitome auctoris* (epítome de um autor), quando se dedicam à abreviação de uma única obra de um autor, e *epitome rei tractatae* (epítome de um assunto discutido), quando tratam de um tema específico, mas reúnem informações de vários autores. Nesse caso, o trabalho de Justino se insere no primeiro conjunto, e, mesmo que seja difícil encerrar a questão quanto a seu gênero, é inegável que ele tenha partido de outro texto, e seu rótulo de epítome legado pela tradição influenciou sua recepção.

Conforme apontam Horster e Reitz (2010, p. 6-7), durante muito tempo, obras categorizadas como epítome foram consideradas como algo de valor secundário, cujo interesse estava no rastreamento dos vestígios das fontes, muitas vezes perdidas – como ocorre com o texto de Trogo –, enquanto as especificidades que caracterizariam o gênero e a individualidade desses trabalhos eram ignoradas, deixadas em segundo plano ou, se analisadas, utilizadas de modo generalizante, já que as conclusões de estudos de caso eram tomadas de modo dedutivo para a realização de definições mais gerais. Entretanto, como já foi apontado, embora esse processo tenha ocorrido em relação à obra de Justino, estudos, como o de Elliott (2018), têm se dedicado à sua análise e alterado, em alguma medida, o quadro de sua recepção.

A obra de Trogo passa por, pelo menos, dois processos de abreviação. Um é o *Epítome das Histórias Filípicas*, de Justino. O outro são os prólogos que normalmente o acompanham. Estes derivam de uma tradição diferente daquela que originou a do *Epítome*²⁶, tendo sido

²⁴ Traduzido, em outras ocasiões, como “uma breve antologia”. Em grego, o termo *ἀνθολογία* (*anthología*) tem a ideia de coleção, colheita de flores (*ἄνθος*; *ánthos* = flor), sendo também utilizado para se referir a uma pequena coleção de poemas. Processo semelhante ocorre com seu equivalente de origem latina, florilégio (*florilegium* em que *flos* + *legere* = flor + colher), de uso mais raro em português brasileiro.

²⁵ As autoras elencam, por exemplo, a utilização de *breuiarium*, *liber breuiatus*, *epitome*, *ekloge*, *periocha*, *encheiridion* e *synagoge* (HORSTER; REITZ, 2010, p. 8).

²⁶ Conforme quadro proposto por Arnaud-Lindet (2003, recurso online), os prólogos não constam na maior parte dos manuscritos; das três classes, estão presentes em apenas uma. Assim, aparecem em quase todos os manuscritos de τ , estando ausentes apenas em *Monacensis* 601 (*M*) e em cerca da metade de π , não aparecendo em *Petropolitanus* 422 (*Y*) e *Palatino-Vaticanus* 927 (*O*). A divisão dos manuscritos em classes é discutida no próximo capítulo.

editados, pela primeira vez, por Jacques Bongars a partir do manuscrito *Parisinus* 4950 (*Puteanus*; A) (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online), e sua autoria não pode ser precisada. Segundo Castro Sánchez (2008, p. 39-40) – que apresenta um duro julgamento a respeito de sua construção²⁷ –, a análise linguística dos prólogos revela o uso de um latim já tardio, e, possivelmente, eles teriam sido redigidos após Justino – uma vez que são ignorados por ele – mas antes de Orósio, no século V EC, visto que sua escrita parece ser baseada no *Epítome*, o que permite que se considere que as *Histórias Filípicas* já não eram muito acessíveis para consulta. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) indica que, provavelmente, os prólogos seriam provenientes de uma biblioteca romana e teriam sido idealizados por um curador com o objetivo de facilitar a localização de informações em uma obra extensa como a de Trogo era.

Dessa forma, conforme aponta Castro Sánchez (2008, p. 39), os prólogos funcionam como uma espécie de índice, resumindo cada um dos quarenta e quatro livros das *Histórias Filípicas* em poucas linhas. Seu tamanho é variável²⁸, porém sua comparação com o que é narrado por Justino permite ter alguma ideia, mesmo que não exata, dos possíveis deslocamentos e omissões realizados por ele em relação ao que constava na obra de Trogo (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 39). Assim, ainda que esses prólogos não reflitam, inteiramente, o conteúdo do *Epítome*, traduções e edições, como a de Castro Sánchez (2008) e a de Arnaud-Lindet (2003), unem os dois textos²⁹.

Para Arnaud-Lindet (2003, recurso online), a partir da comparação de seu texto com os prólogos, Justino teria feito mais do que simplesmente selecionar e ligar, por meio de orações, passagens de Trogo, tendo, na verdade, executado um trabalho plural, em que se dedicara tanto a copiar trechos de sua fonte, como reescrever partes inteiras, realizar

²⁷ “A grande pobreza artística e a ausência de pretensões literárias dos *Prólogos* contribuem para que sua datação se torne muito difícil. [...]” (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 40); “*La gran pobreza artística y la ausencia de pretensiones literarias de los Prólogos contribuyen a hacer muy difícil su datación. [...]*”.

²⁸ O maior, na edição de Arnaud-Lindet (JUSTINUS, 2003), é o do livro XXXIV, com cento e trinta e duas palavras, enquanto o menor, o do livro XLIV, tem apenas nove: “*Quarto et quadragensimo uolumine continentur res Hispaniae et Punicae.*” (*Prol.* 44); “No quadragésimo quarto volume, estão contidas as circunstâncias hispânicas e púnicas.”. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) apresenta um quadro analisando a estrutura dos prólogos, porém, consta, nele, que o menor prólogo seria o do livro XXVIII, o que não reflete a realidade de suas sessenta e nove palavras; a estudiosa considera como critério de tamanho o número de linhas da edição da Biblioteca de Teubner e indica que esse número seria um, o que, provavelmente, é resultado de um engano de revisão, já que o prólogo citado tem, na verdade, dez linhas (JUSTINUS, 1886, p. 259).

²⁹ Como a proposta deste trabalho é de recolher os retratos dos romanos apresentados por Justino, os prólogos não foram contemplados no recorte da tradução.

acréscimos e até expor suas próprias ideias. A estudiosa destaca o grande número de omissões que teriam ocorrido no *Epítome* que podem ser fruto do acesso de Justino a uma cópia danificada de Trogo ou do gosto pessoal do autor (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online). Também propõe:

[...] Justino às vezes conseguia escrever *suo Marte*: chamam atenção especialmente duas longas passagens que não têm correspondência com os prólogos: a história da Rainha Tamires e do ultraje contra o cadáver de Ciro (1.8.1-13), em total contradição com a conclusão sobre o reinado de Ciro que se segue imediatamente (1.8.14), e a história das Amazonas (2.4.1-33).³⁰ (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online).

Por outro lado, Castro Sánchez (2008, p. 13-4) propõe que

[...] as intervenções pessoais deste [Justino] na narração são escassas, pelo que podemos nos felicitar, pois graças a isso a fidelidade ao original está garantida em grandes partes do texto. Assim, a técnica de resumo utilizada por Justino permitiu, como disse Goodyear, que um conjunto de *excerpta*, “fragmentos”, da obra de Trogo chegasse até nós. [...]³¹

Atualmente, não é possível determinar em que medida Justino teria, de fato, alterado o texto de Trogo. Há a possibilidade, por exemplo, de que quem escreveu os prólogos tenha acessado uma cópia corrompida do texto de Trogo em que não constavam os episódios indicados por Arnaud-Lindet (2003, recurso online) na passagem citada – o que, no entanto, não explicaria a inconsistência interna elencada –, enquanto Justino consultara outra versão. Todavia, a partir da análise de trechos como aquele do discurso de Mitrídates VI (Just. 38.3.11) em que o autor opta por uma clara apreciação do estilo de Trogo³², este estudo inclina-se à proposta de Arnaud-Lindet (2003, recurso online), pois, se Justino tivesse apenas copiado todas as passagens de Trogo, conforme seu interesse, não haveria necessidade de destacar que naquele ponto em específico também o fizera, o que permite inferir, pelo menos,

³⁰ “[...] Justin a pu parfois rédiger *suo Marte*: l’attention est spécialement attirée par deux longs passages, qui sont sans correspondance avec les prologues: l’histoire de la reine Tamiris et l’outrage fait au cadavre de Cyrus (1,8,1-13), en contradiction totale avec la conclusion sur le règne de Cyrus qui suit immédiatement (1,8,14), et l’histoire des Amazones (2,4,1-33).”.

³¹ “[...] las intervenciones personales de éste en la narración son escasas, de lo cual podemos felicitarnos, pues gracias a ello la fidelidade al original en grandes partes del texto está garantizada. Así pues la técnica de resumen empleada por Justino ha permitido, como dice Goodyear que un conjunto de *excerpta*, ‘fragmentos’, de la obra de Trogo llegue a nosotros. [...]”.

³² Cf. nota 19.

algum nível de alteração em relação ao texto de sua fonte no processo de construção de seu trabalho.

Quanto ao estilo presente no *Epítome*, Arnaud-Lindet (2003, recurso online) destaca que o texto de Justino varia entre um que é muito trabalhado com recursos de retórica e que, por vezes, torna algumas passagens um tanto confusas, e outro, simples e plano. Além disso, há a alternância verbal entre o presente e o perfeito que mais parece imperícia do que uma opção estilística, o que a autora considera resultar, possivelmente, da tradução de Trogo do aoristo grego que constava em suas fontes, já que a hipótese de que Justino teria alterado os tempos verbais não explicaria as incoerências presentes em seu trabalho (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online).

Embora Castro Sánchez (2008, p. 12) aponte que o estilo presente na obra de Justino seja por vezes “mediocre e pedestre”³³, indica que:

A linguagem do *Epítome* [...] é, no conjunto, correta, embora chame a atenção o emprego abundante do *cum* histórico, do infinitivo histórico, do indicativo pelo subjuntivo em *oratio obliqua*, de preposições e conjunções em ablativo absoluto. Sua sintaxe, simples e sem nenhuma variedade, gera contínuas repetições. Do ponto de vista do estilo, a linguagem do *Epítome* recorre a uma profusão de artifícios retóricos e efeitos poéticos, incluindo ecos virgilianos³⁴, e se observa, nela, um certo cuidado na construção rítmica dos fins de frase.³⁵ (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 14-5).

Além do prefácio, o *Epítome* é composto – seguindo o que o autor diz que faria – por quarenta e quatro livros de extensão variável, sendo o maior o livro II e o menor o XL³⁶, o qual é aqui traduzido. A narrativa, enfocada na passagem de soberania de um povo a outro, começa com Nino, rei dos assírios, e termina com a submissão da Hispânia à condição de província, perpetrada por Augusto. Contudo, a cronologia da obra segue apenas até o livro XLII (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online), com o envio dos filhos e netos de Fraates IV a Roma e sua devolução das insígnias romanas a Augusto, o que marcaria o fim da

³³ “[...] *mediocre y pedestre* [...]”.

³⁴ Um eco de Virgílio pode ser observado, na tradução aqui apresentada, em 43.4.7, por exemplo.

³⁵ “*La lengua del Epítome [...] es en conjunto correcta, si bien llama la atención el abundante empleo del cum histórico, del infinitivo histórico, del indicativo por subjuntivo en oratio obliqua, de preposiciones y conjunciones en el ablativo absoluto. Su sintaxis, simple y sin ninguna variedad, origina continuas repeticiones. Desde el punto de vista del estilo, la lengua del Epítome recurre con profusión a artificios retóricos y efectos poéticos, incluso con ecos virgilianos, y en ella se observa un cierto cuidado en la construcción rítmica de los finales de frase.*”.

³⁶ Um gráfico em que são comparados os tamanhos dos livros pode ser conferido no estudo de Arnaud-Lindet (2003, recurso online).

soberania parta, enquanto os últimos dois livros são dedicados às origens de Roma e de Marselha e à Hispânia. Vale ressaltar, todavia, que o texto é pontuado de digressões, assim como há os cortes que são fruto da seleção proposta por Justino, de maneira que é difícil se considerar, de fato, uma linearidade histórica.

Segundo Castro Sánchez (2008, p. 15-6), o valor histórico do *Epítome* aumenta à medida que são mais escassas as fontes para os acontecimentos narrados, o que se acentua, principalmente, na segunda parte do texto. Partindo dessa proposta, o estudioso elenca uma lista de episódios com diferentes graus de relevância, destacando, por exemplo, o fato de que o trabalho de Justino é a única narração contínua de que se dispõe a respeito dos conflitos entre os Selêucidas e os Lágidas, presentes nos livros XXXVIII e XL (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 16-7). De todo modo, considera-se, neste trabalho, que o *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo* ainda possa ser lido pelos pósteros tanto para a instrução, em meio à sua análise, como para o deleite, em um momento de ócio.

3 OS PERCURSOS DE JUSTINO: A SOBREVIVÊNCIA DO *EPÍTOME*

A sobrevivência de textos antigos está ligada a inúmeros fatores que podem variar do suporte textual à popularidade da obra, ainda que nem sempre tenham resistido aqueles que dispõem das melhores circunstâncias. Segundo Lívio Rossetti (2005, p. 68-9), por exemplo, embora o papiro seja um material com uma vida útil mais curta, dadas as características de sua constituição, ele conservou diversos textos – como muitos daqueles produzidos por Píndaro – que não foram encontrados em outros suportes. Assim, muitas vezes, a preservação se dá pelo mero acaso, como as condições geradas pela erupção do Vesúvio ou uma temática mais afim dos interesses cristãos (ROSSETTI, 2005, p. 74-84).

Ainda que não seja possível traçar completamente o caminho que permitiu a sobrevivência do *Epítome*, parte dele se dá pela popularidade de que o texto desfrutou na Idade Média, a qual, provavelmente, deriva do fato de que a homonímia fez com que autores, como Martinho de Opava e Isidoro, considerassem erroneamente que seu autor fosse Justino, o Mártir³⁷ (WATSON, 1876, p. VII; ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online). Tal confusão ocasionou que, inclusive, parte do texto do prefácio (*Prae*. 5) fosse alterado, de modo que se identificasse o destinatário de Justino como o imperador, adequando-o ao momento histórico do teólogo, conforme apresenta Watson (1876, p. 2):

Nas edições anteriores àquela de Bongarsius, 1581, as palavras *Marce Antonine* vinham após o *te*, mas, como elas não apareciam nos manuscritos que Bongarsius consultou, ele as omitiu. De modo geral, acredita-se que elas tenham sido inseridas por algum editor ou editores que confundiram Justino, o historiador, com Justino, o Mártir, o qual viveu sob o reinado dos Antoninos. [...] Pontanus e Isaac Vossius defenderam a permanência das palavras, e Scheffer, tendo observado que nas edições mais antigas e naquela do próprio Bongarsius, baseada em, pelo menos, oito manuscritos, havia *Quod ad te non cognoscendi magis quam emendandi causa transmissi*³⁸, teria lido *Quod ad te non tam cognoscendi, Marce Antonine Caesar, quam emendandi*³⁹, &c., acreditando que *magis* seria uma corrupção de *M. A. C.*, as iniciais do nome do imperador.⁴⁰

³⁷ *Flavius Iustinus*.

³⁸ “E enviei para ti, não tanto com a intenção de que o conheça melhor, quanto de que o corrija”.

³⁹ “E, para ti, não tanto com a intenção de que o conheça, Marco Antonino César, quanto de que o corrija, etc.”.

⁴⁰ “In the editions before that of Bongarsius, 1581, the words *Marce Antonine* followed *te*, but as they did not appear in the manuscripts which Bongarsius consulted, he omitted them. They are generally supposed to have been inserted by some editor or editors, who confounded Justin the historian with Justin Martyr, who lived in the reign of Antoninus. [...] Pontanus and Isaac Vossius argued for the words being retained; and Scheffer, observing that the oldest editions, and that of Bongarsius himself, based on at least eight manuscripts, have *Quod ad te non cognoscendi magis quam*

De toda maneira, essa popularidade do texto de Justino é atestada pelos cerca de duzentos manuscritos que chegaram, em diferentes estados, à contemporaneidade. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) aponta que a tradição dos manuscritos foi estudada, principalmente, por quatro filólogos – Justus Jeep, Franz Rühl, Marco Galdi e Otto Seel –, os quais a dividem em três classes, a partir de três arquétipos, α , β e γ . Respectivamente, a primeira classe é dividida em duas famílias; a primeira, denominada τ , é composta por seis manuscritos (A, G, M, V, Q e R)⁴¹, e a segunda, π , por cinco (Y, O, P, Z e X). A segunda classe, ι , tem quatro manuscritos (E, F, S e L), enquanto a terceira, γ , dois (C e D)⁴² (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online).

Quanto à sua datação, ainda segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), todos os manuscritos são posteriores à reforma carolíngia. Os mais antigos datam do século IX – dos quais, quatro (AVQ P)⁴³ sobrevivem quase completos –, seguidos por dois do século X, quatro do XI, e um do século XII. Após esse período, há a multiplicação de manuscritos, sendo a maioria contaminada ou interpolada, embora quatro deles (PZX D) mereçam destaque para o estabelecimento do texto.

Este é outro aspecto relevante para a discussão acerca da sobrevivência da obra. Conforme observa Martin West (2002, p. 13-4), o processo de cópia de um manuscrito sempre poderia levar tanto ao erro – o que é mais comum – como a uma possível correção, quando o copista era capaz de identificar um deslize de seu antecessor. Com isso, torna-se necessário o contraste entre as diferentes versões de modo a que se possa chegar a um texto que é tido como mais adequado em relação àquilo que se imagina que ele tenha sido em sua origem. Para que o crítico textual realize o processo de estabelecimento do texto, são levadas em consideração lições previamente selecionadas, as quais são analisadas de acordo com o sentido do texto, a linguagem e o estilo do autor e a compatibilidade com as fontes

emendandi causa transmisi, *would read*, Quod ad te non tam cognoscendi, Marce Antonine Caesar, quam emendandi, &c., *supposing magis to be a corruption of M. A. C., the first letters of the emperor's names.*”.

⁴¹ Para informações adicionais acerca dos manuscritos, como localização e datação, recomenda-se a leitura dos textos de Castro Sánchez (2008, p. 43-6) e de Arnaud-Lindet (2003, recurso online).

⁴² A organização dos manuscritos em *stemma* também pode ser observada no estudo de Arnaud-Lindet (2003, recurso online).

⁴³ Pode-se consultar, no Anexo A, um trecho de A (*Parisinus* 4950), que foi completamente escaneado pela Bibliothèque nationale de France. Datado como sendo de por volta dos anos 800, conforme Arnaud-Lindet (2003, recurso online), falta apenas o intervalo 9.7.3-9 nesse manuscrito, e Jacques Bongars o teria rotulado de *codex optimus*, ou seja, o melhor manuscrito da tradição. A estudiosa também apresenta um quadro comparativo das lacunas dos manuscritos elencados nesta seção.

sobreviventes, o que permite aventar as possibilidades de corrupção do texto (WEST, 2002, p. 57-8).

Castro Sánchez (2008, p. 45-6) apresenta as diferenciações que ocorrem entre os manuscritos do *Epítome*, destacando que a família τ tem fundamental importância para o estabelecimento do texto, já que raramente apresenta os mesmos erros e alterações que aparecem nas demais. A classe γ , por outro lado, seria aquela com o maior número de intervenções de copistas, enquanto ι e π se situam, com alguma diferença, entre esses dois polos. Desse modo, ao se contrastar os manuscritos, a família τ assumiria papel central, oferecendo as lições principalmente no que toca ao conteúdo e à gramática, mas, quando, em contraste com $\pi\gamma$, apresenta erros de ortografia, tende-se a preferir as lições das últimas (CASTRO SANCHÉZ, 2008, p. 46).

Já a primeira edição impressa do texto surge em 1470, em Veneza, por Nicolas Jenson, e, a partir daí, ele recebe diferentes edições baseadas em um número variado de manuscritos, como a de Jacques Bongars no século XVI e a de Abraham Gronouw no XVIII. Contudo, a primeira edição crítica, realizada conforme os critérios modernos da crítica textual, só aparece na segunda metade do século XIX, ocorrência comum para os textos latinos (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online). Embora, desde então, o texto de Justino tenha passado pelo processo de estabelecimento textual a partir do trabalho de diversos estudiosos, inclusive, recentemente, como de Arnaud-Lindet (2003) e de Bernard Mineo (2016), na visão de Stronk (2018, p. 23), a obra ainda apresentaria um número pequeno de edições e mesmo de traduções.

3.1 OS PÓSTEROS FALAM OUTRAS LÍNGUAS: JUSTINO É TRADUZIDO

Para Walter Benjamin (2008 [1923], p. 68), a tradução se configura como o estágio de continuação da vida de uma obra. Segundo o estudioso:

[...] A história das grandes obras de arte conheceu sua descendência a partir das fontes, sua configuração, na época do artista, e o período da continuação de sua vida, fundamentalmente eterna, nas gerações posteriores. Quando surge, essa continuação da vida das obras recebe o nome de fama. Traduções que são algo mais do que meras transmissões surgem quando uma obra alcança, ao longo da continuação de sua vida, a era de sua fama. Por isso, elas não estão tanto a serviço de sua fama (como costumam alegar os maus tradutores em favor de seu trabalho), quanto lhe devem existência. Nelas, a vida do original, alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e vasto desdobramento. (BENJAMIN, 2008 [1923], p. 69).

Tendo sobrevivido por tantos séculos apenas em sua língua fonte, a obra de Justino passa a receber traduções a partir da segunda metade do século XIV; a primeira de que se tem notícia, aparentemente, a pedido de um rei, como se verá adiante. Ao longo do tempo, a tradução do texto de Justino, como qualquer outra, serve a múltiplos interesses e sua recepção é variável.

Segundo Itamar Even-Zohar (2013 [1979]), as diversas culturas são compostas por múltiplos polissistemas, os quais, ainda que possam se referir com alguma especificidade a um tema geral – de modo que se possa falar de polissistema religioso ou econômico –, se interpenetram e se interinfluenciam, causando movimento nos elementos que os compõem, seja em direção ao seu centro ou às suas margens. No caso do polissistema literário, ao se refletir sobre o lugar da literatura traduzida, o autor propõe que essa se relacionaria com aquele que a recebe de pelo menos duas formas: no modo como os textos-fonte são selecionados e na maneira como se dá o uso de seu repertório literário, o que englobaria normas, comportamentos e políticas específicas (EVEN-ZOHAR, 2012 [1990], p. 3).

No segundo volume do *Handbuch der classischen Bibliographie*⁴⁴ de Franz Ludwig Anton Schweiger (1832, p. 495-7), pode-se observar o apontamento de diferentes traduções do *Epítome* para as mais diversas línguas, muitas das quais já dispunham, naquela época, de mais de uma edição e até de mais de um tradutor. Ainda que a primeira tradução de Justino a constar em Schweiger (1832, p. 497) e na edição de Frotscher (1827, p. XLII) seja aquela realizada por Girolamo Squarzafico⁴⁵, em 1477, para o italiano, é possível que, na verdade, o *Epítome* tenha sido vertido para o catalão quase um século antes. Castro Sánchez (2008, p. 49), apoiando-se em Marcelino Menéndez Pelayo (1951, p. 23), indica a existência dessa tradução, entretanto, lamenta a falta do nome de quem a teria realizado. Menéndez Pelayo (1951, p. 23) apresenta seu registro no catálogo da biblioteca do rei D. Martim como: *Justino en romanç: scrit en paper. Comensa: “q. en lo comensament del mon”, et feneix: “é retorná Spanya en forma de provincia.”*. Este registro localiza a tradução nos séculos XIV-XV.

Juan Manuel Cacho Blecua (2002, p. 302-4), a partir da análise da correspondência entre Juan Fernández de Heredia, Grão-Mestre da Ordem de São João de Jerusalém, e o rei João I de Aragão, demonstra que este solicitara, em 1385, ao bispo d’Osona, essa tradução de Justino para o catalão. Embora, nas cartas, não fique claro quem seria o bispo, Cacho Blecua (2002, p. 304) conclui, pelos registros históricos, que ele seria García Fernández de Heredia,

⁴⁴ Algo como “Manual de Bibliografia Clássica”.

⁴⁵ *Hieronymus Squarzaficus*.

amigo do rei e sobrinho do Grão-Mestre. Também seu tio fora responsável por uma tradução parcial do *Epítome* para o aragonês em seu *Grant corónica de los conqueridores* (CACHO BLECUA, 2002, p. 305). A partir daí, Justino torna-se multilíngue.

Entretanto, nem sempre a circulação do texto de Justino em língua vernácula foi bem recebida, já que, por exemplo, ao mesmo tempo que a tradução para o espanhol realizada por Jorge de Bustamente, no século XVI, parece ter usufruído de grande popularidade dado o registro de edições publicadas em 1540, 1542, 1586 e 1609 (SCHWEIGER, 1832, p. 497), também consta, em 1551, no *Catalogus Librorum Reprobatorum*⁴⁶ do inquisidor espanhol Fernando de Valdés y Salas (SIERRA CORELLA, 1947, p. 228). A esse respeito Menéndez Pelayo (1952-3, p. 258-60) indica que se tem conhecimento de que houve seis edições da tradução em um curto espaço de tempo, e, devido ao rótulo de livro condenado, após a primeira que é publicada em Alcalá, as demais passaram a ser impressas nos Países Baixos (MENÉNDEZ PELAYO, 1952-3, p. 258-60). Para o autor, a condenação da tradução pelo inquisidor seria fruto das narrativas que ocorrem no livro XXXVI a respeito dos judeus, contudo aponta que Bustamente não teria culpa por ter, simplesmente, traduzido fielmente o texto antigo, nem Pompeio Trogo ou Justino, por sua ignorância da cultura hebraica (MENÉNDEZ PELAYO, 1952-3, p. 260).

De todo modo, é relevante apontar como, ao longo do tempo, o texto passa de indicação de leitura de Jerônimo⁴⁷ a um livro condenado, o que demonstra as diversas pressões que um mesmo polissistema – no caso, o religioso – pode gerar na tentativa de uma mobilidade das obras quanto ao centro ou às margens. No entanto, nem sempre esse movimento ocorre total ou parcialmente da forma esperada, como parece atestar a popularidade da tradução de Bustamente.

Para que se dê uma dimensão da continuação da vida e, em alguma medida, da disponibilidade do texto por meio da tradução, o quadro abaixo apresenta alguns dos tradutores do *Epítome*, organizados conforme a língua de chegada – as quais aparecem em ordem alfabética – e, a partir disso, em ordem cronológica. Ele se baseia nas informações encontradas, principalmente, em Frotscher (1827), em Schweiger (1832) e em Castro Sánchez (2008), que apresentam listas de traduções, em Vasileios Pappas (2015), que discute as traduções gregas, e em Heng Fu (2021), que analisa a tradução russa de Antioch Cantemir, em parte, em contraste com a de Nikita Popov. Além disso, houve um esforço para se possam

⁴⁶ Literalmente, “Catálogo de livros condenados”.

⁴⁷ Cf. página 16 e nota 8.

abranger traduções que não tenham sido contempladas nesses textos, o que resultou, parcialmente, nos trabalhos cujos anos de publicação estão acompanhados com o sinal de menor ou igual a ($\leq$); a data indicada refere-se ao ano da edição a que se teve acesso, mas se considera a possibilidade de que existam anteriores. Ressalta-se que não se busca refletir, no quadro, a totalidade de traduções do texto de Justino⁴⁸ e que muitas dessas traduções apresentam mais de uma edição.

Quadro 1 - Exemplos de traduções do *Epítome*, de Justino

Língua	Tradutor(a/es)	Ano de publicação
Alemão	Heinrich Steiner	1531
	Johann Friedrich Schweser	1556
	Salomon Kürssner	1697
	Johann Phillipp Ostertag	1781
	Christian Friedrich Schmidt	1786
	Karl Friedrich Ludwig Kolbe	1824
	Ernst Schaumann	1827-31
	Christian Schwarz	1834-7
	Albert Forbiger	1866
	Otto Seel	1972
Catalão	Bispo d'Osona (García Fernández de Heredia) ⁴⁹	Final do séc. XIV ($\geq$ 1385)
Espanhol	Jorge de Bustamante	1540
	José Castro Sánchez	1995
Francês	Guillaume Michel de Tours	1538
	Claude de Seyssel	1554
	François de Chauvigny Colomby	1627
	Louis Ferrier de la Martinière	1693

Continua

⁴⁸ Deu-se prioridade às traduções integrais do texto, mas, vale ressaltar, há aquelas que, assim como a aqui apresentada, são parciais, como a russa de Sergey Ivanovich Borzetsovsky (Serafim), de 1824, que compreende os três primeiros capítulos, e outras citadas ao longo deste trabalho cf. página 30, por exemplo.

⁴⁹ Embora a argumentação de Cacho Blecua (2002, p. 303) seja convincente, ressalta-se que o estudioso aponta que outros autores identificam o bispo d'Osona como sendo Andreu de Simó, que, na verdade, fora bispo de Ottana.

Língua	Tradutor(a/es)	Ano de publicação
Francês	Abade Antoine Favier	1737
	Abade Paul	1774
	Jules Pierrot e Joseph Édouard Boitard	1827
	Charles Nisard	1841
	Félix de Parnajon	1873
	Emile Chambry e Lucienne Thély-Chambry	1936
	Marie-Pierre Arnaud-Lindet	2003
	Bernard Mineo	2016-20
Grego	Ioannis Makolas	1686
	Demetrius – Daniel Philippides	1817
Holandês	Florens van Wee	1610
Inglês	Arthur Goldinge	1564
	Robert Codrington	1654
	Thomas Brown	1712
	Nicolas Bailey	1732
	John Clarke	1732
	Mr. Turnbull	1746
	John Selby Watson	1853
	John Yardley	1994
Italiano	Girolamo Squarzafico	1477
	Thomas Porcacchi	1561
	Bartolomeo Zucchi	1590
	Paolo Emilio Campi	1829
	Francesco Arnulf	1856
	Luigi Calori	1880
	Luigi Santi Amantini	1981
	Alice Borgna	2019
Polonês	Wargocki Andrzej	1607
Português	Troilo de Vasconcellos da Cunha	1726

Continua

Língua	Tradutor(a/es)	Ano de publicação
Russo	Antioch Cantemir ⁵⁰	1735
	Nikita Popov	1768
	A. A. Dekonsky e M. I. Rizhsky	1954-5
Sueco	G. Sanndahl	≤ 1844
Tcheco	František Štěpán Kott	≤ 1904

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nem sempre que ocorre a seleção de um texto estrangeiro por um polissistema, e sua tradução é realizada, também se concretiza sua circulação efetiva, já que existem outros fatores que podem influenciá-la. Assim, embora exista uma tradução para o português do *Epítome*, conforme consta no quadro acima, infelizmente, ela é de difícil acesso. A obra não foi reeditada ao longo do tempo assim como não parece ter passado por um processo de digitalização, como aconteceu, por exemplo, com *Os argonautas*, tradução de José Maria da Costa e Silva para a epopeia de Apolônio de Rodes, o que garante uma maior possibilidade para sua leitura. Há registro de exemplares físicos do *Justino Lusitano*⁵¹ de Troilo de Vasconcellos em algumas instituições portuguesas, como na Biblioteca do Exército de Portugal, na Universidade Católica do Porto e no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, porém, é possível notar que mesmo trabalhos realizados em Portugal, como o de Gomes (2015), chegam ao texto de Justino por meio de traduções que não a de Troilo, o que corrobora sua circulação limitada.

3.1.1 Justino brasileiro?: a circulação do *Epítome* no Brasil

Ainda que não exista até o momento uma tradução completa do *Epítome* para o português brasileiro⁵², e sua versão lusitana seja de difícil acesso, Justino parece estar

⁵⁰ Sua tradução não foi publicada até hoje, mas os manuscritos podem ser acessados por estudiosos (FU, 2021, p. 416).

⁵¹ Seu título completo é *Justino Lusitano, ou traducçam de Justino da lingoa latina para a portugueza*. A tradução foi impressa em fôlios por Antonio Manescal em Lisboa.

⁵² Há os trechos 1.1-2 e 43.1 traduzidos, respectivamente, por Antônio Chelini e Homero Osvaldo Machado Nogueira na antologia *Historiadores Latinos*, organizada por Maria Novak, Maria Neri e Ariovaldo Peterlini (1999, p. 236-47). Além disso, embora já se tenha realizado a tradução dos livros I e II na monografia apresentada, no ano de 2016, como Trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Letras com habilitação em Português da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), ela não foi publicada posteriormente.

inserido, em alguma medida, no polissistema literário brasileiro. Tal inserção ocorre tanto em esferas mais populares – como se pode observar na versão brasileira da *Wiki* do seriado *Supernatural*, ao tratar sobre as Amazonas (AMAZONAS, 2021, recurso online), ou no blog *Druzz online*, ao se referir a Clearco (NÓBREGA, 2006, recurso online) – como em contexto acadêmico, no qual o *Epítome* se configura como objeto de pesquisa em diferentes circunstâncias. Desse modo, para se considerar como Justino é acessado pelo público brasileiro, opta-se pela limitação ao espaço acadêmico pela facilitada verificação das fontes das informações utilizadas, o que nem sempre ocorre em outros contextos.

Devido ao valor histórico das informações legadas por Justino, conforme destaca Castro Sánchez (2008, p. 15), o texto de Justino é utilizado como fonte em estudos no campo da História, como pode ser observado naqueles de Erick Carvalho de Mello (2007), Vinícius Zavalis (2019) e Henrique Sant’Anna (2020). Todavia, também aparece nos Estudos Literários, conforme se constata na tese de Alexandre Bonilha (2011, p. 125), que expõe o uso de Justino como modelo de epitomização por Manuel de Faria e Souza, e na dissertação de Talita Juliani (2011, p. 114-5), na qual se demonstra que Boccaccio, em seu *Sobre as mulheres famosas*, teria utilizado o epítome como fonte para a história do retorno de Jasão à Cólquida, versão que aparenta ter sido narrada pela primeira vez em Justino⁵³, quando elencados os textos antigos que sobreviveram até a atualidade; e há, pelo menos, um registro de sua utilização no campo da Matemática para a discussão do chamado problema de Dido, conforme Kely Pasquali (2004, p. 12).

Assim, aventando-se as possibilidades de tradução própria e do uso de traduções para outras línguas, foram selecionados quinze textos de autores diferentes que dele fazem uso nos estudos desenvolvidos, dentre artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Esses são resultantes de buscas no *Google*, *Google Acadêmico* e *Portal de Periódicos da Capes* de palavras-chave como “Justino”, “Justino Juniano”, “*Justinus*”, “*Epítome das*

⁵³ Levando em consideração a forma como Jasão retorna, ou seja, acompanhado de Medeia e Medo e, lá, buscando uma redenção para os atos cometidos na Cólquida – o sequestro da princesa e o assassinato do príncipe (Just. 42.2.12 e 3.1). Há, todavia, outra versão do retorno do herói à Cólquida em Tácito, em que ele busca o trono para si: “Dizem-se eles descendentes dos Tessálios, companheiros de Jason, quando este, depois de ter trazido Medeia e os filhos que dela houvera, foi se apossar da casa de Eeta e do trono vacante de Colchos. Muitas recordações dele ali se encontram, assim como é venerado naquele país o oráculo de Frixo. Lá ninguém sacrifica um carneiro, porque consta que Jason fora conduzido por Frixo, ou fosse este um verdadeiro animal ou simplesmente a insígnia do navio.” (Tac., *Ann.*, 6, 34. Trad. L. Pereira); “[...] *feruntque se Thessalis ortos, qua tempestate Iaso post auectam Medeam genitosque ex ea liberos inanem mox regiam Aeetae uacuosque Colchos repetiuit. multaque de nomine eius et oraclum Phruxi celebrant; nec quisquam ariete sacrificauerit, credito uexisse Phrixum, siue id animal seu nauis insigne fuit. [...]*”.

Histórias Filípicas”, “*Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*”, “Pompeu Trogo”, “Pompeio Trogo” e “*Histórias Filípicas*”, combinadas ou isoladas. Procurou-se priorizar textos mais recentes, de maneira que há um intervalo de publicação que se estende de 2004 a 2021. As reflexões levantadas a respeito dos diferentes usos da obra de Justino se ligam unicamente à discussão acerca de seu acesso, sem que se pretenda fazer qualquer juízo a respeito dos textos que o utilizam ou das opções feitas para isso.

Quanto às citações, as opções de Carvalho de Mello (2007, p. 21), Maluf (2009, p. 68-9), Juliani (2011, p. 114-5), Baptista (2015, p. 49), Ruppenthal Neto (2016, p. 128), Bernadino (2018, p. 39), André (2018, p. 73), Cunha (2020, p. 142), Sant’anna (2020, p. 18) e Rosa (2021, p. 27)⁵⁴ são pela paráfrase. A marcação explícita⁵⁵ de consulta à obra de Justino aparece em quase todos esses textos, com indicação, nas referências, de, pelo menos, uma tradução em língua estrangeira: em inglês por Watson, de 1853 – a qual pode ser lida na íntegra e gratuitamente online –, e por Yardley, de 1994, em espanhol por Castro Sánchez, de 1995, e em francês por Chambry e Thiély-Chambry, de 1936. Juliani (2011, p. 114-5) e Ruppenthal Neto (2016, p. 128) parecem acessar o texto de Justino por meio de outros estudos⁵⁶, embora, no trabalho daquela, é possível que haja alguma confusão entre as obras de Justino e de Pompeio Trogo no que diz respeito à sua sobrevivência⁵⁷. Biazotto (2018, p. 127) faz referência a Justino ao indicar que ele não narra determinado ponto presente na *História de Alexandre* de Cúrcio, e o autor aparece, em suas referências, apenas no título do estudo de Thérasse, de 1986.

Pasquali (2004, p. 12) cita Justino diretamente, a partir da tradução de Watson. Bonilha (2011, p. 131) faz citações diretas do texto latino, comumente acompanhadas de traduções para o português. Não foi encontrada uma indicação explícita, mas é plausível que o autor tenha traduzido as passagens, embora não tenha sido informada a edição consultada para tal. Já Nascimento (2018, p. 100) cita o epítome de modo misto, indicando traduções que são de sua autoria a partir do original latino com a consulta da tradução para o inglês de Watson.

⁵⁴ As páginas indicadas neste parágrafo e no próximo trazem exemplos de citações, mas estas nem sempre se limitam a elas.

⁵⁵ Considera-se uma marcação explícita aquela em que Justino aparece como autor nas referências, o que não quer dizer que os pesquisadores não tenham consultado o texto de outra maneira, como em uma antologia.

⁵⁶ Os quais são estrangeiros, realizados por Morse, de 1996, e Zaccaria, de 1970 (cf. JULIANI, 2011, p. 115 e 232), e Stern, de 1976, e Gruen, de 1998 (cf. RUPPENTHAL NETO, 2016, p. 127-8).

⁵⁷ “[...] A narrativa em que a personagem retorna com Jasão para a Cólquida e restaura o reino do pai Eétis teria sido retratada por Justino (II ou III d.C.) na obra *Historiae Philippicae*, hoje perdida.” (JULIANI, 2011, p. 114-5).

Zavalis (2018) prioriza as paráfrases, ainda que apresente citações diretas em português (ZAVALLIS, 2018, p. 77). Vale ressaltar, contudo, que, nesse caso, em suas referências, consta apenas a tradução espanhola de Castro Sánchez, que não contém o texto em latim.

Assim, confirma-se com essa busca que a leitura da obra de Justino ocorre no Brasil. Sobre o modo como essa leitura é realizada, dos quinze textos selecionados e que foram publicados em cerca dos últimos vinte anos, quatorze explicitam que utilizam, em certa medida, pelo menos algum intermediário em língua vernácula, normalmente uma tradução, da obra de Justino, em geral – mas não só – para o inglês. Esse uso de um intermediário é justificado quando se considera que o texto-fonte encontra-se em latim, o que se reflete diretamente em suas condições de acesso.

Segundo Brunno Gonçalves Vieira (2016, p. 5):

O ensino do Latim, que, no Brasil, existe quase exclusivamente no nível universitário, tem como desafio introduzir os alunos em poucos anos de estudo a uma língua difícil e a uma literatura milenar que se mantiveram influentes ao longo dos séculos. Ao estudante, o caminho mais usual de aprendizagem reside na tradução de textos latinos em vernáculo e, quase sempre, é uma empreitada tradutória latino-portuguesa que lhe garante a continuidade de estudo nos níveis de Pós-Graduação e, se assim lhe aprouver, o ingresso no magistério desse idioma antigo.

Desse modo, o conhecimento da língua está intimamente ligado aos cursos de Letras, com mais especificidade àqueles que oferecem formação em línguas clássicas, e as obras antigas, comumente, são traduzidas conforme os interesses individuais de docentes, de graduandos e de pós-graduandos que as elegem como objetos de pesquisa. Entretanto, ainda que o texto de Justino não tenha sido alvo de um estudo que resultasse na publicação de sua tradução em língua portuguesa⁵⁸, seu epítome tem navegado, quando no campo das Letras, em relação intertextual com obras redigidas em línguas vernáculas, ou, o que parece mais comum⁵⁹, quando no campo da História – em que o conhecimento do latim não necessariamente é uma exigência –, devido ao interesse que ocorre pelo registro seja de versões únicas de determinados acontecimentos, seja de outras variantes em relação àquelas

⁵⁸ Contudo, paralelamente a este trabalho, temos realizado a tradução de outro recorte do *Epítome*, a qual integrará a tese desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários desta mesma instituição.

⁵⁹ Dos quinze trabalhos apontados neste estudo, doze estão inseridos no campo da História, dois no dos Estudos Literários e um no da Matemática.

que aparecem nos demais autores, como ocorre com a narrativa dos feitos de Alexandre, o Grande, temática de mais de um estudo aqui apontado.

Ao se referir ao destinatário de seu prefácio, Justino registra que esperava que sua obra persistisse: “Por isso, basta para mim teu juízo no tempo apropriado: o testemunho do trabalho haverá de ser mantido junto aos pósteros, quando a inveja difamatória tiver cessado.”⁶⁰ (Just. *Prae.* 6). O status de sua sobrevivência, como geralmente ocorre, tem sido tortuoso; de indicação de leitura de Jerônimo à condenação pela Inquisição Espanhola, de atribuição errônea de autoria à reprovação e, também, à aprovação de sua prática. Na atualidade, as diversas leituras do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo* que ocorrem em diferentes contextos contribuem para essa sobrevivência. Por conseguinte, outras traduções de seu texto podem o tornar ainda mais acessível para o leitor brasileiro, o que colaboraria para o prolongamento e a continuação de sua vida (BENJAMIN, 2008 [1923] p. 68-9), possibilitando, por conseguinte, um diálogo mais facilitado da obra com outros textos não só acadêmicos como literários e corroborando com sua inserção em um polissistema em que já se faz presente.

⁶⁰ “*Sufficit enim mihi in tempore iudicium tuum: apud posteros, cum obtrectationis invidia decesserit, industriae testimonium habituro*” (Just. *Prae.* 6).

4 “DA TRADUÇÃO, NINGUÉM ESTÁ LIVRE”⁶¹: REFLEXÕES PARA A TRADUÇÃO DO RECORTE DO *EPÍTOME*

Muito já se traduziu e se tem traduzido dos antigos. Observa-se que, mais recentemente, as traduções desses chamados “clássicos” têm ultrapassado os repositórios das universidades e integrado o mercado editorial brasileiro. É o que acontece com a coleção “Clássicos da Literatura” da Editora 34 (CLÁSSICOS, 2021, recurso online) e a “Clássica” da Autêntica (CLÁSSICA, 2021, recurso online). Esta, inclusive, após publicar, em 2017, a *Epopéia de Gilgámesh* com a tradução do texto acádio realizada por Jacyntho Lins Brandão, lançou, em 2021, uma nova edição desse trabalho com um formato que pretende ser mais amigável para o público não-especialista (EPOPEIA, 2021, recurso online). Todavia, um sem número de títulos ainda aguarda tradução.

Niccolò Tommaseo (2005 [1838], p. 175) já apontava, em um texto no qual discute aspectos da tradução, o campo fértil que determinados autores poderiam oferecer aos tradutores, em detrimento daqueles que já foram traduzidos diversas vezes. Em sua lista de exemplos, consta um Justino que, muito provavelmente, seria o autor do *Epítome*⁶², já que, para o crítico italiano, seriam as obras históricas e familiares que mereceriam a atenção dos tradutores (TOMMASEO, 2005 [1838], p. 175). Embora Tommaseo (2005 [1838], p. 176) apresente um juízo de valor em relação à comparação da literatura antiga e a moderna de sua época, a qual “[...] quanto à profundidade, à moralidade, é preferível à antiga”, ao mesmo tempo, indica que uma formação completa não deveria se limitar à leitura apenas dos autores do chamado século de ouro, já que da mesma forma que se podem encontrar defeitos nestes, há qualidades naqueles de outros períodos (TOMMASEO, 2005 [1838], p. 177).

⁶¹ (BERMAN, 2007 [1985], p. 24).

⁶² A lista é: “Os fragmentos dos poetas anteriores a Lucrécio, as comédias de Plauto, os *Comentários de César*, todas as obras de Cícero, *Fastos* e *Tristes* de Ovídio, alguns fragmentos selecionados de Catão, de Varrão, de Nemesiano, de Plínio, de Manílio, de Grácio, de Fedro, de Columela, de Sêneca, o Trágico, de Estácio, de Sílio, de Petrônio, de Marcial, de Valério Flaco, de Avieno, de Claudiano, e Veleio Patérculo e Sêneca, o Filósofo e Juvenal e Quintiliano e Suetônio e Valério Máximo e Justino e Gélcio e Apuleio, e os outros biógrafos das idades antigas e sobre todos os primeiros defensores do cristianismo; [...]”. Considera-se que seja Justino, o historiador, pela comparação com os temas das obras dos demais autores da lista, entretanto, o final do trecho destacado abre a possibilidade para que seja o Mártir. De todo modo, sendo ou não o autor do *Epítome*, a proposta do crítico italiano se aplica a ele quando se tem em conta o contexto brasileiro por haver apenas a tradução de um trecho pequeno – quando considerada a extensão total da obra – publicado.

Assim, trabalha-se, neste momento, com a ideia de facilitar, em alguma medida, a leitura do *Epítome* pelo público brasileiro. Contudo, os limites de tempo e de espaço deste texto e a extensão da obra fazem com que seja necessário o recorte. A seguir, apresentam-se as questões teóricas relacionadas ao ato tradutório que guiam o trabalho aqui desenvolvido, para que, no próximo capítulo, possam-se discutir o recorte e apresentar a sua tradução, de fato.

4.1 NÃO IGUAL A UM INTÉRPRETE: ASPECTOS DA TRADUÇÃO EM ROMA

É prática comum que se atribua o germe das discussões a respeito da tradução aos romanos. Isso não quer dizer que sociedades anteriores não tenham realizado traduções; há amplas evidências de que impérios, como o babilônico, traduziam, por exemplo, nomes de deuses (MCELDUFF, 2013, p. 11), enquanto os gregos, já antes da dominação romana, faziam a tradução por via oral e a de documentos de caráter prático, ação que é comum entre povos que estão em contato, mas não falam a mesma língua (OCHMAN, 2013, p. 71). Contudo, cabem aos romanos as primeiras evidências acerca de uma reflexão sobre essa prática, ainda que estas não estejam organizadas em um texto específico do mesmo modo que se dispõe, por exemplo, sobre o fazer literário, como na *Arte Poética*⁶³ de Horácio, mas estão, na verdade, espalhadas em diversas obras de diferentes autores, incluindo a própria *Poética*⁶⁴ (MCELDUFF, 2013, p. 2).

É perceptível que há, em Roma, o florescimento da tradução literária. Esse processo pode ser relacionado às proposições de Even-Zohar (2012, p. 4-5), segundo as quais a literatura traduzida assume um papel de introdutora de modelos em um polissistema literário ainda não cristalizado. Se, por um lado, os gregos, com sua cultura estabelecida e dominante – mesmo quando são dominados: são célebres os versos de Horácio a esse respeito⁶⁵ –, não se dedicavam à tradução das obras dos estrangeiros (OCHMAN, 2013, p. 71-2), por outro, os

⁶³ *Ars Poetica*, assim chamada por convenção, mas também conhecida como *Epístola aos Pisões* (*Epistula ad Pisones*).

⁶⁴ “A matéria pública será de direito privado, desde que / não se demore em torno de um círculo vil e banal / nem, intérprete servil, cuide-se de traduzir palavra por palavra, / nem, imitador, lance-se num beco / de onde o pudor ou a lei da obra vetem tirar o pé.” (Hor., *Ars* 131-5. Trad. B. F. Maciel et al.); “*Publica materies priuati iuris erit, si / non circa uilem patulumque moraberis orbem, / nec uerbo uerbum curabis reddere fidus / interprez nec desilies imitator in artum, / unde pedem proferre pudor uetet aut operis lex.*”.

⁶⁵ “A Grécia cativa cativou o feroz vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio. [...]” (Hor., *Ep.* 2.1.156-7); “*Graecia capta ferum uictorem cepit et artis / intulit agresti Latio, [...]*”.

romanos utilizavam a tradução como uma forma de enriquecimento cultural e, por extensão, linguístico. Assim, para Siobhán McElduff (2013, p. 11), enquanto os romanos se apropriam da cultura grega, não há, nela, modelos de tradução, de modo que se torna necessário que eles próprios se dediquem a criar linguagem e propostas específicas para lidar com esse processo.

Segundo Claudia Moatti (2006, p. 110), a movimentação de pessoas é um aspecto importante para se considerar a tradução. De fato, é esse movimento que permite o contato entre os diferentes povos que falam línguas diversas. No caso dos romanos, muitas vezes esse contato se dava por meio da dominação, ligada à expansão territorial e, em consequência, de recursos. De acordo com McElduff (2013, p. 14-5), a dominação romana impacta também seus processos tradutórios ao oferecer os recursos que permitem, entre outros facilitadores, viagens e a aquisição de bibliotecas e de escravos que auxiliariam nas traduções.

Com efeito, a tradução literária é iniciada em Roma por Lívio Andronico que, escravizado devido à dominação e inserido em contexto latino, traduzirá do grego a *Odisseia*⁶⁶ em *Odusia*, provavelmente, sendo um *grammaticus*⁶⁷, para utilizá-la como material didático. Sua tradução é considerada já pela tradição antiga como o marco inicial da Literatura Latina⁶⁸ (NARDUCCI, 2006, p. 35). Embora só restem cerca de quarenta fragmentos desse trabalho, muitos dos quais com apenas um verso, pode-se indicar que Andronico teria aclimatado a narrativa homérica ao contexto latino, já que o tradutor adota o metro saturnino de tradição itálica em detrimento do hexâmetro datílico – o qual será introduzido em latim, posteriormente, por Ênio –, além de se propor a utilizar equivalentes para as divindades. Assim, por exemplo, a Musa, invocada no famoso primeiro verso da epopeia⁶⁹, é substituída por Camena⁷⁰, uma divindade local, ninfa aquática também ligada ao canto. Outro ponto relevante é que, ainda que tenha mantido, de alguma maneira, o título, usa a forma *Vlixes*, variante itálica para o nome do herói principal (NARDUCCI, 2006, p. 86-7). Essa aclimação da narrativa homérica pode estar ligada ao fato de que, embora os romanos pudessem já conhecer a épica, Andronico “[...] precisou criar um espaço cultural e uma audiência para uma

⁶⁶ *Ὀδύσσεια*; *Odýsseia*.

⁶⁷ O gramático era responsável pela segunda parte da educação formal, atuando a partir da leitura de textos literários.

⁶⁸ Pensando-se em uma dimensão escrita, já que há evidência de manifestações culturais orais anteriores.

⁶⁹ “O homem multiversátil, Musa, canta, [...]” (Hom., *Od.* 1.1. Trad. T. Vieira); “*Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, [...]*”.

⁷⁰ “O homem astucioso, Camena, canta para mim”. (Andr. *apud* Gel. 18.9.5); “*Virum mihi, Camena, insece uersutum*”.

epopeia *latina*. Ele não pode copiar um modelo grego para a tradução, porque não havia um.”⁷¹ (MCELDUFF, 2013, p. 12. Grifo da autora).

Os processos de manipulação do texto alheio realizados pelos romanos não se limitam à aclimatação, de modo que, muitas vezes, diferem das concepções mais contemporâneas de tradução:

[...] Uma tradução ocidental comum ocorre de um texto-fonte para um texto-alvo; em outras palavras, um tradutor, normalmente, pega um texto em uma língua e o passa para outra língua, geralmente, tentando manter-se o mais fiel possível ao texto-fonte. Via de regra, tradutores não pegam o primeiro capítulo, uns do meio e talvez algo do final, descartando o resto, e então combinam esse material com um texto diferente (possivelmente nem do mesmo autor), adicionam algo de seu próprio material, dão a esse texto um novo cenário e o lançam ao mundo. Os tradutores romanos, entretanto, se sentiam totalmente confortáveis com essa atitude em relação a seus textos-fonte; estes não eram uma unidade sacrossanta a ser respeitada, mas matéria-prima a ser desmantelada e usada. [...]”⁷² (MCELDUFF, 2013, p. 10).

Como demonstra Katarzyna Ochman (2013, p. 75), o latim tem um variado vocabulário para se referir à tradução⁷³ que, embora tenha em seu bojo a ideia de transmissão de uma língua para outra, varia conforme os procedimentos utilizados para que isso aconteça. Por isso, um elemento relevante a se ponderar quanto à tradução em Roma é o conceito de *aemulatio*, o qual, em linhas gerais, seria uma forma de diálogo entre textos, em que o autor, de modo consciente, se volta a um modelo e busca superá-lo. A prática é recorrente na literatura⁷⁴, assim como é importante também no campo da tradução quando se considera que,

⁷¹ “[...] *had to create a cultural space and an audience for a Latin epic. He could not copy a Greek model for translation because one did not exist.*” (Grifo da autora).

⁷² “[...] *A usual Western translation is one ST to one TT; in other words, a translator normally takes a text in one language and turns it into one in another language, usually trying to be as faithful as possible to the ST. Translators do not, as a general rule, take the first chapter, a few in the middle, and maybe something from the end, dropping the rest, then combine this material with a different text (perhaps not even by the same author), add in their own material, give the text a new setting, and send it out into the world. Roman translators, however, felt entirely comfortable taking such an attitude to their STs; these were not sacrosanct units to be respected, but raw material to be broken up and used.*” A autora esclarece, em passagem anterior de seu texto, que ST é *source text* (aqui, texto-fonte) e TT, *target text* (texto-alvo) (MCELDUFF, 2013, p. 4).

⁷³ Conforme a lista da autora (OCHMAN, 2013, p. 75): *uertere* (virar, tornar); *mutare* (transformar, alterar); *Latine exprimere* (exprimir em latim); *traducere* (transportar, entregar); *transferre* (transferir, transladar) e *interpretari* (interpretar, explicar). Os sentidos apresentados em português foram retirados de Saraiva (2006 [1927]).

⁷⁴ Não só entre os antigos; lembrem-se os versos de Camões em *Os lusíadas*: “Cessem do sábio Grego e do Troiano / As navegações grandes que fizeram; Cale-se de *Alexandro* e de Trajano / A fama das vitórias que tiveram; / Que eu canto o peito ilustre Lusitano, / A quem Neptuno e Marte

durante algum tempo, muitas vezes esses trabalhos eram produzidos não necessariamente com a intenção de popularizar o texto-fonte, que poderia ser lido na própria língua-fonte, dado o bilinguismo atestado na Roma antiga, mas com a de que fossem lidos exatamente por aqueles capazes de se lembrar do original, de modo a possibilitar o contraste entre o texto-fonte e sua tradução e, com isso, se demonstrar a maestria do tradutor em trabalhar com o texto, seu domínio das convenções textuais, e, inclusive, sua capacidade de melhorá-lo (OCHMAN, 2013, p. 74). Um claro exemplo de *aemulatio* pode ser observado na versão apresentada por Catulo (Catul. 51) de um dos poemas de Safo (Sapph. fr. 2⁷⁵), em que, entre outros elementos trabalhados, o poeta latino acrescenta um conjunto de versos ao final⁷⁶.

Outro exemplo do modo como o contato com os gregos fomentou a produção literária romana ocorre no campo do teatro, em que os autores de comédias voltavam-se aos modelos gregos e dedicavam-se à *contaminatio*, assim, plasmando, muitas vezes, mais de uma peça grega para a realização de uma latina. Essa prática era abertamente informada ao público nos prólogos. Observe-se o exemplo no *Trinumo*⁷⁷ de Plauto, em que demonstra – como outros autores em outros gêneros – a suposta inferioridade linguística do latim ao chamá-lo de bárbaro: “Filémon escreveu; Plauto traduziu em língua bárbara”⁷⁸ (Pl., *Tri.* 19). Também no *Eunuco*⁷⁹ de Terêncio, em que o poeta responde a uma crítica de seu rival: “Foi esse um que traduzindo bem, mas escrevendo mal, fez de boas peças gregas peças latinas que não prestam.”⁸⁰ (Ter., *Eun. Prol.* 7-8. Trad. A. da Silva). O trecho permite que se considere que nem sempre o bom ato tradutório refletia em uma boa escrita, o que pode ser indicativo da maneira como essas traduções se davam. Além disso, pode-se contemplar esse processo ao se considerar, por exemplo, o trabalho realizado por Plauto com os nomes das personagens, como ocorre no *Estico*⁸¹, em que o nome do parasita, Gelasimo (*Gelasimus*), é um termo que provém do adjetivo grego *γελάσιμος* (*gelásimos*, de *γέλω*, *geláō*, “rir”), que significa “risível”, “ridículo”, sentido que é aproveitado em uma fala da personagem, ao se referir a si

obedeceram. / Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se levanta.” (1.17-24. Grifo do editor).

⁷⁵ A numeração dos fragmentos de Safo varia conforme a edição consultada, assim este também pode ser indicado como fr. 31.

⁷⁶ Os dois poemas podem ser observados, lado a lado, no Anexo B.

⁷⁷ *Trinummus*.

⁷⁸ “*Philemo scripsit; Plautus uertit barbare*”.

⁷⁹ *Eunuchus*.

⁸⁰ “*qui bene uortendo et easdem scribendo male ex / Graecis bonis Latinas fecit non bonas*”.

⁸¹ *Stichus*.

própria: “Agora, se alguém aí estiver precisando de uma pessoa engraçada, estou à venda com todos os apetrechos”⁸² (Pl., St. 171-2).

No campo educacional, a tradução era utilizada, primeiramente, como uma forma de verificação do entendimento do texto, ocorrendo *uerbum pro uerbo*, mas, em fase posterior, sendo concretizada como exercício de escrita (OCHMAN, 2013, p. 72-3). Entretanto, a tradução enquanto exercício continua ultrapassando os limites escolares e permeando a prática literária. Por conseguinte, podem-se observar, de modo geral, dois principais polos de tradução: um que seria palavra por palavra e outro que permitiria liberdades criativas em relação ao texto-fonte. É célebre a citação de Cícero em que o orador diferencia a prática do intérprete (*interpre*) daquela do orador (*orator*), pois um traduziria palavra por palavra enquanto o outro traduziria as ideias do texto:

V. Mas como existiu um grande erro sobre qual o tipo de eloquência de que se tratava, julguei que me competia um labor útil aos estudiosos, ainda que não necessário para mim. Com efeito, traduzi os mais ilustres discursos dos dois oradores áticos mais eloquentes, contrários entre si: de Ésquines e Demóstenes. Não os converti como intérprete, mas enquanto orador, com as mesmas ideias, e as suas formas e figuras, em palavras condicentes com a nossa maneira de expressão tradicional. Ao fazê-lo, não considerei imperioso apresentar palavra por palavra. Contudo, conservei por inteiro o gênero e a força dos vocábulos. Na realidade, não julguei importante apresentar o mesmo número de palavras, mas antes o seu peso. Este meu trabalho terá o seguinte resultado: que os nossos concidadãos entendam o que exigir daqueles que pretendem dizer-se eles próprios áticos e que voltem a chamá-los àquela forma de eloquência.⁸³ (Cic., *Opt. Gen.* 5.13-16. Trad. R. M. T. Pereira).

Neste caso, Cícero parece trabalhar com uma proposta de popularização do texto, mas ela é perpassada por sua intervenção direta sobre ele. Segundo McElduff (2013, p. 5), o

⁸² “Nunc si ridiculum hominem quaerat quispiam / Venalis sum cum ornamentis omnibus”.

⁸³ “5. Sed cum in eo magnus error esset, quale esset id dicendi genus, putavi mihi suscipiendum laborem utilem studiosis, mihi quidem ipsi non necessarium. [14] conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; nec conuerti ut interpre, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui. Non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam appendere. [15] hic labor meus hoc adsequetur, ut nostri homines quid ab illis exigant, qui se Atticos uolunt, et ad quam eos quasi formulam dicendi reuocent intellegant. ‘Sed exorietur Thucydides; eius enim quidam eloquentiam admirantur.’ Id quidem recte; sed nihil ad eum oratorem quem quaerimus. Aliud est enim explicare res gestas narrando, aliud argumentando criminari crimenue dissoluere; aliud narrantem tenere auditorem, aliud concitare. ‘At loquitur pulchre.’ [16] num melius quam Plato? Necesse est tamen oratori quem quaerimus controuersias explicare forensis dicendi genere apto ad docendum, ad delectandum, ad permouendum.”.

contexto em que essa obra é realizada importa para sua análise, visto que essas traduções do orador integrariam sua resistência a um estilo que não se adequava a seus ideais, assim como teriam ocorrido quando sua oratória era vítima de ataques. Dessa forma, popularizar exemplos do estilo que considera adequado enquanto demonstra sua maestria com a palavra seria uma forma de unir, por meio da tradução, dois interesses.

De todo modo, é possível perceber que há um juízo de valor em relação à prática do chamado intérprete, que traduziria palavra por palavra. Esse juízo que coloca essa prática como inferior também aparece, por exemplo, em Quintiliano, no século I EC. Em sua obra *Instituição oratória*⁸⁴, em que propõe os passos adequados para a formação do orador, Quintiliano elenca, no livro X, uma lista de autores que deveriam ser lidos ao longo desse período formativo. Em determinado ponto, indica:

Varrão de Atax alcançou renome justamente na condição de intérprete de obra alheia. Ele não deve ser desprezado, mas, na verdade, para se desenvolver a capacidade oratória ele oferece poucos recursos.⁸⁵ (Quint., *Inst.* 10.87. Trad. A. M. Rezende).

O rótulo dado a Varrão de Atax influenciou sua recepção, enquanto a maior parte de sua obra foi perdida, restando apenas vinte e seis fragmentos. O poeta teria traduzido do grego a *Argonáutica*⁸⁶ de Apolônio de Rodes de modo integral em *Argonautas*⁸⁷ (POLT, 2013, p. 607-8) e realizado as parciais de Erastótenes, em seu poema didático *Topografia*⁸⁸, e dos *Fenômenos*⁸⁹ de Arato, em suas *Notas*⁹⁰ (LEE, 1996, p. 36). A análise desses fragmentos supérstites em contraste com os textos-fonte permite que se considere que, embora o tradutor tenda a uma tradução mais próxima à letra do texto, ela não é de todo palavra por palavra⁹¹ (MELLO, 2019, p. 91-7), o que, segundo Polt (2007, p. 75-6) seria uma inovação para sua época, ao romper com modelos anteriores – como o de Lutácio Catulo –, que trabalhavam com uma extensiva recriação ou com o uso do verbatim – como ocorria nos *Res Gestae* –, e se

⁸⁴ *Institutio Oratoria*.

⁸⁵ “*atacinus Varro in iis, per quae nomen est adsecutus, interpre operis alieni, non spernendus quidem, uerum ad augendam facultatem dicendi parum locuples.*”.

⁸⁶ *Ἀργοναυτικά; Argonautiká*.

⁸⁷ *Argonautae*.

⁸⁸ *Chorographia*.

⁸⁹ *Φαινόμενα; Phainómena*.

⁹⁰ *Ephemeris* ou *Epimenis* ou *Epimenides*.

⁹¹ Como já se discutiu em trabalho realizado anteriormente, na tradução de Varrão da *Argonáutica*, por exemplo, omitem-se referências eruditas, assim como, em determinado trecho, se desfaz uma ambiguidade do texto de Apolônio (MELLO, 2019, p. 91-3).

inserir, desse modo, em um meio do caminho. Aos olhos de Quintiliano, contudo, seu trabalho seria demasiado servil para o desenvolvimento de um orador em formação.

Com o passar do tempo, essa visão parece se alterar em alguma medida. Segundo Ochman (2013 p. 79), a mudança pode ser observada no testemunho de Aulo Gélcio, em suas *Noites áticas*⁹², quando aprecia as traduções de Virgílio:

1 Quando de poemas gregos devem ser traduzidas e imitadas insígnias frases, nem sempre, dizem, deve haver esforço para traduzir absolutamente todas as palavras naquele modo em que foram ditas. 2 Elas perdem, com efeito, quase sempre a graça quando transpostas com mais violência, como que forçadas e não querendo aceitar. 3 Habilmente portanto e com reflexão, Virgílio, reproduzindo passagens ou de Homero ou de Hesíodo ou de Apolônio ou de Partênio ou de Calímaco ou de Teócrito ou de certos outros, deixou alguma parte, verteu outras.⁹³ (Gel. 9.9.1-4. Trad. J. R. Seabra Filho).

Amiel Vardi (1996, p. 505) indica que Gélcio utiliza em seu texto tanto expressões comuns à retórica, *imitari* (imitar) e *aemulari* (emular), como outras não tão específicas a esse campo, *(con)uertere* (con-verter), *sequi* (seguir) e *interpretari* (interpretar) – na passagem destacada acima, por exemplo, observem-se, em seu início, *imitandae* e *uertendae* –, e, ao descrever o procedimento de tradução, se desvia da crítica àquelas *uerbum pro uerbo*, já que se abre à possibilidade de que ela ocorra; note-se o “nem sempre” (*non semper*) do trecho (Gel. 9.9.1). Conforme Ochman (2013 p. 83):

Para Gélcio, a similaridade com o original é o ponto principal de sua avaliação acerca da qualidade da tradução, o que coloca sua visão muito próxima daquilo que é requerido dos tradutores em tempos modernos. De acordo com Vardi (1996, p. 506), as modificações do texto feitas pelo tradutor são encaradas por Gélcio “como uma concessão à dificuldade (e, às vezes, impossibilidade) de uma completa correspondência com o original,” e só então como um pretexto para demonstrar uma habilidade literária.⁹⁴

⁹² *Noctes Atticae*.

⁹³ “Quando ex poematis Graecis uertendae imitandaeque sunt insignes sententiae, non semper aiunt enitendum ut omnia omnino uerba in eum in quem dicta sunt modum uertamus. [2] Perdunt enim gratiam pleraque, si quasi inuita et recusantia uiolentius transferantur. [3] Scite ergo et considerate Vergilius, cum aut Homeri aut Hesiodi aut Apollonii aut Parthenii aut Callimachi aut Theocriti aut quorundam aliorum locos effingeret, partim reliquit, alia expressit.”

⁹⁴ “For Gellius, similarity to the original is a major element in his evaluation of translation quality, which places his views quite near to what is required of translators in modern times. According to Vardi (1996: 506), the translator’s modifications of the text are treated by Gellius ‘as a concession to the difficulty (and at times impossibility) of full correspondence to the original,’ and only secondly as a pretext for a display of literary artistry.”

Vardi (1996, p. 506) também aponta que essa posição em relação a uma tradução mais literal não estaria apenas na discussão teórica levantada por Gélío, mas seria perceptível na própria análise que apresenta, como ocorre quando o autor critica as omissões⁹⁵ e as diferenças semânticas⁹⁶ entre os textos que compara. A visão segundo a qual a precisão da tradução é valorizada irá se tornar, posteriormente, mais dominante, quando a função das traduções se altera; ao invés de uma forma para demonstrar a habilidade do tradutor em sua criação, esse tipo de texto passa a ser o modo de acesso ao conteúdo do original (OCHMAN, 2013, p. 84-5).

Dessa maneira, o que se pode perceber com a observação dos testemunhos deixados pelos antigos é o papel central da tradução na formação cultural romana. Nesse contexto, a tradução realizada palavra por palavra recebeu, durante muito tempo, um rótulo negativo, quando não era utilizada em contexto educacional, devido ao seu suposto caráter servil em relação ao texto-fonte, o que poderia limitar o desenvolvimento cultural e linguístico romano. Assim, a tradução deveria ocorrer preferencialmente por meio da transmissão das ideias, de modo a que se aperfeiçoasse o texto-fonte e, por extensão, também a própria escrita. Porém, mudanças sociais e culturais teriam contribuído para uma alteração de paradigma, já que a

⁹⁵ Como em “[...] as coisas que Menandro escreveu clara e apropriada e graciosamente, essas Cecílio nem sequer tentou interpretar como pôde, 12 mas as deixou de lado, como se muito pouco aprováveis e inculcou outras não sei que mímicas; e aquilo simples e verdadeiro e deleitável tomado de Menandro, sobre a vida comum dos homens, não sei por que ele omitiu. [...] 13 Cecílio porém, neste ponto, preferiu que aquela personagem sobre a qual ele trabalhava parecesse risível em vez de adequada e conveniente. Assim pois ele alterou com relação a estas palavras: [...]” (Gel. 2.23.11-13. Trad. J. R. Seabra Filho); “*quod quae Menander praeclare et apposite et facete scripsit, ea Caecilius, ne qua potuit quidem, [12] conatus est enarrare, sed quasi minime probanda praetermisit et alia nescio quae mimica inculcauit et illud Menandri de uita hominum media sumptum, simplex et uerum et delectabile, nescio quo pacto omisit.[...][13] Caecilius uero hoc in loco ridiculus magis quam personae isti quam tractabat aptus atque conueniens uideri maluit. Sic enim haec corruptit: [...]*”.

⁹⁶ Como em: “13 E o certo é que aquele grego diz, com elegância, que as fontes de fogo são expelidas e fluem como correntes de fumo e levam para as plagas do mar como cobras ígneas os fulvos e tortuosos volumes das flamas; 14 mas este nosso, querendo interpretar *ῥόον καπνοῦ αἷ θωνά* (corrente queimada de vapor), amontoou de modo grosseiro e desmedido *atram nubem turbine piceo et fauilla fumantem* (negra nuvem fumegante pelo turbilhão de pez e pela cinza), 15 e também de maneira dura e sem autoridade transcreveu por *globos flamarum* (globos de flamas) o que aquele dissera *κροννοῦς* (jorros de fonte). 16 Igualmente, isto que ele afirma até em excesso *sidera lambit* (lambe os astros), continuou Favorino, ele acumulou sem razão” (Gel. 17.10.13-16. Trad. J. R. Seabra Filho); “[13] *Atque ille Graecus quidem fontes imitus ignis eructari et fluere amnes fumi et flamarum fulua et tortuosa uolumina in plagas maris ferre, quasi quosdam igneos angues, luculente dixit; [14] at hic noster ‘atram nubem turbine piceo et fauilla fumantem’ ῥόον καπνοῦ αἷθωνα interpretari uolens, crasse et inmodice congescit, [15] ‘globos’ quoque ‘flamarum,’ quod ille κροννοῦς dixerat, duriter et ἀκρίτως transtulit. [16] Item quod ait: ‘sidera lambit,’ uacanter hoc etiam, inquit, accumulauit et inaniter.*”

tradução passa a cumprir outros papéis, e, então, aquela prática que se aproximaria do texto-fonte seria mais apreciada. Como propõe Ochman (2013, p. 84), não é possível que se considere a visão acerca da tradução na Antiguidade como se fosse algo uno e imutável, não só porque muito se perdeu ao longo do tempo, mas também porque os próprios textos sobreviventes registram a variabilidade de ideias a respeito do tópico.

4.2 SOBRE ROMA, MAS NÃO INTEIRAMENTE COMO OS ROMANOS: TRADUZINDO O RECORTE DO *EPÍTOME*

Não só entre os romanos, variam as ideias e expectativas acerca da tradução. Dado o estabelecimento e fortalecimento do campo dos Estudos da Tradução, principalmente após a chamada “virada cultural”, foram desenvolvidas múltiplas teorias e reflexões acerca da tradução e do ato tradutório (HOLMES, 2000 [1976], p. 176). O panorama proposto por Edwin Gentzler (2009) permite que se considere a variabilidade dessas teorias, segundo as quais se diferencia, por exemplo, o conceito de equivalência, de modo a que se atinja a mesma experiência estética, uma equivalência linguística estrutural/dinâmica, uma função literária correspondente ou uma semelhante correlação formal baseada na aceitabilidade social na cultura-alvo (GENTZLER, 2009, p. 183). Diante disso, cabe ao tradutor ou escolher aquilo que mais se adeque a seu projeto tradutório – o que é o caso deste trabalho – ou se adaptar às exigências de seu empregador. Ademais, segundo Gentzler (2009, p. 246), o tradutor não necessita se limitar a apenas uma teoria, mas pode implementar “[...] múltiplas teorias da tradução a partir de uma variedade de disciplinas e discursos para analisar melhor a variedade que os significados e funções produziram [...]”.

Assim, consideram-se as reflexões de Antoine Berman (2007 [1985], p. 25) acerca da tradução enquanto “[...] tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*” (grifo do autor). Esse tipo de tradução se oporia àquelas que seriam etnocêntricas, hipertextuais e platônicas, as quais buscam, de alguma forma, aclimatar o texto-fonte à cultura receptora e nas quais ocorrem uma série de acomodações, adaptações, reformulações e aperfeiçoamentos do texto-fonte, de modo a que o leitor não sinta a tradução ou, pelo menos, a perceba como tal o menos possível (BERMAN, 2007 [1985], p. 26-33).

Por outro lado, para Berman (2007 [1985], p. 68-9), na tradução,

O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro. [...] abrir o Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua. Abrir é mais que comunicar: é revelar, manifestar. [...] O objetivo ético, poético e filosófico

da tradução consiste em manifestar na sua língua esta pura novidade ao preservar sua carga de novidade.

Destarte, é o leitor que necessitaria de uma “educação à estranheza”, e não o texto que precisaria deixá-la, pois “popularizar o original não significa vulgarizá-lo” (BERMAN, 2007 [1985], p. 66). Esse pensamento pode ser aproximado daquele de Walter Benjamin (2008 [1923], p. 26), segundo o qual: “A tradução só deve ir ao encontro do leitor no caso também de assim acontecer com o original”. Seria necessário, dessa forma, respeitar as características do texto, que podem parecer estranhas ou, até mesmo, incorretas, em prol de uma aproximação, de uma troca com o outro, por meio de uma atenção à letra, que acolheria, na língua materna, a “literalidade carnal do texto” (BERMAN, 2007 [1985], p. 71), buscando uma tradução do texto e não da ideia que se tem a respeito dele.

Desse modo, ao longo da tradução, houve o esforço para que fossem respeitadas certas características textuais, de maneira a permitir o estranhamento do leitor que lê um texto não só estrangeiro, mas do qual está separado por, pelo menos, dezessete séculos. Tem-se em mente, entretanto, que o texto passou por alguns processos daquilo que Berman (2007 [1985], p. 47) considera deformações. Estas podem ocorrer de diferentes formas, seja, por exemplo, pela racionalização, seja pela clarificação. No total, o autor elenca treze tipos, embora considere a existência de outros. Para o autor, a prosa apresentaria características que tornariam mais difícil precisar essas deformações, pois, a “[...] prosa, na sua multiplicidade, nunca pode ser dominada. Mas o seu ‘escrever mal’ é também a sua riqueza: é a consequência do seu ‘polilinguismo’” (BERMAN, 2007 [1985], p. 47), e, desde que a sua tradução seja estética, essas deformações não saltariam aos olhos, como o fariam, provavelmente, em um texto poético (BERMAN, 2007 [1985], p. 47).

No presente caso, foi necessário que se levasse em conta que a sintaxe latina se organiza de modo diverso daquela da língua portuguesa, e, ainda que esta apresente certa elasticidade, que permite, em alguma medida, a inversão de termos, seu uso constante torna o texto hermético e até ininteligível, o que não seria interessante em relação à sua acessibilidade. Dessa forma, foi preciso repensar trechos em que a tradução muito próxima do texto latino fazia com que a construção de sentido em língua portuguesa fosse tortuosa.

Em uma tentativa de respeitar a estranheza do texto, optou-se por manter elementos culturais, embora se tenha acrescentado notas de rodapé para guiar o leitor. Isso ocorre, por exemplo, em unidades de medida, como o sextário (Just. 32.4.10); palavras que tinham sentido mais amplo em latim do que têm em língua portuguesa, como a dupla

parricidium/parricídio (Just. 28.2.10); e expressões que fariam sentido para o público imediato de Justino, mas não necessariamente para o leitor brasileiro, como “*sub corona*”, traduzida como “coroadas” (Just. 34.2.6). Ainda que se possa entender, em linhas gerais, a imagem criada, também se pode perder que a expressão é utilizada para se referir ao modo como as pessoas eram apresentadas em leilão para serem vendidas ao serem escravizadas. No mais, as notas de rodapé foram inseridas como uma forma de dar ao leitor uma ideia a respeito dos temas tratados nos trechos omitidos que precedem e sucedem aqueles que foram traduzidos, assim como indicações de divergências entre os textos-fonte consultados⁹⁷ e de outros elementos, como alguma inconsistência interna⁹⁸, quando se achou necessário.

Almejou-se também que a (in)variabilidade lexical fosse respeitada. Assim, mantém-se, por exemplo, a repetição de termos em um curto espaço, como em:

“5. <i>Nam et Gallos Scordiscos ad belli societatem perpulerat, fecissetque Romanis graue bellum nisi decessisset. 6. Namque Galli bello aduersus Delphos infeliciter gesto, [...]</i>”	“5. Com efeito, também se unira aos gauleses escordiscos em aliança de guerra e teria feito uma guerra severa aos romanos, se não tivesse morrido. 6. E, com efeito, os gauleses, tendo realizado uma guerra contra Delfos sem bons resultados [...]” (Just. 32.3.5-6. Grifo nosso).
--	---

Contudo, foi necessária, em alguns momentos, a adaptação ao contexto, como ocorre com a tradução do termo *insidia*, que pode ser encontrado traduzido como “insídia” ou “emboscada” (Just. 32.2.9 e 29.4.11).

Não se acrescentou ao texto nem em nota de rodapé informações adicionais quanto aos nomes das personagens, como a numeração dos reis. Não ao texto, por respeito às suas características; não em nota de rodapé, pois se considera a possibilidade de que o leitor faça, ao invés de uma leitura linear, uma que seja episódica. Nesse caso, seria necessário que se colocasse nota em todas as passagens em que os nomes aparecessem, caso contrário, o leitor precisaria ficar procurando a primeira ocorrência do nome para verificar a nota, o que poderia levar a erro. Escolheu-se apresentar, então, um índice onomástico, em que se podem consultar informações complementares a respeito dessas figuras. Embora não sejam informações

⁹⁷ Estes são indicados no próximo capítulo.

⁹⁸ Como em 17.2.15 e 18.1.3.

exaustivas, espera-se que sejam suficientes para permitir a pesquisa do leitor em outras fontes. Há nota, contudo, em, pelo menos, uma passagem em que Justino não nomeia a personagem anteriormente, referindo-se a ela apenas por seu cargo (Just. 30.3.6). Essa opção ocorre porque a inserção de uma entrada como “cônsul” no índice poderia gerar confusão, dado que outras personagens também atendem a essa categoria. No mais, indicam-se os nomes quando o recorte faz com que se percam os referentes.

Por fim, destaca-se, também, aquilo que afirma Paul Ricœur (2012, p. 27) sobre “[...] renunciar ao ideal de tradução perfeita. Apenas essa renúncia permite viver, como uma deficiência aceita, a impossibilidade [...] de servir a dois mestres: o autor e o leitor.” Com essa renúncia, seria possível afirmar que nenhuma tradução se torna, ou pode ser, definitiva, pois o texto estaria sempre aberto a outras traduções, procedimento que não ocorre de uma forma negativa, aparentemente, já que a retradução, como qualquer tradução, contribui para o prolongamento da vida das obras (BENJAMIN, 2008 [1923], p. 27).

5 “QUE TIPO DE HOMENS SERIAM OS ROMANOS?”⁹⁹: AS REPRESENTAÇÕES DOS ROMANOS NO TEXTO DE JUSTINO

Neste capítulo, apresenta-se a tradução do recorte proposto a partir do *Epítome* de Justino. Para esse trabalho, foi utilizada como fonte primária do texto latino a edição crítica de Arnaud-Lindet (2003, recurso online), por ser a mais recente a que se teve acesso, de modo que é seu texto que aqui aparece¹⁰⁰. A estudiosa indica que a realizou a partir das comparações feitas por editores anteriores e, dada a divisão dos manuscritos em três classes¹⁰¹, adota o que é mais comum em um contraste de dois por um, exceto quando pode explicar alguma falha por meio da paleografia (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online). Assim, traz, no aparato crítico, apontamentos das divergências das edições anteriores, sobre as quais afirma:

Além das edições antigas a partir das quais estudei a escolha das lições e cujas notas li com interesse, particularmente a de Elzévir de 1669 e a de Lemaire de 1823, usei as antigas edições críticas que constituem a base do trabalho de Justino:

Ruehl, F., Lipsiae, 1885.

Galdi, M., Turin, 1923.

Seel, O., ed., *M. Iuniani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Post F. Ruehl*. Lipsiae 1935. (Bibliotheca Teubneriana).

Seel, O., ed., *M. Iuniani Iustini epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Accedunt Prologi in Pompeium Trogum*, Stuttgart 1971, reed. 1985. (Bibliotheca Teubneriana).

Seel, O., ed., *Pompei Trogi Fragmenta*. Lipsiae 1956. (Bibliotheca Teubneriana). Rec.: M. Rambaud, *Gnomon* 29, 1957, 505-511.¹⁰² (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online).

Complementarmente à edição de Arnaud-Lindet (JUSTINUS, 2003), consultaram-se a de Wetzel (JUSTINUS, 1823) e a de Seel (JUSTINUS, 1972), e constam, em notas de rodapé,

⁹⁹ “Quos [...] homines Romanos esse?” (Just. 28.2.8).

¹⁰⁰ A pedido da estudiosa, esclarece-se que o texto em questão não está em domínio público. Todos os direitos pertencem a Marie-Pierre Arnaud-Lindet (2003).

¹⁰¹ Como se discutiu no capítulo 3 deste texto.

¹⁰² “En dehors des éditions anciennes dont j’ai étudié les choix de leçons et lu les notes avec intérêt, particulièrement celle des Elzévir de 1669 et celle de Lemaire de 1823, j’ai utilisé les éditions critiques anciennes qui constituent la base des travaux sur Justin: Ruehl, F., Lipsiae, 1885; Galdi, M., Turin, 1923; Seel, O., ed., *M. Iuniani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Post F. Ruehl*. Lipsiae 1935. (Bibliotheca Teubneriana.); Seel, O., ed., *M. Iuniani Iustini epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Accedunt Prologi in Pompeium Trogum*, Stuttgart 1971, réed. 1985. (Bibliotheca Teubneriana); Seel, O., ed., *Pompei Trogi Fragmenta*. Lipsiae 1956. (Bibliotheca Teubneriana). Rec.: M. Rambaud, *Gnomon* 29, 1957, 505-511.”.

as divergências que foram consideradas relevantes. A leitura e a comparação das traduções e das notas de Watson para o inglês (JUSTINUS, 1853), de Castro Sánchez para o espanhol (JUSTINO; POMPEYO TROGO, 2008) e de Arnaud-Lindet para o francês (JUSTINUS, 2003) muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente nas passagens nebulosas.

5.1 “FIZ, POR ASSIM DIZER, UMA BREVE ANTOLOGIA”¹⁰³: O RECORTE

Ao se colocar o texto de Justino em uma formatação próxima¹⁰⁴ daquela proposta pela ABNT, ele ocupa mais de cento e cinquenta e cinco páginas. Se os prólogos forem acrescentados, mais de cento e sessenta e cinco¹⁰⁵. Logo, como sua extensão impossibilita que a obra seja inteiramente traduzida neste trabalho, foi necessário ponderar critérios para um recorte.

Ainda que, no prefácio, Justino indique que Pompeio Trogo “[...] reuniu esses feitos em tomos divididos pelo tempo e pelo encadeamento dos fatos com omissões aos que eram sem proveito”¹⁰⁶ (Just. *Prae.* 3), sua narrativa nem sempre segue uma sequência linear, não só pelos recortes que o autor realizou em sua fonte, como também pela possibilidade de que tenha deslocado acontecimentos em relação à organização de Trogo, conforme a leitura dos prólogos permite deduzir (BALLESTEROS PASTOR, 2009, p. 383-4). Assim, pode-se apontar que, embora o prólogo coloque a morte de Xerxes como pertencente ao livro II, em Justino, ela ocorre no III. Além disso, há a presença de digressões ocasionadas pelo cruzamento dos variados feitos narrados, de modo que, comumente, quando um determinado povo que, naquele momento, é central na narrativa entra em contato com outro, retomam-se as origens deste. É o que ocorre, por exemplo, quando o general cartaginês Magão oferece auxílio aos romanos contra Pirro (Just. 18.2.1-5): a partir do parágrafo seguinte, há uma

¹⁰³ “[...] *breue ueluti florum corpusculum feci* [...]” (Just. *Prae.* 4).

¹⁰⁴ Ou seja, tamanho A4, margens superior e esquerda de 3cm e inferior e direita de 2cm, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas de 1,5, pulando-se uma linha após o fim de cada livro e evitando-se títulos órfãos. “Próxima”, pois não foi dado o recuo de parágrafo, nem se saltou uma linha após a indicação do início de um novo livro, como normalmente se faz.

¹⁰⁵ Aqui, foi traduzido um montante de pouco mais de trinta páginas. Considerando-se este trabalho e o recorte traduzido para a tese citada na nota 58, cerca de metade do texto já foi por nós traduzido e, após a defesa da tese, estará disponível no repositório da universidade. As narrativas acerca de Cartago – e consequentemente, Dido –, Filipe II, Alexandre, o Grande e Dario III, indicadas, a seguir, neste parágrafo, integram, junto a outras, o recorte realizado para o desenvolvimento da tese.

¹⁰⁶ “[...] *diuisa temporibus et serie rerum digesta composuit*.”.

digressão para que sejam apresentadas as origens de Cartago¹⁰⁷. Outro exemplo de digressão pode ser observado quando Filipe II da Macedônia é assassinado ao final do livro IX, já que há uma suspensão da narrativa macedônica para que, no livro X inteiro, seja abordado o fim da soberania persa com a morte de Dario III – chamado, então, de Codomano –, a qual é ocasionada por suas constantes guerras com Alexandre, o Grande. Em seguida, enquanto, no início do livro XI, retomam-se as consequências do assassinato de Filipe e a ascensão de Alexandre, já ao final desse mesmo livro, a morte de Dario é reapresentada com mais detalhes. Com isso, embora a obra tenha uma unidade refletida, por exemplo, na passagem de soberania de um povo a outro, ela também favorece uma leitura episódica, de maneira que se possibilitaria um recorte não-linear.

A narrativa de Justino inicia-se, no livro I, com os assírios, já que um de seus reis, Nino, teria sido o primeiro a subverter os costumes antigos e iniciar guerras expansionistas com o objetivo de ampliar seu próprio poder¹⁰⁸. A partir daí, a soberania dos povos passa aos medos e assim sucessivamente até que se chegue aos romanos no livro XLIII, após, ao final do XLII, Fraates IV se submeter às demandas de Augusto e, por temor ao imperador, devolver as insígnias romanas e enviar seus filhos e netos como reféns a Roma, o que marcaria o fim da soberania parta (Just. 42.5.10-2). Contudo, os romanos se fazem presentes, como uma espécie de coadjuvantes, ao longo da narrativa desde o livro II¹⁰⁹, por meio de seu contato com os

¹⁰⁷ “3, 1. E porque se chegou a uma menção aos cartagineses, umas poucas palavras devem ser ditas sobre a origem deles, relembrando as histórias um pouco mais remotas dos tírios, cujos infortúnios também foram dolorosos.” (Just. 18.3.1); “3, 1. *Et quoniam ad Karthaginensium mentionem uentum est, de origine eorum pauca dicenda sunt, repetitis Tyrriorum paulo altius rebus, quorum casus etiam dolendi fuerunt.*”

¹⁰⁸ “4. O primeiro de todos que mudou o costume antigo e quase hereditário dos povos foi Nino, rei dos assírios, com uma nova ambição de governo. [...] 6. Houve, certamente, em tempos anteriores, Vezosis, o egípcio, e Tanaus, rei dos citas, dos quais o primeiro avançou até o Ponto, e o outro, até o Egito; 7. mas guerreavam com os povos longínquos, não com os vizinhos, e contentes com a vitória, buscavam não a soberania para si, mas a glória para seus povos. Nino firmou, com uma posse duradoura, a extensão de seu domínio conquistado.” (Just. 1.1.4-7); “4. *Primus omnium Ninus, rex Assyriorum, ueterem et quasi auitum gentium morem noua imperii cupiditate mutauit. [...] 6. Fuere quidem temporibus antiquiores Vezosis Aegyptius et Scythiae rex Tanaus, quorum alter in Pontum, alter usque Aegyptum excessit; 7. sed longinqua, non finitima gerebant bella, contentique uictoria non imperium sibi, sed populis suis gloriam quaerebant. Ninus magnitudinem quaesitae dominationis continua possessione firmavit.*”

¹⁰⁹ Ao se referir aos citas, os quais “5. Ouviram, não sentiram as armas dos romanos.” (Just. 2.3.5); “5. *Romanorum audiuerunt, non sensere arma.*”. A próxima referência ocorreria no livro VI, no trecho em que o recorte deste trabalho é iniciado. A passagem sobre os citas é traduzida naquele da tese, de modo que se optou por não a inserir aqui, mas o trecho apontado é o único que diz respeito aos romanos na passagem.

outros povos, e seu retrato é variável, já que aparecem em relações de conflito ou de auxílio a eles, atingindo resultados diversos.

Com isso, pode-se destacar, por exemplo, suas representações mais negativas, que ocorrem, principalmente, quando o narrador insere os supostos discursos de estrangeiros – como o dos etólios, em 28.2, e o de Mitrídates VI, em 38.4-7 –, nos quais são destacadas as origens romanas pouco gloriosas e as suas relações exteriores em que se mostram ávidos de poder e de riquezas. As passagens são significativas, e estudiosos, como Luis Ballesteros Pastor (2006; 2009), têm se dedicado à sua análise. O discurso de Mitrídates, em específico, apresenta ainda mais um elemento de interesse aos estudos acerca da obra, dada a menção feita a Pompeio Trogo antes de seu início.

Após o prefácio, Justino faz referência direta a Trogo em outros três momentos da narrativa, o último dos quais quando o autor fala que o historiador dedicara o final do livro XLIII para narrar as origens de sua ascendência (Just. 43.5.11). Os outros dois concernem, de algum modo, aos romanos. O primeiro diz respeito ao já citado discurso de Mitrídates VI, cujo exemplo Justino afirma considerar digno de que fosse inserido em sua obra, e que “[...] Pompeio Trogo narrou de modo indireto, porque criticou em Lívio e em Salústio que tenham excedido a medida da história inserindo, em seu trabalho, discursos diretos em vez de seu próprio estilo.”¹¹⁰ (Just. 38.3.11).

O segundo, quando inicia o livro XLIII, ao apresentar a narrativa da história de Roma quase como algo que foi feito por obrigação, ainda que também se possa considerar um sentido de humildade em relação à história de seu próprio povo. Mesmo assim, diz-se que o relato se dá de modo breve já em Trogo, o que ocasionaria, se pode inferir, que ele seja ainda mais reduzido em Justino:

1, 1. Terminadas as histórias dos partas, dos orientais e de quase todo o orbe, Trogo (retorna) às origens da urbe romana, como se, após uma longa peregrinação retornasse à casa, julgando ser um trabalho de um cidadão ingrato, se, após tornar célebres os feitos de todas as gentes, silenciasse somente quanto à pátria. 2. Brevemente, então, toca de passagem nas origens da soberania romana para nem exceder a extensão da obra proposta, nem passar inteiramente em silêncio a origem da urbe, a qual é a capital de todo o orbe.¹¹¹ (Just. 43.1.1-2).

¹¹⁰ “[...] *quam obliquam Pompeius Trogus exposuit, quoniam in Liuio et in Sallustio reprehendit, quod contiones directas pro sua oratione operi suo inserendo historiae modum excesserint.*”.

¹¹¹ “1, 1. *Parthicis orientalibusque ac totius propemodum orbis rebus explicitis ad initia Romanae urbis Trogus ueluti post longam peregrinationem domum reuertitur, ingrati ciuis officium existimans, si, cum omnium gentium res gestas inlustrauerit, de sola tantum patria taceat.* 2.

Parece significativo que o autor opte por lembrar o leitor da autoridade representada por Trogo, que já fora estabelecida no prefácio, nesses pontos específicos de seu texto, já que transfere a ele, de modo mais direto, a responsabilidade sobre o que é apresentado. Se, por exemplo, a narrativa acerca de Roma é curta, já o era na fonte, assim como, se o discurso de Mitrídates é digno de alguma crítica, ela deve ser endereçada a Trogo.

De toda forma, a partir dos retratos um tanto negativos, tem-se apontado que a obra de Justino teria tons antirromanos (FORNI; ANGELI BERTINELLI, 1982, p. 1350). Ballesteros Pastor (2006, p. 392) questiona em que medida se pode considerar a obra antirromana, quando também se apresentam retratos negativos dos etólios e de Mitrídates, porém, salienta-se que nem só a partir da posição de um povo estrangeiro Justino insere possíveis críticas ao seu, já que, em 36.8.9, é possível considerar que haja um julgamento acerca do fato de que os romanos ofereceram a liberdade aos judeus quando esta não lhes pertencia para ser ofertada. Mesmo assim, vale ressaltar que nem sempre os romanos e suas intervenções são representados de modo negativo, já que se pode citar, por exemplo, que a sujeição da Macedônia a Roma é considerada liberdade (Just. 33.2.7), e há o destaque da virtude de figuras individuais, como Cipião Africano (Just. 31.7.5-7) e Caio Popílio Lenas (Just. 34.3.2). Talvez se possa considerar que a obra não é, pelo menos, inteiramente “romanocêntrica”.

Destarte, para que seja mais fácil considerar a sua construção ao longo da obra, elegeram-se os romanos como critério para o recorte, de maneira que se intentou que o maior número possível de passagens em que eles aparecem de algum modo integre a breve antologia aqui traduzida¹¹². No quadro abaixo, listam-se esses trechos; empresta-se o símbolo de número inteiro ($\mathbb{Z}$) da Matemática para marcar que a porção indicada na coluna anterior foi inteiramente traduzida:

Breuitur igitur initia Romani imperii perstringit, ut nec modum propositi operis excedat nec utique originem urbis, quae est caput totius orbis, silentio praetermittat.”

¹¹² Em busca destas passagens, foi feita a leitura integral da tradução espanhola de Castro Sánchez (JUSTINO; POMPEYO TROGO, 2008), e o levantamento realizado foi verificado e complementado pela pesquisa do termo “roma” no texto latino editado por Arnaud-Lindet (JUSTINUS, 2003), o que permite encontrar as entradas que se referem tanto à urbe quanto ao povo. Mesmo assim, não só é possível que algo nos tenha escapado, como os trechos que integram o recorte da tese (2.3.5; 12.2.12; 18.6.9; 44.4.12) não aparecem aqui, de modo que se recomenda, ao leitor interessado, que verifique o texto latino integralmente.

Quadro 2 - Trechos do *Epítome*, de Justino, traduzidos neste trabalho

Os romanos no <i>Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo</i>					
Livro	Parágrafo	Seção	Livro	Parágrafo	Seção
VI	6	5	XXXIII	Z	
XVII	2	11-15	XXXIV	Z	
	3	14-22	XXXVI	3	8-9
XVIII	1-2	Z		4	Z
XX	5	4-5	XXXVII	1	Z
XXIII	3	Z		4	Z
XXIV	4	1-4	XXXVIII	2-7	Z
XXV	3	1-2		8	1 e 8-11
	4	5	XXXIX	5	2-5
	5	3-6	XL	Z	
XXVIII	1	5-6	XLI	1	1 e 7-9
	2	Z		5	5-6 e 8
XXIX	Z		XLII	4-5	Z
XXX	2	8	XLIII	Z	
	3-4	Z	XLIV	1	4
XXXI	Z			2	6-8
XXXII	1	1-3		5	6-8
	2	Z	-	-	-
	3	1-11	-	-	-
	4	Z	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

5.2 O TESTEMUNHO DO TRABALHO: TEXTO LATINO, TRADUÇÃO E NOTAS

Abaixo, são apresentados, lado a lado, o texto latino e a tradução realizada; esta tem o espaçamento entre linhas um tanto menor do que o daquele para favorecer o paralelismo, visto que, em língua portuguesa, o texto tende a ser mais longo, o que já aconteceria naturalmente, mesmo se fosse considerada, apenas, sua necessidade do uso de artigos, os quais não ocorrem em latim, bem como de pronomes pessoais e preposições, que são bem menos frequentes em latim. Entre parênteses, constam adições realizadas durante a tradução: ou marcam o recorte – de modo que as reticências nunca indicam a falta de um trecho no texto de Justino –, ou

recuperam um referente cuja omissão, em língua portuguesa, parece comprometer a formação de sentido. Contudo, reitera-se que, quando a ausência de referente é ocasionada pelo recorte, ele consta em nota de rodapé.

LIBER VI

(...)

[6, 5] Hic annus non eo tantum insignis fuit, quod repente pax tota Graecia facta est, sed etiam eo, quod eodem tempore urbs Romana a Gallis capta est.

(...)

Livro VI

(...)

[6, 5] Este ano¹¹³ foi notável não só porque, de repente, a paz foi feita em toda a Grécia¹¹⁴, mas também porque, nessa mesma época, Roma foi capturada pelos gauleses.

(...)

LIBER XVII

(...)

[2, 11] Sed nec Pyrrhus, rex Epiri, omissus, ingens momentum futurus utri parti socius accessisset, [12] qui et ipse spoliare singulos cupiens omnibus se partibus uenditabat. [13] Itaque Tarentinis aduersus Romanos laturus auxilium ab Antigono naues ad exercitum in Italiam deportandum mutuo petit, ab Antiocho pecuniam, qui opibus quam militibus instructor erat, ab Ptolomeo

Livro XVII

(...)

[2, 11] Mas também Pirro, rei do Épiro, não foi desprezado¹¹⁵, um aliado de grande importância para qualquer lado a que se juntasse, [12] e aquele, desejando espoliar um a um, se vendia para todos os lados. [13] E, assim, para levar auxílio aos tarentinos contra os romanos, pede emprestadas naus a Antígono para transportar o exército à Itália; dinheiro a Antíoco, que era mais abastado de riquezas do que de soldados; e os auxílios dos soldados macedônios a Ptolomeu. [14] Mas Ptolomeu, para quem não havia

¹¹³ Arnaud-Lindet (2003, recurso online) aponta que, segundo a datação tradicional, seguindo Varrão, este ano seria 390 AEC, entretanto, a narrativa de Justino se adequaria melhor àquela apresentada por Políbio, ou seja, 387 ou 386.

¹¹⁴ O livro VI é dedicado, principalmente, às guerras gregas do início do século IV AEC. A paz citada neste trecho se refere à estipulada aos gregos por Artaxerxes II, rei dos persas, para que pudesse concentrar suas forças militares no conflito contra o Egito. Essa breve menção é a única feita à invasão de Roma pelos gauleses nesse livro.

¹¹⁵ Por Ptolomeu Cerauno, que, segundo Justino, neste parágrafo, tendo matado, em uma emboscada, Seleuco I, Nicátor, um dos diádocos, toma o trono da Macedônia e busca agradar os reis vizinhos para que estes não se aliem contra ele. Retoma-se a narrativa aqui, uma vez que Pirro guerreira contra os romanos.

Macedonum militum auxilia. [14] Sed Ptolomeus, cui nulla dilationis ex infirmitate uirium uenia esset, quinque milia peditum, equitum IV milia, elephantos L non amplius quam in biennii usum dedit. [15] Ob haec Pyrrhus filia Ptolomei in matrimonium accepta uindicem eum regni reliquit, pacificatus cum omnibus finitimis, ne abducta in Italiam iuuentute praedam hostibus regnum relinqueret.

(...)

[3, 14] Huius filius Neoptolemus fuit, ex quo nata est Olympias, mater magni Alexandri, et Alexander, [15] qui post eum regnum Epiri tenuit et in Italia bello gesto in Brutiis interiit. [16] Post eius mortem frater Aeacidas regno successit, qui adsiduis aduersus Macedonas bellorum certaminibus populum fatigando offensam ciuium contraxit [17] ac propterea in exilium actus Pyrrhum filium, bimum admodum paruulum, in regno reliquit. [18] Qui et ipse, cum a populo propter odium patris ad necem quaereretur, furtim subtractus in Illyrios defertur [19] traditusque est Beroae, Glauciae regis uxori, nutriendus, quae et ipsa genus Aeacidarum erat. [20] Ibi eum seu misericordia fortunae eius seu infantilibus

desculpa para um atraso baseado na fraqueza de suas forças, concedeu, por não mais que dois anos, o uso de cinco mil soldados de infantaria, quatro mil de cavalaria e cinquenta elefantes. [15] Por isso, Pirro, tendo aceitado a filha de Ptolomeu em casamento, o deixou como defensor do reino¹¹⁶, depois de ter feito a paz com todos os vizinhos, para que, afastada a juventude na Itália, não deixasse o reino à pilhagem dos inimigos.

(...)

[3, 14] O filho dele¹¹⁷ foi Neoptólemo, de quem nasceram Olímpíade – mãe de Alexandre, o Grande – e Alexandre, [15] que obteve o reino do Épiro depois dele e morreu na Itália, na guerra travada contra os brútijs. [16] Após a morte dele, seu irmão, Eácida, o sucedeu no reino, o qual, fatigando o povo com as contínuas pelejas das guerras contra os macedônios, atraiu o descontentamento dos cidadãos [17] e, em consequência disso, lançado no exílio, deixou o filho, Pirro, ainda pequenino, com dois anos, no reino. [18] E, como se buscasse sua morte devido ao ódio do povo por seu pai, também ele, furtivamente escondido, foi levado até os ilírios [19] e entregue para ser cuidado a Béroe, esposa do rei Glaucias, a qual também era nascida dos Eácidas. [20] Ali, o rei, levado seja pela misericórdia da sorte dele, seja pelos carinhos infantis, acrescentando também a obrigação de uma adoção em seu auxílio, o protegeu, durante muito tempo,

¹¹⁶ Como se verá em 18.1.3, Pirro teria deixado o reino sob a guarda de seu filho de quinze anos que compartilha esse nome. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) considera que a homonímia tenha levado ao erro aqui.

¹¹⁷ No início deste parágrafo, retomam-se as origens do Épiro. O pai de Neoptólemo é Táribas, que teria sido responsável, segundo Justino, por tornar o povo mais civilizado ao lhe estabelecer leis, magistrados anuais, um senado e uma constituição. A seção aqui recortada refere-se à ascendência e à infância de Pirro.

blandimentis inductus rex aduersum Cassandrum, Macedoniae regem, qui eum sub belli comminatione deposcebat, diu protexit, addito in auxilium etiam adoptionis officio. [21] Quibus rebus moti Epirotae odio in misericordiam uerso annorum XI eum in regnum reuocauerunt, datis tutoribus, qui regnum usque in adultam eius aetatem tuerentur. [22] Adulescens deinde multa bella gessit tantusque rerum successu haberi coeptus est, ut Tarentinos solus aduersus Romanos tueri posse uideretur.

contra Cassandro, rei da Macedônia, que o reivindicava sob a ameaça de guerra. [21] Comovidos por essas ações, os epirotas, transformado o ódio em misericórdia, o chamaram de volta ao reino quando tinha onze anos, com tutores encarregados de defenderem o reino até a idade adulta dele. [22] Depois, adolescente, travou muitas guerras e, pelo sucesso de suas ações, começou a ser reputado de tal forma que parecia ser como o único que teria sido capaz de defender os tarentinos contra os romanos.

LIBER XVIII

[1, 1] Igitur Pyrrus, rex Epiri, cum iterata Tarentinorum legatione additis Samnitium et Lucanorum precibus, et ipsis auxilio aduersus Romanos indigentibus fatigaretur, non tam supplicium precibus quam spe inuadendi Italiae imperii inductus uenturum se cum exercitu pollicetur. [2] In quam rem inclinatum semel animum praecipitem agere coeperant exempla maiorum, ne aut inferior patruo suo Alexandro uideretur, quo defensore idem Tarentini aduersus Bruttios usi fuerant, aut minores animos Magno Alexandro habuisse, qui tam longa a domo militia Orientem subegit. [3] Igitur relicto custode regni Ptolomeo filio annos XV nato exercitum in portu Tarentino exponit, duobus

Livro XVIII

[1, 1] Então, Pirro, rei do Épiro, como fosse importunado por uma segunda embaixada dos tarentinos, acrescentadas as súplicas dos samnitas e dos lucanos, que também necessitavam de auxílio contra os romanos, levado não tanto pelas súplicas dos que rogavam quanto pela esperança de apoderar-se da soberania da Itália, promete que iria com um exército. [2] Uma vez que seu ânimo estava inclinado a esse feito, os exemplos de seus antepassados começaram a impeli-lo, para que não parecesse ser inferior a seu tio Alexandre, de cuja proteção os tarentinos, igualmente, fizeram uso contra os brúttios, ou que tivesse menos coragem do que Alexandre, o Grande, que submeteu o Oriente em uma expedição militar tão distante de sua pátria. [3] Então, deixado o filho, Ptolomeu, de quinze anos, como protetor do reino¹¹⁸, desembarcou o exército no porto de Tarento, levando consigo os dois

¹¹⁸ Cf. nota a 17.2.15, há uma inconsistência sobre quem teria ficado com a guarda do reino na narrativa de Justino.

paruulis filiis, Alexandro et Heleno, in solacia longinquae secum expeditionis adductis. [4] Cuius audito aduentu consul Romanus Valerius Laeuinus festinans, ut prius cum eo congredieretur, quam auxilia sociorum conuenirent, exercitum in aciem educit. [5] Nec rex, tametsi numero militum inferior esset, certamini moram fecit. [6] Sed Romanos uincentes iam inuisitata ante elephatorum forma stupere primo, mox cedere proelio coegit, uictoresque iam noua Macedonum repente monstra uicerunt. [7] Nec hostibus incruenta uictoria fuit. Nam et Pyrrus ipse grauiter uulneratus est et magna pars militum eius caesa, maioremque gloriam eius uictoriae quam laetitiam habuit. [8] Huius pugnae euentum multae ciuitates secutae Pyrro se tradunt. [9] Inter ceteras etiam Locri prodito praesidio Romano ad Pyrrum deficiunt. [10] Ex ea praeda Pyrrus CC captiuos milites gratis Romam remisit, ut cognita uirtute eius Romani cognoscerent etiam liberalitatem. [11] Interiectis deinde diebus, cum sociorum exercitus superuenisset, iterato proelium cum Romanis facit, in quo par fortuna priori bello fuit.

[2, 1] Interea Mago, dux Karthaginensium, in auxilium Romanorum cum centum XX nauibus missus senatum adiit, aegre tulisse Karthaginenses adfirmans, quod bellum in

filhos pequeninos, Alexandre e Heleno, como consolo de uma prolongada expedição. [4] Tendo ouvido sobre sua chegada, o cônsul romano Valério Levino, apressado para enfrentá-lo antes que os auxílios dos aliados se agrupassem, põe o exército em formação. [5] E o rei também não retardou a peleja, ainda que fosse inferior em número de soldados, [6] mas obrigou os romanos que já venciam a, primeiro, parar diante da aparência extraordinária dos elefantes, depois, a se retirar da batalha; e os desconhecidos monstros dos macedônios, de repente, venceram os já vencedores. [7] E a vitória não foi sem sangue para os inimigos, pois o próprio Pirro também foi gravemente ferido, a maior parte do exército dele massacrada, e houve mais glória do que alegria com a vitória dele¹¹⁹. [8] Muitas cidades, seguindo o sucesso deste combate, se entregam a Pirro. [9] Entre outros, também os lócrios, atraída a guarnição romana, desertaram para Pirro. [10] Desta pilhagem, Pirro devolveu a Roma gratuitamente duzentos soldados prisioneiros, para que os romanos, conhecida a virtude dele, também reconhecessem sua indulgência. [11] Em seguida, passados uns dias, quando chegara o exército dos aliados, outra vez empreende uma batalha contra os romanos, na qual teve a mesma sorte da guerra anterior.

[2, 1] Enquanto isso, Magão, comandante dos cartagineses, enviado em auxílio dos romanos com cento e vinte naus, apresenta-se ao senado, afirmando que os cartagineses dificilmente teriam admitido que se

¹¹⁹ O desenlace da Batalha de Heracleia fica conhecido como Vitória Pírrica, dado o tamanho da perda do exército epírota.

Italia a peregrino rege paterentur. [2] Ob quam causam missum se, ut, quoniam externo hoste oppugnarentur, externis auxiliis iuuarentur. [3] Gratiae a senatu Karthaginiensibus actae auxiliaque remissa. [4] Sed Mago Punico ingenio post paucos dies tacitus, quasi pacificator Karthaginiensium, Pyrrum adiit speculaturus consilia eius de Sicilia, quo eum arcessi fama erat. [5] Nam Romanis eadem causa mittendi auxilia Karthaginiensibus fuerat, ut Romano bello, ne in Siciliam transire posset, Pyrrus in Italia detineretur. [6] Dum haec aguntur, legatus a senatu Romano Fabricius Luscinus missus pacem cum Pyrro conponit. [7] Ad quam confirmandam Cineas Romam cum ingentibus a Pyrro donis missus neminem, cuius domus muneribus pateret, inuenit. [8] Huic continentiae Romanorum simile exemplum isdem ferme temporibus fuit. [9] Nam missi a senatu Aegyptum legati cum ingentia sibi a Ptolomeo rege missa munera spreuissent, interiectis diebus ad cenam inuitatis aureae coronae missae sunt, quas illi ominis causa receptas postera die statuis regis inposuerunt. [10] Igitur Cineas, cum turbatam cum Romanis pacem ab Appio Claudio renuntiasset, interrogatus a Pyrro, qualis Roma esset, respondit regum urbem sibi uisam. [11] Post haec legati Siculorum superueniunt tradentes Pyrro totius insulae imperium, quae adsiduis Karthaginiensium bellis uexabatur. [12] Itaque relicto Locris

permitte uma guerra na Itália vinda de um rei estrangeiro. [2] Por esse motivo fora enviado, para que, como fossem assaltados por um inimigo externo, fossem ajudados por auxílios externos. [3] Foram dados os agradecimentos pelo senado aos cartagineses, e os auxílios, enviados de volta. [4] Mas Magão, com índole púnica, após poucos dias, como se fosse o pacificador dos cartagineses, se apresenta, tácito, a Pirro para observar os planos dele sobre a Sicília, para onde, segundo o rumor, ele havia sido chamado. [5] Com efeito, este fora o motivo para os cartagineses enviarem auxílios aos romanos: que Pirro fosse detido na Itália com a guerra romana e não pudesse passar para a Sicília. [6] Enquanto essas ações se sucedem, o embaixador Fabrício Lusino, enviado pelo senado romano, sela a paz com Pirro. [7] Cíneas, enviado a Roma para confirmá-la com grandiosos presentes de Pirro, não encontra alguém cuja casa se abrisse às ofertas. [8] Quase na mesma época, houve um exemplo da moderação dos romanos similar a esse: [9] com efeito, os embaixadores enviados pelo senado ao Egito não aceitaram as grandiosas ofertas enviadas a eles por Ptolomeu. Passados uns dias, convidados a um jantar, lhes foram enviadas coroas de ouro, as quais, aceitas por eles devido ao protocolo, no dia seguinte, depositaram nas estátuas do rei. [10] Então, quando anunciava que a paz com os romanos fora turbada por Ápio Cláudio, perguntado por Pirro como seria Roma, Cíneas respondeu que lhe parecia uma cidade de reis. [11] Depois disso, chegaram os embaixadores dos sicilianos, passando a Pirro a soberania de toda a ilha, que era assolada pelas guerras contínuas dos cartagineses. [12] E assim, deixado o filho Alexandre em Locros e fortalecidas as cidades dos aliados com uma guarnição robusta, transportou seu exército para a

Alexandro filio firmatisque sociorum ciuitatibus ualido praesidio in Siciliam exercitum traiecit. (...)	Sicília.¹²⁰ (...)
LIBER XX (...) [5, 4] Sed Dionysium gerentem bellum legati Gallorum, qui ante menses Romam incenderant, societatem amicitiamque petentes adeunt, [5] gentem suam inter hostes eius positam esse magnoque usui ei futuram uel in acie bellanti uel de tergo intentis in proelium hostibus adfirmant. (...)	Livro XX (...) [5, 4] Mas os embaixadores dos gauleses – os quais, meses antes, haviam incendiado Roma – procuram Dionísio, que guerreava¹²¹, pedindo sua aliança e amizade: [5] afirmam que sua própria gente estava posicionada no meio dos inimigos dele e lhe seria de grande utilidade, ou, em campo, guerreando, ou na retaguarda, com os inimigos se lançando à batalha.¹²² (...)
LIBER XXIII (...) [3, 1] Eo tempore et Pyrrhus aduersus Romanos bellum gerebat, [2] qui inploratus a Siculis in auxilium, sicuti dictum est, cum Syracusas uenisset, rex Siciliae sicut Epiri appellatur. [3] Quarum rerum felicitate laetus Heleno filio Siciliae uelut auitum – nam susceptus ex filia Agathoclis regis erat –, Alexandro autem Italiae regnum destinat. [4]	Livro XXIII (...) [3, 1] Naquele tempo¹²³, também Pirro guerreava contra os romanos, [2] o qual chamado em auxílio pelos sicilianos, conforme foi dito, ao chegar a Siracusa, é declarado rei da Sicília, assim como era do Épiro. [3] Alegre com o bom resultado dessas ações, destina ao filho Heleno o reino da Sicília como se viesse do avô – de fato, fora nascido da filha do rei Agátocles¹²⁴ –, e o da Itália, por sua vez, a Alexandre. [4] Depois disso, trava muitas batalhas

¹²⁰ A partir daqui, Justino retoma as origens de Cartago e seu desenvolvimento.

¹²¹ O início do livro XX é dedicado à expulsão dos cartagineses da Sicília por Dionísio I, o Velho, tirano de Siracusa. Depois, o rei passa seu exército para a Itália, entrando em conflito com os povos gregos dali.

¹²² Dionísio aceita a aliança, e o livro é terminado com a sua morte que ocorre por traição.

¹²³ Na mesma época em que os cartagineses buscavam tomar a Sicília, após a morte de Agátocles.

¹²⁴ Na verdade, o neto de Agátocles seria Alexandre, já que ele era filho de Lanassa, enquanto Heleno seria de Bircena, filha do rei da Ilíria.

Post haec multa secunda proelia cum Karthaginiensibus facit. [5] Interiecto deinde tempore legati ab Italicis sociis uenere nuntiantes, resisti Romanis non posse deditionemque futuram, nisi subueniat. [6] Anxius tam ambiguo periculo incertusque quid ageret uel quibus primum subueniret, in utrumque pronus consultabat; [7] quippe instantibus hinc Karthaginiensibus, inde Romanis periculosum uidebatur exercitum in Italiam non traicere, periculosius a Sicilia deducere, ne aut illi non lata ope aut hi deserti amitterentur. [8] In hoc aestu periculorum tutissimus portus consiliorum uisus est omnibus uiribus decernere in Sicilia et profligatis Karthaginiensibus uictorem exercitum transponere in Italiam. [9] Itaque conserto proelio cum superior fuisset, quoniam tamen a Sicilia abiret pro uicto fugere uisus est; [10] ac propterea et socii ab eo defecerunt et imperium Siciliae tam cito amisit quam facile quaesierat. [11] Sed nec in Italia meliore felicitate usus in Epirum reuertitur. Admirabilis utriusque rei casus in exemplum fuit. [12] Nam sicut ante secunda fortuna rebus supra uota fluentibus Italiae Siciliaeque imperium et tot de Romanis uictorias adstruxerat, ita nunc aduersa uelut in ostentationem fragilitatis humanae destruens, quae cumulauerat, Siciliensi ruinae naufragium maris et foedam aduersus

favoráveis com os cartagineses. [5] Em seguida, passado algum tempo, chegaram embaixadores de seus aliados itálicos anunciando que os romanos não podiam ser contidos e, se ele não viesse em auxílio, haveriam de se render. [6] Angustiado com o duplo perigo e indeciso quanto ao que fazer ou a quem socorrer primeiro, deliberava, inclinado a um ou outro lado; [7] porque, com os cartagineses ameaçando daqui, os romanos dali, parecia perigoso não transferir o exército para a Itália, mais perigoso retirá-lo da Sicília: que não se perdessem aqueles por não lhes levar ajuda, ou estes por desertá-los. [8] Neste mar de perigos, pareceu ser o porto mais seguro para seus planos combater com todas as forças na Sicília e, abatidos os cartagineses, passar o exército vitorioso para a Itália. [9] E assim, travado o combate, mesmo sendo superior, entretanto, pareceu fugir igual a um vencido porque se retirava da Sicília; [10] e, por essa razão, os aliados desertaram dele, e perdeu a soberania da Sicília com tanta rapidez quanto com facilidade a tinha adquirido. [11] Mas, ao não ter também um resultado melhor na Itália, retorna ao Épiro. O infortúnio de uma e de outra ação foi digno de admiração por seu exemplo. [12] Com efeito, do mesmo modo que, antes, a sorte favorável nas ações que transcorriam acima de suas expectativas lhe adicionara a soberania da Itália e da Sicília e tantas vitórias contra os romanos, agora, assim, adversa, como para mostrar a fragilidade humana, destruindo aquilo com que lhe cumulara, soma à ruína siciliana um naufrágio no mar, um combate funesto contra os romanos e uma retirada torpe da Itália.¹²⁵ (...)

¹²⁵ O final do livro XXIII é dedicado a Hierão II, enquanto o início do XXIV, às ações de Ptolomeu Cerauno.

Romanos pugnam turpemque ab Italia
discessum adiecit.

(...)

LIBER XXIV

(...)

[4, 1] Namque Galli abundante multitudine, cum eos non caperent terrae, quae genuerant, CCC milia hominum ad sedes novas quaerendas uelut uer sacrum miserunt. [2] Ex his portio in Italia consedit quae et urbem Romanam captam incendit [3] et portio Illyricos sinus ducibus auibis – nam augurandi studio Galli praeter ceteros callent – per strages barbarorum penetrauit et in Pannonia consedit; [4] gens aspera, audax, bellicosa, quae prima post Herculem, cui ea res uirtutis admirationem et immortalitatis fidem dedit, Alpium inuicta iuga et frigore intractabilia loca transcendit. (...)

LIBER XXV

(...)

[3, 1] Dum haec in Asia geruntur, interim in

Livro XXIV

(...)

[4, 1] Com efeito, os gauleses, abundante multidão, quando as terras que lhes tinham gerado não os continham, enviaram trezentos mil homens para buscar uma nova morada, tal como uma primavera sagrada¹²⁶. [2] Uma porção deles se assentou na Itália e incendiou a romana urbe tomada, [3] e outra parte, tendo pássaros como guias – com efeito, os gauleses eram mais hábeis que os outros no estudo dos augúrios –, [4] penetrou o golfo ilírico, para desastre dos bárbaros, e se assentou na Panônia; povo austero, audaz e belicoso, que foi o primeiro depois de Hércules – a quem esta ação outorgou a admiração de sua virtude e a crença em sua imortalidade –, a transpor os cumes invencíveis dos Alpes e os lugares inabitáveis pelo frio.¹²⁷ (...)

Livro XXV

(...)

[3, 1] Enquanto essas ações se sucedem na Ásia¹²⁸, entrementes, na Sicília, Pirro,

¹²⁶ Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online) e Watson (1853, recurso online), a primavera sagrada era um costume dos itálicos; diante de um desastre, prometiam a um deus tudo o que nasceria na primavera seguinte. Assim, os animais eram sacrificados, enquanto as crianças, quando se tornavam adultas, eram levadas até as fronteiras e enviadas para fundar outras cidades, sob a proteção de um animal totêmico.

¹²⁷ Justino continua a história dos gauleses, mas sem mencionar os romanos.

¹²⁸ O início do livro XXV é dedicado à paz entre Antíoco I, Sóter, e Antígono II, Gônatas. Este, retornando à Macedônia, entra em conflito com os gauleses e obtém a vitória. Conta-se, então, que os gauleses, tendo ajudado o rei da Bitínia a recuperar seu trono, haviam dividido com ele o reino.

Sicilia Pyrrhus a Poenis nauali proelio uictus ab Antigono, Macedoniae rege, supplementum militum per legatos petit, [2] denuntians, ni mittat, redire se in regnum necesse habere, incrementa rerum, quae de Romanis uoluerit, de ipso quaesiturum. (...)

[4, 5] Sed et Graecia omnis admiratione nominis eius, simul et rerum aduersus Romanos Poenosque gestarum adtonita aduentum eius expectabat. (...)

[5, 3] Satis constans inter omnes auctores fama est nullum nec eius nec superioris aetatis regem comparandum Pyrrho fuisse, raroque non inter reges tantum, uerum etiam inter inlustres uiros aut uitae sanctioris aut iustitiae probatoris uisum fuisse, [4] scientiam certe rei militaris in illo uiro tantam fuisse, ut cum Lysimacho, Demetrio, Antigono, tantis regibus, bella gesserit, inuictus semper fuerit, [5] Illyriorum quoque, Siculorum Romanorumque et Karthaginensium bellis numquam inferior, plerumque etiam uictor extiterit; [6] qui patriam certe suam angustam ignobilemque fama rerum gestarum et claritate nominis sui toto orbe inlustrem reddiderit.

vencido em um combate naval pelos penos, pede, por meio de embaixadores, um reforço de soldados a Antígono, rei da Macedônia, [2] avisando que se não o enviasse, precisaria retornar ao reino para obter dele próprio o aumento de poder que desejava conseguir dos romanos.¹²⁹ (...)

[4, 5] Mas também toda a Grécia esperava a chegada dele¹³⁰ com admiração pelo seu nome e, ao mesmo tempo, assombrada com os feitos realizados contra os romanos e os penos. (...)

[5, 3] Já é uma tradição entre todos os autores que rei algum, nem da época dele, nem de anteriores, poderia ser comparado a Pirro, e raramente se viu, não só entre reis, como também entre homens ilustres, alguém de vida mais venerável ou de justiça mais comprovada; [4] havia, certamente, tão grande conhecimento dos assuntos militares nesse homem que, ainda que tenha guerreado com Lisímaco, Demétrio, Antígono, reis tão grandes, sempre foi invicto; [5] além disso, nunca foi inferior nas guerras dos ilírios, dos sículos, dos romanos e dos cartagineses e também, na maior parte das vezes, se alçou vitorioso; [6] o qual, com a fama de seus feitos e a dignidade de seu próprio nome, certamente, tornara ilustre, em todo o orbe, a sua própria pátria, pequena e obscura.

¹²⁹ Continua a narrativa dos conflitos entre Pirro e Antígono, sem menção próxima aos romanos.

¹³⁰ De Pirro.

LIBER XXVIII

(...)

[1, 5] Acarnanes quoque diffisi Epirotis aduersus Aetolos auxilium Romanorum inplorantes obtinuerunt a Romano senatu, [6] ut legati mitterentur, qui denuntiarent Aetolis, praesidia ab urbibus Acarnaniae deducerent paterenturque liberos esse, qui soli quondam aduersus Troianos, auctores originis suae, auxilia Graecis non miserint.

[2, 1] Sed Aetoli legationem Romanorum superbe audiuerunt, Poenos illis et Gallos, a quibus tot bellis occisione caesi sint, [2] exprobrantes dicentesque prius illis portas aduersus Karthaginienses aperiendas, quas clausit metus Punici belli, quam in Graeciam arma transferenda. [3] Meminisse deinde iubent, qui quibus minentur. [4] Aduersus Gallos urbem eos suam tueri non potuisse captamque non ferro defendisse, sed auro redemisse; [5] quam gentem se aliquanto maiore manu Graeciam ingressam non solum nullis externis uiribus, sed ne domesticis quidem totis adiutos uniuersam delesse, sedemque sepulcris eorum praeuisse, quam illi urbibus imperioque suo proposuerant; [6] contra Italiam trepidis ex recenti urbis suae incendio Romanis

Livro XXVIII

(...)

[1, 5] Também¹³¹ os acarnânios, desconfiados dos epirotas, ao implorar auxílio dos romanos contra os etólios obtiveram-no do senado romano, [6] de modo que foram enviados embaixadores que notificaram os etólios para que retirassem as guarnições das cidades da Acarnânia e permitissem serem livres os únicos que, outrora, não teriam enviado auxílios aos gregos contra os troianos, precursores de sua linhagem.

[2, 1] Mas os etólios ouviram com arrogância a embaixada dos romanos, evocando-lhes os penos¹³² e os gauleses, pelos quais teriam sido massacrados em tantas guerras, [2] e dizendo que deveriam antes abrir, contra os cartagineses, as portas que o medo da guerra púnica fechou do que transferir as armas à Grécia. [3] Depois, ordenaram que se lembrassem quem ameaçava a quem. [4] Eles não teriam conseguido proteger sua cidade contra os gauleses, nem a teriam libertado, prisioneira, com ferro, mas com ouro; [5] os etólios, ajudados não só por nenhuma das forças externas, mas nem mesmo por todas as internas, destruíram aquele povo que ingressara na Grécia com uma tropa tão maior e ofereceram como local para as sepulturas deles aquele que tinham pretendido para as cidades deles e para sua própria soberania; [6] ao contrário, assustados os romanos com o recente incêndio de sua própria urbe, quase toda a Itália fora ocupada pelos gaulenses. [7] Então, deveriam, primeiro, rechaçar os gauleses da

¹³¹ O início do livro XXVIII trata das decisões de Olímpíade, filha de Pirro. Essa dá sua filha, Ptía, em casamento a Demétrio II, rei da Macedônia, para obter seu apoio. Como Demétrio já era casado com a irmã de Antíoco, rei da Síria, cria-se, desse modo, um conflito entre os dois povos.

¹³² Outro nome utilizado para se referir aos púnicos.

uniuersam ferme a Gallis occupatam. [7] Prius igitur Gallos Italia pellendos quam minentur Aetolis, priusque sua defendenda quam aliena appetenda. [8] Quos autem homines Romanos esse? Nempe pastores, qui latrocinio iustis dominis ademptum solum teneant, [9] qui uxores cum propter originis dehonestamenta non inuenirent, [10] ui publica rapuerint, qui denique urbem ipsam parricidio condiderint murorumque fundamenta fraterno sanguine adperserint. [11] Aetolos autem principes Graeciae semper fuisse et sicut dignitate, ita et uirtute ceteris praestitisse; [12] solos denique esse, qui Macedonas imperio terrarum semper florentes contempserint, qui Philippum regem non timuerint, qui Alexandri Magni post Persas Indosque deuictos, cum omnes nomen eius horrerent, edicta spreuerint. [13] Monere igitur se Romanos, contenti sint fortuna praesenti nec prouocent arma, quibus et Gallos caesos et Macedonas contemptos uideant. [14] Sic dimissa legatione Romanorum, ne fortius locuti quam fecisse uiderentur, fines Epiri regni et Acarnaniae depopulantur.

(...)

Itália para ameaçarem os etólios, e defender, primeiro, a suas propriedades para procurar as alheias. [8] Além disso, que tipo de homens seriam os romanos? Certamente, uns pastores, que tinham ocupado o solo tomado por latrocínio dos legítimos donos; [9] que, como não encontrassem esposas devido a suas origens vis, [10] as teriam raptado com pública violência; que, por fim, teriam fundado a própria cidade com um parricídio¹³³ e regado os alicerces de seus muros com o sangue fraterno. [11] Todavia, os etólios sempre tinham sido os primeiros da Grécia e sobrepujavam os demais em dignidade, assim como em virtude; [12] eram, por fim, os únicos que tinham desdenhado os macedônios sempre florescentes por sua soberania da terra; que não tiveram medo do rei Filipe; que tinham desprezado as ordens de Alexandre, o Grande, quando, depois que os persas e os indos foram derrotados, todos tremiam com o nome dele. [13] Então, recomendam aos romanos que estejam contentes com a presente sorte e também não provoquem as armas, com as quais veem os gauleses serem massacrados, e os macedônios, desdenhados. [14] Assim, tendo dispensado os embaixadores dos romanos, para que não fossem vistos como mais fortes em palavras do que por aquilo que faziam, devastam as fronteiras do reino do Épiro e da Arcanânia.¹³⁴

(...)

¹³³ Embora a morte seja de um irmão, configurando, em português, fraticídio, opta-se por manter uma tradução mais literal do termo *parricidium*, que tem, em latim, sentido mais amplo do que ocorre no português e, conforme aponta Castro Sánchez (2008, p. 122) em nota a outro trecho, também no espanhol. Essa opção também é seguida nas demais passagens em que o termo é utilizado.

¹³⁴ Ao final do livro XXVIII, Justino aborda a guerra entre os etólios e os espartanos. Segundo os prólogos, Pompeio Trogo teria se dedicado, em uma digressão, à guerra entre os romanos e a rainha da Ilíria, Teuta, a respeito da qual Justino não faz menção.

LIBER XXIX

[1, 1] Isdem ferme temporibus prope uniuersi orbis imperia noua regum successione mutata sunt. [2] Nam et in Macedonia Philippus mortuo Antigono, tutore eodemque uirico, annorum XIV regnum suscepit; [3] et in Asia interfecto Seleuco inpubes adhuc rex Antiochus constitutus est; [4] Cappadociae quoque regnum Ariarathi, puero admodum, pater ipse tradiderat; [5] Aegyptum patre ac matre interfectis occupauerat Ptolomeus, cui ex facinoris crimine cognomentum Philopator fuit. [6] Sed et Spartani in locum Cleomenis suffecerunt Lycurgum. [7] Et ne qua temporibus mutatio deesset, apud Karthaginienses quoque aetate inmaturna dux Hannibal constituitur, non penuria seniorum, sed odio Romanorum, quo inbutum eum a pueritia sciebant, fatale non tam Romanis quam ipsi Africae malum. [8] His regibus pueris tametsi nulli senioris aetatis rectores erant, tamen in suorum quisque maiorum uestigia intentis magna indoles uirtutis enituit. [9] Solus Ptolomeus, sicut scelestus in occupando, ita et segnis in administrando regno fuit. [10] Philippum Dardani ceterique omnes finitimi populi, quibus uelut inmortale odium cum Macedonum regibus erat, contemptu aetatis adsidue lacescebant. [11] Contra ille submotis hostibus non contentus

Livro XXIX

[1, 1] Quase na mesma época, as soberanias de praticamente todo o orbe se alteraram com a nova sucessão dos reis.¹³⁵ [2] Com efeito, na Macedônia, Filipe, de quatorze anos, – morto Antígono, tutor e padrastrô dele – assumiu o reino; [3] também, na Ásia, assassinado Seleuco, foi constituído rei Antíoco, ainda impúbere; [4] também o pai de Ariarate lhe entregara o reino da Capadócia; [5] assassinados o pai e a mãe, Ptolomeu, que pelo perverso crime foi chamado de Filópator, tomara o Egito. [6] Mas também os espartanos colocaram Licurgo no lugar de Cleômenes. [7] E para que não faltasse, nesses tempos, mudança alguma, Aníbal, também em idade precoce, foi instituído comandante entre os cartagineses, não por escassez de homens mais velhos, mas pelo ódio aos romanos, que sabiam ter sido nele imbuído desde a infância; um mal fatal não tanto aos romanos como aos próprios africanos. [8] Ainda que, entre esses jovens reis, não houvesse mestres de idade mais avançada, contudo, atentos aos passos de seus próprios antepassados, distinguiu-se, em cada um, a grande índole de sua virtude. [9] Somente Ptolomeu, assim como (fora) ímpio ao tomar o reino, também foi indolente ao administrá-lo. [10] Os dárdanos e todos os outros povos fronteiriços, aos quais o ódio aos reis macedônios era como se (fosse) imortal, com desdém por sua idade, continuamente atacavam Filipe. [11] Ele, ao contrário, afastados os inimigos, não contente em defender suas posses, também desejava levar guerra aos etólios.

¹³⁵ Embora, aqui, apenas 29.1.7 faça referência direta aos romanos, optou-se por traduzir o parágrafo todo para integralizar a tradução do livro XXIX.

sua defendisse ultro etiam Aetolis bellum inferre gestiebat.

[2, 1] Quae agitantem illum Demetrius, rex Ilyriorum, nuper a Paulo, Romano consule, uictus supplicibus precibus adgreditur, iniuriam Romanorum querens, [2] qui non contenti Italiae terminis, imperium spe inproba totius orbis amplexi, bellum cum omnibus regibus gerant. [3] Sic illos Siciliae, sic Sardiniae Hispaniaeque, sic denique totius Africae imperium adfectantes bellum cum Poenis et Hannibale suscepisse; [4] sibi quoque non aliam ob causam, quam quod Italiae finitimus uidebatur, bellum inlatum, quasi nefas esset aliquem regem iuxta imperii eorum terminos esse. [5] Sed et ipsi cauendum exemplum esse, cuius quanto promptius nobiliusque sit regnum, tanto sit Romanos acriores hostes habiturus. [6] Super haec cedere se illi regno, quod Romani occupauerint, profitetur, gratius habiturus, si in possessione imperii sui socium potius quam hostes uideret. [7] Huiuscemodi oratione inpulit Philippum, ut omissis Aetolis bellum Romanis inferret, minus negotii existimantem, quod iam uictos eos ab Hannibale apud Trasimenum lacum audierat. [8] Itaque ne eodem tempore multis bellis detineretur, pacem cum Aetolis facit, non quasi alio bellum translaturus, sed ut Graeciae quieti consulturus, quam numquam in maiore periculo fuisse adfirmabat, [9] siquidem consurgentibus ab Occidente nouis

[2, 1] Sucedendo essas ações, Demétrio, rei dos ilírios, vencido, recentemente, por Paulo, cônsul romano, o procura, com preces suplicantes, queixando-se das injúrias dos romanos, [2] os quais, não contentes com os limites da Itália, guerreavam com todos os reis com a perversa esperança de abraçar em uma soberania todo o orbe. [3] Assim, aspirando à soberania da Sicília, da Sardenha, da Hispânia e, por fim, de toda a África, eles teriam suscitado uma guerra contra os penos e Aníbal; [4] também não havia outra causa para a guerra a ele levada além do fato de que parecia ser vizinho da Itália, como se fosse ilícito ser rei de uma soberania próxima aos limites deles. [5] Mas, também o próprio (Filipe) deveria estar precavido a partir desse exemplo, pois quanto mais seu reino fosse notável e famoso, tanto mais teria os romanos como inimigos terríveis. [6] Além disso, declara que lhe concederia o reino dele, que os romanos tinham tomado, pois consideraria mais agradável se, antes, visse um aliado na posse de seu próprio império do que inimigos. [7] Impeliu Filipe com tal discurso, de modo que, esquecidos os etólios, lança guerra aos romanos, avaliando que seriam um problema menor, porque ouvira que eles já tinham sido vencidos por Aníbal junto ao lago Trasimeno. [8] E, assim, para que não ficasse ocupado com múltiplas guerras ao mesmo tempo, faz a paz com os etólios, não como se estivesse transferindo a guerra a outro lugar, mas como se para cuidar da harmonia da Grécia, sobre a qual afirmava nunca ter estado em maior perigo, [9] visto que se levantavam, a partir do Ocidente, as novas soberanias dos púnicos e dos romanos; para as quais há uma só coisa que as afasta da Grécia e da Ásia – o tempo durante o

Poenorum ac Romanorum imperiis, quibus una haec a Graecia atque Asia sit mora, dum inter se bello discrimen imperii faciunt; ceterum statim uictoribus transitum in Orientem fore.

[3, 1] Videre se itaque, ait, consurgentem in Italia nubem illam trucis et cruenti belli; uidere tonantem ac fulminantem ab occasu procellam, quam in quascumque terrarum partes uictoriae tempestas detulerit, magno cruoris imbre omnia foedaturam. [2] Frequenter Graeciam ingentes motus passam, nunc Persarum, nunc Gallorum, nunc Macedonum bellis, sed omnia illa leuia fuisse existimatuos, si ea, quae nunc in Italia concurrat manus, extra terram illam se effuderit. [3] Cernere se, quam cruenta et sanguinaria inter se bella utrique populi et uiribus copiarum et ducum artibus gerant, quae rabies finiri solo partis alterius interitu sine ruina finitimorum non possit. [4] Feros igitur uictorum animos minus quidem Macedoniae quam Graeciae timendos, quia et remotior et in uindictam sui robustior sit; [5] scire tamen se eos, qui tantis uiribus concurrant, non contentos hoc fine uictoriae fore, metuendumque sibi quoque certamen eorum, qui superiores extiterint. [6] Hoc praetexto finito cum Aetolis bello nihil aliud quam Poenorum Romanorumque bella respiciens singulorum uires perpendebat. [7] Sed nec Romani, tametsi Poeni et Hannibal in ceruicibus erant, soluti metu Macedonico

qual, por meio da guerra entre si, fazem a partilha da soberania; mas, logo, vitoriosos, haveriam de passar para o Oriente.

[3, 1] E, assim, ele vê, diz, se levantar, na Itália, aquela nuvem de uma guerra cruel e sangrenta; vê, ao pôr-do-sol, uma tormenta com raios e trovões, a qual, para qualquer parte da terra que for levada pela tempestade da vitória, há de manchar tudo com uma vasta chuva de sangue. [2] Frequentemente, a Grécia suportou notáveis agitações, com guerras ora dos persas, ora dos gauleses, ora dos macedônios, mas não de julgar que todas elas foram leves, se essa, que, agora, reúne as tropas na Itália, se espalhasse daquela terra afora. [3] Ele percebe o quanto são cruéis e sanguinárias as guerras que fazem entre si um e outro povo, com as forças dos soldados e as habilidades dos comandantes, um furor que não pode ser extinto somente com o extermínio de uma das partes, sem a ruína dos vizinhos. [4] Então, os ferozes ânimos dos vitoriosos devem ser, seguramente, menos temidos pela Macedônia do que pela Grécia, porque está mais distante e é também mais robusta em sua própria defesa; [5] todavia, sabe que eles, que reúnem tantas forças, não têm de se contentar com esse limite para sua vitória, e ele deveria temer uma peleja com aqueles que se mostrassem superiores. [6] Com esse pretexto, terminada a guerra com os etólios, não investigava outra coisa que as guerras dos penos e dos romanos, ponderando as forças de cada um deles. [7] Mas também os romanos, ainda que os penos e Aníbal estivessem em seus pescoços, não se viam livres do medo dos macedônios, [8] pois os assustava a antiga glória dos macedônios de conquistadores do Oriente e Filipe, o qual, inspirado pela

uidebantur; [8] quippe terrebat eos et uetus Macedonum deuicti Orientis gloria et Philippus studio Alexandri aemulationis incensus, quem promptum in bella industriumque cognouerant.

[4, 1] Igitur Philippus, cum iterato uictos a Poenis Romanos didicisset, aperte hostem se his professus naues, quibus in Italiam exercitum traiceret, fabricare coepit. [2] Legatum deinde ad Hannibalem iungendae societatis gratia cum epistulis mittit, [3] qui comprehensus et ad senatum perductus incolumis dimissus est, non in honorem regis, sed ne dubius adhuc indubitatus hostis redderetur. [4] Postea uero, cum Romanis nuntiatum esset in Italiam Philippum copias traiecturum, Laeuinum praetorem cum instructis nauibus ad prohibendum transitum mittunt. [5] Qui cum in Graeciam traiecisset, multis promissis inpellit Aetolos bellum aduersus Philippum suscipere. Philippus quoque Achaeos in Romanorum bella sollicitat. [6] Interea et Dardani Macedoniae fines uastare coeperunt, abductisque XX milibus captiuorum Philippum a Romano bello ad tuendum regnum reuocauerunt. [7] Dum haec aguntur, Laeuinus praetor iuncta cum Attalo rege societate Graeciam populatur. Quibus cladibus percussae ciuitates auxilium petentes Philippum legationibus fatigant; [8] nec non et Illyriorum reges lateri eius haerentes adsiduis precibus promissa exigebant. Super haec

vontade de emular Alexandre, haviam reconhecido como preparado e hábil para a guerra.

[4, 1] Então, Filipe, quando soube que os romanos tinham sido vencidos outra vez pelos penos, tendo se declarado abertamente inimigo daqueles, começa a construir naus, nas quais transportaria seu exército para a Itália. [2] Depois, envia a Aníbal um embaixador com cartas para selar uma aliança, [3] o qual, capturado e conduzido ao senado, foi libertado incólume, não em honra ao rei, mas para que um inimigo até então dúbio não fosse convertido em indubitável. [4] Posteriormente, porém, quando fora anunciado aos romanos que Filipe traria soldados para a Itália, enviam o pretor Levino com naus armadas para impedir sua passagem. [5] Ele, como atravessava a Grécia, impele, com muitas promessas, os etólios a empreenderem guerra contra Filipe. Do mesmo modo, Filipe atrai os aqueus para a guerra contra os romanos. [6] Entretanto, também os dardânios começaram a assolar os limites da Macedônia e, detidos vinte mil prisioneiros, fizeram Filipe voltar da guerra romana para defender seu reino. [7] Enquanto essas ações se sucedem, o pretor Levino, concluída uma aliança com o rei Átalo, saqueia a Grécia. Abaladas por essas perdas, as cidades, pedindo auxílio, importunam Filipe com embaixadas; [8] além disso, também os reis dos ilírios, estando agarrados ao flanco dele, exigiam suas promessas com assíduas preces. Ademais, os macedônios, que tinham sido saqueados reclamavam vingança. [9] Cercado por tantas e tamanhas dificuldades, hesitava à qual delas primeiro acorrer; porém, promete a todos que, em breve,

uastati Macedones ultionem flagitabant. [9] Quibus tot tantisque rebus obsessus, cui rei primum occurreret, ambigebat; omnibus tamen propediem auxilia se missurum pollicetur, non quia facere posset quae promittebat, sed ut spe inpletos in societatis iure retineret. [10] Prima tamen illi expeditio aduersus Dardanos fuit, qui absentiam eius aucupantes maiore belli mole Macedoniae iminebant. [11] Cum Romanis quoque pacem facit, contentis interim bellum Macedonicum distulisse. Philopoemeni, Achaeorum duci, quem ad Romanos sociorum animos sollicitare didicerat, insidias praetendit. Quibus ille cognitis uitatisque discedere ab eo Achaeos auctoritate sua coegit.

enviaria auxílios, não porque pudesse fazer o que prometia, mas para mantê-los, pela esperança, satisfeitos com o pacto da aliança. [10] Todavia, a primeira expedição foi contra os dárdanos, que, aguardando a ausência dele, ameaçavam a Macedônia com maior força de guerra. [11] Também sela a paz com os romanos, contentes por, naquele ínterim, terem afastado a guerra com os macedônios. Planejou emboscadas a Filopemene, comandante dos aqueus, o qual – soubera – agitava os ânimos dos aliados em favor dos romanos. Consciente disso e evitando-as, este mesmo obrigou, com sua autoridade, os aqueus a se apartarem daquele.

LIBER XXX

(...)

[2, 8] Morte regis, supplicio meretricum uelut expiata regni infamia legatos Alexandrini ad Romanos misere, orantes ut tutelam pupilli susciperent tuerenturque regnum Aegypti, quod iam Philippum et Antiochum facta inter se pactione diuisisse dicebant.

Livro XXX

(...)

[2, 8] Como se, com a morte do rei¹³⁶ e o suplício da meretriz, fosse expiada a infâmia do reino, os alexandrinos enviam embaixadores aos romanos, pedindo para aceitarem a tutela do órfão e protegerem o reino do Egito, que Filipe e Antíoco já teriam dividido, diziam, por um pacto feito entre si.

¹³⁶ O início do livro XXX é dedicado à vida dissoluta de Ptolomeu IV Filopátor, rei a que este trecho faz referência. Esse mata sua irmã e esposa, Eurídice, por estar encantado por uma cortesã, Agatóclia. Às suas relações, soma-se o irmão desta, Agatocles, passando os dois, junto à sua mãe, Enante, a controlar o governo. Quando Ptolomeu morre, os irmãos conseguem deixar o fato em segredo por algum tempo e planejam tomar o poder de vez, até que são descobertos. Agatocles é morto, e as mulheres, crucificadas.

[3, 1] Grata legatio Romanis fuit causas belli aduersus Philippum quaerentibus, qui insidiatus temporibus belli Punici fuerat. [2] Huc accedebat, quod Poenis et Hannibale superatis nullius magis arma metuebant, reputantibus quantum motum Pyrrus parua Macedonum manu in Italia fecisset, quantasque res Macedones in Oriente gessissent. [3] Mittuntur itaque legati, qui Philippo et Antiocho denuntient, regno Aegypti abstineant. [4] Mittitur et M. Lepidus in Aegyptum, qui tutorio nomine regnum pupilli administret. [5] Dum haec aguntur, interim legationes Attali regis et Rhodiorum iniurias Philippi querentes Romam uenerunt. Quae res omnem cunctationem Macedonici belli senatui eximit. [6] Statim igitur titulo ferendi sociis auxiliis bellum aduersus Philippum decernitur, legionesque cum consule in Macedonia mittuntur. [7] Nec multo post tempore fiducia Romanorum tota Graecia aduersus Philippum spe pristinae libertatis erecta bellum ei intulit; atque ita cum undique rex urgeretur, pacem petere compellitur. [8] Dehinc cum expositae condiciones pacis a Romanis essent, repetere sua et Attalus et Rhodii et Achaei et Aetoli coepere. [9] Contra Philippus adduci se posse, ut Romanis pareat, concedebat; ceterum indignum esse Graecos a Philippo et

[3, 1] A embaixada foi grata aos romanos que buscavam causas para uma guerra contra Filipe, que fora traidor nos tempos da guerra púnica. [2] Somava-se a isto o fato de que, superados os penos e Aníbal, não havia alguém cujas armas temessem mais, considerando quão grande agitação Pirro fizera na Itália com uma pequena tropa de macedônios, e quão grandes feitos realizaram os macedônios no Oriente. [3] E, assim, são enviados embaixadores para que declarem a Filipe e Antíoco que se abstenham do reino do Egito. [4] Também M. Lépido é enviado ao Egito, para que administre, na qualidade de tutor, o reino do órfão. [5] Enquanto essas ações se sucedem, entretanto, chegaram a Roma embaixadas do rei Átalo e dos ródios, queixando-se das injúrias de Filipe. Este fato livra o senado de toda a incerteza sobre a guerra com os macedônios. [6] Então, em seguida, a título de levar auxílios aos aliados, é decretada guerra contra Filipe, e as legiões são enviadas com um cônsul¹³⁷ para Macedônia. [7] E, não muito tempo depois, toda a Grécia, por confiança nos romanos, açulada pela esperança de sua antiga liberdade, levou guerra contra Filipe; e, assim, como o rei fosse atormentado por todos os lados, é compelido a pedir a paz. [8] Depois, quando as condições da paz foram propostas pelos romanos, Átalo, os ródios, os aqueus e os etólios começaram a reclamar suas posses. [9] Por outro lado, Filipe admitia poder ser convencido a se sujeitar aos romanos; mas seria indigno que os gregos, vencidos por Filipe e Alexandre, seus próprios antepassados, e submetidos ao jugo da soberania macedônica, apontassem a ele os termos de paz, como se vencedores; os quais, primeiro, deveriam prestar conta de sua servidão, antes de reivindicar sua

¹³⁷ Segundo Castro Sánchez (2008, p. 406), o cônsul seria Públio Sulpício Galba Máximo.

Alexandro, maioribus suis, uictos et sub iugum Macedonici imperii subactos ueluti uictores leges pacis sibi dicere, quibus prius sit seruitutis ratio reddenda quam libertas uindicanda. [10] Ad postremum tamen petente eo indutiae duorum mensium datae, ut pax, quae in Macedonia non conueniebat, Romae a senatu peteretur.

[4, 1] Eodem anno inter insulas Theram et Therasiam medio utriusque ripae maris spatio terrae motus fuit, [2] in quo cum admiratione nauigantium repente ex profundo cum calidis aquis insula emersit. [3] In Asia quoque eadem die idem motus terrae Rhodum multasque alias ciuitates grauis ruinarum labe concussit, quasdam solidas absorcuit. [4] Quo prodigio territis omnibus uates cecinere, oriens Romanorum imperium uetus Graecorum ac Macedonum uoraturum. [5] Interim a senatu repudiata pace Philippus in societatem belli Nabim tyrannum sollicitat. [6] Atque ita cum in aciem exercitum instructis e diuerso hostibus produxisset, hortari suos coepit referendo Persas, Bactros Indosque et omnem Asiam Orientis fine a Macedonibus perdomitam; [7] tantoque hoc bellum fortius quam illa sustinendum, quanto sit imperio libertas carior. [8] Sed et Flamininus, Romanus consul, relatione rerum gestarum recentissime suos stimulabat in proelium, ostendendo hinc Karthaginem cum Sicilia, inde Italiam et Hispaniam Romana uirtute

liberdade. [10] Por fim, entretanto, a pedido dele, foi dada uma trégua de dois meses, para que a paz, que não foi concluída na Macedônia, fosse pedida ao senado de Roma.

[4, 1] Naquele mesmo ano, entre as ilhas de Tera e Tesaria, no meio do mar, a uma distância igual entre as margens, houve um terremoto, [2] a partir do que, para a admiração dos navegantes, de repente, emergiu do fundo, junto a águas quentes, uma ilha. [3] Também na Ásia, naquele mesmo dia, o mesmo terremoto sacudiu, com um desastre de violentas destruições, Rodes e muitas outras cidades; engoliu algumas inteiras. [4] Aterrorizados todos por esse prodígio, os vates profetizaram que o nascente império dos romanos devoraria o antigo dos gregos e dos macedônios. [5] Entrementes, repudiada a paz pelo senado, Filipe atrai o tirano Nábis para uma aliança de guerra. [6] E, assim, quando conduzia o exército à linha de batalha, com o inimigo organizado no lado oposto, começa a exortar os seus, pelo argumento de que os persas, os bactras, os indos e toda a Ásia, até os confins do Oriente, foram dominados pelos macedônios, [7] e que deviam se incumbir desta guerra com tão mais força do que daquelas, quando a liberdade é tão mais cara do que a soberania. [8] Mas, também Flaminino, cônsul romano, animava os seus à batalha com o relato de feitos mais recentes, ostentando, de um lado, Cartago junto à Sicília, de outro, a Itália e a Hispânia subjugadas pela virtude romana. [9] E (dizia) que, certamente, nem deveria ser colocado abaixo de Alexandre, o Grande, Aníbal, o

perdomitas. [9] Ne Hannibalem quidem Alexandro Magno postponendum, quo Italia pulso Africam ipsam, tertiam partem mundi, superauerint. [10] Sed nec Macedonas ueteri fama, sed praesentibus uiribus aestimandos, [11] quia non cum Alexandro Magno, quem inuictum audiant, nec cum exercitu eius, qui totum Orientem deuicerit, bellum gerant, sed cum Philippo, puero immaturae aetatis, [12] qui regni terminos aduersus finitimos aegre defendat, et cum his Macedonibus, qui non ita pridem praedae Dardanis fuerint. [13] Illos maiorum decora, se suorum militum commemorare. [14] Non enim alio exercitu Hannibalem et Poenos et totum ferme Occidentem, sed his ipsis, quos in acie habeat, militibus subactos. [15] His adhortationibus utrimque concitati milites proelio concurrunt, alteri Orientis, alteri Occidentis imperio gloriantes, ferentesque in bellum alii maiorum suorum antiquam et obsoletam gloriam, alii uirentem recentibus experimentis uirtutis florem. [16] Sed Macedonas Romana Fortuna uicit. [17] Fractus itaque bello Philippus pace a Flaminio consule petita nomen quidem regium retinuit, sed omnibus Graeciae urbibus, uelut regni membris extra terminos

qual, tendo sido expulso da Itália, (os romanos) teriam vencido a própria África, terceira parte do mundo. [10] Mas que os macedônios não deveriam ser avaliados por sua antiga fama, mas pelas presentes forças, [11] porque não guerreiam com Alexandre, o Grande, de quem ouviam ser invicto, nem com o exército dele, que teria derrotado todo o Oriente, mas com Filipe, um jovem de idade imatura¹³⁸, [12] o qual dificilmente defendia suas fronteiras contra os vizinhos, e com estes macedônios, que, então, há pouco tempo, teriam sido pilhagem dos dárdanos; [13] que aqueles relembavam as conquistas de seus antepassados, ele, as de seus próprios soldados; [14] que, de fato, não foi com outro exército que Aníbal, os penos e quase todo o Ocidente foram submetidos, mas com estes mesmos soldados que tinha em linha de batalha. [15] Animados e excitados uns e outros soldados, acorrem à batalha, se vangloriando uns pela soberania do Oriente, outros, do Ocidente, e levando à guerra uns, a antiga e obsoleta glória de seus antepassados, outros, a flor de sua virtude, vicejante com as experiências recentes. [16] Mas a sorte romana venceu os macedônios. [17] E, assim, enfraquecido pela guerra, Filipe, pedida a paz ao cônsul Flaminio, manteve, de fato, o título de rei, mas, perdidas todas as cidades da Grécia, como membros do reino fora dos limites de sua antiga posse, manteve somente a Macedônia. [18] Contudo, os etólios, ofendidos porque, conforme o julgamento deles, a Macedônia não teria sido tirada do rei e dada a eles como prêmio de guerra, enviam embaixadores a

¹³⁸ Embora fosse considerado jovem quando assumiu o poder, a esta altura, Filipe, na verdade, já tinha por volta de quarenta anos, sendo então mais velho do que era Alexandre, o Grande, quando este morreu. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) considera a passagem uma construção retórica comum. Além disso, a estudiosa aponta, em sua edição, que alguns manuscritos trazem *uiro* (homem) no lugar de *puero*, o que não gera tanta diferença de sentido na tradução, já que a adjetivação permanece.

antiquae possessionis, amissis solam Macedoniam retinuit. [18] Offensi tamen Aetoli, quia non arbitrio eorum Macedonia quoque adempta regi et data sibi in praemium belli esset, legatos ad Antiochum mittunt, qui eum adulatione magnitudinis in Romana bella spe societatis uniuersae Graeciae inpellerent.

Antíoco, para que, com a adulação da grandeza dele, impelissent, com a esperança de uma aliança com a Grécia inteira, uma guerra aos romanos.

LIBER XXXI

[1, 1] Mortuo Ptolomeo Philopatore, rege Aegypti, contemptaque paruuli filii eius aetate, qui in spem regni relictus praeda etiam domesticis erat, Antiochus, rex Syriae, occupare Aegyptum statuit. [2] Itaque Phoenicen ceterasque Syriae quidem, sed iuris Aegypti ciuitates cum inuasisset, legatos ad eum senatus mittit, qui denuntiarent ei, abstineret regno pupilli postremis patris precibus fidei suae traditi. [3] Quibus spretis interiecto tempore alia legatio superuenit, quae omissa pupilli persona ciuitates iure belli factas populi Romani in integrum restitui iubebat. [4] Abnuenti bellum denuntiatum, quod ille facile susceptum infeliciter gessit. [5] Eodem tempore et Nabis tyrannus multas Graeciae ciuitates occupauerat. [6] Igitur senatus, ne uno tempore duplici bello Romanae uires detinerentur, scripsit Flaminino, si ei uideatur, sicuti Macedoniam a Philippo, ita et Graeciam a Nabide liberet. [7] Ob quam

Livro XXXI

[1, 1] Morto Ptolomeu Filópator, rei do Egito, e desdenhada a idade do pequenino filho dele – o qual, deixado com a esperança de reinar, era presa até de seu círculo doméstico –, Antíoco, rei da Síria, decidiu ocupar o Egito. [2] E, assim, como invadia a Fenícia e as outras cidades, certamente, da Síria, mas sob a jurisdição do Egito, o senado envia-lhe embaixadores, para que lhe declarassem que se abstivesse do reino de seu pupilo, entregue à sua confiança pelas últimas preces do pai. [3] Tendo sido menosprezados, passado algum tempo, sobrevém uma outra embaixada, a qual, omitida a pessoa do pupilo, ordenava que fossem restituídas, em sua integridade, as cidades feitas dos romanos pela lei da guerra. [4] Recusando-se, declaram-lhe guerra, a qual, recebida com facilidade, ele travou sem bom resultado. [5] Na mesma época, também o tirano Nábis ocupara muitas cidades da Grécia. [6] Então, o senado, para que as forças romanas não fossem detidas em duas guerras a um só tempo, escreveu a Flaminino que se bem lhe parecesse, libertasse, como a Macedônia de Filipe, assim também a Grécia de Nábis. [7] Por esse motivo, o comando dele foi prorrogado. Certamente, o que fazia a guerra de Antíoco terrível era o nome de

causam imperium ei prorogatum. Terribile quippe Antiochi bellum Hannibalis nomen faciebat, quem aemuli eius occultis mandatis cum Antiocho inisse societatem apud Romanos criminabantur, [8] negantes eum aequo animo sub legibus uiuere adsuetum imperio et inmoderata licentia militari; semperque taedio quietis urbanae nouas belli causas circumspicere. [9] Quae etsi falsa nuntiata fuissent, apud timentes tamen pro ueris habebantur.

[2, 1] Denique senatus metu perculsus ad speculandos actus Hannibalis legatum in Africam Cn. Seruilius mittit eique tacitis mandatis praecipit, ut, si posset, eum per aemulos eius interficeret metuque inuisi nominis tandem populum Romanum liberaret. [2] Sed res Hannibalem non diu latuit, uirum ad prospicienda cauendaque pericula paratum nec minus in secundis aduersa quam in aduersis secunda cogitantem. [3] Igitur cum tota die in oculis principum legatique Romani in foro Karthaginensium obuersatus in supremum fuisset, adpropinquante uespere equum conscendit et rus urbanum, quod propter litus maris habebat, ignaris seruis iussisque ad portam reuertentem opperiri, contendit. [4] Habebat ibi naues cum remigibus occulto sinu litoris absconditas; erat et grandis in eo agro pecunia praeparata, ut, cum res exegisset, nec facultas fugam nec inopia moraretur. [5] Lecta igitur seruorum

Aníbal, a quem os rivais dele, sob ordens ocultas, acusavam, perante os romanos, de ter começado uma aliança com Antíoco, [8] dizendo que ele, acostumado com o mando e a liberalidade imoderada do serviço militar, não vivia com um ânimo igual sob as leis; e, sempre, com o tédio do repouso urbano, consideraria novas causas para uma guerra. [9] Ainda que essas informações fossem falsas, contudo, eram tidas como verdadeiras junto aos que temiam.

[2, 1] Por fim, o senado, abalado pelo medo, envia, como embaixador, Cn. Servílio à África, para observar os atos de Aníbal e o instrui com ordens secretas para que, se pudesse, o matasse por meio dos rivais dele e libertasse a população romana do medo do nome odiado. [2] Mas isso não ficou escondido de Aníbal por muito tempo, homem preparado para prever e evitar perigos, pensando não menos nas adversidades durante a prosperidade, do que nas prosperidades durante a adversidade. [3] Então, embora tenha estado visível aos olhos dos nobres e do embaixador romano no fórum dos cartagineses, durante o dia todo, até seu fim, ao chegar a noite, monta um cavalo e põe-se a caminho de uma quinta que tinha próxima à beira-mar, nos arredores da cidade, com seus servos, que nada sabiam, ordenados a esperar à porta que ele retornasse. [4] Tinha, ali, naus escondidas com remeiros em uma curva oculta do litoral; naquele campo, também estava preparada uma grande quantidade de dinheiro, para que, quando a circunstância exigisse, nem os meios, nem a penúria tardasse a fuga. [5] Então, escolhida a juventude entre os servos, cujo número aumentava com um grupo de prisioneiros itálicos, embarca em uma nau e

iuuentute, quorum copiam Italicorum captiuorum numerus augebat, nauem conscendit cursumque ad Antiochum dirigit. [6] Postera die ciuitas principem suum ac tum temporis consulem in foro expectabat. [7] Quem ut profectum nuntiatum est, non aliter quam si urbs capta esset, omnes trepidauere exitiosamque sibi fugam eius ominati sunt. [8] Legatus uero Romanus, quasi iam bellum inlatum Italiae ab Hannibale esset, tacitus Romam regreditur trepidumque nuntium refert.

[3, 1] Interim in Graecia Flamininus iuncta cum quibusdam ciuitatibus societate Nabidem tyrannum duobus continuis proeliis subigit et grauibz pacis legibus fractum uelut exsanguem in regno reliquit. [2] Sed libertate Graeciae restituta deductisque ab urbibus praesidiis, cum Romanus exercitus in Italiam reportatus esset, uelut uacua rursus possessione sollicitatus multas ciuitates repentino bello inuasit. [3] Quibus rebus exterriti Achaei, ne uicinum malum etiam ad se serperet bellum aduersus Nabidem decernunt ducemque praetorem suum Philopoemenem, insignis industriae uirum, constituunt, [4] cuius in eo bello tanta uirtus enituit, ut opinione omnium Flaminino, Romano imperatori, conpararetur. [5] Eodem tempore Hannibal, cum ad Antiochum peruenisset, uelut deorum munus

dirige seu curso até Antíoco. [6] No dia seguinte, a cidade esperava, no fórum, seu nobre e, naquele tempo, côsul¹³⁹. [7] Quando foi anunciado que ele tinha partido, não de outro modo, como se a cidade tivesse sido capturada, todos estremeceram e pressagiaram que a fuga dele lhes seria funesta. [8] Porém, o embaixador romano, como se a guerra já tivesse sido levada à Itália por Aníbal, retorna, em segredo, a Roma e relata a notícia inquietante.

[3, 1] Enquanto isso, na Grécia, Flaminino, selada uma aliança com algumas cidades, sujeitou o tirano Nábis em duas batalhas consecutivas e, alquebrado pelos duros termos de paz, deixou-o em seu reino, como se exangue. [2] Mas, restituída a liberdade da Grécia e retiradas as defesas das cidades, tendo o exército romano retornado à Itália, (Nábis), como se atraído por um vão desejo de posse renovado, atacou muitas cidades com uma guerra repentina. [3] Os aqueus, atemorizados por essas ações, para que o mal vizinho não serpenteasse também até eles, declaram guerra contra Nábis e instituem, como comandante, seu pretor Filopemene, homem de notável habilidade, [4] cuja virtude tanto brilhou naquela guerra, que, na opinião de todos, era comparado a Flaminino, general romano. [5] Ao mesmo tempo, Aníbal, que chegara ao reino de Antíoco, é recebido como um presente dos deuses, [6] e um tamanho ardor de ânimo se inflamou com a vinda dele que não considerara tanto a guerra, quanto o prêmio da vitória. [7] Mas Aníbal, a quem era

¹³⁹ Conforme aponta Castro Sánchez (2008, p. 413), Justino utiliza equivalentes latinos para os cargos; em Cartago, o termo utilizado seria sufete.

excipitur, [6] tantusque eius aduentu ardor animis regis accessit ut non tam de bello quam de praemiis uictoriae cogitaret. [7] Sed Hannibal, cui nota Romana uirtus erat, negabat opprimi Romanos nisi in Italia posse. [8] Ad hoc sibi centum naues et decem milia peditum mille equitum poscebat, promittens hac manu non minus bellum quam gesserit Italiae restauraturum [9] et in Asia regi sedenti aut uictoriam de Romanis aut aequas pacis condiciones relaturum; [10] quippe et Hispanis bello flagrantibus ducem tantum deesse, et Italiam notiores sibi nunc quam pridem fuisse; sed nec Karthaginem quieturam sociamque se ei sine mora praebituram.

[4, 1] Cum regi consilia placuisset, mittitur Karthaginem unus ex comitibus Hannibalis, qui in bellum cupidos hortetur Hannibalemque cum copiis adfuturum nuntiet; nihil dicat partibus nisi animos Karthaginensium deesse: Asiam et uires belli et sumptum praebituram. [2] Haec cum relata Karthaginem essent, nuntius ipse ab inimicis Hannibalis comprehenditur perductusque in senatum cum interrogaretur, ad quem missus esset, Punico ingenio respondit se ad uniuersum senatum missum; nec enim opus hoc singulorum, sed uniuersorum esse. [3] Dum multis diebus deliberant, an eum Romam ad purgandam publicam conscientiam mittant, tacitus conscensa naue ad Hannibalem reuertitur.

conhecida a virtude romana, negava ser possível que os romanos fossem esmagados senão na Itália. [8] Para isso, reclamava para si cem naus, dez mil soldados de infantaria e mil de cavalaria, prometendo, com essa tropa, recomeçar uma guerra não menor do que aquela que travara na Itália [9] e que, permanecendo o rei na Ásia, lhe levaria ou a vitória sobre os romanos, ou condições de paz favoráveis; [10] certamente, também faltava apenas um comandante aos hispanos, inflamados pela guerra, e a Itália lhe era mais conhecida agora do que antes; e nem Cartago ficaria imóvel e, sem demora, se ofereceria a ele como aliada.

[4, 1] Como os planos tinham agradado ao rei, um dos companheiros de Aníbal é enviado a Cartago, para que exorte à guerra os que a desejam, e anuncie que Aníbal estará presente com um contingente; diga-se nada faltar aos envolvidos senão os ânimos dos cartagineses: a Ásia ofereceria, à guerra, os homens e também o custeio. [2] Quando essas coisas foram relatadas em Cartago, o próprio mensageiro foi capturado pelos inimigos de Aníbal e, levado ao senado, tendo-lhe sido interrogado a quem ele fora enviado, respondeu, com púnico engenho, que fora enviado ao senado todo; e, de fato, esta não era uma obra de indivíduos isolados, mas de todos. [3] Enquanto deliberavam, por muitos dias, se o enviariam a Roma para limpar a consciência pública, em segredo, tendo embarcado em uma nau, retorna a Aníbal. Ao saberem disso, os cartagineses submetem voluntariamente o assunto a Roma por meio de um embaixador. [4] Também os romanos enviaram embaixadores a Antíoco,

Quo cognito Karthaginienses ultro rem Romam per legatum deferunt. [4] Romani quoque legatos ad Antiochum misere, qui sub specie legationis et regis apparatus specularentur et Hannibalem aut Romanis mitigarent aut adsiduo conloquio suspectum inuisumque redderent regi. [5] Itaque legati cum Ephesi conuenissent Antiochum, mandata ei senatus tradunt. [6] Dum responsum expectant, omnibus diebus adsidui circa Hannibalem fuere, dicentes eum timide a patria recessisse, cum pacem Romani non tam cum re publica eius quam cum eo factam summa fide custodiant; [7] nec bella eum Romanorum magis odio quam patriae amore gessisse, cui ab optimo quoque etiam spiritus ipse debeatur. Has enim publicas inter populos, non priuatas inter duces bellandi causas esse. Inde res gestas eius laudare. [8] Quarum sermone laetus saepius cupidiusque cum legatis conloquebatur, ignarus quod familiaritate Romana odium sibi apud regem crearet. [9] Quippe Antiochus tam adsiduo conloquio reconciliatam eius cum Romanis gratiam existimans nihil ad eum, sicuti solebat, referre, expertemque totius consilii et ueluti hostem proditoremque suum odisse coepit. Quae res tantum apparatus belli cessante imperatoria arte corruptit. [10] Senatus mandata fuerant, contentus terminis Asiae esset, ne ipsis Asiam ingrediendi necessitatem inponeret.

para que, na condição de embaixada, observassem o preparativo do rei e, ou amansassem Aníbal quanto aos romanos, ou o tornassem suspeito e detestável ao rei pelas conversas frequentes. [5] E, assim, quando os embaixadores se encontraram com Antíoco em Éfeso, entregaram a ele as recomendações do senado. [6] Enquanto esperam sua resposta, todos os dias, ficaram em torno de Aníbal, dizendo-lhe que tinha se retirado de sua pátria por temor, enquanto os romanos conservavam, com suma lealdade, a paz selada não tanto com a república dele quanto com ele mesmo; [7] e que também ele guerreava não mais por ódio aos romanos quanto por amor à pátria, à qual aquele dentre os melhores devia também a própria vida. De fato, as causas para as guerras eram questões públicas entre os povos, não privadas entre comandantes. Daí, louvaram os feitos dele. [8] Feliz com a conversação sobre esses assuntos, com mais empenho falava com os embaixadores, sem saber que, com a familiaridade romana, gerava o ódio do rei a si mesmo. [9] Certamente, Antíoco, julgando que, com fala tão assídua, fora reconciliada a benevolência daquele com os romanos, nada referia a ele como costumava e, excluído de todos os seus planos, começou a ser odiado como se fosse seu inimigo e traidor. Este ato corrompeu tão grandes preparativos de guerra ao falhar a perícia do general. [10] As recomendações do senado foram que ficasse contente com os limites da Ásia, para que não os obrigasse à necessidade de ingressar na Ásia. Tendo-as desprezado, decidiu não aceitar a guerra, mas suscitá-la.

Quibus spretis non accipiendum bellum statuit, sed inferendum.

[5, 1] Dicitur, cum frequenter de bello consilium remoto Hannibale habuisset, tandem eum uocari iussisse, non ut ex sententia eius aliquid ageret, sed ne per omnia spreuisse uideretur, omnibusque perrogatis postremum interrogasse. [2] Quo ille animaduerso intellegere se professus est, non quia egeat consilio, sed ad supplendum numerum sententiarum se uocatum; tamen et odio Romanorum et amore regis, apud quem solum tutum exilium sibi relictum sit, se uiam gerendi belli edisserturum. [3] Veniam deinde libertati praefatus nihil se aut consiliorum aut coeptorum praesentium probare ait, neque sedem belli Graeciam sibi placere, cum Italia uberior materia sit; [4] quippe Romanos uinci non nisi armis suis posse nec Italiam aliter quam Italicis uiribus subigi; siquidem diuersum ceteris mortalibus esse illud et hominum et belli genus. [5] Aliis bellis plurimum momenti habere priorem aliquam cepisse occasionem loci temporisque, agros rapuisse, urbes aliquas expugnasse; cum Romano, seu occupaueris prior aliqua seu uiceris, tamen etiam cum uicto et iacente luctandum esse. [6] Quam ob rem siquis eos in Italia lacesat, suis eos opibus, suis uiribus, suis armis posse uincere, sicut ipse fecerit. [7] Sin uero quis illis Italia uelut fonte uirium cesserit, proinde falli ac si quis amnes non ab

[5, 1] Diz-se que, após realizar o conselho de guerra, frequentemente, com Aníbal estando afastado, enfim, mandou chamá-lo, não para agir de modo algum conforme a decisão dele, mas para não parecer que o rejeitava totalmente, e, tendo perguntado a todos, interroga-o por último. [2] Ele, ao perceber isso, declarou compreender que fora chamado não porque precisava de seu plano, mas para completar o número de decisões; porém, por ódio aos romanos e também por amor ao rei, o único junto ao qual lhe fora concedido um exílio seguro, demonstraria a via para guerrear. [3] Depois, pedindo, primeiro, benevolência por sua franqueza, fala que não aprovava plano ou projeto algum dos presentes e que não lhe agradava a Grécia ser a sede da guerra, quando, na Itália, haveria oportunidade mais proveitosa; [4] porque os romanos não poderiam ser vencidos senão com suas próprias armas, nem a Itália ser submetida por outra força que não as dos itálicos, visto que aquela categoria de guerra e também de homens era diversa do restante dos mortais. [5] Em outras guerras, teria muito mais importância aproveitar qualquer primeira ocasião de lugar e de tempo, arrebatando os campos, tomar de assalto algumas cidades; contra o romano, quer primeiro ocupe (suas terras) de algum modo, quer o vença, contudo, ainda terá que lutar mesmo com o vencido e o abatido. [6] Por isso que, se alguém os atacar na Itália, eles podem ser derrotados com seus próprios recursos, suas próprias forças, suas próprias armas, assim como ele mesmo fizera. [7] Se, porém, alguém lhes tiver deixado a Itália como uma fonte de poder, engana-se tal qual alguém que queira desviar as correntes não a partir de suas próprias fontes, mas as redirecionar ou estancar já no

ipsis fontium primordiis deriuare, sed concretis iam aquarum molibus auertere uel exsiccare uelit. [8] Haec et secreto se censuisse ultroque ministerium consilii sui obtulisse, et nunc praesentibus amicis ideo repetisse, ut scirent omnes rationem gerendi cum Romanis belli, eosque foris inuictos, domi fragiles esse. [9] Nam prius illos urbe quam imperio, prius Italia quam prouinciis exui posse; quippe et a Gallis captos et a se prope deletos esse; neque umquam se uictum prius quam terris eorum cesserit; reuerso Karthaginem statim cum loco fortunam belli mutatam.

[6, 1] Huic sententiae obtrectatores amici regis erant, non utilitatem rei cogitantes, sed uerentes ne probato consilio eius primum apud regem locum gratiae occuparet. [2] Et Antiocho non tantum consilium quam auctor displicebat, ne gloria uictoriae Hannibalis, non sua esset. [3] Omnia igitur uariis adsentationum adulationibus corrumpebantur, nihil consilio uel ratione agebatur. Rex ipse per hiemem in luxuriam lapsus nouis cotidie nuptiis deditus erat. [4] Contra Acilius, Romanus consul, qui ad hoc bellum missus erat, copias, arma ceteraque bello necessaria summa industria parabat, ciuitates socias confirmabat, dubias inliciebat; nec alius exitus belli quam adparatus utriusque partis fuit. [5] Itaque

grosso das águas. [8] Ele tinha dado esse parecer em segredo e oferecido, além disso, a assistência de seu plano, e, por isso, agora, o tinha repetido com os amigos estando presentes, para que todos soubessem o método para se guerrear contra os romanos, e que aqueles que eram invictos no exterior, eram frágeis em casa. [9] Com efeito, eles poderiam ser privados, primeiro, da urbe do que do império; primeiro, da Itália do que das províncias, porque foram capturados pelos gauleses e quase destruídos por ele – ele que não fora nunca vencido antes de ter abandonado as terras deles¹⁴⁰; de volta a Cartago, logo, mudou-se, como o lugar, a sorte da guerra.

[6, 1] Os amigos do rei eram contrários a essa decisão, considerando não a utilidade da ideia, mas temendo que, aprovado o plano, ele ocupasse lugar principal junto ao rei. [2] E não tanto o plano quanto o autor desgostava a Antíoco, porque a glória da vitória seria de Aníbal, não sua. [3] Então, tudo seria prejudicado pelas diversas adulações dos que o lisonjeiam; nada seria feito conforme o plano ou a prudência. O próprio rei, durante o inverno, caído na luxúria, estava entregue, a cada dia, a novas núpcias. [4] Por outro lado, Acílio, cônsul romano que fora enviado para essa guerra, preparava, com suma habilidade, tropas, armas e o restante necessário para a guerra, confirmava as cidades aliadas, cativava as titubeantes; e o êxito na guerra não foi outro do que o preparado por uma e outra parte. [5] E, assim, no primeiro confronto da guerra, quando o rei percebeu os seus recuando, não levou auxílio aos que se fadigavam, mas se apresentou como o líder dos que fugiam e

¹⁴⁰ É possível que haja aqui uma ambiguidade, e *eorum* se refira aos cartagineses.

prima belli congressione cum cedentes suos rex cerneret, non laborantibus auxilium tulit, sed fugientibus se ducem praebuit castraque ditia uictoribus relinquit. [6] Deinde cum in Asiam praeda Romanis occupatis fugiendo peruenisset, paenitere neglecti consilii coepit reuocatoque in amicitiam Hannibale omnia ex sententia eius agere. [7] Interim nuntiatur ei Liuium, Romanum ducem, cum LXXX rostratis nauibus in bellum nauale a senatu missum aduentare; quae res spem illi restituendae fortunae dedit. [8] Itaque priusquam sociae ciuitates ad hostes deficerent, decernere nauali proelio statuit, sperans cladem in Graecia acceptam noua posse uictoriae gloria aboleri. [9] Tradita igitur Hannibali classe proelium committitur. Sed neque Asiani milites Romanis neque naues eorum pares rostratis nauibus fuere; minor tamen clades ducis sollertia fuit. [10] Romam nondum opinio uictoriae uenerat et idcirco in consulibus creandis suspensa ciuitas erat.

[7, 1] Sed aduersus Hannibalem ducem quis melius quam Africani frater crearetur, cum uincere Poenos opus Scipionum esset? [2] Creatur igitur consul Lucius Scipio, eique datur legatus frater Africanus, ut intellegeret Antiochus non maiorem fiduciam se in Hannibale uicto quam Romanos in uictore Scipione habere. [3] Traicientibus in Asiam Scipionibus exercitum iam utrobique profligatum bellum nuntiatum est, uictumque

deixou, aos vencedores, seu rico acampamento. [6] Depois, ocupados os romanos com a pilhagem, quando, fugindo, chegou à Ásia, começou a lamentar o plano negligenciado e, tendo chamado Aníbal de volta à sua amizade, faz tudo conforme o conselho dele. [7] Entrementes, é anunciado a ele que Lívio, comandante romano enviado pelo senado para um combate naval, se aproxima com oitenta naus armadas; tal informação lhe deu a esperança de que sua sorte deveria ser restaurada. [8] E, assim, antes que as cidades aliadas desertassem para o lado inimigo, decidiu pôr um fim ao combate naval, esperando que a derrota na Grécia pudesse ser apagada com a nova glória de uma vitória. [9] Então, confiada uma tropa a Aníbal, tem início a batalha, mas os soldados asiáticos não foram iguais aos romanos, nem as naus deles às naus armadas; a derrota, contudo, foi menor pela engenhosidade do comandante. [10] O rumor da vitória ainda não chegara a Roma e, por isso, a cidade estava incerta quanto à eleição dos cônsules.

[7, 1] Mas quem melhor seria eleito comandante contra Aníbal do que o irmão de Africano, quando era trabalho dos Cipiãoes vencer os penos? [2] Então, Lúcio Cipião é eleito cônsul, e seu irmão, Africano, lhe é outorgado como embaixador, para que Antíoco compreendesse que não haveria para si maior confiança no vencido Aníbal do que para os romanos no vitorioso Cipião. [3] Enquanto os Cipiãoes levam o exército à Ásia, anunciou-se que a guerra já fora terminada de um e outro lado, e encontraram Antíoco vencido na guerra terrestre, Aníbal na naval. [4] Então, com a sua chegada, Antíoco,

Antiochum terrestri, Hannibalem nauali bello inuenerunt. [4] Primo igitur aduentu eorum legatos pacem petentes Antiochus ad eos mittit peculiare donum Africano ferentes filium ipsius, quem rex paruo nauigio traicientem ceperat. [5] Sed Africanus priuata beneficia a rebus publicis secreta dixit, aliaque esse patris officia, alia patriae iura, quae non liberis tantum, uerum etiam uitae ipsi praeponantur. [6] Proinde gratum se munus accipere priuatoque inpendio munificentiae regis responsurum. Quod ad bellum pacemque pertineat, nihil neque gratiae dari neque de iure patriae decidi posse respondit. [7] Nam neque de redimendo filio umquam tractauit nec senatum de eo agere permisit, sed, ut dignum maiestate eius erat, armis se recepturum dixerat. [8] Post haec leges pacis dicuntur: ut Asia Romanis cederet, contentus Syriae regno esset, naues uniuersas, captiuos et transfugas traderet sumptumque omnem belli Romanis restitueret. [9] Quae cum nuntiata Antiocho essent, nondum ita uictum se esse respondit, ut spoliari se regno pateretur, bellicae ea inritamenta, non pacis

imediatamente, lhes envia embaixadores pedindo a paz, trazendo a Africano, como presente particular, o próprio filho dele, a quem o rei tinha capturado ao se transferir para um pequenino barco. [5] Mas Africano disse que os favores pessoais eram distintos dos assuntos públicos, e uns seriam os deveres de pai, outros os direitos da pátria, que não só antecederiam os filhos como também a própria vida¹⁴¹; [6] que, portanto, agradecido, aceitaria o presente e responderia à generosidade do rei com uma despesa pessoal. Quanto ao que concernia à guerra e à paz, respondeu que nada poderia ser dado como agradecimento nem retirado do direito da pátria. [7] Com efeito, nunca tratou do resgate do filho, nem o senado permitiu que agisse em relação a isso, mas, conforme era próprio à autoridade dele, dissera que o recuperaria pelas armas. [8] Após isso, são ditos os termos da paz: que ele cedesse a Ásia aos romanos; se contentasse com o reino da Síria; entregasse todas as naus, os prisioneiros e os desertores, e restituísse o custo da guerra integralmente aos romanos. [9] Quando esses (termos) foram anunciados a Antíoco, respondeu que ainda não fora vencido ao ponto de que se permitisse ser espoliado de seu reino, e que aquelas eram provocações de guerra, não estímulos para a paz.

¹⁴¹ Conforme aparece também nos versos de Lucílio, que resumem a moral romana: “*uirtus id dare quod re ipsa debetur honori / hostem esse atque inimicum hominum morumque malorum, / contra defensorem hominum morumque bonorum / hos magni facere, his bene uelle, his uiuere amicum, / commoda praeterea patriae prima putare, / deinde parentum, tertia iam postremaque nostra.*”; “virtude é dar aquilo que por si só é devido à honra, / ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus, / e, ao invés, defensor dos homens e costumes bons, a estes prezá-los, a estes querer-lhes bem, ser seu amigo; / e, além disso, pôr em primeiro lugar o bem da pátria, / em segundo o dos pais, e, em terceiro e último, o nosso.” (Lucil. apud Lactant., Div. Instit. 6.5.2. Trad. Maria Helena Rocha Pereira. Grifo nosso).

blandimenta esse.

[8, 1] Igitur cum ab utrisque bellum pararetur ingressique Asiam Romani Ilium uenissent, mutua gratulatio Iliensium ac Romanorum fuit, Iliensibus Aenean ceterosque cum eo duces a se profectos, Romanis se ab his procreatos referentibus; [2] tantaque laetitia omnium fuit, quanta esse post longum tempus inter parentes et liberos solet. [3] Iuuabat Ilienses nepotes suos Occidente et Africa domita Asiam ut auitum regnum uindicare, optabilem Troiae ruinam fuisse dicentes, ut tam feliciter renasceretur. [4] Contra Romanos auitos lares et incunabula maiorum templaque ac deorum simulacra inexplebile desiderium uidendi tenebat. [5] Profectis ab Ilio Romanis Eumenes rex cum auxiliis occurrit, nec multo post proelium cum Antiocho commissum. [6] Cum in dexteriore cornu pulsa legio Romana maiore dedecore quam periculo ad castra fugeret, M. Aemilius, tribunus militum, ad tutelam castrorum relictus armare se milites suos et extra uallum progredi iubet strictisque gladiis fugientibus minari, morituros dicens, ni in proelium reuertantur, infestioraque sua quam hostium castra inuenturos. [7] Adtonita tam ambiguo periculo legio comitantibus commilitonibus, qui fugere eos prohibuerant, in proelium reuertitur, magnaue caede edita initium uictoriae fuit. Caesa hostium L milia, capta XI. [8] Antiocho pacem petenti nihil ad

[8, 1] Então, enquanto um e outro lado se preparava para a guerra, e os romanos, tendo ingressado na Ásia, chegavam a Ílion, houve mútua felicitação entre ílios e romanos, lembrando-se os ílios de Eneias e de outros comandantes que com ele partiram, e os romanos, de que deles foram gerados; [2] foi tão grande a felicidade para todos quanto costuma haver entre pais e filhos, após um longo tempo. [3] Agradava aos ílios que os seus netos, dominados o Ocidente e a África, reivindicassem a Ásia como um antigo reino, dizendo ter sido desejável a ruína de Troia para que renascesse com tamanha felicidade. [4] De sua parte, um desejo de ver os antigos lares, os berços de seus antepassados, os templos e as estátuas dos deuses se apoderou dos romanos. [5] Partindo os romanos de Ílion, o rei Eumênes saiu a seu encontro com auxílios, e, não muito depois, a guerra contra Antíoco foi travada. [6] Como, na ala direita, uma legião romana fugiu para o acampamento com uma vergonha maior do que o perigo, M. Emílio, tribuno militar, deixado para a tutela do acampamento, ordenou seus próprios soldados a se armarem, avançarem para fora da trincheira e ameaçarem os fugitivos com as espadas empunhadas, dizendo que morreriam se não retornassem à batalha e que encontrariam seu próprio acampamento mais hostil do que os inimigos. [7] Espantada a legião pelo perigo dos dois lados, em companhia dos camaradas que os impediam de fugir, retornam à batalha, e, ocorrido um grande massacre, a vitória começou. Foram massacrados cinquenta mil inimigos, onze mil, capturados. [8] Tendo Antíoco pedido a paz, nada foi adicionado às condições anteriores, proclamando Africano que os romanos, se eram vencidos, não diminuía o ânimo, se venciam, não se tornavam

superiores condiciones additum, Africano praedicante, Romanos neque, si uincantur, animis minui neque, si uincant, secundis rebus inolescere. [9] Captas ciuitates inter socios diuisere, muneri Romano aptiorem Asiam quam possessioni uoluptariae iudicantes; quippe uictoriae gloriam Romano nomini uindicandam, opum luxuriam sociis relinquendam.

insolentes pelas circunstâncias favoráveis. [9] Dividiram as cidades capturadas entre os aliados, julgando que a Ásia fosse mais adequada como presente romano do que como posse por prazer, pois, a glória da vitória deveria ser reivindicada pelo nome romano, a luxúria da riqueza deveria ser deixada aos aliados.

LIBER XXXII

Livro XXXII

[1, 1] Aetoli, qui Antiochum in bella Romana inpulerant, uicto eodem soli aduersus Romanos et uiribus in pares et omni auxilio destituti remanserunt; [2] nec multo post uicti libertatem, quam inlibatam aduersus dominationem Atheniensium Spartanorumque inter tot Graeciae ciuitates soli retinuerant, amiserunt. [3] Quae condicio tanto amarior illis, quanto serior fuit, reputantibus tempora illa, quibus tantis Persarum opibus domesticis uiribus restiterint, quibus Gallorum uiolentiam Asiae Italiaeque terribilem Delphico bello fregerint; quae gloriosa recordatio maius desiderium libertatis augebat. (...)

[1, 1] Os etólios, que impeliram Antíoco à guerra romana, com ele vencido, ficaram sozinhos contra os romanos, desiguais em forças e destituídos de todo auxílio; [2] e, não muito depois, vencidos, perderam a liberdade que, sozinhos, entre todas as cidades da Grécia, tinham mantido contra a dominação dos atenienses e dos espartanos. [3] Essa condição foi muito mais amarga para eles quanto mais tardia, refletindo sobre aqueles tempos em que, com as forças internas, resistiram a tão grandes poderios dos persas, em que quebraram, na guerra délfica, a violência dos gauleses, terrível à Ásia e à Itália; essa recordação gloriosa mais aumentava o desejo de liberdade.¹⁴² (...)

[2, 1] Interea in Syria rex Antiochus, cum graui tributo pacis a Romanis uictus oneratus esset, seu inopia pecuniae compulsus seu auaritia sollicitatus, qui sperabat se sub

[2, 1] Entrementes, na Síria, o rei Antíoco, vencido pelos romanos, estando sobrecarregado com seu pesado tributo de paz, ou impelido pela penúria de dinheiro, ou atraído pela avareza, esperava que os

¹⁴² A partir daqui, este parágrafo é dedicado à guerra entre messênios e aqueus, com destaque para a prisão e morte de Filopemene.

specie tributariae necessitatis excusatius sacrilegia commissurum, adhibito exercitu nocte templum Elymaei Iouis adgreditur. [2] Qua re prodita concursu incolarum cum omni milite interficitur. [3] Romae, cum multae Graeciae ciuitates questum de iniuriis Philippi, regis Macedonum, uenissent et disceptatio in senatu inter Demetrium, Philippi filium, quem pater ad satisfaciendum senatui miserat, et legatos ciuitatum esset, turba querelarum confusus adulescens repente obticuit. [4] Tunc senatus uerecundia eius motus, quae probata etiam antea, cum obses Romae esset, omnibus fuerat, causam illi donauit. Atque ita modestia sua Demetrius ueniam patri, non iure defensionis, sed patrocínio pudoris obtinuit, [5] quod ipsum decreto senatus significatum est, ut appareret non tam absolutum regem, quam donatum filio patrem. [6] Quae res Demetrio non gratiam legationis, sed odium obtreptionis comparauit. [7] Nam et apud fratrem Perseu aemulatio illi inuidiam contraxit, et apud patrem nota absolutionis causa offensae fuit, indignante Philippo plus momenti apud senatum personam filii quam auctoritatem patris ac dignitatem regiae maiestatis habuisse. [8] Igitur Perseus perspecta patris aegritudine cotidie absentem Demetrium apud eum criminari et primo inuisum, post etiam suspectum reddere; nunc

sacrilégios que cometeria seriam mais desculpáveis sob o pretexto da necessidade tributária; reunido o exército, ataca, à noite, o templo de Jove Elimeo. [2] Divulgada essa ação, é morto com todos os soldados pelo concurso dos habitantes. [3] Como muitas cidades da Grécia vinham a Roma reclamar das injúrias de Filipe, rei dos macedônios, e havia uma discussão, no senado, entre Demétrio, filho de Filipe, que o pai enviara ao senado para se justificar, e os embaixadores das cidades, o adolescente, confundido pelo turbilhão de queixas, de repente, se calou. [4] Então, o senado, comovido pelo comedimento dele, o qual já antes fora aprovado por todos, quando era refém em Roma, garantiu a ele a causa. E, assim, com sua própria modéstia, Demétrio obteve a graça para o pai, não pela justiça da defesa, mas pelo patrocínio de seu pudor; [5] isso mesmo o senado havia marcado no decreto, para que fosse evidente que não tanto o rei fora absolvido quanto o pai fora recompensado pelo filho. [6] Tal ação não rendeu, a Demétrio, a gratidão da embaixada, mas o ódio do ciúme. [7] Com efeito, somou-se, junto a seu irmão, Perseu, a rivalidade contra ele à inveja, e a carta de absolvição foi motivo de ofensa junto ao pai, se indignando Filipe que a pessoa de seu filho tinha mais efeito, junto ao senado, do que a autoridade do pai e a dignidade da majestade régia. [8] Então, Perseu, reconhecida a repulsa do pai, dia a dia, teria acusado Demétrio, que estava ausente, e o tornou primeiro odioso, depois também suspeito a ele, apontando ora a amizade dos romanos, ora a traição do pai. [9] Por fim, inventa que insídias eram preparadas contra si por ele, apresenta denunciadores como prova de tal ação, suborna testemunhas e comete o delito de

amicitiam Romanorum, nunc prodicionem patris ei obiectare. [9] Ad postremum insidias sibi ab eo paratas confingit, ad cuius rei probationem inmittit indices, testes subornat et facinus, quod obicit, admittit. [10] Quibus rebus compulso ad parricidium patre funestam omnem regiam facit.

[3, 1] Occiso Demetrio sublatoque aemulo non neglegentior tantum Perseus in patrem, uerum etiam contumacior erat, nec heredem regni, sed regem gerebat. [2] His rebus offensus Philippus impatientius in dies mortem Demetrii dolebat, tunc et insidiis circumuentum suspicari, testes indicesque torquere. [3] Atque ita cognita fraude non minus scelere Persei quam innoxia¹⁴⁴ Demetrii morte cruciabatur, peregrissetque ultionem, nisi morte praeuentus fuisset. [4] Nam breui post tempore morbo ex aegritudine contracto decessit, relicto magno belli apparatu aduersus Romanos, quo postea Perseus usus est. [5] Nam et Gallos Scordiscos ad belli societatem perpulerat, fecissetque Romanis graue bellum nisi decessisset. [6] Namque Galli bello aduersus Delphos infeliciter gesto, in quo maiorem uim numinis quam hostium senserant, amisso Brenno duce pars in Asiam, pars in Thraciam extorres fugerant. [7] Inde, per eadem uestigia qua uenerant, antiquam patriam

que o acusa. [10] Impelido o pai ao parricídio¹⁴³ por essas ações, tornou funesto todo o palácio.

[3, 1] Morto Demétrio e eliminado o rival, Perseu era não só mais desleixado como também mais insolente em relação ao pai, e não se portava como o herdeiro do reino, mas como rei. [2] Ofendido por essas ações, Filipe, mais aflito a cada dia, se doía da morte de Demétrio, e, então, suspeitava que fora rodeado de insídias, interrogava os denunciadores e as testemunhas. [3] E, assim, descoberta a transgressão, se torturava não menos pelo crime de Perseu do que pela morte inocente de Demétrio, e teria obtido vingança, se não tivesse sido surpreendido pela morte. [4] Com efeito, pouco tempo depois, morreu de uma enfermidade contraída devido à angústia, tendo deixado um grande preparativo de guerra contra os romanos, que, posteriormente, Perseu usou. [5] Com efeito, também se unira aos gauleses escordiscos em aliança de guerra e teria perpetrado uma dura guerra aos romanos, se não tivesse morrido. [6] E, com efeito, os gauleses, tendo realizado uma guerra contra Delfos¹⁴⁵ sem bons resultados, em que sentiram mais a força do deus do que do inimigo, perdido o comandante Breno, fugiram, expulsos, parte para a Ásia, parte para a Trácia. [7] De lá, voltaram à sua antiga pátria pelos mesmos passos por que haviam vindo. [8] Um de seus grupos

¹⁴³ Cf. nota a 28.2.10.

¹⁴⁴ Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), haveria aqui hipálage, a qual é reproduzida na tradução. Parte dos manuscritos e Ruehl teriam corrigido para *innoxii*.

¹⁴⁵ Justino narra tal conflito em 24.6-8.

repetiuere. [8] Ex his manus quaedam in confluente Danuuii et Sauu consedit Scordiscosque se appellari uoluit. [9] Tectosagi autem cum in antiquam patriam Tolosam uenissent comprehensique pestifera lue essent, non prius sanitatem recuperauere quam, aruspicum responsis moniti, aurum argentumque bellis sacrilegiisque quaesitum in Tolosensem lacum mergerent; [10] quod omne magno post tempore Caepio, Romanus consul, abstulit. Fuere autem argenti pondo centum decem milia, auri pondo quinquies decies centum milia. [11] Quod sacrilegium causa excidii Caepioni exercituique eius postea fuit. Romanos quoque Cimbrici belli tumultus uelut ultor sacrae pecuniae insecutus est. (...)

[4, 1] Igitur Perseus, cum imperio Philippi patris successisset, omnes has gentes aduersus Romanos in societatem belli sollicitabat. [2] Interim inter Prusiam regem, ad quem Hannibal post pacem Antiocho a Romanis datam profugerat, et Eumenen bellum ortum est, quod Prusias Hannibalis fiducia rupto foedere prior intulit. [3] Namque Hannibal, cum ab Antiocho Romani inter ceteras condiciones pacis deditionem eius deposcerent, admonitus a rege in fugam uersus Cretam defertur. [4] Ibi cum diu quietam uitam egisset inuidiosumque se

assentou-se próximo à confluência do Danúbio e do Sava e quis ser chamado de escordiscos. [9] Contudo, os tectoságios, quando chegaram à antiga pátria, Tolosa, foram atacados por uma epidemia mortal, e não recuperaram a saúde antes que, advertidos pela resposta de um arúspice, fossem submergidos, no lago de Tolosa, o ouro e a prata obtidos por meio de guerras e sacrilégios; [10] muito tempo depois, Cepião, cônsul romano, levou tudo embora. Havia, não obstante, cento e dez mil libras¹⁴⁶ de prata e um milhão e meio de libras de ouro. [11] Esse sacrilégio foi, posteriormente, a causa da destruição de Cepião e do exército dele. Também o tumulto da guerra cimbria acometeu os romanos como retaliação pelo dinheiro sagrado.¹⁴⁷ (...)

[4, 1] Então, Perseu, como sucedera a seu pai Filipe na soberania, solicitava a todos esses povos uma aliança de guerra contra os romanos. [2] Entrementes, irrompeu uma guerra entre Eumênes e o rei Prúsias – para junto de quem Aníbal fugira após a paz ser outorgada a Antíoco pelos romanos –, na qual Prúsias, com confiança em Aníbal, foi o primeiro a entrar, rompida a aliança. [3] E, com efeito, como os romanos exigiam de Antíoco, entre outras condições de paz, a entrega dele, Aníbal, aconselhado pelo rei, posto em fuga, transfere-se para Creta. [4] Ali, por um longo tempo, leva uma vida pacífica. Quando se vê sendo odiado devido às suas riquezas excessivas, deposita umas ânforas repletas de chumbo no templo de

¹⁴⁶ Uma libra tem cerca de 327 g.

¹⁴⁷ Neste recorte, omitem-se a narrativa do ataque dos tectoságios aos histros e a origem deste povo, o qual seria descendente dos colcos que foram enviados por Eetes para que buscassem Medeia, quando esta é levada por Jasão.

propter nimias opes uideret, amphoras plumbo repletas in templo Dianae, quasi fortunae suae praesidia, deponit [5] atque ideo nihil de illo sollicita ciuitate, quoniam uelut pignus opes eius tenebat, ad Prusiam contendit, auro suo in statuis, quas secum portabat, infuso, ne conspectae opes uitae nocerent. [6] Dein cum Prusias terrestri bello ab Eumene uictus esset et proelium in mare transtulisset, Hannibal nouo commento auctor uictoriae fuit; quippe omne serpentium genus in fictiles lagoenas coici iussit medioque proelio in naues hostium mittit. [7] Id primum Ponticis ridiculum uisum fictilibus dimicare, qui ferro nequeant. Sed ubi serpentibus coepere naues repleri ancipiti periculo circumuenti hosti uictoriam cesserunt. [8] Quae ubi Romam nuntiata sunt, missi a senatu legati sunt, qui utrumque regem in pacem cogerent Hannibalemque deposcerent. Sed Hannibal re cognita sumpto ueneno legationem morte praeuenit. [9] Insignis hic annus trium toto orbe maximorum imperatorum mortibus fuit, Hannibalis et Philopoemenis et Scipionis Africani. [10] Ex quibus constat Hannibalem nec tum, cum Romano tonantem bello Italia contremuit, nec cum reuersus Karthaginem summum imperium tenuit, aut cubantem cenasse aut plus quam sextario uini indulsisse [11] pudicitiamque eum tantam

Diana, como se para a defesa de sua própria fortuna, [5] e, por isso, estando a cidade com ele nada preocupada, porque tinha as riquezas dele como uma segurança, ele se encaminha até Prúsias, com seu próprio ouro – que levava consigo – fundido em estátuas, para que as riquezas visíveis não prejudicassem sua vida. [6] Depois, quando Prúsias foi vencido por Eumênes em guerra terrestre e tendo transferido a batalha para o mar, Aníbal, com uma nova invenção, foi o autor da vitória, porque ordenou que fosse reunida toda espécie de serpentes em jarros de barro e, no meio da batalha, os joga nas naus dos inimigos. [7] Em princípio, pareceu ridículo aos pânticos combater com barro o que não podiam com o ferro, mas quando as naus começaram a se encher de serpentes, cercados por um duplo perigo, cederam a vitória ao inimigo. [8] Quando isso foi anunciado em Roma, foram enviados, pelo senado, embaixadores, para obrigar um e outro rei à paz e reclamar Aníbal. Contudo, Aníbal, ao saber disso, tendo tomado um veneno, antecipou sua morte à embaixada. [9] Este ano foi notável pela morte de três dos maiores generais de todo o orbe: Aníbal, Filopemene e Cipião Africano. [10] Dentre estes, é evidente que Aníbal, então, nem quando a Itália tremeu com ele retumbando na guerra romana, nem quando, de volta a Cartago, reteve a suma soberania, jantava deitado ou se permitiu mais do que um sextário¹⁴⁸ de vinho, [11] e havia nele tamanho pudor em meio a tantas prisioneiras que qualquer um negaria que (ele) tivesse nascido na África. [12] Certamente, a moderação dele foi tal que, enquanto regia um exército de povos diversos, não foi atacado pelas insídias de seus próprios

¹⁴⁸ Corresponde a 1/6 de um côngio (cerca de 3,5 l), assim, Aníbal bebia não mais do que cerca de 600 ml de vinho.

inter tot captiuas habuisse, ut in Africa natum quiuis negaret. [12] Moderationis certe eius fuit ut, cum diuersarum gentium exercitus rexerit, neque insidiis suorum militum sit petitus umquam neque fraude proditus, cum utrumque hostes saepe temptassent.

soldados, e nunca foi traído com fraude, ainda que os inimigos, muitas vezes, tenham tentado um e outro.

LIBER XXXIII

Livro XXXIII

[1, 1] Minore quidem rerum motu Romani Macedonicum quam Punicum bellum gesserunt, sed tanto clarius quanto nobilitate Macedones Poenos antecesserunt, quippe cum gloria Orientis domiti, tum et auxilio omnium regum iuuabantur. [2] Itaque Romani et legiones plures numero conscripserunt et auxilia a Masinissa, rege Numidarum, et ceteris omnibus sociis acciuerunt, et Eumeni, regi Bithyniae, denuntiatur ut bellum summis uiribus iuuaret. [3] Perso praeter Macedonicum inuictae opinionis exercitum decennis belli sumptus a patre paratus in thesauris et horreis erat. Quibus rebus inflatus oblitus fortunae paternae ueterem Alexandri gloriam considerare suos iubebat. [4] Prima equitum congressio fuit, qua uictor Perses suspensam omnium expectationem in fauorem sui traxit; [5] misit tamen legatos ad consulem qui pacem peterent quam patri suo Romani etiam uicto dedissent, inpenas belli lege uicti

[1, 1] Os romanos, certamente, travaram a guerra macedônica com menos comoção do que a púnica, mas com tanto mais notabilidade quanto nobreza, pois os macedônios eram superiores aos penos, já que tinham as vantagens da glória de terem dominado o Oriente e, então, do auxílio de todos os reis. [2] E, assim, os romanos alistaram um número maior de legiões, convocaram os auxílios de Masinissa, rei dos númidas, e de todos os outros aliados e mandaram Eumênes, rei da Bitínia¹⁴⁹, apoiar a guerra com suas melhores tropas. [3] Perseu, além do exército macedônico de fama invicta, munido por seu pai, estava preparado em tesouros e grãos para dez anos de guerra. Por isso, pretensioso, esquecida a sorte paterna, ordenava aos seus que pensassem na glória de Alexandre. [4] O primeiro ataque foi da cavalaria, em que Perseu, vitorioso, atraiu a seu favor a expectativa incerta de todos; [5] enviou, contudo, embaixadores ao cônsul para pedir a paz que também os romanos tinham concedido a seu pai vencido; pagaria as despesas da guerra pela lei dos vencidos. Mas o cônsul P. Licínio disse que as leis não seriam menos duras do que (as aplicadas) a um vencido. [6] Enquanto essas ações se

¹⁴⁹ Eumênes II era rei do Pérgamo, conforme aparece em 32.4.2, e não da Bitínia.

suscepturus. Sed consul P. Licinius non minus graues quam uicto leges dixit. [6] Dum haec aguntur, metu tam periculosi belli Romani Aemilium Paulum consulem creant eique extra ordinem Macedonicum bellum decernunt; qui cum ad exercitum uenisset, non magnam moram pugnae fecit. [7] Pridie quam proelium consereretur luna nocte defecit, id portentum Perso omnibus praesagantibus finemque Macedonici regni portendi uaticinantibus.

[2, 1] In ea pugna M. Cato, oratoris filius dum inter confertissimos hostes insigniter dimicat, equo delapsus pedestre proelium adgreditur. [2] Nam cadentem manipulus hostium cum horrido clamore ueluti iacentem obtruncaturus circumsteterat; at ille citus corpore collecto magnas strages edidit. [3] Cum ad unum opprimendum undique hostes conuolarent, dum procerum quendam petit, gladius ei e manu elapsus in mediam cohortem hostium decidit; [4] ad quem recuperandum umbone se protegens inspectante utroque exercitu inter hostium mucrones sese inmersit recoltoque gladio multis uulneribus exceptis ad suos cum clamore hostium reuertitur. Huius audaciam ceteri imitati uictoriam peperere. [5] Perses rex fuga cum decem milibus talentum Samothraciam defertur, quem Cn. Octavius ad persequendum missus a consule cum

sucedem, os romanos, com medo de uma guerra tão perigosa, elegem o cônsul Emílio Paulo e o encarregam, em caráter excepcional, da guerra macedônica; quando esse chegou ao exército, não fez demorar mais o combate. [7] Na noite do dia anterior àquele em que a batalha foi travada, a lua se eclipsou, pressagiando todos que esse agouro era a Perseu e vaticinando que agourava o fim do reino macedônico.

[2, 1] Nesse combate, M. Catão, filho do orador, enquanto luta entre os adversários muito cerrados, caído do cavalo, avança para batalha a pé. [2] Com efeito, ao ser derrubado, um manipulo de inimigos, com hórrido clamor, o havia rodeado como se para assassiná-lo enquanto jazia; mas ele, rápido, tendo se recomposto, causou grandes destruições. [3] Enquanto os adversários volviam de todos os lados para esmagar a um só, no momento em que ataca alguém alto, escapando da mão dele, a espada despenha em meio à hoste de inimigos; [4] para a recuperar, se protegendo com o escudo, à vista de ambos os exércitos, mergulhou entre os aguilhões dos inimigos e, retomada a espada, com muitas feridas recebidas, retorna aos seus em meio ao clamor dos inimigos. Os demais, tendo imitado a audácia dele, alcançaram a vitória. [5] O rei Perseu põe-se em fuga para a Samotrácia com dez mil talentos¹⁵⁰; Cn. Otávio, enviado pelo cônsul para persegui-lo, o prendeu junto com seus dois filhos, Alexandre e Filipe, e o levou, capturado, até o cônsul. [6] A Macedônia teve, até Perseu, trinta reis desde Carano, o

¹⁵⁰ O valor do talento varia de acordo com a época e o povo. O talento ático pesava cerca de 26 kg, enquanto o romano, cerca de 32 kg.

duobus filiis, Alexandro et Philippo, cepit captumque ad consulem adduxit. [6] Macedonia a Carano, qui primus in ea regnavit, usque Persen XXX reges habuit. Quorum sub regno fuit quidem annis DCCCCXXIV, sed rerum non nisi CL duobus annis potita. [7] Ita cum in dicionem Romanorum cessisset, magistratibus per singulas ciuitates constitutis libera facta est legesque quibus adhuc utitur, a Paulo accepit. [8] Aetolorum uniuersarum urbium senatus cum coniugibus et liberis qui dubia fide fuerant, Romam missus, ibique, ne in patria aliquid nouaret, diu detentus, aegreque post multos annos legationibus ciuitatium senatu fatigato in patriam quisque suam remissus est.

primeiro a reinar sobre ela. Certamente, esteve sob o poder deles por novecentos e vinte e quatro anos¹⁵¹, mas, destes, não foi soberana senão por cinquenta e dois anos. [7] Assim, quando passou à autoridade dos romanos, estabelecidos magistrados para cada uma das cidades, foi libertada e recebeu, de Paulo, as leis que até hoje são usadas. [8] Os senadores de todas as urbes dos etólios que tiveram uma lealdade dúbia foram enviados a Roma junto às esposas e aos filhos, e ali foram detidos por um longo tempo, para que não se agitassem na pátria, e a custo, após muitos anos, tendo fatigado o senado com as embaixadas das cidades, cada um foi devolvido à sua própria pátria.

LIBER XXXIV

[1, 1] Poenis ac Macedonibus subactis Aetolorumque uiribus principum captiuitate debilitatis soli adhuc ex Graecia uniuersa Achaei nimis potentes tunc temporis Romanis uidebantur, non propter singularum ciuitatium nimias opes, sed propter conspiracyem uniuersarum. [2] Namque Achaei, licet per ciuitates ueluti per membra diuisi sint, unum tamen corpus et unum imperium habent singularumque urbium pericula mutuis uiribus propulsant. [3]

Livro XXXIV

[1, 1] Subjugados pelos penos e pelos macedônios, e debilitadas as forças dos etólios pela prisão dos nobres, neste ponto, da Grécia inteira, somente os aqueus pareciam ser, aos romanos, potentes em demasia, naquele tempo, não devido às excessivas riquezas de cada uma das cidades, mas devido à conspiração de todas elas. [2] E, de fato, os aqueus, ainda que estejam divididos pelas cidades como em membros, têm, contudo, um único corpo e uma única soberania, e rechaçam o perigo de cada uma das urbes com mútuas forças. [3] Procurando, então, os romanos, causas para a

¹⁵¹ Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), há uma variação deste número nos manuscritos, ocorrendo 924, 934, 914 e 904; de todo modo, segunda metade do século X AEC.

Quaerentibus igitur Romanis causas belli tempestive Fortuna querelas Spartanorum obtulit, quorum agros Achaei propter mutuum odium populabantur. [4] Spartanis a senatu responsum est, legatos se ad inspiciendas res sociorum et ad iniuriam demendam in Graeciam missuros; [5] sed legatis occulta mandata data sunt, ut corpus Achaeorum dissoluerent singulasque urbes proprii iuris facerent, quo facilius et ad obsequium cogerentur et, si quas urbes contumaces essent, frangerentur. [6] Igitur legati omnium ciuitatum principibus Corinthum euocatis decretum senatus recitant, quid consilii habeant aperiunt; [7] expedire omnibus dicunt ut singulae ciuitates sua iura et suas leges habeant. [8] Quod ubi omnibus innotuit, ueluti in furorem uersi uniuersum peregrinum populum trucidant; [9] legatos quoque ipsos Romanorum uiolassent ni audito tumultu trepidi fugissent. [2, 1] Haec ubi Romam nuntiata sunt, statim senatus Mummio consuli bellum Achaicum decernit, qui extemplo exercitu deportato et omnibus strenue prouisis pugnandi copiam hostibus fecit. [2] Sed Achaei ueluti nihil negotii Romano bello suscepissent, ita apud eos neglecta et soluta omnia fuere. [3] Itaque praedam, non proelium cogitantes et uehicularum ad spolia hostium reportanda adduxerunt et coniuges liberosque suos ad spectaculum certaminis in montibus posuerunt. [4] Sed proelio commisso ante oculos suorum caesi

guerra, a Fortuna, oportunamente, apresenta as queixas dos espartanos, cujos campos os aqueus haviam saqueado devido a um ódio mútuo. [4] A resposta do senado aos espartanos foi que seriam enviados, à Grécia, embaixadores para inspecionar a situação dos aliados e coibir as injúrias; [5] mas foram dados mandados ocultos aos embaixadores para que dissolvessem o corpo dos aqueus e fizessem independentes cada uma das cidades para que fossem coagidas à submissão mais facilmente e, se algumas cidades fossem desobedientes, que fossem aniquiladas. [6] Então, os embaixadores, tendo convocado os nobres de todas as cidades a Corinto, recitam o decreto do senado, expõem aquele plano que tinham: [7] dizem ser vantajoso a todos que cada uma das cidades tenha sua própria justiça e suas próprias leis. [8] Quando isso veio ao conhecimento de todos, como se vertidos em violência, trucidam os povos estrangeiros inteiros; [9] também teriam assolado os próprios embaixadores dos romanos se, ouvido o tumulto, não tivessem fugido, aterrados.

[2, 1] Quando essas (notícias) são anunciadas em Roma, logo, o senado delega a guerra aqueia ao côsul Múmio, o qual, imediatamente, transportado o exército e, tendo diligentemente tudo meditado, deu a oportunidade aos inimigos de combater. [2] Mas os aqueus, como se nenhuma preocupação divisassem com a guerra romana, (se comportaram) de modo que todas as ações entre eles fossem negligenciadas e desunidas. [3] E, assim, pensando na pilhagem, não na batalha, também levaram veículos para transportar os espólios do inimigo e puseram as esposas e seus próprios filhos nos montes para o espetáculo da peleja. [4] Mas, iniciado o

lugubre his spectaculum et grauem luctus memoriam reliquerunt. [5] Coniuges quoque liberique eorum de spectatoribus captiui facti praeda hostium fuere. [6] Vrbs ipsa Corinthus diruitur, populus omnis sub corona uenditur, ut hoc exemplo ceteris ciuitatibus metus nouarum rerum inponeretur. [7] Dum haec aguntur, rex Syriae Antiochus Ptolomeo, maiori sororis suae filio, regi Aegypti, bellum infert, segni admodum et cotidiana luxuria ita marcenti, ut non solum regiae maiestatis officia intermitteret, uerum etiam sensu hominis nimia sagina careret. [8] Pulsus igitur regno ad fratrem minorem Ptolomeum Alexandream confugit participatoque cum eo regno legatos Romam

combate, massacrados diante dos olhos dos seus, deixaram a eles um lúgubre espetáculo e a penosa memória do luto. [5] Também as esposas e os filhos deles foram feitos de espectadores em prisioneiros, pilhagem do inimigo. [6] A própria cidade de Corinto é arruinada, toda a população é vendida coroada¹⁵², para que, com esse exemplo, se incutisse medo de novas ações nas demais cidades. [7] Enquanto essas ações se sucedem, o rei da Síria, Antíoco, lança guerra ao rei do Egito, Ptolomeu, filho mais velho de sua própria irmã, assaz indolente e de tal forma entorpecido pela lúxuria cotidiana, que não só negligenciava os deveres da majestade real, como também carecia de sentimento humano devido à excessiva gordura¹⁵³. [8] Expulso, então, do reino, se refugiou junto a seu irmão menor, Ptolomeu, em Alexandria, e, dividido o reino com ele, enviam embaixadores a Roma, pedem auxílios para o

¹⁵² Os prisioneiros de guerra eram leiloados enquanto usavam coroas de flores (SARAIWA, 2006 [1927], p. 316).

¹⁵³ Como se verá em 38.8.9-10, a descrição da obesidade é também utilizada para se referir a Ptolomeu VIII, conhecido como Fiscão, ou seja, “o Barrigudo”; este aparece logo na seção seguinte (34.2.8) e é o irmão mais novo de Ptolomeu VI, de quem Justino trata neste trecho. É possível encontrar representações em que Ptolomeu VIII, de fato, tem o rosto mais cheio do que parece ocorrer com aquelas em que há Ptolomeu VI (como pode ser notado no Anexo C). Segundo Edwyn Bevan (1927, p. 305), Políbio apresenta Ptolomeu VI como sendo nobre em suas ações e valoroso em batalha, mas entregue à inércia nos momentos de calma, o que se alinha com a primeira parte da descrição de Justino aqui. Para o autor, este retrato da obesidade do rei não combinaria com as ações que ele desempenhou, mas é possível que Justino crie a caricatura exagerando o que diz Políbio, o qual estava em uma posição histórica que lhe permitiria dar uma descrição mais precisa (BEVAN, 1927, p. 305). Considerando que, na maior parte do tempo, Justino omite os qualificadores dos reis que, teoricamente, apareciam em Pompeio Trogo, como ocorre nos prólogos, há também a possibilidade de que ele tenha confundido um irmão com o outro nesta passagem, já que são homônimos. Em Políbio, no qual a decisão de fugir é considerada fruto da má influência de um amigo do rei, consta: “*Si todo le hubiera ocurrido a Ptolomeo por naturaleza, deberíamos reprochar a ésta y no echar las culpas a ninguna causa exterior, pero, puesto que en las acciones posteriores la naturaleza dio razón de sí misma, demostrando que Ptolomeo fue un hombre firme y noble en medio de los peligros, es lógico y se cae de su peso que la causa de aquella retirada hacia Samotracia, de la cobardía que entonces le asaltó, debe retrotraerse al eunuco, a la familiaridad del rey con él.*” (trad. M. B. Recort); “[5] *ἐπειδὴ δὲ διὰ τῶν μετὰ ταῦτα πράξεων ἡ φύσις ὑπὲρ αὐτῆς ἀπελογήθη, δείξασα τὸν Πτολεμαῖον καὶ στάσιμον ἱκανῶς καὶ γενναῖον ἐν τοῖς κινδύνοις ὑπάρχοντα, δῆλον ὡς εἰκότως ἂν τις τῆς τότε περὶ αὐτὸν γενομένης ἀγεννίας καὶ τῆς ὀρμῆς τῆς εἰς τὴν Σαμοθράκην τὴν αἰτίαν ἐπὶ τὸν σπάδωνα καὶ τὴν τοῦτου συντροφίαν ἀναφέρῃ.* —” (Plb. 28.21.5).

ad senatum mittunt, auxilia petunt, fidem societatis inplorant. Mouere senatum preces fratrum.

[3, 1] Mittitur itaque legatus Popilius ad Antiochum, qui abstinere illum Aegypto aut, si iam incessisset, excedere iuberet. [2] Cum in Aegypto eum inuenisset osculumque ei rex obtulisset – nam coluerat inter ceteros Lucium Popilium Antiochus, cum obses Romae esset –, tunc Popilius facessere interim priuatam amicitiam iubet, cum mandata patriae intercedant; [3] prolatoque senatus decreto et tradito, cum cunctari eum uideret consultationemque ad amicos referre, ibi Popilius uirga quam in manu gerebat amplo circulo inclusum ut amicos caperet, consulere eos iubet nec prius inde exire, quam responsum senatui daret, aut pacem aut bellum cum Romanis habiturum. [4] Adeoque haec asperitas animum regis fregit, ut paritum se senatui responderet. [5] Reuersus in regnum Antiochus decedit relicto paruulo admodum filio, [6] cui cum tutores dati a populo essent, patruus eius Demetrius, qui obses Romae erat, cognita morte fratris Antiochi senatum adiit: obsidem se uiuo fratre uenisse, quo mortuo cuius obses sit, se ignorare. [7] Dimitti igitur se ad regnum petendum aequum esse quod, iure gentium maiori fratri cesserit, ita nunc sibi, qui pupillum aetate antecedit, deberi. [8] Cum se non dimitti animaduerneret a senatu, tacito iudicio tutius apud pupillum quam

senado, imploram por fidelidade à aliança. As preces dos irmãos comovem o senado.

[3, 1] E, assim, Popílio é enviado como embaixador a Antíoco; ordenam que ele se abstivesse do Egito, ou, se já tivesse avançado, que saísse. [2] Como o tinha encontrado no Egito, e o rei lhe oferecera um beijo – com efeito, Antíoco estimara Lúcio Popílio mais que os demais, quando tinha sido refém em Roma –, então, Popílio ordena deixar de lado a amizade privada, enquanto se apresentam os mandatos da pátria; [3] e, exibido e confiado o decreto do senado, como via que ele hesitava e se reportava aos amigos para consulta, ali, Popílio, com o cajado que trazia na mão, tendo-o encurralado em um amplo círculo de modo que retivesse os amigos, ordena que eles deliberassem e não o deixassem antes que dessem ao senado a resposta: ou teriam a paz ou a guerra com os romanos. [4] E essa rigidez abalou a tal ponto o ânimo do rei, que respondeu que obedeceria ao senado. [5] De volta ao reino, Antíoco morreu, deixando um filho ainda pequenino. [6] Como lhe foram dados tutores pela população, o tio paterno dele, Demétrio, que era refém em Roma, conhecida a morte do irmão, Antíoco, se apresentou ao senado: viera como refém com o irmão vivo, com ele morto, não sabia por quem era refém. [7] Então, seria razoável que fosse libertado para reclamar o reino, que, por direito dos povos, fora cedido a seu irmão maior, assim, agora, era devido a si, que precedia por idade ao órfão. [8] Como compreendeu que não seria libertado pelo senado, que, em tácito julgamento, pensa que o reino estaria mais seguro junto ao órfão do que junto a ele, saído da urbe com o pretexto de caçar, embarca, tácito, em uma nau em Óstia com uns companheiros de fuga. [9] Levado à Síria, é recebido com o próspero

apud eum regnum futurum arbitrante, specie uenandi ab urbe profectus Ostiis tacitus cum fugae comitibus nauem conscendit. [9] Delatus in Syriam secundo fauore omnium excipitur, regnumque ei occiso pupillo ac tutoribus traditur.

[4, 1] Eodem fere tempore Prusias, rex Bithyniae, consilium cepit interficiendi Nicomedis filii dum consulere studet minoribus filiis quos ex nouerca eius susceperat et Romae habebat. [2] Sed res adulescenti ab iis qui facinus susceperant proditur hortatique sunt, ut crudelitate patris prouocatus occupet insidias et in auctorem retorqueat scelus. Nec difficilis persuasio fuit. [3] Igitur cum accitus in regnum patris uenisset, statim rex appellatur. [4] Prusias regno spoliatus a filio priuatusque redditus etiam a seruis deseritur. [5] Cum in latebris ageret, non minore scelere quam filium occidi iusserat, a filio interficitur.

favor de todos, e, morto o órfão e seus tutores, o reino é entregue a ele.

[4, 1] Quase ao mesmo tempo, Prúsias, rei da Bitínia, tomou a decisão de assassinar o filho, Nicomedes, enquanto busca cuidar de seus filhos mais novos que tivera com a madrasta dele e mantinha em Roma. [2] Mas tal fato é revelado ao adolescente por aqueles que foram encarregados do delito e o exortam para que, provocado pela crueldade do pai, se anteceda às insídias e reverta o crime ao autor. E também não foi difícil de persuadi-lo. [3] Então, quando, convocado, chegou ao reino do pai, logo é chamado de rei. [4] Prúsias foi espoliado do reino pelo filho e, restituído à vida de particular, foi abandonado também pelos servos. [5] Enquanto ficava em esconderijos, foi assassinado pelo filho, em não menor transgressão do que quando ordenara matar o filho.

LIBER XXXVI

(...)

[3, 8] Primum Xerxes, rex Persarum, Iudaeos domuit; postea cum ipsis Persis in dicionem Alexandri Magni uenere diuque in potestate Macedonici imperii subiecti Syriae regno fuere. [9] A Demetrio cum descuissent, amicitia Romanorum petita primi omnium ex

Livro XXXVI

(...)

[3, 8] Xerxes, rei dos persas, foi o primeiro a domar os judeus¹⁵⁴; depois, junto aos próprios persas, eles passaram à autoridade de Alexandre, o Grande, e, posteriormente, durante muito tempo, estiveram submetidos ao reino da Síria sob a soberania dos macedônios. [9] Como tinham abandonado Demétrio, tendo pedido a amizade dos

¹⁵⁴ O livro XXXV é dedicado aos feitos de Demétrio I e seu sucessor, Demétrio II, Nicátor, enquanto o início do XXXVI, à sucessão do reino da Síria após a morte deste e às origens dos judeus.

Orientalibus libertatem acceperunt, facile tunc Romanis de alieno largientibus.

[4, 1] Per eadem tempora, quibus in Syria regni mutatio inter novos reges alternabatur, in Asia rex Attalus florentissimum ab Eumene patruo acceptum regnum caedibus amicorum et cognatorum suppliciis foedabat, nunc matrem anum, nunc Beronice sponsam maleficiis eorum necatas confingens. [2] Post hanc scelestam uiolentiae rabiem squalidam uestem sumit, barbam capillumque in modum reorum submittit, non in publicum prodire, non populo se ostendere, non domi laetiora conuiuia inire aut aliquod signum sani hominis habere, prorsus ut poenas pendere manibus interfectorum uideretur. [3] Omissa deinde regni administratione hortos fodiebat, gramina serebat et noxia innoxiiis permiscebat, eaque omnia ueneni suco infecta uelut peculiare munus amicis mittebat. [4] Ab hoc studio aerariae artis fabricae se tradit, cerisque fingendis et aere fundendo procudendoque oblectatur. [5] Matri deinde sepulcrum facere instituit, cui operi intentus morbum ex solis feruore contraxit et septima die decessit. Huius testamento heres populus Romanus tunc instituitur. [6] Sed erat ex Eumene Aristonicus, non iusto matrimonio, sed ex

romanos, foram os primeiros de todos os orientais a receberem a liberdade, tendo, naquele tempo, os romanos facilmente distribuído o que era de outro.

[4, 1] Naquela mesma época em que, na Síria, a mudança de poder se alternava entre novos reis, na Ásia, o rei Átalo desonrava o reino que recebera muito florescente de seu tio paterno, Eumênes¹⁵⁵, com os massacres de seus amigos e os suplícios de seus parentes, inventando que ora a velha mãe, ora a noiva, Berenice, tinham sido mortas pelos malefícios deles. [2] Depois desse ímpio rompante de violência, toma uma veste imunda, deixa crescer a barba e o cabelo à maneira dos réus, não sai em público, não se mostra à população, não frequenta banquetes mais alegres em casa ou tem qualquer sinal de um homem são, em suma, como se parecesse pagar aos manes as penas dos assassinados. [3] Em seguida, negligenciada a administração do reino, cavava as hortas, semeava ervas, misturava as malfazejas com as benfazejas e, isso tudo impregnado com suco venenoso, enviava aos amigos como um presente particular. [4] Dessa atividade, mudou-se para a arte de modelar o bronze, deleitando-se em esculpir a cera, fundir e cunhá-la com metal. [5] Em seguida, começa a fazer um sepulcro para a sua mãe; aplicado a essa obra, contraiu uma enfermidade por causa do calor do sol e morreu no sétimo dia. No testamento dele, então, o povo romano é instituído como seu herdeiro. [6] Mas havia Aristônico, filho de Eumênes, não oriundo de um matrimônio legítimo, mas de uma concubina efésia, filha de alguma citarista, o qual, após a morte de Átalo, invadiu a Ásia, como um reino paterno. [7] Embora tenha

¹⁵⁵ Há uma confusão de nomes aqui. Embora Átalo III tenha recebido o reino de seu tio, o nome deste era Átalo II. Eumênes II, que reinara antes deste, foi pai de Átalo III (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 451).

paelice Ephesia, citharistae cuiusdam filia, genitus, qui post mortem Attali uelut paternum regnum Asiam inuasit. [7] Cum multa secunda proelia aduersus ciuitates, quae metu Romanorum tradere se eidem nolebant, fecisset iustusque iam rex uideretur, Asia Licinio Crasso consuli decernitur, [8] qui intentior Attalicae praedae quam bello, cum extremo anni tempore inordinata acie proelium conseruisset, uictus poenas inconsultae auaritiae sanguine dedit. [9] In huius locum missus Perpenna consul prima congressione Aristonicum superatum in potestatem suam redegit Attalicasque gazas, hereditarias populi Romani, nauibus inpositas Romam deportauit. [10] Quod aegre ferens successor eius M. Aquilius consul ad eripiendum Aristonicum Perpennae, ueluti sui potius triumphi munus esse deberet, festinata uelocitate contendit. [11] Sed contentionem consulum mors Perpennae diremit. [12] Sic Asia Romanorum facta cum opibus suis uitia quoque Romam transmisit.

LIBER XXXVII

[1, 1] Capto Aristonico Massilienses pro Phocaeensibus, conditoribus suis, quorum urbem senatus et omne nomen, quod et tunc et antea Antiochi bello infesta contra populum Romanum arma tulerant, deleri iusserat, legatos Romam deprecaturum misere

feito muitas batalhas favoráveis contra cidades que, com medo dos romanos, não queriam passar para o lado dele, e já fosse visto como legítimo rei, a Ásia é entregue a Licínio Crasso, [8] o qual, mais aplicado à pilhagem de Átalo do que à guerra, no final do ano, travou a batalha com a linha de combate desorganizada, foi vencido e pagou, com sangue, as penas da imprudente avareza. [9] Enviado no lugar dele, o cônsul Perpenna reconduziu, no primeiro encontro, o vencido Aristônico à sua autoridade e, postos em naus, transportou, a Roma, os tesouros reais de Átalo, herdados pelo povo romano. [10] Suportando isso com desgosto, o sucessor dele, o cônsul M. Aquílio, põe-se a caminho, com celeridade, para tirar Aristônico de Perpenna, como se ele devesse ser, de preferência, uma prenda de seu próprio triunfo. [11] Mas a morte de Perpenna acabou com a contenda dos cônsules. [12] Assim, a Ásia, feita dos romanos, transmitiu a Roma, junto a suas riquezas, também seus vícios.

Livro XXXVII

[1, 1] Capturado Aristônico, os massilienses enviaram embaixadores a Roma em favor dos foces, seus fundadores – de quem o senado ordenara destruir a cidade e todo o nome, porque, então e também antes, na guerra de Antíoco, levaram armas inimigas contra a população romana –, e obtiveram a graça do senado para eles. [2] Depois disso,

ueniamque his a senatu obtinuere. [2] Post haec regibus, qui aduersus Aristonicum auxilia tulerant, praemia persoluta: Mithridati Pontico Phrygia maior, filiis Ariarathis, regis Cappadociae, qui eodem bello occiderat, Lycaonia et Cilicia datae. [3] Fidorque populus Romanus in socii filios quam mater in liberos fuit; quippe hinc paruulis auctum regnum, inde uita adempta. [4] Namque Laodice ex numero sex filiorum, quos uirilis sexus ex Ariarathe rege susceperat, timens ne non diutina administratione regni adultis quibusdam potiretur, quinque parricidaliter ueneno necauit; [5] unum paruulum sceleris matris cognatorum custodia eripuit, qui post necem Laodices – nam propter crudelitatem eam populus extinxerat – solus regno potitus est. [6] Mithridates quoque repentina morte interceptus filium, qui et ipse Mithridates dictus est, reliquit; [7] cuius ea postea magnitudo fuit, ut non sui tantum temporis, uerum etiam superioris aetatis omnes reges maiestate superauerit bellaque cum Romanis per XLVI annos uaria uictoria gesserit, [8] cum eum summi imperatores, Sylla, Lucullus ceterique, in summa Cn. Pompeius ita uicerit, ut maior clariorque in restaurando bello resurgeret damnisque suis terribilior redderetur. [9] Denique ad postremum non uoluntaria morte in auxilio

foram pagos os prêmios aos reis que levaram auxílios contra Aristônico: a Mitrídates do Ponto foi dada a Frígia Maior, aos filhos de Ariarate, rei da Capadócia, que morrera nessa mesma guerra, a Licaônia e a Cilícia. [3] E o povo romano foi mais fiel aos filhos de seu aliado do que a mãe à sua prole, porque, dali, o reino dos pequeninos foi expandido, daqui, a vida tomada. [4] E, com efeito, Laódice, do total de seis filhos dos que eram varões que tivera com Ariarate, assassinou cinco com veneno parricida¹⁵⁶, temendo não sustentar a administração do reino por um longo tempo com alguns sendo adultos; [5] a custódia dos parentes libertou um só pequenino da transgressão da mãe, o qual, depois do assassinato de Laódice – com efeito, o povo a eliminou devido à sua crueldade –, toma posse do reino, sozinho. [6] Também Mitrídates, surpreendido por uma morte repentina, deixou um filho, que também foi chamado de Mitrídates, [7] cuja posterior grandeza foi tal que superou a todos os reis, não só os de seu tempo como também os de épocas anteriores, e travou guerra com os romanos por quarenta e seis anos, com vitórias variáveis, [8] dado que os maiores generais, Sula, Lúculo e outros e, por fim, Cn. Pompeio certamente o venceram, mas de modo que ele ressurgia maior e mais ilustre ao restaurar a guerra e, com suas próprias perdas, retornava mais terrível. 9. Enfim, por último, não foi vencido por uma força hostil, mas por uma morte voluntária – morreu velho em seu reino ancestral, tendo um filho como herdeiro.¹⁵⁷

(...)

¹⁵⁶ A tradução do termo segue a lógica da nota a 28.2.10.

¹⁵⁷ Justino conta, a partir daqui, a infância e a juventude de Mitrídates VI, Eupátor, apontando que sua grandeza havia sido prenunciada desde seu nascimento.

regno senex herede filio decessit.

(...)

[4, 1] Hieme deinde adpetente non in conuiuio, sed in campo, nec in auocationibus, sed in exercitationibus, nec inter sodales, sed inter coaequales aut equo aut cursu aut uiribus contendebat. [2] Exercitum quoque suum ad parem laboris patientiam cotidiana exercitatione durabat, atque ita inuictus ipse inexpugnabilem exercitum fecerat. [3] Inita deinde cum Nicomede societate Paphlagoniam inuadit uictamque cum socio diuidit. [4] Quam cum teneri a regibus senatui nuntiatum esset, legatos ad utrumque misit, qui gentem restitui in pristinum statum iuberent. [5] Mithridates, cum se iam parem magnitudini Romanorum crederet, superbo responso hereditarium patri suo regnum obuenisse respondit; mirarique se quod, cum ei relata controuersia non fuerit, sibi referatur. [6] Nec territus minis Galatiam quoque occupat. [7] Nicomedes, quoniam se tueri iure non poterat, iusto regi redditurum respondit. [8] Atque ita filium suum mutato nomine Pylaemenen, Paphlagonum regum nomine, appellat et quasi stirpi regiae reddidisset regnum, falso nomine tenet. [9] Sic ludibrio habiti legati Romam reuertuntur.

[4, 1] Depois¹⁵⁸, aproximando-se o inverno, não em banquete, mas no campo, não em divertimentos, mas em exercícios, não entre os camaradas, mas entre os de sua idade, competia ou a cavalo, ou na corrida ou com a força física. [2] Também endurecia seu próprio exército com exercício cotidiano para uma igual resistência ao trabalho, e, assim, sendo ele mesmo invicto, fizera um exército inexpugnável. [3] Depois, iniciada uma aliança com Nicomedes, invadiu a Paflagônia e dividiu a vencida com o aliado. [4] Quando foi anunciado ao senado que ela era ocupada por reis, enviou embaixadores a um e outro para ordenar que restituíssem o povo à sua situação anterior. [5] Como Mitrídates já se acreditava igual em grandeza aos romanos, respondeu, com uma resposta soberba, que o reino fora obtido por herança de seu próprio pai e que se admirava que, enquanto a ele não fora apresentada controvérsia alguma, a si se apresentasse. [6] E, não estando aterrorizado com as ameaças, ocupa também a Galácia. [7] Nicomedes, porque não podia se amparar em um direito, respondeu que a devolveria ao rei legítimo. [8] E, assim, mudado o nome de seu próprio filho, o chama de Pilémenes, nome do rei paflagônio, e, como se devolvesse o reino à estirpe régia, o mantém com um nome falso. [9] Assim, ludibriados, os embaixadores retornam a Roma.

¹⁵⁸ De tomar a Capadócia e de, em segredo, percorrer a Ásia, observando os locais adequados para combater. Também se livrara da conspiração de sua irmã e esposa, Laódice, que, pensando que Mitrídates estava morto, se deitara com seus amigos e, com seu retorno, buscava envenená-lo.

LIBER XXXVIII

(...)

[2, 1] Sed Cappadoces crudelitate ac libidine praefectorum uexati a Mithridate deficiunt fratremque regis, et ipsum Ariarathen nomine ab Asia ubi educabatur reuocant, [2] cum quo Mithridates proelium renouat uictumque regno Cappadociae expellit; nec multo post adulescens ex aegritudine collecta infirmitate decedit. [3] Post huius mortem, Nicomedes timens ne Mithridates accessione Cappadociae etiam Bithyniam finitimam inuaderet, subornat puerum eximiae pulchritudinis, quasi Ariarathes tres, non duos filios genuisset, qui a senatu Romano paternum regnum peteret. [4] Vxorem quoque Laodicen Romam mittit ad testimonium trium ex Ariarathe susceptorum filiorum. [5] Quod ubi Mithridates cognouit, et ipse pari inpudentia Gordium Romam mittit, qui senatui adseueret puerum, cui Cappadociae regnum tradiderat, ex eo Ariarathe genitum, qui bello Aristonici auxilia Romanis ferens cecidisset. [6] Sed senatus studio regum intellecto, aliena regna falsis nominibus furantium, Mithridati Cappadociam et Nicomedi ad solacia eius

Livro XXXVIII

(...)

[2, 1] Mas os capadócijs, abalados pela crueldade e pela lascívia de seus intendentcs, desertam de Mitrídates¹⁵⁹ e chamam de volta da Ásia, onde era educado, o irmão do rei, cujo nome também¹⁶⁰ era Ariarate¹⁶¹, [2] com quem Mitrídates renova o combate e, vencido, o expulsa do reino da Capadócia; e, não muito depois, o jovem morreu de uma enfermidade contraída devido à angústia. [3] Após a morte dele, Nicomedes, temendo que Mitrídates invadissem também a vizinha Bitúnia, suborna um jovem de notável beleza para que pedisse ao senado romano o reino paterno como se Ariarate tivesse gerado três filhos, não dois. [4] Envia, para testemunhar acerca dos três filhos que (ela) teve de Ariarate, também Laódice, a esposa. [5] Quando Mitrídates soube disso, também ele, com desaforo semelhante, envia Górdio a Roma para que asseverasse ao senado que o jovem ao qual entregara o reino da Capadócia era nascido daquele Ariarate que morrera ao levar auxílios aos romanos na guerra com Aristônico. [6] Mas o senado, conhecido o intento dos reis que, com nomes falsos, subtraem os reinos alheios, tomou a Capadócia de Mitrídates e, para sua consolação, a Paflagônia de Nicomedes. [7] E para que não fosse um ultraje aos reis (o fato de) que fosse dado a outros aquilo que foi tomado deles, deu-se a liberdade para um e outro povo. [8] Mas os capadócijs, recusando o presente da liberdade, dizem que

¹⁵⁹ O início do livro XXXVIII é dedicado aos feitos de Mitrídates VI, principalmente sua campanha para a obtenção da Capadócia.

¹⁶⁰ “Também”, porque, no parágrafo anterior, Justino informa que este era o nome do filho de oito anos de Mitrídates, a quem este dá o reino da Capadócia, tendo Górdio como regente.

¹⁶¹ Há três Ariarates diferentes neste parágrafo. Para detalhes sobre cada um deles, recomenda-se consultar o índice onomástico.

Paphlagoniam ademit. [7] Ac ne contumelia regum foret ademptum illis, quod daretur aliis, uterque populus libertate donatus est.

[8] Sed Cappadoces munus libertatis abnuentes negant uiuere gentem sine rege posse. Itaque rex illis a senatu Ariobarzanes statuitur.

[3, 1] Erat eo tempore Tigranes rex Armeniae, obses Parthis ante multum temporis datus, nec olim ab eisdem in regnum paternum remissus. Hunc Mithridates mire ad societatem Romani belli, quod olim meditabatur, perlicere cupiebat.

[2] Nihil igitur de offensa Romanorum sentientem per Gordium inpellit, ut Ariobarzani, segni admodum bellum inferat, et ne quis dolus subesse uideatur, filiam suam ei Cleopatram in matrimonium tradit.

[3] Primo igitur aduentu Tigranis Ariobarzanes sublatis rebus suis Romam contendit, atque ita per Tigranen rursus Cappadocia iuris esse Mithridatis coepit. [4] Eodem tempore mortuo Nicomede etiam filius eius, et ipse Nicomedes, regno a Mithridate pellitur; qui cum supplex Romam uenisset, decernitur in senatu ut uterque in

o povo não pode viver sem um rei, e, assim, Ariobarzanes é estabelecido como rei deles pelo senado.

[3, 1] Naquele tempo, Tigranes era o rei da Armênia, o qual fora dado como refém aos partas há um longo tempo e, não há muito, enviado, por eles mesmos, de volta ao reino paterno. Mitridates desejava intensamente atraí-lo a uma aliança na guerra contra os romanos, à qual aspirava há muito. [2] Então, por meio de Górdio, o impele – ele, que nada percebe quanto à ofensa aos romanos – a lançar guerra ao assaz indolente Ariobarzanes e, para que não parecesse haver dolo subjacente, entrega-lhe sua filha, Cleópatra, em matrimônio. [3] Então, com a chegada de Tigranes, Ariobarzanes, apanhados seus próprios pertences, põe-se a caminho de Roma, e, assim, por meio de Tigranes, a Capadócia começa a estar, novamente, sob o mando de Mitridates. [4] Ao mesmo tempo, morto Nicomedes, o filho dele, também ele mesmo Nicomedes, é igualmente expulso do reino por Mitridates; como aquele, súplice, vinha a Roma, decide-se no senado que um e outro sejam restituídos ao reino; para o que, depois, são enviados como embaixadores M. Aquílio e Málio Maltino¹⁶². [5] Tendo sabido disso,

¹⁶² Este nome é tema de debate, já que não é fácil correspondê-lo a uma figura histórica conhecida. Como se verá adiante, Justino repete o nome sem o prenome em outras passagens deste livro. Há variação de ortografia nos manuscritos: *Manlius*; *Manilius*; *Maltinus* (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online), enquanto editores já propuseram *Aquilius Manlius et Manius Attilius* e *Aquilius Mallius et Maltinus* (WATSON, 1853, recurso online). Watson (1853, recurso online) aponta que o nome *Maltinus* aparece em Horácio (S. 1.2.25), e Torrey Luce (1970, p. 189), que *Manlius Maltinus* consta em uma inscrição, CIL 9.5073, encontrada em *Interamnina Praetuttiorum*, atual Téramo (cf. reprodução em Anexo D). Há alguma discussão se este Maltino seria o Mancino (Μαγκῖνος; *Magkînos*) que aparece em Apiano (*Mith.* 19.58-9). Luce (1970, p. 188) considera que

regnum restituantur; in quod tum missi M. Aquilius et Mallius Malthinus legati. [5] His cognitis Mithridates societatem cum Tigrane bellum aduersus Romanos gesturus iungit, pactique inter se sunt ut urbes agrique Mithridati, homines uero et quaecumque auferri possent, Tigrani cederent. [6] Post haec Mithridates intellecto quantum bellum suscitarer, legatos ad Cimbros, alios ad Gallograecos et Sarmatas Bastarnasque auxilia petitem mittit. [7] Nam omnes has gentes Romanum meditabundus bellum uariis beneficiorum muneribus iam ante inlexerat. Ab Scythia quoque exercitum uenire iubet omnemque Orientem aduersus Romanos armat. [8] Non magno igitur labore Aquilium et Malthinum Asiano exercitu instructos uincit, quibus simul cum Nicomede pulsus ingenti fauore ciuitatum excipitur. [9] Multum ibi auri argentique studio ueterum regum magnumque belli apparatus inuenit, quibus instructus debita ciuitatibus publica priuataque remittit et uacationem quinquennii concedit. [10] Tunc ad contionem milites uocat eosque uariis exhortationibus ad Romana bella siue Asiana

Mitrídates sela uma aliança com Tigranes para guerrear contra os romanos, e pactuaram entre si que as cidades e os campos passariam a Mitrídates, porém os homens e tudo o que pudesse ser carregado, a Tigranes. [6] Depois disso, Mitrídates, compreendendo a dimensão da guerra que suscitara, envia embaixadores pedindo auxílios aos cimbros, outros aos gálatas e aos sármatas e bastarnas. [7] Com efeito, aspirando à guerra romana, já antes atraía todos esses povos com vários presentes entre os benefícios (concedidos). Ordena vir também um exército da Cítia e arma todo o Oriente contra os romanos. [8] Então, vence, sem muito esforço, Aquílio e Maltino, munidos com um exército asiático; ao mesmo tempo que são expulsos junto a Nicomedes, ele é recebido com grande aplauso pelas cidades. [9] Ali, encontrou muito ouro e prata – oriundos do empenho de antigos reis – e um grande aparato bélico; deles munido, salda as dívidas públicas e privadas dos cidadãos e concede isenção por cinco anos. [10] Então, convoca os soldados a uma assembleia e os incita com várias exortações às guerras romanas ou asiáticas. [11] Considerei seu estilo digno de que eu inserisse seu exemplo na curta extensão desse trabalho; Pompeio Trogo o narrou de modo indireto, já que criticou em Lívio e em Salústio que tenham excedido a medida da história inserindo, em seu trabalho, discursos diretos como se (fossem) de sua própria lavra¹⁶³.

seriam duas pessoas diferentes, dado que, entre outras evidências, um autor escreve que Maltino estaria na Capadócia, enquanto o outro, que Mancino estaria, na mesma época, na Frígia. O nome também aparece como *Maltino* no prólogo para este livro. Como se pode observar em Emilio Gabba (1976, p. 229) e na edição de Axel W. Ahlberg (Sal., *Jug.* 73.7), a questão *Mancino* e *Mant(h)ino* também se faz presente em Salústio.

¹⁶³ Arnaud-Lindet (2003, recurso online) indica quatro discursos diretos ao longo do *Epítome* (1.8.13; 2.12.3-7; 14.4.2-14 e 18.7.10-14); Watson (1853, recurso online), dois (14.4; 18.7). A diferença entre os dois pode decorrer do fato de que 1.8.13 e 2.12.3-7 são indicações de mensagens escritas; a primeira, a censura da rainha Tamíris a Ciro II, o Grande, no odre em que mandara guardar a cabeça decepada do rei; a segunda, os avisos escritos em rochas e deixados aos jônios por ordem

incitat. [11] Quam orationem dignam duxi, cuius exemplum breuitati huius operis insererem; quam obliquam Pompeius Trogus exposuit, quoniam in Liuio et in Sallustio reprehendit, quod contiones directas pro sua oratione operi suo inserendo historiae modum excesserint.

[4, 1] Optandum sibi fuisse ait, ut de eo liceret consulere, bellumne sit cum Romanis an pax habenda; [2] quin uero sit resistendum inpugnantibus, ne eos quidem dubitare, qui spe uictoriae careant; quippe aduersus latronem, si nequeant pro salute, pro ultione tamen sua omnes ferrum stringere. [3] Ceterum quia non id agitur, an liceat quiescere non tantum animo hostiliter, sed etiam proelio congressis, consulendum, qua ratione ac spe coepta bella sustineant. [4] Esse autem sibi uictoriae fiduciam, si sit illis animus; Romanosque uinci posse cognitum non sibi magis quam ipsis militibus, qui et in Bithynia Aquilium et Malthinum in Cappadocia fuderint. [5] Ac si quem aliena magis exempla quam sua experimenta moueant, audire se a Pyrro, rege Epiri, non amplius quinque milibus Macedonum instructo fusos tribus proeliis Romanos. [6] Audire Hannibalem sedecim annis Italiae uictorem inmoratum, et quin ipsam caperet urbem, non Romanorum illi

[4, 1] (Mitrídates) diz que teria sido desejável que lhe fosse permitido deliberar se deveria fazer a guerra ou a paz com os romanos; [2] ainda que, na verdade, nem mesmo aqueles a quem falta a esperança da vitória duvidam que se deve resistir àqueles que atacam; porque todos empunham o ferro contra um ladrão por vingança, se não o podem por proteção. [3] Além disso, porque não se trata de deliberar se seria permitido abster-se dos que se acercam de modo hostil não só em ânimo, como também em batalha, mas com que razão e esperança sustentariam as guerras iniciadas. [4] Contudo, existe, para ele, a confiança da vitória se neles há ânimo; e que os romanos podiam ser vencidos lhe era sabido não mais do que aos mesmos soldados que derrubaram Aquílio na Bitínia e Maltino na Capadócia. [5] E, se os exemplos alheios movem alguém mais do que suas próprias experiências, ele está informado de que os romanos foram dispersados em três batalhas por Pirro, rei do Épiro, munido com não mais de cinco mil macedônios. [6] Está informado que Aníbal, vitorioso, se demorou na Itália por dezesseis anos, e que não foram as forças dos romanos, de fato, a impedi-lo de tomar a própria urbe, mas a inclinação para a rivalidade e para o ódio entre os compatriotas. [7] Está informado que os

de Temístocles durante a guerra contra Xerxes I. De todo modo, o apontamento de Justino faz com que se pense que esses discursos não seriam assim na obra de Trogo, mas é difícil encerrar esta questão.

uires restitisse sed domesticae aemulationis atque inuidiae studium. [7] Audire populos transalpinae Galliae Italiam ingressos maximis eam pluribusque urbibus possidere et latius aliquanto solum finium, quam in Asia, quae dicatur inbellis, idem Galli occupauissent. [8] Nec uictam solum dici sibi Romam a Gallis, sed etiam captam, ita ut unius illis montis tantum cacumen relinqueretur; nec bello hostem, sed pretio remotum. [9] Gallorum autem nomen, quod semper Romanos terruit, in partem uirium suarum ipse numeret. Nam hos, qui Asiam incolunt, Gallos ab illis, qui Italiam occupauerant, sedibus tantum distare, [10] originem quidem ac uirtutem genusque pugnae idem habere; tantoque his acriora esse quam illis ingenia, quod longiore ac difficiliore spatio per Illyricum Thraciamque prodierint, paene operosius transitis eorum finibus quam ubi consedere possessis. [11] Iam ipsam Italiam audire se numquam, ut Roma condita sit, satis illi pacatam, sed adsidue per omnes annos pro libertate alios, quosdam etiam pro uice imperii bellis continuis perseuerasse; [12] et a multis ciuitatibus Italiae deletos Romanorum exercitus ferri, a quibusdam nouo contumeliae more sub iugum missos. [13] Ac ne ueteribus inmoremur exemplis, hoc ipso tempore uniuersam Italiam bello Marsico consurrexisse, non iam libertatem, sed consortium imperii

povos da Gália Transalpina que ingressaram na Itália se apoderaram de muitas e das maiores de suas cidades e tinham ocupado um território de limites um tanto mais extensos do que aquele mesmo que os gauleses (ocupam) na Ásia, a qual é dita pacífica. [8] E lhe dizem que Roma não só foi vencida pelos gauleses, mas também tomada a tal ponto que lhes restava apenas o cume de um monte; e que o inimigo não foi afastado pela guerra, mas por um preço. [9] Contudo, ele mesmo elencava o nome dos gauleses, que sempre aterraram os romanos, como parte de suas próprias forças. Com efeito, estes gauleses que habitam a Ásia diferem daqueles que ocuparam a Itália somente em relação a seus assentamentos; [10] certamente, têm igual origem, virtude e modo de combate, e as índoles destes são tão mais vigorosas do que daqueles, porque avançaram através do Ilírico e da Trácia por uma distância maior e mais difícil, sendo a travessia dessas fronteiras quase mais trabalhosa do que a tomada dali onde se assentam. [11] Ele está informado que já a própria Itália, desde que Roma fora fundada, nunca esteve suficientemente em paz com ela, mas, assiduamente, por todos os anos, os outros (povos) persistiam em contínuas guerras pela liberdade, alguns até pela sucessão na soberania; [12] e que os exércitos dos romanos teriam sido trucidados por muitas das cidades da Itália, sob o jugo das quais foram colocados em uma nova modalidade de humilhação. [13] E para que não nos demoremos em exemplos antigos, nesta mesma época, a Itália inteira se levantava com a Guerra Mársica, pedindo já não a liberdade, mas a participação na soberania e na cidadania; [14] a urbe não era mais molestada pela guerra vizinha da Itália do que pelas facções internas dos aristocratas, e a guerra civil era muito mais perigosa do que a itálica. [15] Ao mesmo

ciuitatisque poscentem; [14] nec grauius uicino Italiae bello quam domesticis principum factionibus urbem premi, multoque periculosius esse Italico ciuile bellum. [15] Simul et a Germania Cimbros, immensa milia ferorum atque ininitium populorum, more procellae inundasse Italiam; [16] quorum etsi singula bella sustinere Romani possent, uniuersis tamen obruantur, ut ne uacaturos quidem bello suo putet.

[5, 1] Vtendum igitur occasione et rapienda incrementa uirum, ne, si illis occupatis quieuerint, mox aduersus uacuos et quietos maius negotium habeat. [2] Non enim quaeri, an capienda sint arma, sed utrum sua potius occasionem an illorum. [3] Nam bellum quidem iam tunc secum ab illis geri coeptum, cum sibi pupillo maiorem Phrygiam ademerint, quam patri suo praemium dati aduersus Aristonicum auxilii concesserant, gentem quam et proauo suo Mithridati Seleucus Callinicus in dotem dedisset. [4] Quid, cum Paphlagonia se decedere iusserint, non alterum illud genus belli fuisse? Quae non ui, non armis, sed adoptione testamenti et regum domesticorum interitu hereditaria patri suo obuenerint. [5] Cum inter hanc decretorum amaritudinem parendo non tamen eos mitigaret, quin acerbius in dies gerant, non obtinuisse. [6] Quod enim a se non praebitum illis obsequium? Non Phrygiam

tempo, também da Germânia, os cimbros, inúmeros milhares de povos ferozes e violentos, inundavam a Itália ao modo de uma procela; [16] ainda que os romanos pudessem sustentar guerras com cada um deles, seriam, no entanto, engolidos por todas elas juntas, de modo que pensava que, por certo, sequer estariam desocupados para (enfrentar) uma guerra contra ele próprio.

[5, 1] Então, a ocasião deveria ser utilizada e os incrementos das forças aproveitados, para que não haja – se descansassem, estando aqueles ocupados – logo uma dificuldade maior contra eles, estando livres e descansados. [2] De fato, não perguntaria se deveriam pegar em armas, mas se o deveriam na ocasião mais favorável àqueles ou a si mesmos. [3] Com efeito, a guerra consigo já antes fora iniciada por eles, quando, órfão, o privaram da Frígia Maior, que haviam dado a seu próprio pai como recompensa pelo auxílio prestado contra Aristônico, povo que também Seleuco Calínico dera como dote ao seu bisavô, Mitridates. [4] Não terá sido outro tipo de guerra quando lhe ordenaram que se retirasse da Paflagônia? Aquela que chegara a seu próprio pai não pela força, não pelas armas, mas pela adoção de um testamento e pela herança resultante da morte dos reis nativos. [5] Em meio ao amargor desses decretos, embora sujeitando-se, não teria conseguido abrandá-los, eles que a cada dia se comportam de modo mais acerbo. [6] De fato, que tipo de indulgência não lhes foi por ele oferecida? A Frígia e a Paflagônia não foram libertadas? Não foi seu filho retirado da Capadócia, a qual, vencedor, ocupara pelo direito dos povos? [7] Contudo,

Paphlagoniamque dimissas? Non Cappadocia filium eductum, quam iure gentium uictor occupauerat? [7] Raptum tamen sibi esse uictoriae ius ab illis, quorum nihil est nisi bello quaesitum. [8] Non regem Bithyniae Chreston, in quem senatus arma decreuerat, a se in gratiam illorum occisum? Tamen nihilo minus inputari sibi, si qua Gordius aut Tigranes faciat. [9] Libertatem etiam in contumeliam sui a senatu ultro delatam Cappadociae, quam reliquis gentibus abstulerunt; dein populo Cappadocum pro libertate oblata Gordium regem orante ideo tantum, quoniam amicus suus esset, non obtinuisse. [10] Nicomedem praecepto illorum bellum sibi intulisse; quia ultum ierit se, ab ipsis uentum obuam in eo; et nunc eam secum bellandi illis causam fore, quod non inpune se Nicomedi lacerandum, saltatricis filio, praeberit.

[6, 1] Quippe non delicta regum illos, sed uires ac maiestatem insequi, neque in uno se, sed in aliis quoque omnibus hac saepe arte grassatos. [2] Sic et auum suum Pharnacen per cognitionum arbitria succidaneum regi Pergameno Eumeni datum; [3] Sic rursus Eumenen, cuius classibus primo in Asiam fuere transiecti, cuius exercitu magis quam suo et Magnum Antiochum et Gallos in Asia et mox in Macedonia regem Perseum domuerant, [4] et ipsum pro hoste habitum eique interdictum Italia, et quod cum ipso deforme sibi putauerant, cum filio eius

o direito da vitória foi por eles tomado de si, que nada buscavam senão pela guerra. [8] Cresto, rei da Bitínia, a quem o senado condenou às armas, não foi morto por ele em favor a eles? Contudo, não obstante, se Górdio ou Tigranes fazem algo, (isto) lhe é imputado. [9] Também, em ultraje a ele, à Capadócia foi concedida a liberdade, a qual arrebatarem dos demais povos; depois, Górdio, a quem a população da Capadócia pedia como rei no lugar da liberdade oferecida, não o teria conseguido pela única razão de que era seu amigo. [10] Nicomedes, mandado por eles, lhe levou a guerra; porque teria se adiantado para se vingar, eles mesmos vieram a seu encontro; e, agora, aquela era causa para guerrear consigo: que não se deixara agredir impunemente por Nicomedes, o filho de uma dançarina.

[6, 1] Como se vê, eles não perseguiram os delitos dos reis, mas as forças militares e a majestade, e, frequentemente, investiram com este método não só em relação a si mesmos, mas também em relação a todos os outros. [2] Assim, também seu próprio avô, Farnaces, pelo julgamento de parentes, fora dado como sucessor do rei Eumênes do Pérgamo; [3] assim, outrora, (ocorreu com) Eumênes, em cujas frotas primeiro foram transportados para a Ásia, com cujo exército, mais do que com o seu próprio, domaram Antíoco, o Grande, também os gauleses na Ásia e, em seguida, o rei Perseu, na Macedônia; [4] e mesmo ele foi tido como inimigo e banido de Roma, e a guerra, que com ele mesmo haviam considerado sórdida para si, geraram contra o filho dele,

Aristonico bellum gessisse. Nullius apud eos maiora quam Masinissae, regis Numidarum, haberi merita; [5] huic inputari uictum Hannibalem, huic captum Syphacem, huic Karthaginem deletam, hunc inter duos illos Africanos tertium servatorem urbis referri: [6] tamen cum huius nepote bellum modo in Africa gestum adeo inexpiabile, ut ne uictum quidem patris memoriae donarent, quin carcerem ac triumphum spectaculum experiretur. [7] Hanc illos omnibus regibus legem odiorum dixisse, scilicet quia ipsi tales reges habuerint, quorum etiam nominibus erubescant, aut pastores Aboriginum, aut aruspices Sabinorum, aut exules Corinthiorum, aut servos uernasque Tuscorum, aut, quod honoratissimum nomen fuit inter haec, Superbos; [8] atque ut ipsi ferunt conditores suos lupae uberibus altos, sic omnem illum populum luporum animos inexplebiles sanguinis, atque imperii diuitiarumque auidos ac ieiunos habere.

[7, 1] Se autem, seu nobilitate illis conparetur, clariorem illa conluie conuenarum esse, qui paternos maiores suos a Cyro Darioque, conditoribus Persici regni, maternos a magno Alexandro ac Nicatore Seleuco, conditoribus imperii Macedonici, referat, seu populus illorum conferatur suo, earum se gentium esse, quae non modo Romano imperio sint pares, sed Macedonico

Aristônico. Ninguém tinha mais méritos junto a eles do que Masinissa, rei dos númidas; [5] a ele se atribuía Aníbal vencido; a ele, Sifax capturado; a ele, Cartago destruída; ele era contado como o terceiro salvador da urbe junto àqueles dois africanos: [6] contudo, há pouco gestou-se, com o neto dele, na África, uma guerra tão implacável, que, mesmo vencido, não o perdoaram em memória do pai, que não suportara o cárcere e o espetáculo do triunfo. [7] Eles haviam estabelecido esta lei de ódio a todos os reis, sem dúvida porque eles mesmos tiveram tais reis, dos quais se envergonhavam até por suas alcunhas, sejam pastores dos aborígenes, sejam arúspices dos sabinos, sejam êxules dos coríntios, sejam servos e filhos de servos dos tusc¹⁶⁴, sejam – a alcunha que era mais honrada entre estes – Soberbos; [8] e, como eles próprios admitem, seus fundadores foram nutridos pelos úberes de uma loba, assim todo aquele povo tinha ânimos de lobo, implacáveis de sangue, ávidos e esfaimados de poder e de posses.

[7, 1] Ele, todavia, caso seja comparado a eles em nobreza, é mais ilustre do que aquela mistura impura de estrangeiros, porque conta seus próprios antepassados paternos a partir de Ciro e Dario, fundadores do reino persa, os maternos a partir de Alexandre, o Grande, e Seleuco Nicátor, fundadores do império macedônico; caso o povo deles seja cotejado ao seu próprio, ele é daquelas gentes que não só equiparam-se à soberania romana, mas também fizeram frente à macedônica. [2] Nenhuma das gentes a ele submetidas havia

¹⁶⁴ Outro nome para os etruscos.

quoque obstiterint. [2] Nullam subiectarum sibi gentium expertam peregrina imperia; nullis umquam nisi domesticis regibus paruisse, Cappadociam uelint an Paphlagoniam recensere, rursus Pontum an Bithyniam, itemque Armeniam maiorem minoremque; quarum gentium nullam neque Alexander ille, qui totam pacauit Asiam, nec quisquam successorum eius aut posterorum attigisset. [3] Scythiam duos umquam ante se reges non pacare, sed tantum intrare ausos, Darium et Philippum, aegre inde fugam sibi expedisse, unde ipse magnam aduersus Romanos partem uirium haberet. [4] Multoque se timidius ac diffidentius bella Pontica ingressum, cum ipse rudis ac tiro esset, Scythiae praeter arma uirtutemque animi locorum quoque solitudinibus uel frigoribus instructae, per quae denuntiaretur ingens militiae periculum ac labor. [5] Inter quas difficultates ne spes quidem praemii foret ex hoste uago nec tantum pecuniae, sed etiam sedis inope. [6] Nunc se diuersam belli condicionem ingredi. Nam neque caelo Asiae esse temperatius aliud, nec solo fertilius nec urbium multitudine amoenius; magnamque temporis partem non ut militiam, sed ut festum diem acturos bello dubium facili magis an ubere, [7] si modo aut proximas regni Attalici opes aut ueteres Lydiae Ioniaeque audierint, quas non expugnatum

experimentado soberanias estrangeiras; nunca obedecera a reis que não os nativos – se querem arrolar a Capadócia ou a Paflagônia, ademais o Ponto ou a Bitínia, e também a Armênia Maior e a Menor: nem aquele Alexandre, que domou toda a Ásia, nem algum dos sucessores dele ou dos pósteros tocara de leve qualquer uma dessas gentes. [3] Antes de si, somente dois reis, Dario e Filipe, se atreveram não a domar, mas apenas a ingressar na Cítia; a muito custo se desembaraçou a fuga dali, onde ele próprio tinha a maior parte das forças (militares) contra os romanos. [4] E, de modo muito mais receoso e desconfiado, entrara nas guerras pôntricas, visto que ele mesmo era novato e inexperto, e além das armas e da virtude de ânimo, os citas também eram protegidos por desertos ou pelas friagens de suas regiões, devido às quais se prometiam enorme perigo e trabalho à expedição. [5] Em meio a essas dificuldades, não havia qualquer esperança de obter despojos de um inimigo nômade, desprovido tanto de dinheiro como também de assentamento. [6] Agora, entra na guerra em condição diversa. Com efeito, nenhum clima é mais temperado do que o da Ásia, nenhum solo, mais fértil, nenhum conglomerado de cidades mais aprazível; e passariam a maior parte do tempo não como em expedição, mas como em um dia festivo, por uma guerra sobre a qual havia dúvida se seria mais fácil ou proveitosa, [7] mesmo que só tivessem ouvido falar sobre as riquezas próximas do reino atálico ou as antigas da Lídia e da Jônia, que iam não tomar de assalto, mas delas se apropriar; [8] e a Ásia o espera tão ávida, que com suas vozes o convoca: a tal ponto a rapina dos procônsules, a arrecadação dos publicanos¹⁶⁵, a calúnia dos

¹⁶⁵ Ou seja, dos cobradores de impostos.

eant, sed possessum; [8] tantumque se auida expectat Asia, ut etiam uocibus uocet: adeo illis odium Romanorum incussit rapacitas proconsulum, sectio publicanorum, calumniae litium. [9] Sequantur se modo fortiter et colligant, quid se duce possit efficere tantus exercitus, quem sine cuiusquam militum auxilio suamet unius opera uiderint Cappadociam caeso rege cepisse, qui solus mortalium Pontum omnem Scythiamque pacauerit, quam nemo ante transire tuto atque adire potuit. [10] Nam iustitiae atque liberalitatis suae ne ipsos milites quin experiantur testes refugere et illa indicia habere, quod solus regum non paterna solum, uerum etiam externa regna hereditatibus propter munificentiam adquisita possideat, Colchos, Paphlagoniam, Bosphorum.

[8, 1] Sic excitatis militibus post annos tres et XX sumpti regni in Romana bella descendit. (...) [8] Quibus confluentibus obuius legatis Romanorum, Scipioni Africano et Spurio Mummio et L. Metello, qui ad inspicienda sociorum regna ueniebant, procedit. [9] Sed quam cruentus ciuibus, tam ridiculus Romanis fuit. Erat enim et uultu deformis et statura brevis et sagina uentris non homini,

litígios incutiu neles o ódio aos romanos. [9] Que apenas o sigam com coragem e calculem o que um exército tão grande pode executar consigo como comandante, aquele que eles viram sozinho, com seu próprio trabalho, sem o auxílio de qualquer soldado, tomar a Capadócia, morto seu rei; aquele, único entre os mortais, que domara todo o Ponto e a Cítia, que ninguém antes pudera atravessar e atacar sem perigo. [10] Com efeito, quanto a sua justiça e liberalidade, os próprios soldados, testemunhas que, de fato, as experimentam, não receavam e tinham provas delas, porque era o único dos reis que possuía não só os reinos paternos, como também os reinos externos, a Cólquida, a Paflagônia, o Bósforo, adquiridos por heranças devido à sua generosidade.

[8, 1] Incitados, assim, os soldados, após vinte e três anos de que se assenhorara do reino, travou as guerras romanas.¹⁶⁶ (...) [8] Confluindo estes¹⁶⁷, sai¹⁶⁸ ao encontro dos embaixadores dos romanos, Cipião Africano, Espúrio Múmio e L. Metelo, que vinham para examinar os reinos dos aliados. [9] Mas foi tão ridículo para os romanos, quanto sanguinário para seus cidadãos. Era, de fato, de semblante disforme, baixa estatura e semelhante, pela gordura de seu ventre, não a um homem, mas a um animal corpulento,

¹⁶⁶ A partir daqui, a narrativa é enfocada no Egito, em específico no reinado de Ptolomeu VIII.

¹⁶⁷ Ptolomeu VIII exerce o poder de modo violento, assassinando aqueles que considerava como empecilhos a seus interesses, sejam ou não seus familiares. Por isso, seu povo, temendo a morte, se exila do Egito. Vendo-se em uma cidade vazia, o rei atrai estrangeiros para ocupá-la, de maneira que são eles que estão confluindo para o Egito nesta passagem.

¹⁶⁸ Ptolomeu VIII.

sed beluae similis. [10] Quam foeditatem nimia subtilitas perlucidae uestis augebat, prorsus quasi astu inspicienda praeberentur, quae omni studio occultanda pudibundo uiro erant. [11] Post discessum deinde legatorum – quorum Africanus, dum inspicit urbem, spectaculo Alexandrinis fuit – iam etiam peregrino populo inuisus cum filio, quem ex sorore susceperat, et cum uxore, matris paelice, metu insidiarum tacitus in exilium proficiscitur contractoque mercenario exercitu bellum sorori pariter ac patriae infert. (...)

[10] cuja feiura a excessiva leveza de suas vestes transparentes salientava, como se fosse apresentado à contemplação, com astúcia, aquilo que para um homem pudico deveria ser oculto com todo o zelo. [11] Depois, após a retirada dos embaixadores – entre os quais Africano, enquanto contempla a cidade, serviu de espetáculo para os alexandrinos –, já odiado também pelo povo estrangeiro, por medo de insídias, tácito, põe-se a caminho do exílio junto ao filho que tivera com a irmã e junto à esposa, rival da mãe, e, contratado um exército mercenário, lança guerra, ao mesmo tempo, à irmã e à pátria.¹⁶⁹ (...)

LIBER XXXIX

(...)

[5, 2] Dum haec aguntur, frater eius ex paelice susceptus, cui pater Cyrenarum regnum testamento reliquerat, herede populo Romano instituto decedit. [3] Iam enim fortuna Romana porrigere se ad orientalia regna, non contenta Italiae terminis, coeperat. Itaque et ea pars Libyae prouincia facta est; postea Creta Ciliciaque piratico bello perdomitae in formam prouinciae rediguntur. [4] Quo pacto et Syriae et Aegypti regna Romana uicinitate artata, quae incrementa de finitimis bellis quaerere solebant, adempto uagandi arbitrio uires suas in perniciem

Livro XXXIX

(...)

[5, 2] Enquanto essas ações se sucedem¹⁷⁰, um irmão dele¹⁷¹, nascido de uma concubina, a quem o pai deixara em testamento o reino de Cirene, morreu, tendo instituído como herdeiro o povo romano. [3] Já, de fato, a sorte romana começara a se estender pelos reinos orientais, não contida nos limites da Itália. E, assim, também esta parte da Líbia foi feita província; posteriormente, Creta e a Cilícia, submetidas pela guerra pirática, foram reduzidas à condição de províncias. [4] Por isso, oprimidos pela vizinhança com Roma, os reinos da Síria e também do Egito, os quais costumavam buscar a sua ampliação por meio de guerras fronteiriças, subtraído o arbítrio de perambular, reverteram suas próprias forças para uma mútua devastação,

¹⁶⁹ A partir daqui, a narrativa sobre a guerra continua, sem menção aos romanos.

¹⁷⁰ A morte de Ptolomeu VIII e as disputas de sucessão posteriores, até que Ptolomeu IX, Sóter II, Látiro, reassume o poder.

¹⁷¹ De Ptolomeu IX, ou seja, Apião.

mutuam conuerterunt, [5] adeo ut adsiduis proeliis consumpti in contemptum finitimorum uenerint praedaeque Arabum genti, inbelli antea, fuerint; (...)

[5] a tal ponto que, consumidos em batalhas constantes, alcançaram o desprezo dos vizinhos e foram pilhagem da gente dos árabes, antes pacífica;¹⁷² (...)

LIBER XL

[1, 1] Mutuis fratrum odiis et mox filiis inimiciis parentum succedentibus cum inexpiabili bello et reges et regnum Syriae consumptum esset, ad externa populus auxilia concurrat peregrinosque reges sibi circumspicere coepit. [2] Itaque cum pars Mithridatem Ponticum, pars Ptolomeum ab Aegypto arcessendum censeret, occurreretque quod et Mithridates implicatus bello Romano esset, Ptolomeus quoque hostis semper fuisset Syriae, [3] omnes in Tigranen, regem Armeniae, consensere, instructum praeter domesticas uires et Parthica societate et Mithridatis adfinitate. [4] Igitur accitus in regnum Syriae per X et VIII annos tranquillissimo regno potitus est; neque bello alium lacessere neque lacessitus inferre alii bellum necesse habuit.

Livro XL

[1, 1] Como os reis e também o reino da Síria tinham sido consumidos em uma guerra implacável por causa do ódio mútuo dos irmãos¹⁷³, e, em seguida, dos filhos que sucederam às inimizades dos pais, o povo acorreu aos auxílios externos e começou a procurar reis estrangeiros para si. [2] E assim, já que uma parte pensava que deveria ser convocado Mitrídates Pôntico, outra parte, Ptolomeu do Egito, e ocorria que, enquanto Mitrídates estava tolhido pela guerra romana, Ptolomeu também sempre fora um inimigo da Síria, [3] todos pensaram em Tigranes, rei da Armênia, munido, além disso, pelas forças internas, pela aliança parta e pelo parentesco com Mitrídates. [4] Então, chamado para o trono da Síria, deteve o poder por dezoito anos em um reino tranquilíssimo; e não teve que provocar os outros à guerra, nem foi preciso, provocado, levar a guerra a outros.

¹⁷² O livro XXXIX termina com o rei árabe Herotimo tornando o nome de seu povo célebre por meio da guerra com os vizinhos.

¹⁷³ Na verdade, dos primos, Antíoco VIII, Filómetor, e Antíoco IX, de Cízico. Embora este trecho e o final do parágrafo (40.1.4) não digam respeito aos romanos de modo direto, optou-se por traduzi-los, pois seriam os únicos que ficariam faltando para completar o livro XL. Este é o menor livro do *Epítome*. Arnaud-Lindet (2003, recurso online) destaca como, em Trogo, haveria, nele, a narrativa sobre como os romanos tiraram proveito dos conflitos internos para anexar a Síria e o Egito ao seu território, enquanto Justino se dedica, apenas, aos últimos dois reis da Síria. Segundo o prólogo, este livro compreenderia, inclusive, a história de Cleópatra, que teria prendido Marco Antônio ao seu amor (“[...] *Cleopatra, quae inligato in amorem suum M. Antonio* [...]” Prol. 40), ao que Justino não faz qualquer menção.

[2, 1] Sed sicut ab hostibus tuta Syria fuit, ita terrae motu uastata est, quo centum septuaginta milia hominum et multae urbes perierunt. Quod prodigium mutationem rerum portendere aruspices responderunt. [2] Igitur Tigrane a Lucullo uicto rex Syriae Antiochus, Cyziceni filius, ab eodem Lucullo appellatur. [3] Sed quod Lucullus dederat, postea ademit Pompeius qui poscenti regnum respondit ne uolenti quidem Syriae, nedum recusanti daturum se regem, qui X et VII annos, quibus Tigranes Syriam tenuit, in angulo Ciliciae latuerit, uicto autem eodem Tigrane a Romanis alieni operis praemia postulet. [4] Igitur ut habenti regnum non ademerit, ita quo cesserit Tigrani, non daturum, quod tueri nesciat, ne rursus Syriam Iudaeorum et Arabum latrociniis infestam reddat. [5] Atque ita Syriam in prouinciae formam redegit, paulatimque Oriens Romanorum discordia consanguineorum regum factus est.

[2, 1] Mas, do mesmo modo que a Síria esteve segura quanto aos inimigos, assim foi devastada por um terremoto, em que setenta mil pessoas e muitas cidades pereceram. Os arúspices responderam que esse prodígio agourava uma mudança de situações. [2] Então, vencido Tigranes por Lúculo, Antíoco, filho de Ciziceno¹⁷⁴, foi chamado de rei da Síria pelo mesmo Lúculo. [3] Mas aquilo que Lúculo dera, tomou, posteriormente, Pompeio, que respondeu ao pleiteante ao reino que não lhe daria a Síria, nem se ela o quisesse, muito menos quando o recusava como rei, ele que, por dezessete anos, nos quais Tigranes controlou a Síria, se escondeu em um canto da Cilícia; não obstante, vencido o mesmo Tigranes pelos romanos, postula prêmio pelo trabalho alheio. [4] Então, da mesma forma que ele (Pompeio) não subtraiu o reino de quem o tinha, assim, visto que o cedeu a Tigranes, não o daria a ele (Antíoco) – já que não sabe conservá-lo – para não deixar a Síria infestada com os latrocínios dos judeus e dos árabes. [5] E, assim, reduziu a Síria à condição de província, e, paulatinamente, o Oriente se fez dos romanos pela discórdia dos reis consanguíneos.

LIBER XLI

[1, 1] Parthi, penes quos uelut diuisione orbis cum Romanis facta nunc Orientis imperium est, Scytharum exules fuere. (...) [7] A Romanis quoque trinis bellis per maximos duces florentissimis temporibus laccessiti soli

Livro XLI

[1, 1] Os partas – em cujo poder estava o Oriente, como se tivesse sido feita com os romanos uma divisão do orbe – eram êxules dos citas.¹⁷⁵ (...) [7] Atacados pelos romanos, em três guerras, pelos maiores comandantes nos tempos mais florescentes, foram os

¹⁷⁴ Era, na verdade, filho de Antíoco X, Eusébio, e neto de Antíoco IX, este que era, de fato, o “Ciziceno” a que se faz referência na passagem.

¹⁷⁵ A partir daqui, há uma explicação etimológica para o nome do povo, assim como os processos de dominação por que passaram até serem atacados pelos romanos.

ex omnibus gentibus non pares solum, uerum etiam uictores fuere; [8] quamquam plus gloriae sit inter Assyria et Medica Persicaque memorata olim regna et opulentissimum illud mille urbium Bactrianum imperium emergere potuisse quam longinqua bella uicisse, [9] praeterea cum grauibz Scythicis et uicinalibus bellis adsidue uexati uariis periculorum certaminibus urgerentur. (...)

[5, 5] Sic Arsaces quaesito simul constitutoque regno non minus memorabilis Parthis quam Persis Cyrus, Macedonibus Alexander, Romanis Romulus, matura senectute decedit, [6] cuius memoriae hunc honorem Parthi tribuerunt ut omnes exinde reges suos Arsacis nomine nuncupent. (...) [8] Tertius Parthis rex Priapatus fuit, sed et ipse Arsaces dictus. Nam sicut supra dictum est, omnes reges suos hoc nomine, sicuti Romani Caesares Augustosque, cognominauere. (...)

únicos de todos os povos a ser-lhes não só parelhos, mas até vitoriosos; [8] se bem que haveria mais glória em terem conseguido emergir entre os reinos assírio, medo e persa, outrora famosos, e aquele império opulentíssimo das mil cidades báctrias, do que em vencer em guerras longínquas, [9] sobretudo, porque eram afligidos pelas violentas guerras com os citas e seus vizinhos, sendo continuamente ameaçados em várias disputas perigosas.¹⁷⁶ (...)

[5, 5] Assim, Ársaces¹⁷⁷, alcançado e, ao mesmo tempo, constituído o reino, não menos memorável aos partas do que Ciro aos persas, Alexandre aos macedônios, Rômulo aos romanos, morreu em madura velhice, [6] em cuja memória os partas tributaram esta honraria: que, a partir de então, todos os seus próprios reis sejam chamados pelo nome de Ársaces.¹⁷⁸ (...) [8] O terceiro rei dos partas foi Priapácio, mas também ele é dito Ársaces. Com efeito, como foi dito acima, todos os seus reis eram distinguidos por esse nome, assim como os Césares e os Augustos pelos romanos.¹⁷⁹ (...)

LIBER XLII

(...)

[4, 1] Igitur Mithridates, rex Parthorum, post bellum Armeniae propter crudelitatem a senatu Parthico regno pellitur. [2] Frater eius Orodes, cum regnum uacans occupasset, Babyloniam, quo Mithridates confugerat, diu

Livro XLII

(...)

[4, 1] Então, Mitrídates, rei dos partas, é expulso do reino pelo senado parta, após a guerra da Armênia, devido à sua crueldade. [2] Como tinha ocupado o trono vacante, seu irmão Orodes sitia a Babilônia, onde Mitrídates refugiara-se durante muito tempo,

¹⁷⁶ Continua-se detalhando a história dos partas.

¹⁷⁷ O qual assumira o reino e fora capaz de organizá-lo.

¹⁷⁸ A seção 7 diz respeito ao filho de Ársaces I.

¹⁷⁹ Continua-se, a partir daqui, a história dos partas.

obsidet et fame coactos in deditionem oppidanos conpellit. [3] Mithridates autem fiducia cognationis ultro se in potestatem Orodis tradit. [4] Sed Orodes plus hostem quam fratrem cogitans in conspectu suo trucidari iussit. Post haec bellum cum Romanis gessit Crassumque imperatorem cum filio et omni exercitu Romano deleuit. [5] Huius filius Pacorus missus ad persequendas Romani belli reliquias magnis rebus in Syria gestis in Parthiam patri suspectus reuocatur, quo absente exercitus Parthorum relictus in Syria a Cassio, quaestore Crassi, cum omnibus ducibus trucidatur. [6] His ita gestis non magno post tempore Romanis inter Caesarem Pompeiumque ciuile bellum oritur, in quo Parthi Pompeianarum partium fuere et propter amicitiam cum Pompeio bello Mithridatico iunctam et propter Crassi necem, cuius filium in partibus Caesaris esse audierant, quem ultorem patris uictore Caesare futurum deliberabant. [7] Itaque uictis partibus Pompeianis et Cassio et Bruto auxilia aduersus Augustum et Antonium misere, et post belli finem rursum Pacoro duce inita cum Labieno societate Syriam et Asiam uastauere castraque Ventidi, qui post Cassium absente Pacoro exercitum Parthicum fuderat, magna mole adgrediuntur. [8] Sed ille simulato timore diu continuit se et insultare Parthos aliquantisper passus est; ad postremum in securos laetosque partem

e compele os cidadãos, coagidos pela fome, à rendição. [3] Por sua vez, Mitrídates se entrega espontaneamente ao poder de Orodes, por confiança do parentesco. [4] Mas Orodes ordenou trucidá-lo em sua presença, considerando-o mais um inimigo do que um irmão. Após isso, guerreou com os romanos e arrasou o general Crasso com seu filho e todo o exército romano. [5] O filho de Orodes, Pácoro, enviado em perseguição aos restantes do exército romano, tendo realizado grandes façanhas na Síria, é chamado de volta à Pártia em condição de suspeito para seu pai. Com sua ausência, o exército dos partas, deixado na Síria, é trucidado com todos os comandantes por Cássio, questor de Crasso. [6] Assim, não muito tempo depois desses acontecimentos, começa a guerra civil romana entre César e Pompeio, na qual os partas estavam do lado de Pompeio, devido à estreita amizade com Pompeio desde a Guerra Mitridática, e, por causa da morte de Crasso, cujo filho ouviram estar ao lado de César, ponderavam que ele haveria de ser vingador do pai, com César vitorioso. [7] E assim, com as facções de Pompeio vencidas, enviaram auxílios a Cássio e Bruto contra Augusto e Antônio, e, após o fim da guerra, novamente sob o comando de Pácoro, começada uma aliança com Labieno, devastaram a Síria e a Ásia e atacaram os acampamentos de Ventídio com um grande efetivo, ele que derrotara, depois de Cássio, o exército parta na ausência de Pácoro. [8] Mas ele, com temor simulado, confinou-se durante muito tempo e, por um período, permitiu-se insultar pelos partas. Por fim, quando seguros e satisfeitos, lançou contra eles parte das legiões. Pelo ímpeto delas, os partas, em fuga, se dispersaram em diferentes direções. [9] Como Pácoro pensava que os fugitivos teriam afastado consigo as legiões romanas, e também que o acampamento de Ventídio estaria sem defensores, ataca-o.

legionum emisit, quarum impetu fusi Parthi in diuersa abiire. [9] Pacorus cum fugientes suos abduxisse secum legiones Romanas putaret, castra Ventidi, ueluti sine defensoribus, adgreditur. [10] Tum Ventidius reliqua parte legionum emissa uniuersam Parthorum manum cum rege ipso Pacoro interficit; nec ullo bello Parthi umquam maius uulnus acceperunt. [11] Haec cum in Parthia nuntiata essent, Orodes, pater Pacori, qui paulo ante uastatam Syriam, occupatam Asiam a Parthis audierat uictoremque Pacorum Romanorum gloriabatur, repente filii morte et exercitus clade audita ex dolore in furorem uertitur. [12] Multis diebus non adloqui quemquam, non cibum sumere, non uocem emitte, ita ut etiam mutus factus uideretur. [13] Post multos deinde dies, ubi dolor uocem laxauerat, nihil aliud quam Pacorum uocabat; Pacorus illi uideri, Pacorus audiri uidebatur, cum illo loqui, cum illo consistere; interdum quasi amissum fiebiliter dolebat. [14] Post longum deinde luctum alia sollicitudo miserandum senem inuadit, quem ex numero XXX filiorum in locum Pacori regem destinet. [15] Multae paelices, ex quibus generata tanta iuuentus erat, pro suis quaeque sollicitae animum senis obsidebant. [16] Sed fatum Parthiae fecit, in qua iam quasi sollemne est reges parricidas haberi ut sceleratissimus omnium, et ipse Phraates nomine, rex statueretur.

[5, 1] Itaque statim, quasi nollet mori, patrem

[10] Então, Ventídio, enviada a parte restante das legiões, destrói toda a força dos partas junto ao próprio comandante Pácoro; nunca, em guerra alguma, os partas sofreram maior desgraça. [11] Quando estas notícias foram anunciadas na Pártia, Orodes, pai de Pácoro, que pouco antes ouvira sobre a destruição da Síria, a ocupação da Ásia pelos partas, e vangloriava-se pela vitória de Pácoro sobre os romanos, de repente, ouvidas (as notícias) sobre a morte do filho e a ruína do exército, converte-se da dor ao furor. [12] Por muitos dias não dirigiu a palavra à pessoa alguma, nem tomou alimento, nem soltou um som, ao ponto de parecer como mudo de fato. [13] Em seguida, após muitos dias, quando a dor relaxara a sua voz, nenhum outro chamava senão Pácoro; Pácoro parecia-lhe estar visível, Pácoro parecia-lhe fazer-se ouvir, com ele falar, parecia com ele demorar-se; de tempos em tempos, sofria em lágrimas como se perdido. [14] Após longo tempo em luto, outra inquietação invadiu o miserável velho: para qual dos trinta filhos destinar o trono parta no lugar de Pácoro. [15] Muitas concubinas, das quais foram gerados tantos jovens, obsidiavam o ânimo do velho, solícitas, cada uma em prol do seu. [16] Mas o destino da Pártia, onde é quase um hábito ter-se reis parricidas, fez que o mais abominável de todos fosse nomeado rei, também ele com nome de Fraates.

[5, 1] Assim, como se não quisesse morrer, logo mata o pai; trucidava também todos os

interficit; fratres quoque omnes XXX trucidat. Sed nec in filiis cessant parricidia. [2] Nam cum infestos sibi optimates propter adsidua scelera uideret, ne esset qui nominari rex posset, adultum filium interfici iubet. [3] Huic Antonius propter auxilium aduersus se et Caesarem latum bellum cum sedecim ualidissimis legionibus intulit, sed grauiter multis proeliis uexatus a Parthia refugit. [4] Qua uictoria insolentior Phraates redditus, cum multa crudeliter consuleret, in exilium a populo suo pellitur. [5] Itaque cum magno tempore finitimas ciuitates, ad postremum Scythas precibus fatigasset, Scytharum maxime auxilio in regnum restituitur. [6] Hoc absente regem Parthi Tiridaten quendam constituerant, qui audito aduentu Scytharum cum magna amicorum manu ad Caesarem in Hispania bellum tunc temporis gerentem confugit, obsidem Caesari minimum Phraatis filium ferens, quem neglegentius custoditum rapuerat. [7] Quo cognito Phraates legatos statim ad Caesarem mittit, seruum suum Tiridaten et filium remitti sibi postulat. [8] Caesar et legatione Phraatis audita et Tiridatis postulatis cognitis – nam et ipse restitui in regnum desiderabat, iuris Romanorum futuram Parthiam adfirmans, si eius regnum muneris eorum fuisset – neque Tiridaten dediturum se Parthis dixit, neque aduersus Parthos Tiridati auxilia daturum. [9]

trinta irmãos. Mas os parricídios não cessam nem ante a seus filhos. [2] Com efeito, como percebia os nobres hostis a si por causa de sua incessante crueldade, para que não houvesse quem pudesse ser nomeado rei, ordena que seja morto o filho adulto. [3] Antônio, por causa do auxílio enviado contra a si e a César¹⁸⁰, levou a guerra a ele, com dezesseis legiões fortíssimas, mas abalado violentamente pelas muitas batalhas, recuou da Pártia. [4] Regressado Fraates, mais arrogante com esta vitória, como tomava medidas muito cruelmente, é expulso pelo seu povo para o exílio. [5] Assim, visto que, por longo tempo, tinha fatigado com súplicas desde as cidades vizinhas, até, por último, os citas, é restituído ao poder, sobretudo, com o auxílio dos citas. [6] Nisto, em sua ausência, os partas estabeleceram rei um certo Tirídates, que, informado da invasão dos citas, com um grande punhado de amigos, fugiu até César que guerreava na Hispânia naquela época, levando como refém para César o filho menor de Fraates, a quem raptara enquanto era tutelado de forma mais negligente. [7] Tomado conhecimento disso, Fraates envia, em seguida, embaixadores a César, postula que o seu servo Tirídates e seu filho sejam remetidos a ele. [8] César, ouvidas as postulações de Fraates, e informado do pedido de Tirídates – pois o próprio desejava ser restituído ao poder, afirmando que a Pártia estaria sob as leis dos romanos, se pelas mãos destes, fosse dele o reino – disse-lhe que nem haveria de entregar Tirídates aos partas, nem haveria de dar a Tirídates auxílios contra os partas. [9] Entretanto, para que não parecesse nada ter obtido de César por tudo (o que pediu), remeteu o filho a Fraates sem resgate e ordenou ser oferecida uma soma opulenta a

¹⁸⁰ Todas as referências a César, neste trecho, dizem respeito a Augusto.

Ne tamen per omnia nihil a Caesare obtentum uideretur, et Phrahati filium sine pretio remisit et Tiridati, quoad manere apud Romanos uellet, opulentum sumptum praeberi iussit. [10] Post haec finito Hispaniensi bello cum in Syriam ad componendum Orientis statum uenisset, metum Phrahati incussit ne bellum Parthiae uellet inferre. [11] Itaque tota Parthia captiui ex Crassiano siue Antoni exercitu recollecti signaque cum his militaria Augusto remissa. [12] Sed et filii nepotesque Phrahatidis obsides Augusto dati, plusque Caesar magnitudine nominis sui fecit, quam armis facere alius imperator potuisset.

Tirídates, enquanto quisesse residir junto aos romanos. [10] Depois disso, com a guerra hispânica terminada, como (Roma) tivesse vindo à Síria para apaziguar a situação do Oriente, incutiu medo em Fraates, para que não quisesse levar guerra à Pártia. [11] E assim os prisioneiros do exército de Crasso ou de Antônio foram reunidos por toda Pártia e, com eles, as insígnias militares reenviadas a Augusto, [12] mas, também, feitos reféns os filhos e netos de Fraates, de presente a Augusto. E César fez mais com a grandeza de seu nome do que outro general teria conseguido fazer com as armas.¹⁸¹

LIBER XLIII

[1, 1] Parthicis orientalibusque ac totius propemodum orbis rebus explicitis ad initia Romanae urbis Trogius ueluti post longam peregrinationem domum reuertitur, ingrati ciuis officium existimans, si, cum omnium gentium res gestas inlustrauerit, de sola tantum patria taceat. [2] Breuiter igitur initia Romani imperii perstringit, ut nec modum propositi operis excedat nec utique originem urbis, quae est caput totius orbis, silentio praetermittat. [3] Italiae cultores primi Aborigines fuere, quorum rex Saturnus tantae

Livro XLIII

[1, 1] Terminadas as histórias dos partas, dos orientais e de quase todo o orbe, Trogo (retorna) às origens da urbe romana, como se, após uma longa peregrinação retornasse à casa, julgando ser um trabalho de um cidadão ingrato, se, após tornar célebres os feitos de todas as gentes, silenciasse somente quanto à sua pátria. [2] Brevemente, então, toca de passagem nas origens da soberania romana para nem exceder a extensão da obra proposta, nem passar inteiramente em silêncio a origem da urbe, a qual é a capital de todo o orbe. [3] Os primeiros moradores da Itália foram os aborígenes, cujo rei, Saturno, diz-se, foi de tamanha justiça que, sob ele, não havia alguém que fosse servo,

¹⁸¹ Arnaud-Lindet (2003, recurso online) aponta que aqui ocorre o fim da cronologia da obra. Como se verá a seguir, no livro XLIII, retomam-se as origens de Roma e de Marselha, enquanto, no XLIV, Justino dedica-se à Hispânia.

iustitiae fuisse dicitur, ut neque seruerit quisquam sub illo neque quicquam priuatae rei habuerit, sed omnia communia et indiuisa omnibus fuerint, ueluti unum cunctis patrimonium esset. [4] Ob cuius exempli memoriam cautum est, ut Saturnalibus exaequato omnium iure passim in conuiuuiis serui cum dominis recumbant. [5] Itaque Italia regis nomine Saturnia appellata, et mons in quo habitabat Saturnius, in quo nunc ueluti ab Ioue pulso sedibus suis Saturno Capitolium est. [6] Post hunc tertio loco regnasse Faunum ferunt, sub quo Euander ab Arcadiae urbe Pallanteo in Italiam cum mediocri turba popularium uenit, cui Faunus et agros et montem, quem ille postea Palatium appellauit, benigne adsignauit. [7] In huius radicibus templum Lycaeum, quem Graeci Pana, Romani Lupercum appellant, constituit; ipsum dei simulacrum nudum caprina pelle amictum est, quo habitu nunc Romae Lupercalibus decurritur. [8] Fauno uxor fuit nomine Fatua, quae adsidue diuino spiritu inpleta ueluti per furorem futura praemonebat. Vnde adhuc, qui inspirari solent, fatuari dicuntur. [9] Ex filia Fauni et Hercule, qui eodem tempore extincto

nem algo que fosse de propriedade privada, mas tudo era comum e indiviso para todos, como se houvesse um único patrimônio para o conjunto. [4] Em memória ao exemplo dele, cuidou-se para que, nas Saturnais, igualado o direito de todos sem distinção, os servos se reclinassem ao lado de seus senhores nos banquetes. [5] E, assim, a Itália foi chamada, a partir do nome do rei, de Satúrnica, e o monte em que habitava, de Satúrnio, em que, agora, como se Saturno tivesse sido expulso de suas próprias sedes por Jove, está o Capitólio. [6] Depois dele, contam que teria reinado, em terceiro lugar, Fauno, sob quem Evandro viera da cidade da Arcádia, em Palanteia, à Itália, junto a uma comitiva de médio porte, a quem Fauno, bondosamente, deu campos e também um monte, a que aquele, depois, chamou de Palatino. [7] Aos pés dele, construiu um templo a Liceu, a quem os gregos chamam de Pã, os romanos, de Luperco; a estátua nua desse mesmo deus está involta com uma pele de cabra, traje com que, agora, se desfila nas Lupercálias de Roma. [8] A esposa de Fauno tinha o nome de Fatua, a qual, continuamente unida ao espírito divino como se a um furor, previa o futuro. Daí que, até hoje, os que costumam ser inspirados são ditos “fatídicos”¹⁸². [9] Da filha de Fauno e Hércules – que, naquele tempo, morto Gerião, conduzia o gado, prêmio da vitória, através da Itália –, foi gerado Latino¹⁸³, concebido de um estupro. [10] Estando o reino sob seu controle, Eneias veio de Ílion – tomada Troia de assalto pelos gregos – à

¹⁸² *Fatuari* é o infinitivo de *fatuor* (estar inspirado). Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), esta etimologia para o termo a partir do nome de Fatua só apareceria em Justino.

¹⁸³ Segundo Castro Sánchez (2008, p. 511): “A tradição ‘helenizante’ o apresenta como filho de Circe e Ulisses, enquanto que, para a tradição latina recolhida por Virgílio na *Eneida*, era filho do deus nativo Fauno e da deusa de Minturnas, Marica. Aqui é feito neto, não filho, de Fauno.”; “La tradición ‘helenizante’ lo presenta como hijo de Circe y Ulises, mientras que la tradición latina, recogida por Virgilio en la *Eneida*, era hijo del dios indígena Fauno y de la diosa de Minturnas, Marica. Aquí se le hace nieto, no hijo, de Fauno.”.

Geryone armenta, uictoriae praemia, per Italiam ducebat, stupro conceptus Latinus procreatur. [10] Quo tenente regnum Aeneas ab Ilio Troia a Graecis expugnata in Italiam uenit statimque bello exceptus, cum in aciem exercitum eduxisset, ad conloquium uocatus tantam admirationem sui Latino prae-buit, ut et in societatem regni reciperetur et Lauinia in matrimonium ei data gener adscisceretur. [11] Post haec commune utriusque bellum aduersus Turnum, regem Rutulorum, propter fraudatas Lauinae fuit nuptias, in quo et Turnus et Latinus interi-ere. [12] Igitur cum Aeneas iure uictoriae utroque populo potiretur, urbem ex nomine uxoris Lauinium condidit. [13] Bellum deinde aduersus Mezentium, Etruscorum regem, gessit, in quo cum ipse occidisset, in locum eius Ascanius filius successit, qui Lauinio relicto Longam Albam condidit, quae CCC annis caput regni fuit.

[2, 1] Post multos deinde huius urbis reges ad postremum Numitor et Amulius regno potiti sunt. [2] Sed Amulius cum ui aetate potio-rem Numitorem oppressisset, filiam eius Ream in perpetuam uirginitatem, ne quis uindex regni uirilis sexus ex gente Numitoris oriretur, demersit, addita iniuriae specie honoris, ut non damnata, sed sacerdos electa uideretur. [3] Igitur clausa in luco Marti sacro duos pueros, incertum stupro an ex Marte conceptos, enixa est. [4] Quo cognito Amulius multiplicato metu prouentu duorum

Itália e logo foi recebido com guerra. Embora tivesse posto o exército em campo, foi chamado para uma conferência, e causou tamanha admiração a Latino que foi acolhido como aliado de seu reino e adotado como genro, tendo sido Lavínia dada em matrimônio a ele. [11] Após isso, houve uma guerra comum de um e outro contra Turno, rei dos rútulos, devido às núpcias roubadas com Lavínia, em que perecem Turno e também Latino. [12] Então, como Eneias, por direito de vitória, se apoderou de um e de outro povo, fundou a cidade de Lavínio, a partir do nome da esposa. [13] Depois, guerreou contra Mezêncio, rei dos etruscos, ocasião em que ele mesmo morreu; sucedeu, no lugar dele, o filho Ascânio, que, deixada Lavínio, fundou Alba Longa, a qual foi a capital do reino por trezentos anos.

[2, 1] Em seguida, após muitos reis nessa cidade, por fim, Numitor e Amúlio assumem o poder. [2] Mas Amúlio, tendo subjugado pela força Numitor, preferido pela idade, sepultou a filha dele, Réa, em uma virgindade perpétua, para que não nascesse, da gente de Numitor, alguém do sexo masculino, vingador do reino; acrescentou-se à injúria um aspecto de honra para que não parecesse ter sido condenada, mas escolhida como sacerdotisa. [3] Então, presa em um bosque sagrado a Marte, deu à luz dois meninos, concebidos, é incerto, de um estupro ou a partir de Marte. [4] Sabendo disso, Amúlio, multiplicado o medo pelo nascimento dos dois, ordena expor os

pueros exponi iubet et puellam uinculis onerat, ex quorum iniuria decessit. [5] Sed Fortuna origini Romanae prospiciens pueros lupae alendos obtulit, quae amissis catulis distenta ubera exinanire cupiens nutricem se infantibus praebuit. [6] Cum saepius ad paruulos ueluti ad catulos reuerteretur, rem Faustulus pastor animaduertit subtractosque ferae inter greges pecorum agresti uita nutriuit. [7] Martios pueros fuisse, siue quod in luco Martis enixi sunt siue quod a lupa, quae in tutela Martis est, nutriti, ueluti manifestis argumentis creditum. Nomina pueris alteri Remo, alteri Romulo fuere. [8] Adultis inter pastores de uirtute cotidiana certamina et uires et pernecitatem auxere. [9] Igitur cum latrones a rapina pecorum industrie frequenterque submouerent, Remus ab isdem latronibus captus et uelut ipse esset, quod in aliis prohibebat, regi offertur; crimini datur quasi greges Numitoris infestare solitus esset. Tunc a rege Numitori in ultionem traditur. [10] Sed Numitor adulescentia iuuenis permotus et in suspicionem expositi nepotis adductus, cum eum nunc liniamentorum filiae similitudo, nunc aetas expositionis temporibus congruens anxium tenerent, repente Faustulus cum Romulo superuenit; a quo origine cognita puerorum facta conspiratione et adulescentes in ultionem maternas necis et Numitor in uindictam erepti regni armantur.

[3, 1] Occiso Amúlio regnum Numitori

meninos e cobrir a moça de grilhões, por cuja injúria, morreu. [5] Mas a Fortuna, velando pela origem romana, mostrou os meninos a uma loba para serem alimentados, a qual, perdidos os filhotes, desejando esvaziar os úberes cheios, se oferece como nutriz às crianças. [6] Como voltava, constantemente, aos pequeninos como se aos filhotes, o pastor Faustulo notou a situação e, subtraídos da fera, nutriu-os em meio ao rebanho dos bois, em uma vida rústica. [7] Acreditou-se que os meninos fossem de Marte, ou porque foram dados à luz no bosque sagrado de Marte, ou porque foram nutridos por uma loba, a qual está sob a tutela de Marte, como se fosse uma prova evidente. Os nomes dos meninos foram, de um, Remo, de outro, Rômulo. [8] Já adultos, os certames cotidianos pela virtude entre os pastores aumentaram suas forças e também sua agilidade. [9] Então, como, com perícia e frequentemente, repeliam os ladrões das rapinas dos bois, Remo foi capturado pelos mesmos ladrões, e, como se ele próprio fosse aquilo que proibia aos outros, é trazido diante do rei; o crime é atribuído a ele, como se fosse habituado a assolar os gados de Numitor. Logo, é apresentado ao rei Numitor para punição. [10] Mas Numitor, comovido pela juventude do rapaz e levado à suspeita de que era o neto exposto, quando ora a similaridade das feições da filha, ora a idade consoante aos tempos da exposição o mantinham aflito, de repente, Faustulo chegou junto a Rômulo; conhecida, a partir dele, a origem dos meninos, feita a conspiração, os jovens se armam para a punição da morte materna, e também Numitor, em vingança pelo reino tomado.

[3, 1] Morto Amúlio, o reino é restituído a Numitor, e a urbe romana é fundada pelos

restituatur et urbs Romana ab adolescentibus conditur. [2] Tunc et senatus centum seniorum, qui patres dicti sunt, constituitur; tunc et uicinis conubia pastorum dedignantibus uirgines Sabinae rapiuntur, finitimisque populis armis subiectis primo Italiae et mox orbis imperium quaesitum. [3] Per ea tempora adhuc reges hastas pro diadematē habebant, quas Graeci *Æsceptra* dixere. Nam et ab origine rerum pro diis immortalibus ueteres hastas coluere, ob cuius religionis memoriam adhuc deorum simulacris hastae adduntur. [4] Temporibus Tarquinii regis ex Asia Phocaeensium iuuentus ostio Tiberis inuenta amicitiam cum Romanis iunxit; inde in ultimos Galliae sinus nauibus profecta Massiliam inter Ligures et feras gentes Gallorum condidit, magnasque res, siue dum armis se aduersus Gallicam feritatem tuentur siue dum ultro lacessunt, a quibus fuerant antea lacessiti, gesserunt. [5] Namque Phocaeenses exiguitate ac macie terrae coacti studiosius mare quam terras exercuere: piscando mercandoque, plerumque etiam latrocinio maris, quod illis temporibus gloriae habebatur, uitam tolerabant. [6] Itaque in ultimam Oceani

jovens. [2] Logo, também é constituído o senado de cem anciões, os quais são chamados “pais”; logo, também, desdenhando os vizinhos as uniões com pastores, são raptadas as virgens sabinas, e, submetidos os povos fronteiriços pelas armas, buscam a soberania, primeiro, da Itália, e em breve, do orbe. [3] Durante aquele tempo, os reis ainda tinham, no lugar de diademas, lanças, as quais os gregos chamam de cetros. Com efeito, também na origem das atividades (humanas), os antigos veneravam as lanças no lugar dos deuses imortais; pela memória dessa religião, lanças ainda são postas nas imagens dos deuses. [4] Nos tempos do rei Tarquínio, a juventude dos foces, saída da Ásia para a embocadura do Tibre, se uniu em amizade aos romanos¹⁸⁴; dali, tendo partido em naus pelo golfo aos confins da Gália, fundou Marselha, entre os ligúrios e as gentes ferozes dos gauleses, e realizaram¹⁸⁵ grandes feitos, seja enquanto se defendiam com armas contra a ferocidade gaulesa, seja, por outro lado, enquanto atacavam aqueles por quem antes haviam sido atacados. [5] E, com efeito, os foces, obrigados pela pequenez e esterilidade da terra, dedicavam mais esforço ao mar do que à terra: ganhavam a vida pescando, negociando e, muitas vezes, também pelo latrocínio no mar, que, naqueles tempos, era tido como uma honra. [6] E, assim, tendo ousado avançar à última costa do Oceano, no golfo gaulês, chegaram à embocadura da corrente do Ródano – [7] cativados pela beleza desse lugar, de volta à pátria,

¹⁸⁴ A partir daqui, o enfoque do livro está em Marselha, fundada pelos foces, e os romanos aparecerão novamente quando há outra referência a esse tratado de paz (43.5.6), e quando os marselheses são informados de que Roma fora incendiada pelos gauleses (a partir de 43.5.8). Traduz-se toda a passagem, mesmo assim, já que são retratados como importantes aliados, e também para que se observe que, embora no início se dê a impressão de que o livro XLIII tratará dos romanos, parte considerável dele é dedicada a outro povo. Isso também permite que mais um livro tenha sido traduzido inteiramente.

¹⁸⁵ Segue-se a variação entre singular e plural presente no texto-fonte.

oram procedere ausi in sinum Gallicum ostio Rhodani amnis deuenere, [7] cuius loci amoenitate capti, reuersi domum referentes quae uiderant, plures sollicitauere. [8] Duces classis Simos et Protis fuere. Itaque regem Segobrigiorum, Nannum nomine, in cuius finibus urbem condere gestiebant, amicitiam petentes conueniunt. [9] Forte eo die rex occupatus in apparatu nuptiarum Gypsis filiae erat, quam more gentis electo inter epulas genero nuptum tradere illic parabat. [10] Itaque cum ad nuptias inuitati omnes proci essent, rogantur etiam Graeci hospites ad conuiuium. [11] Introducta deinde uirgo cum iuberetur a patre aquam porrigere ei, quem uirum eligeret, tunc omissis omnibus ad Graecos conuersa aquam Proti porrigit, qui factus ex hospite generi locum condendae urbis a socero accepit. [12] Condita igitur Massilia est prope ostia Rhodani amnis in remoto sinu, uelut in angulo maris. [13] Sed Ligures incrementis urbis inuidentes Graecos adsiduus bellis fatigabant, qui pericula propulsando in tantum enituerunt, ut uictis hostibus in captiuis agris multas colonias constituerint.

[4, 1] Ab his igitur Galli et usum uitae cultioris deposita ac mansuefacta barbaria et agrorum cultus et urbes moenibus cingere didicerunt. [2] Tunc et legibus, non armis uiuere, tunc et uitem putare, tunc oliuam serere consuerunt, adeoque magnus et hominibus et rebus inpositus est nitor, ut non

contando o que viram, atraíram muitos. [8] Os comandantes da frota eram Simos e Protes. E, assim, pedindo sua amizade, visitaram o rei dos segobrigios, chamado Nano, em cujas fronteiras desejavam fundar uma cidade. [9] Por acaso, naquele dia, o rei estava ocupado com a preparação das núpcias de sua filha, Giptis, a qual, pelo costume da gente, preparava para dar em casamento a um genro escolhido, ali, em meio aos festins. [10] E, assim, como todos os pretendentes tinham sido convidados às núpcias, também os hóspedes gregos são chamados a participar do banquete. [11] Apresentada, depois, a virgem, quando foi mandada pelo pai a oferecer água àquele que elegera como marido, então, esquecidos todos, tendo se voltado aos gregos, ofereceu água a Protes, o qual, feito de hóspede em genro, recebeu do sogro um local para fundar a cidade. [12] Foi fundada, então, Marselha, junto à embocadura da corrente do Ródano, em um golfo distante, como se em um canto do mar. [13] Mas os ligúrios, invejando o crescimento da cidade, fatigavam os gregos com contínuas guerras, os quais se esforçaram tanto em repelir os perigos, que, vencidos os inimigos, construíram muitas colônias nos campos conquistados.

[4, 1] Com isso, então, os gauleses, deposta e domesticada a barbárie, aprenderam um modo de vida mais culto, o cultivo dos campos e a cercar as cidades com muros. [2] Então, também se habituaram a viver com leis, não com armas; então, também a podar a vinha; então a semear a oliveira, e tão grande esplendor se consolidou sobre os homens e também suas atividades que não parecia a Grécia ter emigrado à Gália, mas a Gália ser

Graecia in Galliam emigrasse, sed Gallia in Graeciam translata uideretur. [3] Mortuo rege Nanno Segobrigiorum, a quo locus acceptus condendae urbis fuerat, cum regno filius eius Comanus successisset, adfirmante quodam regulo, quandoque Massiliam exitio finitimis populis futuram, opprimendamque in ipso ortu, ne mox ualidior ipsum obrueret. [4] Subnectit et illam fabulam: canem aliquando partu grauidam locum a pastore precario petisse, in quo pareret, quo obtento iterato petisse, ut sibi educare eodem in loco catulos liceret; ad postremum adultis catulis fultam domestico praesidio proprietatem loci sibi uindicasse. [5] Non aliter Massilienses, qui nunc inquilini uideantur, dominos quandoque regionum futuros. [6] His incitatus rex insidias Massiliensibus struit. Itaque sollemni Floraliorum die multos fortes ac strenuos uiros hospitii iure in urbem misit, plures sirpeis latentes frondibusque supertectos induci uehiculis iubet, [7] ipse cum exercitu in proximis montibus delitescit, ut, cum nocte a praedictis apertae portae forent, tempestiue ad insidias adesset urbemque somno ac uino sepultam armatis inuaderet. [8] Sed has insidias mulier quaedam regis cognata prodidit, quae adulterare cum Graeco adulescente adsolita in amplexu iuuenis

transformada em Grécia. [3] Morto o rei dos segobrígios, Nano, de quem fora recebido o local para fundar a cidade, quando o filho dele, Comano, o sucedeu no reino, houve um certo reizinho assegurando que, algum dia, Marselha seria a ruína dos povos fronteiriços e deveria ser destruída na própria origem, para que, em breve mais poderosa, (ela) não viesse a destroná-lo. [4] E acrescenta esta fábula: um dia, uma cadela grávida pediu a um pastor, com repetidos rogos, um local para parir, o qual obteve. Pediu outra vez que o habitasse, para que lhe fosse permitido educar naquele mesmo local os filhotes. Por fim, adultos os filhotes, fiada na guarnição doméstica, reivindicou a propriedade do lugar para si. [5] Não de outro modo, os marselheses, que agora pareciam inquilinos, seriam, um dia, os senhores da região. [6] Incitado por essas insídias, o rei trama contra os marselheses. E, assim, no dia solene das festas em honra a Flora, envia à cidade, por direito de hospitalidade, muitos homens fortes e diligentes; ordena que vários, ocultos em cestos e cobertos por folhas, sejam trazidos em veículos. [7] Ele mesmo escondeu-se com o exército nas montanhas próximas, para que, quando, à noite, as portas fossem abertas pelos que foram antes enviados, se aproximasse, tempestivamente, às emboscadas e, com soldados armados, invadissem a cidade sepultada no sono e no vinho¹⁸⁶. [8] Mas, uma certa mulher, parente do rei, denunciou essas emboscadas; ela, acostumada a cometer adultério com um jovem grego, nos braços do rapaz, com pena da beleza dele, expôs as emboscadas e ordena que se afaste do perigo. [9] Ele,

¹⁸⁶ Segundo Arnaud-Lindet (2003, recurso online), a construção “*urbemque somno ac uino sepultam [...] inuaderet*” ecoa aquela de Virgílio: “*inuadunt urbem somno uinoque sepultam*” (*Aen.* 2.265); “invadem a cidade sepultada no sono e no vinho”, que, por sua vez, retoma a de Ênio: “*nunc hostes uino domiti somnoque sepulti*” (*Ann.* 292); “agora, as hostes dominadas pelo vinho e sepultadas no sono”.

miserata formae eius insidias aperuit periculumque declinare iubet. [9] Ille rem statim ad magistratus defert; atque ita patefactis insidiis cuncti Ligures comprehenduntur latentesque de sirpeis protrahuntur. [10] Quibus omnibus interfectis insidianti regi insidiae tenduntur. Caesa cum ipso rege hostium septem milia. [11] Exinde Massilienses festis diebus portas claudere, uigilias agere, stationes in muris obseruare, peregrinos recognoscere, curas habere, ac ueluti bellum habeant, sic urbem pacis temporibus custodire. [12] Adeo illic bene instituta non temporum necessitate, sed recte faciendi consuetudine seruantur.

[5, 1] Post haec magna illis cum Liguribus, magna cum Gallis fuere bella, quae res et urbis gloriam auxit et uirtutem Graecorum multiplicata uictoria celebrem inter finitimos reddidit. [2] Karthaginensium quoque exercitus, cum bellum captis piscatorum nauibus ortum esset, saepe fuderunt pacemque uictis dederunt, [3] cum Hispanis amicitiam iunxerunt, cum Romanis prope ab initio conditae urbis foedus summa fide custodierunt auxiliisque in omnibus bellis industrie socios iuuerunt. Quae res illis et uirium fiduciam auxit et pacem ab hostibus praestitit. [4] Cum igitur Massilia et fama rerum gestarum et abundantia opum et uirium gloria uirente floreret, repente finitimi populi ad nomen Massiliensium delendum uelut ad commune extinguendum incendium

imediatamente, conta a situação aos magistrados, e, assim, reveladas as emboscadas, todos os ligúrios são presos, e os (que estão) ocultos são arrancados dos cestos. [10] Mortos todos eles, uma emboscada é armada para o rei que emboscava. Foram massacrados sete mil inimigos junto ao próprio rei. [11] Desde então, os marselheses fecham as portas em dias festivos, fazem vigílias, têm postos para observar nos muros, inspecionam estrangeiros, têm precauções e, desse modo, guardam a cidade em tempos de paz como se estivessem em guerra; [12] a tal ponto, ali, as tradições são bem preservadas, não pela necessidade dos tempos, mas pelo hábito de fazê-las sabiamente.

[5, 1] Após esses eventos, houve grandes guerras deles com os ligúrios e grandes com os gauleses; isso aumentava a glória da cidade e também, multiplicada a vitória, tornou a virtude dos gregos célebre entre os vizinhos. [2] Também derrotaram, frequentemente, os exércitos dos cartagineses quando rebentou a guerra pelas naus de pesca capturadas e concederam a paz aos vencidos; [3] uniram-se em amizade com os hispanos; conservaram o tratado (feito) com os romanos com suma fidelidade quase desde o início da fundação da cidade e, com zelo, ajudaram seus aliados com auxílios em todas as guerras. Isso aumentou a confiança em suas forças (militares) e lhes garantiu a paz (por parte) dos inimigos. [4] Enquanto, então, Marselha florescia com a fama dos feitos ilustres, a abundância das riquezas e a glória verdejante das forças (militares), de repente, os povos fronteiriços, como se para extinguir um incêndio a bens comuns, concorrem para destruir o nome dos marselheses. [5] Catumando, um jovem rei, é

concurrunt. [5] Dux consensu omnium Catumandus regulus eligitur. Qui cum magno exercitu lectissimorum uirorum urbem hostium obsideret, per quietem specie toruae mulieris, quae se deam dicebat, exterritus ultro pacem cum Massiliensibus fecit, [6] petitoque ut intrare illi urbem et deos eorum adorare liceret, cum in arcem Mineruae uenisset, conspecto in porticibus simulacro deae, quam per quietem uiderat, repente exclamat illam esse, quae se nocte exterruisset, illam, quae recedere ab obsidione iussisset. [7] Gratulatusque Massiliensibus, quod animaduerneret eos ad curam deorum immortalium pertinere, torque aureo donata dea in perpetuum amicitiam cum Massiliensibus iunxit. [8] Parta pace et securitate fundata reuertentes a Delphis Massiliensium legati, quo missi munera Apollini tulerant, audiuerunt urbem Romanam a Gallis captam incensamque. [9] Quam rem domi nuntiatam publico funere Massilienses prosecuti sunt aurumque et argentum publicum priuatumque contulerunt ad explendum pondus Gallis, a quibus redemptam pacem cognouerant. [10] Ob quod meritum et immunitas illis decreta et locus spectaculorum in senatu datus et foedus aequo iure percussum. [11] In postremo libro Trogi: maiores suos a Vocontiis originem ducere; aum suum Trogi Pompeium

eleito comandante pelo consenso de todos, ele que, quando cercava a cidade dos inimigos com um grande exército de homens escolhidos, aterrorizado com a visão de uma mulher ameaçadora em sonho – a qual dizia ser uma deusa –, selou, primeiramente, a paz com os marselheses, [6] e, tendo ele pedido para entrar na cidade e que lhe fosse permitido adorar os deuses deles, como chegasse ao templo de Minerva – sendo avistada, nos pórticos, a imagem da deusa que vira em sonho –, de repente, exclama que fora ela que o aterrorizara à noite, ela que ordenara retirar o cerco. [7] E se regozija com os marselheses, porque percebera que eles estavam sob a guarda dos deuses imortais; tendo oferecido uma grinalda de ouro à deusa, se uniu em amizade com os marselheses para sempre. [8] Adquirida a paz e estabelecida a segurança, os embaixadores dos marselheses, voltando de Delfos – para onde os enviados tinham levado presentes a Apolo – ouviram que a urbe romana fora tomada e incendiada pelos gauleses. [9] Os marselheses, em sua pátria, acompanharam essa notícia anunciada com luto público e juntaram ouro e também prata públicos e privados para completar o valor para os gauleses, de quem sabiam que a paz fora comprada. [10] Por este mérito, foi-lhes decretada a imunidade, dado assento junto ao senado nos espetáculos e também concluído um tratado de reciprocidade. [11] No fim do livro, Trogo considera: a origem de seus antepassados a partir dos vocôncios; que seu próprio avô, Pompeio Trogo, obtivera de Cn. Pompeio, com a Guerra Sertoriana, a cidadania; [12] que seu tio paterno, na Guerra Mitridática, comandara tropas de cavaleiros sob o mesmo Pompeio; que também seu pai serviu o exército sob C.

Sertoriano bello ciuitatem a Cn. Pompeio percepisse, [12] patrum Mithridatico bello turmas equitum sub eodem Pompeio duxisse; patrem quoque sub C. Caesare militasse epistularumque et legationum, simul et anuli curam habuisse.

César¹⁸⁷ e que tivera a guarda das epístolas, das embaixadas e, ao mesmo tempo, do anel¹⁸⁸.

LIBER XLIV

Livro XLIV

(...)

(...)

[1, 4] Nam neque ut Africa uiolento sole torretur, neque ut Gallia adsiduis uentis fatigatur, sed media inter utramque hinc temperato calore, inde felicibus et tempestiuis imbribus in omnia frugum genera fecunda est, adeo ut non ipsis tantum incolis, uerum etiam Italiae urbiue Romanae cunctarum rerum abundantia sufficiat. (...)

[1, 4] Com efeito, não é, como a África, queimada¹⁸⁹ por violento sol, nem é, como a Gália, atormentada por ventos constantes, mas, no meio, entre uma e outra, aqui com um calor moderado, ali com chuvas favoráveis e oportunas, é fecunda em todas as espécies de frutos, a tal ponto que, com a abundância de uma miríade de alimentos, provê não só aos próprios habitantes, como também à Itália e à urbe romana. (...)

[2, 6] Nullus in festos dies epularum apparatus. Aqua calida lauari post secundum Punicum bellum a Romanis didicere. [7] In tanta saeculorum serie nullus illis dux magnus praeter Viriatum fuit, qui annis decem Romanos uaria uictoria fatigauit; adeo

[2, 6] Não se prepara banquete algum em dias festivos. Após a segunda Guerra Púnica, aprenderam a se lavar com água quente com os romanos. [7] Em tão grande sucessão de séculos, não houve, para eles, um grande comandante exceto Viriato, que fatigou os romanos por dez anos com variadas vitórias; a tal ponto tinham as índoles mais próximas

¹⁸⁷ Para Arnaud-Lindet (2003, recurso online), é debatível a qual César a passagem se refere, visto que, embora os comentadores do texto normalmente indiquem que é a Júlio César, este não é normalmente chamado de C. César nos textos, enquanto Augusto, por outro lado, é referido simplesmente por César, como já se viu anteriormente. Assim, a estudiosa indica que pode ser o filho de Júlia e Agripa que, assim como seu irmão Lúcio, fora adotado por Augusto e a quem normalmente se chama dessa forma. Assim, o pai de Trogo, já idoso, poderia ter acompanhado o príncipe em sua expedição ao Oriente, em que este conheceu Fraates V, na virada para a Era Comum (ARNAUD-LINDET, 2003, recurso online).

¹⁸⁸ Segundo Watson (1853, recurso online), este seria “o mesmo cargo que Mecenas e Agripa ocuparam sob Augusto, e Muciano sob Vespasiano, como aparece em Dión Cássio e seu epitomizador.”; “*The same office which Maecenas and Agrippa held under Augustus, and Mucianus under Vespasian, as appears from Dion. Cass. and his epitomiser.*”.

¹⁸⁹ O livro XLIV é dedicado à história da Hispânia, de modo que, aqui, se refere a ela.

feris propiora quam hominibus ingenia gerunt. Quem ipsum non iudicio populi electum, sed ut cauendi scientem declinandorumque periculorum peritum secuti sunt. [8] Cuius ea uirtus continentiaque fuit, ut, cum consulares exercitus frequenter uicerit, tantis rebus gestis non armorum, non uestis cultum non denique uictum mutauerit, sed in eo habitu, quo primum bellare coepit, perseuerauerit, ut quiuis gregarius miles ipso imperatore opulentior uideretur.

(...)

[5, 6] Sed maior utroque Hannibal imperator, Hamilcaris filius, succedit, siquidem utriusque res gestas supergressus uniuersam Hispaniam domuit. Inde Romanis inlato bello Italiam per annos sedecim uariis cladibus fatigauit, [7] cum interea Romani missis in Hispaniam Scipionibus primo Poenos prouincia expulerunt, postea cum ipsis Hispanis grauius bella gesserunt. [8] Nec prius perdomitae prouinciae iugum Hispani accipere potuerunt, quam Caesar Augustus perdomito orbe uicticia ad eos arma transtulit populumque barbarum ac ferum legibus ad cultiorem uitae usum traductum in formam prouinciae redegit.

de feras do que de homens. O próprio (Viriato) não fora eleito pelo julgamento do povo, mas o seguiram porque sabia desviar dos perigos e era perito em afastá-los. [8] A virtude e a moderação dele foram tais que, ainda que tenha, frequentemente, vencido exércitos consulares, depois de tamanhos feitos, não teria mudado a decoração das armas, nem da veste, nem mesmo seu modo de viver, mas, perseverado nele aquele hábito com que primeiro começou a guerrear, de maneira que qualquer soldado raso parecia mais opulento que o próprio general.¹⁹⁰ (...)

[5, 6] Mas, sucedeu-o Aníbal, filho de Amílcar, maior general do que um e outro¹⁹¹, visto que, tendo superado os feitos de um e outro, domou a Hispânia inteira. De lá, lançada guerra aos romanos, fatigou a Itália por dezesseis anos com variadas catástrofes, [7] enquanto os romanos, enviados à Hispânia os Cipião, primeiro expulsaram os penos da província, depois, guerream violentamente com os próprios hispanos. [8] E os hispanos não puderam aceitar o jugo de província submissa, até que César Augusto, submisso o orbe, direcionou a eles as armas vitoriosas e reduziu à condição de província o povo bárbaro e feroz, levado, pelo uso das leis, a uma vida mais culta.¹⁹²

¹⁹⁰ Justino se volta, então, para a terra dos lusitanos, sem menção próxima aos romanos.

¹⁹¹ No início do parágrafo 5, trata-se da invasão cartaginesa do território, da morte de Amílcar e da de seu genro, Asdrúbal; “um e outro”, aqui, se refere a eles, e Aníbal sucede o segundo.

¹⁹² Este é o fim do *Epítome*.

5.2.1 Índice onomástico

Nesta seção, os nomes das personagens citadas ao longo deste recorte do texto de Justino estão organizados em ordem alfabética e são acompanhados por algumas informações para auxiliar em sua identificação. Em caso de homonímia, segue-se a ordem de ocorrência. A maior parte dessas informações é um breve resumo de algumas das ações dessas figuras na própria narrativa, mas busca-se acrescentar algumas complementares, como outros nomes e períodos de reinado, baseadas nas referências que constam nas traduções de Watson (1853), Arnaud-Lindet (2003) e Castro Sánchez (2008), bem como na *Encyclopaedia Britannica* (1911), em Matthew Bunson (2002) e em Paul Harvey (1998). As datas dizem respeito ao período anterior à Era Comum, a menos que expresse o contrário. As indicações numéricas entre colchetes referem-se às passagens em que são abordadas ao longo da narrativa selecionada, o que não significa que não apareçam em outras partes do *Epítome*.

Acílio: Mânio, Glabião. Cônsul em 191, derrota Antíoco III na Batalha das Termópilas no mesmo ano. [31.6.4-6].

Africano: Públio Cornélio Cipião. Irmão mais velho de Cipião Asiático. Foi cônsul em 205 e 194. Derrota Aníbal na Batalha de Zama em 202. Posteriormente, é enviado, junto a seu irmão, para lidar com Antíoco III. Atua também como embaixador, ao lado de Lúcio Metelo e Espúrio Múmio. [31.7; 32.4.9; 38.8.8-11; 44.5.7].

Agátocles: de Siracusa, é avô de um dos filhos de Pirro. Teria sido rei da Sicília de 304 a 289. [23.3.3].

Alexandre: I do Épiro, chamado de “o Molosso”. É filho de Neoptólemo I do Épiro e irmão de Olímpíade, mãe de Alexandre, o Grande. Assim como Pirro, também teria oferecido proteção aos tarentinos. Morre em uma batalha contra os brútijs, em 331. [17.3.14-5; 18.1.2].

Alexandre: II do Épiro, é filho de Pirro. Seu pai o leva em sua expedição militar, deixando-o em Locros. Teria reinado de 272 a 255. [18.1.3; 18.2.12; 23.3.3].

Alexandre: um dos filhos de Perseu, é preso junto a seu pai e seu irmão, Filipe, pelos romanos, na Samotrácia. [33.2.5].

Alexandre, o Grande: Alexandre III da Macedônia. Assim como Filipe II, engendra guerras expansionistas com grande sucesso. Reinou de 336 a 323. Mitrídates VI se diz seu descendente. [17.3.14; 18.1.2; 28.2.12; 29.3.8; 30.3.9; 30.4.9 e 11; 33.1.3; 36.3.8. 38.7.1-2; 41.5.5].

Amílcar: Barca. General cartaginês, é pai de Aníbal. [44.5.6].

Amúlio: um dos reis da Itália, descendente de Eneias. É irmão de Numitor e tio de Réa, a quem, após tomar o reino de seu irmão, obriga ao sacerdócio para que ela não gerasse filhos homens que pudessem derrubar seu poder. É, contudo, morto pelos filhos dela, Rômulo e Remo. [43.2.1-2 e 4; 43.3.1].

Aníbal: general cartaginês, nutre, desde a infância, ódio a Roma. Após seu exílio de Cartago, auxilia Antíoco III e, depois, Prúsias I em suas expedições bélicas. Por fim, se envenena para evitar que fosse entregue aos romanos. É considerado um dos três maiores generais de seu tempo, ao lado de Filopemene e Cipião Africano. [29.1.7; 29.2.3 e 7; 29.3.7; 29.4.2; 30.3.2; 30.4.9 e 14; 31.1.7-9; 31.2; 31.3.5-10; 31.4-5; 31.6.1-2, 6 e 9; 31.7.1-3; 32.4.2-12; 38.3.6; 38.6.5; 44.5.6-7].

Antígono: II, Gônatas, rei do Egito ptolomaico. Pirro lhe pede suas naus para transportar o exército até a Itália. É considerado um dos grandes reis de sua época. Teria reinado de 277 a 274 e de 272 a 239. [17.2.13; 25.5.4].

Antígono: III, Doson. Tutor e padrasto de Filipe V, teria reinado de 229 a 221. [29.1.2].

Antíoco: I, Sóter, rei dos selêucidas. Pirro lhe pede auxílio financeiro para a guerra contra os romanos. [17.2.13].

Antíoco: III, o Grande, rei da Síria. Teria reinado de 223 a 187, ano de sua morte. Os alexandrinos acreditavam que era uma ameaça ao Egito, pelo que solicitam auxílio dos romanos, após a morte de Ptolomeu IV, que teria ocorrido em 205. Posteriormente, recebe Aníbal em seu reino quando este se refugia dos romanos. [29.1.3; 30.2.8; 30.3.3; 30.4.18;

31.1.1-4 e 7; 31.2.5; 31.3.5-10; 31.4.1 e 4-10; 31.5; 31.6.1-9; 31.7.2-9; 31.8.5-8; 32.1.1; 32.2.1-2; 32.4.2-3; 38.6.3].

Antíoco: IV, Epifânio, Epimanes. Rei da Síria, é filho de Antíoco III e teria reinado, após o assassinato de seu irmão Seleuco IV, de 175 a 164. Declara guerra a Ptolomeu VI do Egito, que era seu sobrinho, mas volta atrás após a embaixada de Popílio. Morre, deixando um filho pequeno, que é assassinado por seu irmão, Demétrio. [34.2.7; 34.3.1-7].

Antíoco: XIII, Asiático. Teria recebido o trono da Síria de Lúculo, após a derrota de Tigranes II. É, contudo, deposto por Pompeio Magno. Teria reinado de 69 a 64. [40.2.2-4].

Antônio: Marco. É um dos triúnviros, junto a Lépido e Augusto. Empreende, em 36, uma campanha malsucedida contra os partas. [42.4.7; 42.5.3 e 11].

Ápio Cláudio: Cego, profere um famoso discurso rechaçando a paz dos romanos com Pirro, pelo que a guerra é restabelecida. [18.2.10].

Ariarate: IV, Eusébio. Recebe o reino da Capadócia de seu pai, Ariarate III. Teria reinado de 220 a 163. [29.1.4].

Ariarate: V, Eusébio, Filópator. Rei da Capadócia, oferece auxílio aos romanos na guerra contra Aristônico, em que morre, pelo que seus filhos recebem a Licaônia e a Cilícia. [37.1.2 e 4; 38.2.5].

Ariarate: VIII. Irmão de Ariarate VII, é chamado ao trono pelos capadócios que se revoltam contra os abusos dos intendentos de Mitrídates VI. É vencido por ele em combate e morre, logo depois, de angústia. [38.2.1-3].

Ariarate: VI. É filho de Ariarate V e Laódice, sendo o único que foi poupado pela mãe. Teve, com sua esposa, Laódice (outra que não a sua mãe), dois filhos: Ariarate VII e Ariarate VIII. [38.2.3-4].

Ariobarzanes: I da Capadócia, Filorromano. É indicado pelos capadócios como seu rei em 93, tendo o apoio dos romanos. [38.2.8; 38.3.2-4].

Aristônico: filho ilegítimo de Eumênes II e uma concubina, assume o nome de Eumênes III. Após a morte de Átalo III, entra em conflito com os romanos – que foram deixados como herdeiros do rei – pelo direito ao reino paterno, o Pérgamo. Embora vença Licínio Crasso, é vencido por Perpenna. Teria reinado de 133 a 129. [36.4.6-10; 37.1.1-2; 38.2.5; 38.5.3; 38.6.4].

Ársaces: I da Pártia. Foi alguém que vivia de saques e que, aproveitando-se da fragilidade do trono parta, o tomou. Teria organizado o reino e o melhorado ao ponto de seu nome tornar-se uma espécie de título para os reis partas posteriores. [41.5.5-6 e 8].

Ascânio: filho de Eneias, deixa a cidade de Lavínio e funda Alba Longa. [43.1.13].

Átalo: I, Sóter, rei do Pérgamo. Faz uma aliança com os romanos contra Filipe V. Teria reinado de 241 a 197. [29.4.7; 30.3.5 e 8].

Átalo: III, Filómetor, Evérgeta, rei do Pérgamo. Teria matado seus familiares e amigos e, posteriormente, se dedicado à jardinagem e à escultura. Morre de uma espécie de insolação, contraída enquanto construía um sepulcro para sua mãe, deixando os romanos como seus herdeiros. [36.4.1-5 e 8-9; 38.7.7].

Augusto: Caio Otaviano. Herdeiro de Júlio César, é o primeiro imperador de Roma. Além de outras ações, fora responsável pela submissão da Hispânia à condição de província. Reinou de 27 a 14 EC. [42.4.7; 42.5.3 e 6-12; 44.5.8].

Berenice: noiva de Átalo III, teria sido assassinada, segundo o rei, por seus familiares e amigos. [36.4.1].

Béroë: do Épiro, é esposa do rei Glaucias e rainha dos ilírios. Tem ascendência eácida, pelo que recebe Pirro para criá-lo, já que o povo dele buscava matá-lo por ódio a seu pai. [17.3.19].

Breno: comandante dos gauleses durante a invasão dos Bálcãs, morre após o ataque de Delfos, em 279. [32.3.6].

Bruto: Marco Júnio, o Jovem. É um dos assassinos de Júlio César. Recebe, junto a Cássio, apoio parta. [42.4.7].

Carano: da Macedônia. É considerado o primeiro dos reis macedônios. Teria reinado de 808 a 778. [33.2.6].

Cassandro: filho de Antípatro, foi um dos diádocos. Posteriormente, torna-se rei da Macedônia, tendo reinado de 305 a 297. Ameaça Glaucias com guerra caso ele não lhe entregasse Pirro. [17.3.20].

Cássio: Caio Longino. Questor de Crasso, trucidou o exército parta na ausência de Pácoro. Recebe, posteriormente, junto a Bruto, apoio dos partas. [42.4.5 e 7].

Catumando: é eleito comandante dos povos fronteiriços que invejavam o crescimento de Marselha. Enquanto sitiava a cidade, entretanto, sonha com Minerva, pelo que suspende o cerco e pede para ingressar na cidade para honrar seus deuses. Reconhecendo a deusa em um templo, sela a paz com os marselheses. [43.4.5-7].

Cepião: Quinto Servílio, o Velho. Eleito cônsul em 106, recebe o governo da Gália Narbonense, em 105. Ali, captura Tolosa, junto a seu tesouro, o qual, considerado aziago, é tido como causa de sua morte e da perda de seu exército. [32.3.10-11].

César: Caio Júlio. Um dos triúnviros, ao lado de Crasso e Pompeio. Entra em uma guerra civil contra o último após atravessar o Rubicão em 49. É assassinado em março de 44. [42.4.6-7; 43.4.12].

César: cf. **Augusto**.

Cíneas: tessálio, foi um conselheiro de Pirro, por quem foi enviado a Roma para confirmar a paz. Ao retornar, teria dito a ele que Roma era uma cidade de reis, pois ninguém aceitara os seus presentes. [18.2.7 e 10].

Cipião: Públio Cornélio. Foi cônsul em 218 e procônsul da Hispânia. Ali, luta, junto a seu irmão, Cneu Cornélio Cipião, contra os cartagineses. Após vitórias importantes, morre na Batalha de Cástulo, em 212-1. [44.5.7].

Cipião: Cneu Cornélio, Calvo. Foi cônsul em 222. Luta na Hispânia junto a seu irmão, Públio Cornélio Cipião, contra os cartagineses. Após vitórias importantes, morre pouco depois de seu irmão, na Batalha de Ilorci. [44.5.7].

Ciro: II, o Grande. É o fundador do império persa. Mitrídates VI se coloca como seu descendente. [38.7.1; 41.5.5].

Ciziceno: Antíoco IX, Eusébio. Segundo Justino, era pai de Antíoco XIII. [40.2.2].

Cleômenes: III. Rei de Esparta, é deposto e substituído por Licurgo. [29.1.6].

Cleópatra: do Ponto. Filha de Mitrídates VI, é dada em matrimônio a Tigranes, o Grande, rei da Armênia. [38.3.2].

Cneu Otávio: é enviado por Lúcio Emílio Paulo à Samotrácia para prender Perseu. [33.2.5].

Cneu Pompeio: Magno. Um dos triúnviros ao lado de Crasso e Júlio César, é responsável pela derrota de Mitrídates VI. Teria tirado o trono da Síria de Antíoco XIII. Entra em guerra civil contra Júlio César em 49, sendo derrotado por ele. [37.1.8; 40.2.3-5; 42.4.6-7; 43.4.11-12].

Cneu Servílio: Cepião. Foi cônsul em 203. Teria sido enviado a Cartago para observar Aníbal e, se possível, o matar. [31.2.1, 3 e 8].

Comano: filho de Nano, torna-se rei dos segobrígios, um povo da Gália, após a morte de seu pai. É convencido a se lançar contra os marselheses, pelo que acaba morrendo. [43.4.3-10].

Crasso: Marco Licínio. Um dos triúnviros junto a Júlio César e Pompeio, escolhe, em 54, a província da Síria, acreditando que esta lhe garantiria riqueza e glória, mas foi derrotado, em Carras, e morto pelos partas no ano seguinte. [42.4.4-6; 42.5.11].

Cresto: Sócrates. Rei da Bitúnia, é morto por Mitrídates VI como um favor aos romanos. [38.5.8].

Dario: I. Rei persa, foi responsável por um grande desenvolvimento do Império Aquemênida. Mitrídates VI se diz seu descendente. [38.7.1 e 3].

Demétrio: I da Macedônia, Poliórcetes. É considerado um dos grandes reis de sua época, teria reinado de 294 a 288. [25.5.4].

Demétrio: de Faros, rei dos ilírios, é expulso de seu reino pelos romanos, indo se refugiar junto a Filipe V da Macedônia, instigando-o à guerra contra seus inimigos. Tendo reinado de 222 a 219, morre no exílio em 214. [29.2.1-7].

Demétrio: um dos filhos de Filipe V, é enviado a Roma com o objetivo de interceder por seu pai. O resultado positivo de sua empreitada lhe é funesto, já que seu irmão, Perseu, o utiliza para causar desconfiança em seu pai, ocasionando sua morte. [32.2.3-10; 32.3.1-3].

Demétrio: I, Sóter. É irmão de Antíoco IV. Quando este morre, ele, que estivera como refém em Roma, solicita autorização para retornar ao Egito e tomar o trono que seria seu por direito. Diante da resistência do senado, foge às escondidas. Mata, então, seu sobrinho e assume o poder. Teria reinado de 161 a 150. [34.3.6-9; 36.3.9].

Dionísio: I, o Velho. Tirano de Siracusa, expulsa os cartagineses da Sicília e, depois, transfere seu exército para a Itália. Lá, sela uma aliança com os gauleses. [20.5.4-5].

Eácida: I, rei do Épiro, é pai de Pirro. Suscita o desgosto do povo devido às constantes guerras com os macedônios, pelo que é lançado ao exílio. [17.3.16-8].

Emílio Paulo: Lúcio, Macedônico. É filho de seu homônimo, o qual derrotara Demétrio de Faros. É eleito cônsul em 168 e enviado para lidar com a guerra de Perseu. [33.1.6; 33.2.7].

Eneias: herói troiano, filho de Vênus e Anquises, um mortal. Foge da queda de sua pátria e, após uma longa peregrinação, chega ao Lácio. Torna-se genro de Latino ao obter a mão de

Lavínia e recebe o poder após a morte de Turno e de seu sogro em guerra. É considerado responsável pela gênese dos romanos. [31.8.1; 43.1.10-13].

Espúrio Múmio: além de militar, também era poeta. Atua como embaixador junto a Cipião Africano e Lúcio Metelo. [38.8.8-11].

Eumênes: II, Sóter, rei do Pérgamo. Presta auxílio aos romanos contra Antíoco III e Perseu. [31.8.5; 32.4.2 e 6-8; 33.1.2; 36.4.6; 38.6.2-3].

Evandro: parte da Arcádia para a Itália, onde recebe de Fauno campos e um monte, o qual chama de Palatino. [43.1.6-7].

Fabrício Luscino: Caio, Monocular. Foi eleito cônsul duas vezes, em 283 e 278. Enviado a Pirro, sela com ele a paz que será desfeita por Ápio Cláudio Cego. [18.2.6].

Farnaces: I do Ponto. Avô de Mitrídates VI, sucede Eumênes do Pérgamo. [38.6.2].

Fatua: esposa de Fauno, seria capaz de prever o futuro. [43.1.8].

Fauno: terceiro rei dos povos itálicos. Dá a Evandro um pedaço de suas terras para que ele se instalasse. [43.1.6 e 8].

Faustulo: um pastor, trabalhava para Numitor. Tendo encontrado os filhos gêmeos de Réa sendo amamentados por uma loba, os acolhe e os cria. Depois, revela ao rei a origem dos meninos, quando Remo é preso, acusado de roubar o gado real. [43.2.6 e 10].

Filipe: II da Macedônia, é, supostamente, pai de Alexandre, o Grande. Realiza, com grande sucesso, inúmeras expedições militares de caráter expansionista até ser assassinado no casamento de sua filha. [28.2.12; 29.3.8; 30.3.9; 38.7.3].

Filipe: V da Macedônia. Tendo recebido o trono ainda muito jovem, foi alvo de desdém dos povos vizinhos. Entretanto, é capaz de se defender e, logo, de iniciar a guerra. Posteriormente, é aconselhado por Demétrio de Faros a se lançar contra os romanos. Morre de angústia após descobrir que o filho que matara, outro Demétrio, era inocente das acusações feitas por

Perseu, seu outro filho. Teria reinado de 221 a 179. [29.1.2; 29.2-4; 30.2.8; 30.3.1-3 e 5-10; 30.4.5-18; 32.2.3-10; 32.3.1-4].

Filipe: um dos filhos de Perseu, é preso junto a seu pai e seu irmão, Alexandre, pelos romanos, na Samotrácia. [33.2.5].

Filopemene: estrategista aqueu. Filipe V planeja emboscadas contra ele, mas Filopemene as evita e separa os aqueus do líder macedônio. [29.4.11; 31.3.3-4; 32.4.9].

Flaminino: Tito Quíncio. Cônsul em 198, tem papel fundamental como general na guerra contra Filipe V. [30.4.8-17; 31.1.6-7; 31.2.1].

Fraates: IV. Rei da Pártia de 38 a 2, é filho de Orodes II e irmão de Pácoro I. Por ter se tornado rei por meio de parricídio, só se sente seguro no trono após matar grande parte de sua família e da nobreza parta. Em 36, repele a invasão da Pártia, com uma derrota humilhante de Marco Antônio. Exilado por seu povo devido à sua crueldade, em sua ausência, sobe ao trono Tirídates, o qual, depois, com o retorno do rei, foge para Roma, tendo sequestrado um dos filhos de Fraates, que é devolvido por Augusto. Quando este manda Tibério para a Armênia, Fraates, em 20, não desejando uma guerra, devolve as insígnias militares para os romanos, assim como envia seus filhos e netos a Roma. [42.4.16; 42.5.1-2, 4-12].

Gerião: em uma parte que não integra o recorte apresentado, é caracterizado como rei da parte insular da Hispânia, rica em pasto. Justino propõe que não seria uma figura monstruosa, mas três irmãos que viviam em harmonia. Hércules os mata para tomar seus famosos bois. [43.1.9].

Giptis: princesa dos segobrigios, é filha de Nano. Escolhe Protes, um dos imigrantes focens, para ser seu esposo. [43.3.9-11].

Glaucias: rei dos ilírios e marido de Béroe. Protegeu Pirro, durante sua infância, de Cassandro, rei dos macedônios. [17.3.19-20].

Górdio: importante general de Mitrídates VI, é enviado a Roma para testemunhar que aquele a quem Mitrídates entregara a Capadócia era filho de Ariarate V. Também contribui para a aliança do rei com Tigranes. [38.2.5; 38.3.2; 38.5.8-9].

Heleno: filho de Pirro, acompanha seu pai em expedição militar quando ainda era criança. É posto por ele à frente da Sicília. [18.1.3; 23.3.3].

Hércules: identificado com Héracles, é filho de Júpiter e Alcmena, uma mortal. Teria atravessado os Alpes e as regiões que eram inabitáveis devido ao frio. Ao cruzar a Itália levando os bois de Gerião, estupra a filha de Fauno, gerando, assim, Latino. [24.4.4; 43.1.9].

Labieno: Quinto. Alia-se a Bruto e Cássio. Quando, em 42, os republicanos foram derrotados na Batalha de Filipos, foge para a Pártia e oferece seus serviços ao rei Orodes II. Retorna ao território romano como comandante de um exército parta, invadindo a Síria e a Palestina. [42.4.7].

Laódice: Nisa da Capadócia. Foi esposa de Ariarate V e, após sua morte, mata cinco dos seis filhos que tivera com ele como uma forma de se manter no poder por mais tempo. É morta por seu povo devido à sua crueldade. [37.1.3-5].

Laódice: esposa de Ariarate VI, seria irmã de Mitrídates VI (ao que Justino não faz menção no recorte traduzido). É enviada por Nicomedes III a Roma para testemunhar que tivera três filhos com seu marido, quando, na verdade, tivera apenas dois. [38.2.4]

Latino: neto de Fauno e filho de Hércules, é concebido por meio do estupro de sua mãe. Oferece a mão de sua filha, Lavínia, a Eneias, gerando uma guerra com Turno, na qual morre. [43.1.9-11].

Lavínia: filha de Latino, tem sua mão dada a Eneias, quando já tinha sido prometida a Turno. [43.1.10-12].

Levino: Marco Valério. Pretor em 215, é enviado para impedir a passagem das tropas de Filipe V à Itália. [29.4.4-5 e 7].

Lícínio Crasso: Públio, Dives Muciano. Eleito cônsul em 132, recebe o comando da Ásia, porém, mais preocupado com as riquezas do que com a guerra, foi vencido por Aristônico. [36.4.7-9].

Licurgo: rei de Esparta, é posto, pelo povo, no lugar de Cleômenes III. Teria reinado a partir de 219. [29.1.6].

Lisímaco: um dos generais de Alexandre, o Grande, e, com a morte do rei, um dos diádocos. Torna-se rei da Trácia, da Ásia Menor e da Macedônia. Considerado um dos grandes reis de sua época. [25.5.4].

Lívio: Caio, Salinador. Pretor em 191, comanda as naus romanas contra Antíoco III. [31.6.7-9].

Lívio: Tito. Historiador romano, é autor de *Ab urbe condita* (*Desde a fundação da urbe*). Pompeio Trogo teria criticado a construção dos discursos em sua narrativa. [38.3.11].

Lúcio Cipião: Cornélio, Asiático. Irmão mais novo de Cipião Africano. Foi cônsul em 190, quando lidera as forças romanas contra Antíoco III, obtendo a vitória na Batalha de Magnésia. [31.7.1-3].

Lúcio Metelo: Cecílio, Calvo. Eleito cônsul em 142, atuou como embaixador nos anos de 140 e 139, quando participou de embaixadas junto a Cipião Africano e Espúrio Múmio. [38.8.8-11].

Lúculo: Lúcio Licínio. Eleito cônsul em 74, derrota Mitrídates VI, no mesmo ano, e Tigranes II, em 69. [37.1.8; 40.2.2-3].

Magão: general cartaginês, oferece ajuda a Roma contra Pirro, favor que é negado pelo senado. [18.2.1-4].

Málio Maltino: embaixador romano, teria atuado junto a Mânio Aquílio contra Mitrídates VI e, por este, sido derrotado. [38.3.4 e 8; 38.4.4].

Mânio Aquílio: sucessor de Perperna, é eleito cônsul em 129 e teria ocorrido à Ásia para tomar, de seu antecessor, a guarda de Aristônico. Também teria atuado junto a Málio Maltino contra Mitrídates VI e sido derrotado por este. [36.4.10-11; 38.3.4 e 8; 38.4.4].

Marco Catão: Pórcio, Liciniano. É filho de Catão, o censor. Demonstra grande virtude no combate contra o exército de Perseu. [33.2.1-4].

Marco Lépidio: Emílio. Eleito cônsul duas vezes, é bisavô do triúviro. Teria sido enviado ao Egito como tutor do filho de Ptolomeu IV e protetor do reino. [30.3.4; 31.8.6-7].

Masinissa: rei númida, presta auxílio aos romanos contra Perseu, rei da Macedônia. Segundo o discurso de Mitrídates VI, teria sido responsável por importantes vitórias atribuídas aos romanos. [33.1.2; 38.6.4-6].

Mezêncio: rei dos etruscos. Eneias lança guerra a ele, mas morre em batalha. [43.1.13].

Mitrídates: V, Evérgeta. Rei do Ponto, presta auxílio aos romanos contra Aristônico. Como prêmio dessa ação, recebe a Frígia Maior. [37.1.2 e 6; 37.4.5; 38.5.3-4].

Mitrídates: VI, o Grande. Rei do Ponto, é filho de Mitrídates V. Guerreira com os romanos por quarenta e seis anos com sorte variável. É considerado um dos maiores reis de seu tempo [37.1.6-9; 37.4.1-6; 38.2-7; 38.8.1; 40.1.2].

Mitrídates: II. Rei do Ponto, recebe, de Seleuco Calínico, a Frígia Maior como dote. [38.5.3].

Mitrídates: III. Rei da Pártia, é expulso do reino devido à sua crueldade. É irmão de Orodes II. Teria reinado de 56 a 55 e é morto por seu irmão em 54. [42.4.1-4].

Múmio: Lúcio, Acaico. Eleito cônsul em 146, é enviado pelo senado contra os aqueus e, então, ocupa Corinto e a destrói. [34.2.1].

Nábis: tirano de Esparta, teria reinado de 207 a 192. Realiza uma aliança com Filipe V contra os romanos. [30.4.5; 31.1.5-6; 31.3.1-3].

Nano: rei dos segobrígios e pai de Giptis. Seguindo a tradição de seu povo, organizou uma festa em que sua filha poderia escolher o marido. Ela elege Protes, um dos comandantes foces, e Nano lhe dá terras onde poderia se assentar. Ali, Marselha é fundada. [43.3.8-11; 43.4.3].

Neoptólemo: I, é filho de Táribas e pai de Alexandre I do Épiro e de Olimpíade, mãe de Alexandre, o Grande. [17.3.14-5].

Nicomedes: II, Epifânio. Rei da Bitínia, é filho de Prúsias II. Descobre o atentado que seu pai planejava contra sua vida, toma o poder e, depois, assassina Prúsias. Teria reinado de 149 a 127. [34.4].

Nicomedes: III, Evérgeta. Rei da Bitínia, alia-se a Mitrídates VI, invadindo a Paflagônia. [37.4.3-4 e 7-9; 38.2.3-4 e 6-7; 38.3.4].

Nicomedes: IV, Filópator. Rei da Bitínia. Assume o reino após a morte de seu pai, Nicomedes III, porém é expulso de lá por Mitrídates VI. Teria reinado de 94 a 74. [38.3.4 e 8; 38.5.10].

Numitor: um dos reis da Itália, descendente de Eneias. É irmão de Amúlio, pai de Réa e avô de Rômulo e Remo. É expulso do reino por seu irmão, mas o retoma com o auxílio de seus netos. [43.2.1-2 e 9-10; 43.3.1].

Orodes: II. Rei da Pártia, teria reinado de 57 a 56 e de 55 a 38. É irmão de Mitrídates III e o mata em 54. Crasso, em 53, começa sua campanha contra os partas, sendo derrotado e morto por eles. Assim, sob a égide de Orodes, reside uma das piores derrotas infligidas aos romanos. Fica fortemente abalado, em 38, pela morte de seu filho Pácoro, em quem confiava na maior parte do tempo. É assassinado por um de seus outros trinta filhos, o qual se tornará Fraates IV. [42.4.2-5 e 11-15; 42.5.1].

Pácoro: I. É filho do rei Orodes II da Pártia. Invade a Síria em 41 e morre em 38, em batalha contra Ventídio. Seu pai sofre enormemente com sua perda. [42.4.5, 7-11 e 13-14].

Paulo: Lúcio Emílio. Derrota Demétrio de Faros na Segunda Guerra Ilírica, durante seu primeiro consulado em 219. [29.2.1].

Perperna: Marco. Eleito cônsul em 130, é enviado à Ásia para lidar com Aristônico, após a derrota de Licínio Crasso. Obtém a vitória e buscava retornar a Roma com os tesouros de Átalo quando morreu. [36.4.9-11].

Perseu: um dos filhos de Filipe V e irmão de Demétrio. Ocasiona a morte de seu irmão ao acusá-lo de injúrias contra si e seu pai. Depois do falecimento deste, torna-se rei da Macedônia e se lança contra os romanos. Após bons resultados iniciais, perde a guerra e, tentando escapar, é preso pelos romanos junto a seus dois filhos, Alexandre e Filipe, na Samotrácia. [32.2.7-10; 32.3.1-5; 32.4.1; 33.1.3-7; 33.2.5-6; 38.6.3].

Pilémenes: filho de Nicomedes III, tem seu nome alterado para este como um estratagema de seu pai que argumenta ter devolvido a Paflagônia à família real. [37.4.8].

Pirro: rei do Épiro, é filho de Eácida I. Sua fama faz com que os tarentinos acreditem que seria o único capaz de protegê-los dos romanos. Teria governado até 272, quando é morto em batalha, em Argos. É considerado o rei mais ilustre de sua época. [17.2.11 e 13-5; 17.3.17-22; 18.1; 18.2.4-7 e 10-12; 23.3; 25.3.1-2; 25.4.5; 25.5.3-6; 30.3.2; 38.4.5].

Pompeio Trogo: autor das *Histórias Filípicas*, as quais servem de base para o epítome de Justino. Teria criticado o estilo dos discursos presentes nas narrativas de Tito Lívio e Salústio. [38.3.11; 43.1.1-2; 43.5.11-12].

Pompeio Trogo: avô do autor das *Histórias Filípicas*. Sendo de origem vocôncia, recebe a cidadania romana de Pompeio Magno após servir na Guerra Sertoniana. [43.5.11].

Popílio: Caio, Lenas. É enviado, em 168, a Antíoco IV, com o objetivo de evitar a guerra iniciada contra o Egito. O embaixador, que nutria uma amizade com o rei durante o período em que ele estivera como refém em Roma, o trata com muita seriedade, o que o abala. Popílio obtém, assim, um resultado positivo em sua empreitada. [34.3.1-4].

Priapácio: Ársaces III. Teria sido o terceiro rei da Pártia e reinado de 191 a 176. [41.5.8].

Protes: um dos comandantes dos foces que se assentaram na Gália. É escolhido por Giptis, filha de Nano, como seu marido, recebendo, então, terras, nas quais Marselha é fundada. [43.3.8-10].

Prúsias: I, o Coxo. Rei da Bitínia, entra em conflito com Eumênes II, no qual recebe o auxílio de Aníbal. [32.4.2 e 5-8].

Prúsias: II. Rei da Bitínia, é filho de Prúsias I e pai de Nicomedes II. Preferindo seus filhos mais novos, planeja o assassinato de Nicomedes, entretanto essa decisão é revelada a ele, que toma o poder. Após se esconder durante algum tempo, é, ao fim, morto por Nicomedes. Teria reinado de 182 a 149. [34.4].

Ptolomeu: Cerauno, rei da Macedônia. Pirro lhe pede tropas auxiliares para lutar contra os romanos. [17.2.13-5; 18.2.9].

Ptolomeu: filho de Pirro, é deixado, então com quinze anos, com a guarda do reino do Épiro, enquanto seu pai e seus irmãos vão à guerra contra os romanos. [18.1.3].

Ptolomeu: IV, Filópator. Teria tomado o poder do Egito após assassinar seu pai e sua mãe. Dos jovens reis que assumem o poder em diferentes povos naquela época, é o único a se mostrar como indolente. Teria reinado de 221 a 204. [29.1.5 e 9].

Ptolomeu: VI, Filómetor, rei do Egito. É irmão mais velho de Ptolomeu VIII e filho de Ptolomeu V e Cleópatra I, a qual, por sua vez, era filha de Antíoco III e irmã de Antíoco IV. Este lhe declara guerra, expulsando-o para junto de seu irmão em Alexandria, com quem divide, então, o reino. [34.2.7-8].

Ptolomeu: VIII, Evérgeta, Fiscão. É irmão mais novo de Ptolomeu VI e filho de Ptolomeu V e Cleópatra I, a qual, por sua vez, era filha de Antíoco III e irmã de Antíoco IV. Divide o reino com seu irmão quando este é expulso para junto de si em Alexandria. Sua obesidade teria sido considerada ridícula aos olhos dos romanos. [34.2.8; 38.8.8-11].

Ptolomeu: IX, Látiro ou Sóter II. Parte dos sírios o considerava como um candidato ao trono quando este estava vacante. [40.1.2].

Ptolomeu Apião: filho de Ptolomeu VIII com uma concubina, assume o trono após Ptolomeu XI e deixa o reino aos romanos em seu testamento. [39.5.2].

Ptolomeu Filópator: IV, rei do Egito. Após sua morte, em 204, Antíoco III teria atacado seu reino, o que ocasiona a intervenção dos romanos. [31.1.1-2].

Públio Licínio: Crasso. Eleito cônsul em 171, luta contra Perseu na Batalha de Calínico, da qual sai derrotado. Mesmo assim, quando o rei macedônio propõe a paz, lhe impõe duros termos, que não são aceitos, fazendo com que a guerra continue. [33.1.5].

Olimpiáde: filha de Neoptólemo I, irmã de Alexandre I do Épiro e mãe de Alexandre, o Grande. [17.3.14].

Réa: filha de Numitor e sobrinha de Amúlio, é obrigada ao sacerdócio para que não desse à luz filhos que pudessem ameaçar o poder de seu tio. Concebe, entretanto, Rômulo e Remo, supostamente, a partir de Marte, mas Justino considera a ideia de que tenha sido um estupro. Morre após ser presa por ordens de Amúlio. [43.2.2-4 e 10].

Remo: um dos filhos gêmeos de Réa e, supostamente, Marte. Após ser nutrido por uma loba, é criado por Faustulo, um pastor. Posteriormente, é capturado por ladrões e acusado de roubar o gado do rei, mas é reconhecido por seu avô, Numitor, e, junto a ele e seu irmão, Rômulo, retoma o reino de Amúlio. É considerado um dos fundadores de Roma. [43.2.3-10; 43.3.1].

Rômulo: um dos filhos gêmeos de Réa e, supostamente, Marte. Após ser nutrido por uma loba, é criado por Faustulo, um pastor. Posteriormente, é reconhecido por seu avô, Numitor, e, junto a ele e seu irmão, Remo, retoma o reino de Amúlio. É considerado um dos fundadores de Roma. [43.2.3-10; 43.3.1].

Saturno: rei dos primeiros moradores da Itália, destaca-se por sua justiça. A partir de seu nome, a Itália era chamada de Satúrnica. [43.1.3-6].

Salústio: historiador romano, é autor, entre outras obras, de *De coniuratione Catilinae* (*Sobre a conspiração de Catilina*) e *Bellum Jugurthinum* (*Guerra de Jugurta*). Pompeio Trogo teria criticado a construção dos discursos em sua narrativa. [38.3.11].

Seleuco: III, Sóter, Cerauno. Teria reinado brevemente de 225 a 223, quando é assassinado. [29.1.3.].

Sífax: rei dos massessílios, teria se aliado primeiro aos romanos, em 218, na guerra contra Catargo, mas muda de lado, posteriormente, tendo se casado com a filha de Asdrúbal, Sofonisba. Justino não faz menção a esses acontecimentos; apenas insere sua captura – citando Trogo – no discurso de Mitrídates VI, como uma das contribuições feitas por Masinissa aos romanos. [38.6.5].

Seleuco Calínico: II. Governante do Império Selêucida, teria reinado de 246 a 225. Dera a Frígia Maior como dote a Mitrídates II. [38.5.3].

Seleuco Nicator: I. Importante oficial macedônio sob Alexandre, o Grande, torna-se um dos diádocos, fundando o Império Selêucida. Mitrídates VI se coloca como seu descendente. [38.7.1].

Simos: um dos comandantes dos foces que se assentaram na Gália. [43.3.8-10].

Sula: (ou Sila), Lúcio Cornélio, Félix. Eleito cônsul em 88 e 80, vence Mitrídates VI em 86 e o obriga a selar a paz em 85. [37.1.8].

Tarquínio: Prisco. Rei de Roma, teria reinado de 616 a 578. Em sua época, os foces teriam selado uma aliança com os romanos. [43.3.4].

Tigranes: II, o Grande. Rei da Armênia, fora enviado como refém aos partos, mas retorna para assumir o reino paterno. Mitrídates VI o atrai, com a mão de sua filha, a uma aliança, o que desagrade os romanos. Recebe o trono da Síria, governando de modo pacífico de 83 a 69. [38.3.1-3 e 5; 38.5.8; 40.1.3-4; 40.2.1-4].

Tirídates: teria tomado o trono da Pártia em 31. Incapaz de se manter no poder, foge até Augusto, em 30, levando um dos filhos de Fraates IV. Tendo ouvido as proposições de Fraates e do fugitivo, o imperador romano acaba por devolver o filho ao rei. Posteriormente, Tirídates permanece na Síria, mesmo com o tratado de paz selado em 20. [42.5.6-9].

Turno: rei dos rútuos, inicia uma guerra contra Eneias – na qual morre – após se ver privado da mão de Lavínia. [43.1.11].

Valério Levino: Públio. Foi comandante na Batalha de Heracleia contra Pirro, em 280, a qual tem resultado desastroso para ambos os lados, mas com derrota dos romanos. [18.1.4].

Ventúdio: Públio. Foi pretor, em 44, e cônsul, em 43. Promovido a procônsul, foi enviado, em 39, para o leste a fim de lidar com a invasão parta. Ali, derrota e mata Labieno e Pácoro. [42.4.7-10].

Viriato: líder lusitano, é considerado o único grande comandante dos povos da Hispânia. Teria fatigado os romanos por dez anos, segundo Justino, mas, historicamente, pode-se fixar sua atuação entre 147 a 139. [44.2.7-8].

Xerxes: rei dos persas. Teria sido o primeiro a subjugar os judeus. [36.3.8].

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi realizada durante os meses finais de 2021 e os iniciais de 2022, ou seja, em meio ao extenso caos do período de pandemia de COVID-19, o que acrescentou mais algum grau de dificuldade ao seu desenvolvimento. Contudo, talvez, pelo próprio esforço de sobrevivência, pensando-se que o trabalho acadêmico pudesse abafar o barulho do mundo, praticamente, dobrou-se a meta inicial do recorte traduzido que, no projeto, era composto de dezessete páginas¹⁹³. Assim, há, aqui, a tradução de grande parte¹⁹⁴ das representações dos romanos que ocorrem no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, de Justino – o que configura, agora, um montante de cerca de trinta páginas da obra –, acompanhada de notas e um índice onomástico. Complementarmente a esses elementos, os capítulos dois e três foram dedicados à apresentação da obra. No primeiro, estão indicadas questões ligadas à autoria, ao gênero, a outras características do texto – como o estilo – e à influência deles em sua recepção.

No segundo, abordou-se a sobrevivência do *Epítome*, tanto em sua língua fonte, considerando os processos de sua transmissão, como mediante traduções nas mais diversas línguas. Neste, por meio da coleta de diferentes textos acadêmicos produzidos nos últimos dezessete anos, também foi comprovada a hipótese de que Justino é lido e estudado no Brasil, apesar de não haver uma tradução extensa de seu trabalho para o português brasileiro e de a lusitana ser de difícil acesso. Desse modo, verificou-se que a consulta à narrativa ocorre, na maior parte das vezes, por meio de intermediários em outras línguas estrangeiras – inglês, principalmente, mas também espanhol e francês –, sejam traduções, sejam outros estudos que o abordam.

O recorte para a tradução foi motivado pela indicação de estudiosos, como Giovanni Forni e Maria Gabriella Angeli Bertinelli (1982, p. 1350), de que a obra teria tons antiromanos, o que, por outro lado, é questionado, por exemplo, por Ballesteros Pastor (2006, p. 392), que argumenta que também há retratos negativos das figuras a partir de cujos discursos os romanos são criticados – os etólios e Mitrídates VI. Contudo, a leitura da tradução – a qual foi realizada conforme as propostas que constam nos capítulos quatro e cinco – permite que se considere que nem só a partir da posição de um povo estrangeiro Justino insere possíveis julgamentos sobre o seu, já que, em outros trechos, há a possibilidade

¹⁹³ Cf. notas 104.

¹⁹⁴ Cf. nota 112.

de que existam críticas que partem do narrador, como em 36.8.9, quando se indica que os romanos teriam dado a liberdade aos judeus quando esta não lhes pertencia para que pudessem fazer isso.

Ao mesmo tempo, os romanos e suas intervenções também são representados positivamente, visto que se pode citar, por exemplo, que a sujeição da Macedônia a Roma é considerada liberdade (Just. 33.2.7) e a da Hispânia, uma oportunidade de acesso a “uma vida mais culta”¹⁹⁵ (Just. 44.5.8), há o destaque da virtude de figuras individuais, como Cipião Africano (Just. 31.7.5-7) e Caio Popílio Lenas (Just. 34.3.2), assim como Augusto mostra-se como realizador de grandes feitos (Just. 42.5.11-2). Talvez se possa considerar que a obra não é, pelo menos, inteiramente apologética em relação a Roma, e Justino tende a apresentar figuras, por vezes, multifacetadas, que têm, como humanas que são, tanto defeitos como qualidades. De toda forma, essas são as reflexões iniciais acerca de um tema que merece outros estudos – o que se almeja realizar no futuro.

Ao longo da tradução, houve o esforço para que fossem mantidas as características do texto, tendo em mente que ele foi produzido em uma cultura e uma língua distintas daquelas do leitor contemporâneo, e das quais se afasta por, pelo menos, cerca de dezessete séculos. Assim, por exemplo, embora, em língua portuguesa, se valorize a variabilidade de vocabulário, buscou-se reproduzir as repetições de Justino que, inclusive, caracterizam o estilo de sua prosa (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 14-5), e se manteve a omissão de numeração e titulação dos reis, ainda quando havia três Ariarates diferentes em um mesmo parágrafo (Just. 38.2).

A escolha por uma proposta que se inclina às proposições de Berman (2007 [1985]) considera um leitor que é – ou deve ser – educado em relação à estrangeiridade do outro. Logo, é possível que se demarque um público que precisa se interessar e se esforçar para que esse processo de alteridade aconteça, porém, ao se ponderar que o leitor de Justino no Brasil já tem precisado se empenhar em língua estrangeira, julga-se que a possibilidade desse desafio não seja tão grande, e que a leitura poderá ser auxiliada pelos demais elementos que compõem este trabalho e por outros estudos disponíveis.

De todo modo, segundo Ricœur (2012, p. 47): “[...] a única maneira de criticar uma tradução – o que sempre se pode fazer – é propor uma outra que se presume, que se pretende melhor ou diferente.”. Embora, aqui, não se considere que esta seja a “única maneira”, há a chance de que este trabalho possa motivar outras traduções com as quais se possa dialogar no

¹⁹⁵ “*cultiore uitae*”.

futuro, o que também contribuiria para a continuação da vida da obra e para os estudos que são realizados a partir dela. Ademais, tendo em mente que metade do texto já foi por nós traduzido¹⁹⁶, espera-se que, futuramente, se possa finalizar a sua tradução, o que resultaria em outra versão daquela aqui apresentada, devido, por exemplo, à exigência e à possibilidade de algum burilamento – como uma maior uniformização de vocábulos –, exercício que foi limitado pelo curto espaço de tempo em que um trabalho de conclusão de curso é desenvolvido.

Por fim, espera-se que esta monografia possa facilitar, ao menos em parte, o acesso à leitura do *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, de Justino – tanto a que é necessária aos estudos que o utilizam como fonte, como também aquela que ocorre em outros contextos, seja ou não em momentos de ócio –, de maneira que a esperança expressa no final do prefácio¹⁹⁷ continue se concretizando, estando seguro o testemunho de seu trabalho na posteridade.

¹⁹⁶ Cf. nota 105.

¹⁹⁷ “[...] o testemunho do trabalho haverá de ser mantido junto aos pósteros, [...]” (Just. *Prae.* 6); “[...] *apud posteros [...] industriae testimonium habituro.*”.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS. **Supernatural Wiki**. Fandom TV, 2021. Disponível em: <https://supernatural.fandom.com/pt-br/wiki/Categoria:Amazonas>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- AMERICAN Numismatic Society. **Silver Didrachm of Ptolemy VI Philometor, Aradus, 159 BC - 158 BC. 1944.100.77295**, JPEG. Altura: 2487 pixels. Largura: 2562 pixels. 2940 dpi. Formato JPEG. 2020a. Disponível em: <http://numismatics.org/collection/1944.100.77295>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- AMERICAN Numismatic Society. **Silver Didrachm of Ptolemy VIII Physcon, Alexandria, 138 BC - 137 BC. 1944.100.75452**, JPEG. Altura: 2570 pixels. Largura: 2684 pixels. 3200 dpi. Formato JPEG. 2020b. Disponível em: <http://numismatics.org/collection/1944.100.75452>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- ANDRÉ, Alessandra. **A fabricação da “basileia” helenística: um estudo sobre o governo de Antígono Monoftalmo e Demétrio Poliorcetes (321-301 a.C.)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: http://200.137.65.30/bitstream/10/9311/1/tese_8778_%20Tese.%20Alessandra%20Andr%C3%A9.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.
- ANDRONICUS, Livius. Odissia. In: WARMINGTON, Eric Herbert (ed.). **Remains of Old Latin: Livius Andronicus, Naevius, Pacuvius and Accius**. Tradução para o inglês de Eric Herbert Warmington. Londres: Harvard University Press, 1926. v. 2. p. 24-43.
- APOLLONIO Rhodio. **Os argonautas**: poema de Apollonio Rhodio. Tradução de José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 1852. Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=bC45AQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- APPIANOS. De bello mithridatico. In: APPIANOS. **Appianou alexandreos romaikon historion ta sozomena**. Edição e tradução para o latim de Iohannes Schweighaeuser. Leipzig: Lorenzii et Schuleri, 1785. v. 1.
- ARNAUD-LINDET, Marie-Pierre. Introduction et annexes. In: JUSTINUS. **Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée**. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. 2003. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/introduction.html>. Acesso em: 06 out. 2021.
- BALLESTEROS PASTOR, Luis. El discurso de Mitridates en el “Epítome de las Historias Filípicas de Pompeyo Trogo” (Iust.XXXVIII 4-7): un estudio sobre las fuentes. **Mediterraneo Antico**, v. 9, p. 381-96, 2006.
- BALLESTEROS PASTOR, Luis. Pompeyo Trogo, Justino y las críticas a Roma: a propósito del discurso etolio (Iust. XXVIII 2). **Mediterraneo Antico**, v. 12. p. 381-92, 2009.
- BAPTISTA, Natan. **A glória atlética entre o desejo e a censura: *spectāculum*, conflito urbano e representação corporal do auriga na África romana (séc. III-IV)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do

Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em:

http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_7650_Disserta%E7%E3o%20final%20-%20Natan%20Baptista.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: BRANCO, Lucia Castello (org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Tradução de Fernando Camacho, Susana Kampff Lages, João Barrento, Karlheinz Barck e outros. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 66-81. Disponível em:

http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/184041/mod_resource/content/1/Benjamin%2C%20a%20tarefa%20do%20tradutor.pdf. Acesso em: 21 abr. 2014.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou O albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/bermanantoineatraducaoalatraouoalberguedolonginquo.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

BERNADINO, Danilo Corrêa. **O diadema como insígnia real helenística**: um estudo sobre a construção da monarquia pessoal de Alexandre Magno. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33245/1/2018_DaniloCorr%C3%A0Bernardino.pdf. Acesso em: 29 jan. 2021.

BEVAN, Edwyn Robert. **The house of Ptolemy**: a history of Hellenistic Egypt under the Ptolemaic Dynasty. Reimpressão. Chicago: Ares Publishers, 1989.

BIAZOTTO, Thiago do Amaral. Quintus Curtius Dubius: os debates historiográficos em torno da *História de Alexandre*, de Quinto Cúrcio. **Revista Expedições**: Teoria da História e Historiografia, v. 9, n. 1, p. 122-39, jan.-abr. 2018. Disponível em:

https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7347. Acesso em: 23 out. 2021.

BONILHA, Alexandre da Cruz. **Manuel de Faria e Sousa, historiador**. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-30052012-132749/publico/2011_AlexandredaCruzBonilha_VOrig.pdf. Acesso em: 19 dez. 2020.

BORGNA, Alice. Uno sguardo originale intorno a Roma: Pompeo Trogo e Giustino. **La Biblioteca di CC**, v. 1, p. 52-77, 2014. Disponível em:

<https://www.classicocontemporaneo.eu/PDF/116.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

BRANCHESI, Fabiola. EDR115638 de 09 dez. 2011. In: EPIGRAPHIC Database Roma. Roma: Electronic Archive of Greek and Latin Epigraphy, 2011. Disponível em:

http://www.edr-edr.it/edr_programmi/res_complex_comune.php?do=book&id_nr=EDR115638. Acesso em: 11 nov. 2021.

BUNSON, Matthew. **Encyclopedia of the Roman Empire**. Nova York: Facts on File, 2002.

CACHO BLECUA, Juan Manuel. Traducciones catalanas y aragonesas en el entorno de Juan Fernández de Heredia. In: BADIA, Lola; CABRÉ, Miram; MARTÍ, Sadurní (ed.). **Literatura i cultura a la Corona d'Aragó (segles XIII-XV)**: actes del III Colloqui "Problems i Mètodes de Literatura Catalana Antiga". Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2002. p. 299-318.

CAMÕES, Luís de. **Os lusíadas**. São Paulo: Abril, 2010.

CARVALHO DE MELLO, Erick. Os Guerreiros de Pedra do Sul da Gália: uma diferente leitura de helenização. **Brathair**, ed. especial, v. 1, p. 19-25, 2007. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/536>. Acesso em: 16 set. 2014.

CASTRO SÁNCHEZ, José. Introducción. In: JUSTINO; POMPEYO TROGO. **Epítome de las "Histórias Filípicas" de Pompeyo Trogo, Prólogos, Fragmentos**. Introdução, tradução para o espanhol e notas de José Castro Sánchez. Madrid: Gredos, 2008.

CATULO. **O Livro de Catulo**. Tradução comentada de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CÍCERO. Brutus; Bruto. Tradução de Olavo Vinícius Barbosa de Almeida. In: ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. **O Brutus de Marcos Túlio Cícero**: estudo e tradução. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 57-198. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-06052015-121442/pt-br.php>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CICERO, M. Tullius. De optimo genere oratorum. In: CICERO, M. Tullius. **M. Tulli Ciceronis Rhetorica**: tomus II. Edição de A. S. Wilkins. Oxonia: e Typographeo Clarendoniano, 1911.

CÍCERO. Do melhor gênero dos oradores. Tradução de Reina Marisol Troca Pereira. In: PEREIRA, Reina Marisol Troca. Cícero: "do melhor gênero de oradores" em comentário e tradução. **Phaos**, v. 14, p. 157-68, 2014. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/phaos/article/view/4547>. Acesso em: 06 nov. 2021

CLÁSSICA. In: GRUPO Autêntica. Belo Horizonte; São Paulo: Grupo Autêntica, 2021. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/autentica/colecoes/69>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CLÁSSICOS da Literatura. In: EDITORA 34. São Paulo: Editora 34, 2021. Disponível em: <https://www.editora34.com.br/areas.asp?area=4>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CUNHA, Beatriz Aires Fernandes. A monarquia de Alexandre até 323 a.C.: companheirismo, tradições e desconfiança na corte macedônia. **Figura**: studies on the Classical Tradition, v. 8, n. 2, p. 118-54, jul.-dez. 2020, Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/figura/article/download/14679/9753>. Acesso em: 23 out. 2021.

ELLIOTT, Jackie. Authorship and authority in the Preface to Justin's Epitome of Trogus' *Philippic Histories*. In: GUZMÁN, Antonio; MARTÍNEZ, Javier. (ed.). **Animo Decipiendi?**:

rethinking fakes and authorship in Classical, Late Antique and Early Christian Works. Elden: Barkhuis, 2018. p. 109-23. Disponível em: www.jstor.org/stable/j.ctvggx27t.10. Acesso em: 19 dez. 2020.

ENCYCLOPAEDIA Britannica. 11. ed. New York: Encyclopaedia Britannica, 1911. 29 v. Disponível em: <https://archive.org/details/EncyclopaediaBritannica1911HQDJVU>. Acesso em: 04 dez. 2019.

EPOPEIA de Gilgámesh. In: GRUPO Autêntica. Belo Horizonte; São Paulo: Grupo Autêntica, 2021. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/epopeia-de-gilgamesh/1996>. Acesso em: 15 nov. 2021.

EVEN-ZOHAR, Itamar. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. Tradução de Leandro de Ávila Braga. **Translatio**, Porto Alegre, n. 3, 2012, p. 3-10. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/34674/22321>. Acesso em: 15 mar. 2020.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Tradução de Luis Fernando Marozo; Carlos Rizzon; Yanna Karlla Cunha. **Translatio**, Porto Alegre, n. 5, 2013, p. 1-21. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/42899/27134>. Acesso em: 15 mar. 2020.

FORNI, Giovanni; ANGELI BERTINELLI, Maria Gabriella. Pompeo Trogo come fonte di storia. **ANRW** II.30.2, p. 1298-362, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110839685-010>. Acesso em: 13 dez. 2020

FROTSCHER, Karl Heinrich. Notitia Litteraria. In: JUSTINI. **Historiae Philippicae**. Edição de Karl Heinrich Frotscher. Leipzig: Kuehniana, 1827. v. 1

FU, Heng. Prose Translation of Justin's *History* by Antiochus Cantemir. **Slovène**, v. 10, n. 1, p. 414-24, 2021. Disponível em: <http://slovene.ru/ojs/index.php/slovene/article/view/536/340>. Acesso em: 10 dez. 2021.

GABBA, Emilio. Republican Rome, the army and the allies. Tradução para o inglês de P. J. Cuff. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1976.

GALLICA. **Latin 4950**: M. Iunianus Iustinus, Epitoma historiarum Philippicarum Pompei Trogi. Paris: Bibliothèque nationale de France, 2011. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8423838r>. Acesso em: 11 nov. 2021.

GÉLIO, Aulo. **Noites áticas**. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina EDUEL, 2010.

GELLIUS, Aulus. **The Attic Nights of Aulus Gellius**. Tradução para o inglês de John C. Rolfe. Cambridge; Londres: Harvard University Press; William Heinemann, 1927.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. 2. ed. rev. São Paulo: Madras, 2009.

GLARE, Peter Geoffrey William (ed.). **Oxford Latin Dictionary**. New York: Oxford University Press, 1968.

GOMES, Daniela Maria Dantas. **Do domínio cartaginês do Mediterrâneo aos primeiros passos da talassocracia romana**. 2015. Tese (Mestrado em História Antiga) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24520/1/ulfl212795_tm.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

GONÇALVES VIEIRA, Brunno Vinicius. O que querem (e o que podem) os jovens tradutores de Latim. **Rónai**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, v. 4, n. 2, p. 4-10, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23154>. Acesso em: 31 jan. 2020.

HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**: grega e latina. Tradução de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HOLMES, James. The name and nature of Translation Studies [1972]. In: VENUTI, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2000. p. 172-85.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Ítalo Calvino. São Paulo: Ed. 34, 2011.

HORACE. **Satires, Epistles and Ars Poetica**. Edição de H. Rushton Fairclough. Londres: Cambridge; Massachusetts: William Heinemann Ltd.; Harvard University Press: 1929.

HORÁCIO. **Epistula ad Pisones**: edição bilíngue. Tradução de Bruno Francisco dos Santos Maciel, Darla Gonçalves Monteiro da Silva, Elizabete Tânia de Castro, Ercilene Conceição de Assis, Gustavo Chaves Tavares, Júlia Batista Castilho de Avellar, Lívia Martins Pimenta Silvério, Meline Costa Souza e Rafael Domingos de Souza. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

HORSTER, Marietta; REITZ, Christiane. “Condensation” of literature and the pragmatics of literary production. In: HORSTER, Marietta; REITZ, Christiane (ed.). **Condensing texts – Condensed texts**. Palingensia 98. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2010. p. 3-14. Disponível em: https://www.steiner-verlag.de/uploads/tx_cronavtitel/datei-datei/9783515093958_p.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

JERÔNIMO. Comentário a Daniel. In: MALUF, Lilian Chaves. **Daniel no antro das ninfas**: um estudo sobre o desafio de Porfírio ao status profético das revelações daniélicas e sobre a réplica de Jerônimo. 2009. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4250/1/2009_LilianChavesMaluf.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

JULIANI, Talita Janine. **Sobre as Mulheres Famosas (1361-1362) de Boccaccio**: tradução parcial, estudo introdutório e notas. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270798>. Acesso em: 19 dez. 2020.

JUSTINO, Marco Juniano. Histórias Filípicas de Trogo Pompeu: Semíramis e Roma. Tradução de Antônio Chelini e Homero Osvaldo Machado Nogueira. In: NOVAK, Maria da

Glória; NERI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (orgs.). **Historiadores latinos:** antologia bilingue. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 236-47

JUSTINO; POMPEYO TROGO. **Epítome de las “Histórias Filípicas” de Pompeyo Trogo, Prólogos, Fragmentos.** Introdução, tradução para o espanhol e notas de José Castro Sánchez. Madrid: Gredos, 2008.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée.** Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. 2003. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/index.html>. Acesso em: 21 out. 2021.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi; Accedunt prologi in Pompeium Trogum.** Edição de Franz Rühl. Lipsia: Teubner, 1886.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Epitoma historiarum Philippicarum Pompei Trogi.** Edição de Otto Seel. Vercelli: DigilibLT, 2011 [1972]. Disponível em: <https://digiliblt.uniupo.it/xtf/view?query=;brand=default;docId=dlt000321/dlt000321.xml>;. Acesso em: 13 nov. 2021.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus.** Tradução para o inglês e notas de John Selby Watson. London: Henry G. Bohn, 1853. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/index.html>. Acesso em: 05 jun. 2014.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Justini Historiarum Philippicarum ex Trogo Pompeu Libri XLIV.** Texto estabelecido por Johann Christian Friedrich Wetzel. Paris: Lemaire, 1823. Disponível em: <https://mdz-nbn-resolving.de/urn:nbn:de:bvb:12-bsb10247384-2>. Acesso em: 13 nov. 2021.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **M. Juniana Justina Výtah Z Dějin Filippských Pompeia Troga.** Tradução para o tcheco de František Štěpán Kott. Praha: Česká akademie císaře Františka Josefa, 1904.

JUSTINUS, Marcus Junianus. **Philippiska Historien af Justinus.** Tradução para o sueco de G. Sanndahl. Stockholm: Hjerta, 1844. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nnc1.cu01969404&view=1up&seq=1>. Acesso em: 12 out. 2021.

LEE, Mark Owen. **Virgil as Orpheus:** a study of the *Georgics*. New York: State University of New York Press, 1996.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A Greek-English Lexicon.** New York: Oxford University Press, 1996.

LUCE, Torrey James. Marius and the Mithridatic Command. **Historia:** Zeitschrift Für Alte Geschichte, v. 19, n. 2, p. 161-94, 1970. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4435129>. Acesso em: 09 nov. 2021.

LUCILIUS. Unassigned fragments. In: WARMINGTON, Eric Herbert (ed.). **Remains of Old Latin**: Lucilius, The twelve tables. Tradução para o inglês de Eric Herbert Warmington. Londres: Harvard University Press, 1938. v. 3. p. 367-417.

MALUF, Lilian Chaves. **Daniel no antro das ninfas**: um estudo sobre o desafio de Porfírio ao status profético das revelações daniélicas e sobre a réplica de Jerônimo. 2009. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4250/1/2009_LilianChavesMaluf.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

MCELDUFF, Siobhán. Introduction. In: MCELDUFF, Siobhán. **Roman theories of translation**: surpassing the source. New York; Londres: Routledge, 2013.

MELLO, Jéssica Frutuoso. **Outros cantos, começa agora, deusa**: as representações de Jasão e a epopeia de Valério Flaco. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/182254>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. **Bibliografía Hispano-Latina Clásica**. Hostio-Plauto. Santander: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952. v. 7. Disponível em: <http://www.larramendi.es/i18n/corpus/unidad.do?idUnidad=100913&idCorpus=1000&posicion=1>. Acesso em: 10 out. 2021.

MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. **Biblioteca de traductores españoles**. Santander: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952-1953. 4 v. Disponível em: <http://www.larramendi.es/en/corpus/unidad.do?idUnidad=101005&idCorpus=1000&posicion=1>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MOATTI, Claudia. Translation, migration and communication in the Roman Empire: three aspects of movement in History. **Classical Antiquity**, University of California Press, v. 25, n. 1, p. 109-40, 2006.

MOMMSEN, Theodor (ed.). **Inscriptiones Calabriae, Apuliae, Samnii, Sabinorum, Piceni latinae**: consilio et auctoritate Academiae litterarum regiae Borussicae. Berlin: G. Reimerum, 1883. v. 9. Disponível em: <https://arachne.dainst.org/entity/3110142>. Acesso em: 11 nov. 2021.

NARDUCCI, Emanuele. O período “arcaico”: das origens à época de Sula. In: CITRONI, Mario *et al.* **Literatura de Roma Antiga**. Coimbra: Calouste Gulbenkian, 2006. p. 33-250.

NASCIMENTO, Rodrigo Nunes do. **Deuses, heróis e homens**: a legitimação de Seleuco e sua dinastia à luz da deificação de Alexandre. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/32785/1/2018_RodrigoNunesdoNascimento.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

NÓBREGA, Evandro da. A saga política, filosófica e literária de Quíon de Heracléia. **Druzz online**. [S. l.], 12 jul. 2006. Disponível em: <http://druzz.blogspot.com/2006/07/quon-ou-quio-de-heraclia.html>. Acesso em: 29 jan. 2021.

OCHMAN, Katarzyna. Translation criticism in Ancient Rome: Aulus Gellius, *Attic Nights*. **Przekładaniec**: a journal of literary translation, special issue, p. 71-86, 2013. Disponível em: <https://www.ejournals.eu/pliki/art/1689/>. Acesso em: 06 nov. 2021.

PAPPAS, Vasileios. Modern Greek translations (1686-1818) of Latin historical works. **Studia Philologica Valentina**, v. 17, n. 14, p. 257-72, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5286274.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

PASQUALI, Kely Cristina. **Máximos e mínimos em geometria euclidiana plana**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) – Departamento de Matemática, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96564/Kely_Cristina_Pasquali.pdf?sequence=1. Acesso em: 06 ago. 2021.

PIERROT, Jules. Avertissement de la Première Édition. In: JUSTINO, Marco Juniano. **Oeuvres complètes de Justin**: Abrégé de *L'Histoire Universelle* de Trogue Pompée. Tradução para o francês de Jules Pierrot e E. Boitard. Paris: Librairie Garnier Frères, 1862. p. V-XI. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3068749c/f20.item>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PLAUTUS. **Plauti Comoediae**. Edição de F. Leo. Berlim: Weidmann, 1895.

POLIBIO. **Historias**: libros XVI-XXXIX. Tradução para o espanhol e notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Gredos, 1983. v. 3.

POLT, Christopher Brian. Allusive translation and chronological paradox in Varro of Atax's *Argonautae*. **American Journal of Philology**, v. 134, n. 4, p. 603-36, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/7104746/Allusive_Translation_and_Chronological_Paradox_in_Varro_of_Atax_s_Argonautae. Acesso em: 02 abr. 2014.

POLT, Christopher Brian. **Latin literary translation in the Late Roman Republic**. 2007. Dissertação (Mestrado: Artes) – Departamento de Clássicas, Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill, 2007. Disponível em: <https://cdr.lib.unc.edu/indexablecontent/uuid:33b9be2f-a3e3-4a06-916a-2fea0a6b0219>. Acesso em: 22 ago. 2018.

POLYBIUS. **Historiae**. Edição de Theodorus Büttner-Wobst after L. Dindorf. Leipzig: Teubner, 1893-.

PRATA, Patrícia. Intertextualidade e literatura latina: pressupostos teóricos e geração de sentidos. **PhaoS**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 125-54, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.uel.unicamp.br/index.php/phaos/article/view/5753/5989>. Acesso em: 11 mar. 2021.

QUINTILIAN. **Institutio oratoria**. Edição de Harold Edgeworth Butler. Cambridge: Cambridge Mass., Harvard University Press; Londres: William Heinemann Ltd., 1922.

QUINTILIANO. Livro X da *Institutio oratoria*. Tradução de Antônio Martinez Rezende. In: REZENDE, Antônio Martinez de. **Rompendo o silêncio**: a construção do discurso oratório em Quintiliano. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 184-274. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ALDR-7U8PNU>. Acesso em: 09 ago. 2016.

RICŒUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução e prefácio de Patrícia Lavelle. 2. reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. **Romana**: antologia da Cultura Latina. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 2009.

ROSA, Diego Souza da. **O saque gaulês a Delfos**: memória e identidade helênica na *Periegesis Hellados* de Pausânias. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: <http://pergamum.ufpel.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/0000d0/0000d076.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.

ROSSETTI, Lívio. Do papiro ao códice medieval e às primeiras edições impressas. In: ROSSETTI, Lívio. **Introdução à Filosofia Antiga**: premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”. São Paulo: Paulus, 2005. p. 59-91.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no mundo helenístico. **Revista Jesus Histórico**, v. 9, n. 17, p. 116-32, 2016. Disponível em: <https://klineeditora.com/revistajesushistorico/arquivos17/7-willibaldoneto.pdf>. Acesso em: 23 out. 2021.

SAFO de Lesbos. **Poemas e fragmentos**. Tradução de Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SALLUSTIUS Crispus, Gaius. *Bellum Iugurthinum*. In: SALLUSTIUS Crispus, Gaius. **Catilina, Iugurtha, Orationes et Epistulae excerptae de Historiis**. Edição de Axel W. Ahlberg. Leipzig: Teubner, 1919

SANT’ANNA, Henrique Mondanez. Entre o trono e o cálice: intoxicação frequente de reis macedônios como *topos* literário na historiografia helenística e nas fontes sobre Alexandre Magno. **História Unisinos**, v. 24, n.1, p. 12-20, jan.-abr. 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/hist.2020.241.02/60747481>. Acesso em: 19 dez 2020.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006 [1927].

SCHWEIGER, Franz Ludwig Anton. **Handbuch der classischen Bibliographie**. Leipzig: Friederich Fleischer, 1832. 2 v.

SIERRA CORELLA, Antonio. **La censura de libros y papeles en España y los índices y catálogos españoles de los prohibidos y expurgados**. Madrid: Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos, 1947. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10637/2131>. Acesso em: 28 jan. 2021.

STRONK, Jan P. Real epitome or a cuckoo's egg? (on B. Mineo, ed., Justin: *Abrégé des Histoires Philipiques* de Trogue Pompée. Tome I: Livres I–X. Texte établi, traduit et commenté par Bernard Mineo, notes historiques de Giuseppe Zecchini). **Histos**, n. 12, p. XXIII-XXVIII, mar. 2018. Disponível em: <https://histos.org/documents/2018RR05StronkonMineo.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

TERENCE. **Eunuchus**. Edição e comentários de John Barsby. New York: Cambridge University Press, 2006.

TERÊNCIO. Eunuco. In: PLAUTO; TERÊNCIO. **A comédia latina**. Tradução de Agostinho da Silva. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

TOMMASEO, Niccolò. De como a tradução e a reedição podem favorecer a arte. Tradução de Carolina Pizzolo Torquato. In: GUERINI, Andréia; ARRIGONI, Maria Teresa (orgs.). **Clássicos da Teoria da Tradução**: antologia bilíngue. Florianópolis: UFSC; Núcleo de Tradução, 2005. v. 3. p. 172-91. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/178896/Guerini%2C%20A.%2C%20e%20Arrigoni%2C%20M.%20T.%20Antologias%20bilingues%20-%20Classicos%20da%20Teoria%20da%20Traducao%20-%20Volume%203%20-%20Italiano-Portugues.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 out. 2021.

VARDI, Amiel D.. Diiudicatio locorum: Gellius and the history of a mode in ancient comparative criticism. **The Classical Quarterly**, v. 46, n. 2, p. 492-514, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/cq/46.2.492>. Acesso em: 16 nov. 2021.

WATSON, John Selby. **Justin, Cornelius Nepos and Eutropius**. Tradução para o inglês, introdução e notas de John S. Watson. Londres: Henry G. Bohn, York Street, Convent Garden, 1876.

WATSON, John Selby. Notes. In: JUSTINUS, Marcus Junianus. **Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus**. Tradução para o inglês, introdução e notas de John S. Watson. Londres: Henry G. Bohn, York Street, Convent Garden, 1853. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/index.html>. Acesso em: 06 out. 2021.

WEST, Martin Litchfield. Crítica textual. In: WEST, Martin Litchfield. **Crítica textual e técnica editorial**: aplicável a textos gregos e latinos. Tradução de António Manuel Ribeiro Rebelo Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. p. 7-77.

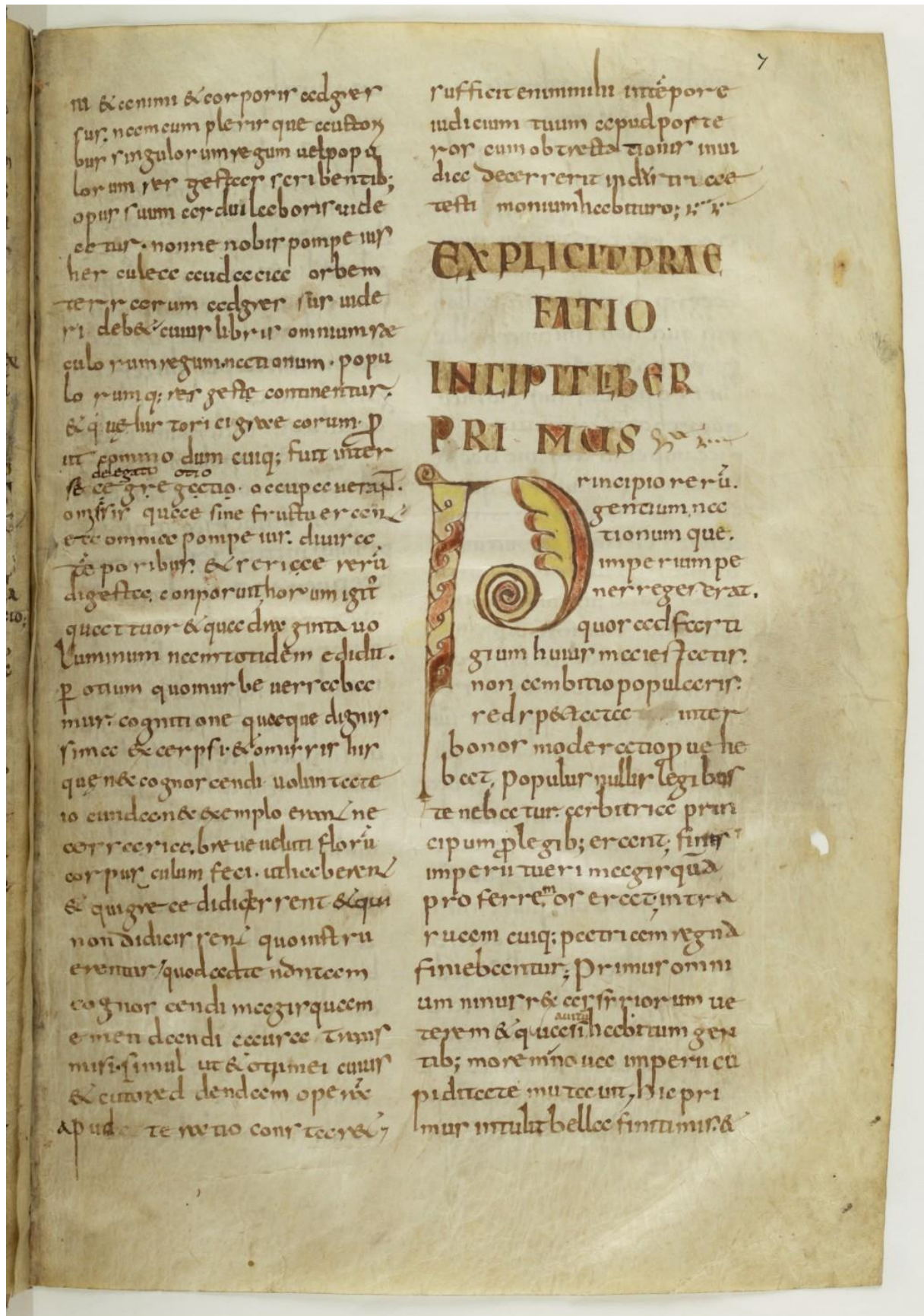
YARDLEY, John Clark. Introduction. In: JUSTIN. **Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus**: books 11-12 – Alexander the Great. Tradução para o inglês e notas de John C. Yardley e comentários de Waldemar Heckel. Oxford: Clarendon, 1997. p. 1-42.

YARDLEY, John Clark. **Justin and Pompeius Trogus**: a study of the language of Justin's *Epitome* of Trogus. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

YARDLEY, John Clark. The literary background to Justin / Trogus. **The Ancient History Bulletin**, v. 8, n. 2, p. 60-70, 1994. Disponível em: <https://ancienthistorybulletin.org/downloads/j-c-yardley-the-literary-background-to-justin-trogus-volume-8-pg-60-70/>. Acesso em: 06 maio 2021.

ZAVALIS, Vinícius Moretti. **Entre agência e dominação masculina: o poder de Arsínoe II como Rainha do Alto e Baixo Egito (séc. III a.C.)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2328.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.

Figura 2 - Final do prefácio e início do livro I



ANEXO B – PAR DOS DEUSES: SAFO E CATULO

Safo, frag. 2

Parece-me ser igual dos deuses
aquele homem que, à tua frente
sentado, tua voz deliciosa, de perto,
escuta, inclinando o rosto,

e teu riso luminoso que acorda desejos – ah! eu
[juro,
o coração no peito estremece de pavor,
no instante em que te vejo: dizer não posso mais
uma só palavra;

a língua se dilacera;
escorre-me sob a pele uma chama furtiva;
os olhos não veem, os ouvidos
zumbem;

um frio suor me recobre, um frêmió do corpo
se apodera, mais verde do que as ervas eu fico;
que estou a um passo da morte,
parece [

Mas [
(Tradução de J. B. Fontes)

Catulo, 51

Ele parece-me ser par de um deus,
ele, se é fás dizer, supera os deuses,
esse que todo atento o tempo todo
contempla e ouve-te

doce rir, o que pobre de mim todo
sentido rouba-me, pois uma vez
que te vi, Lésbia, nada de mim sobrou
DE VOZ NA BOCA

Mas torpece-me a língua e leve os
[membros
uma chama percorre e de seu som
os ouvidos tintinam, gêmea noite
cega-me os olhos.

O ócio, Catulo, te faz tanto mal.
No ócio tu exultas, tu vibras demais.
O ócio já reis e já ricas cidades
antes perdeu.

(Tradução de J. A. Oliva Neto)

*φαίνεται μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν
ἔμμεν' ὄνηρ, ὅττις ἐναντίος τοι
ἰσodάνει καὶ πλασίον ἄδν φωνεί-
σας ὑπακούει*

*Ille mi par esse deo uidetur,
ille, si fas est, superare diuos
qui sedens aduersus identidem te
spectat et audit
dulce ridentem, misero quod omnis*

καὶ γελαίσας ἰμέροεν, τὸ μ' ἧ μάν καρδίαν ἐν στήθεσιν ἐπτόασεν, ὥς γὰρ ἔς σ' ἴδω βρόχέ', ὡς με φώναι- σ' οὐδ' ἐν ἔτ' ἔικει,	<i>eripit sensus mihi; nam simul te, Lesbia, aspexi, nihil est super mi uocis in ore, lingua sed torpet, tenuis sub artus flamma demanat, sonitu suopte tintinant aures, gemina teguntur lumina nocte.</i>
ἀλλὰ καὶ μὲν γλῶσσά <μ'> ἔαγε, λέπτον δ' αὐτिका χρῶ πῶρ ὑπαδεδρόμηκεν, ὀππάτεσσι δ' οὐδ' ἐν ὀρημῇ, ἐπιρρόμ- βεισι δ' ἄκουαι,	<i>Otium, Catulle, tibi molestum est; otio exsultas nimiumque gestis. Otium et reges prius et beatas perdidit urbes.</i>
καὶ δέ μ' ἰδρῶς κακχέεται, τρόμος δὲ παῖσαν ἄγρει χλωροτέρα δὲ ποίας ἔμμι, τεθνάκην δ' ὀλίγω 'πιδεύης φαίνομ' ἔμ' αὖτ[α	
ἀλλὰ πᾶν τόλματον, ἐπεὶ [καὶ πένητα]	

**ANEXO C – EXEMPLOS DE REPRESENTAÇÕES DE PTOLOMEU VI E
PTOLOMEU VIII**

Figura 3 – Didragma de prata com o retrato de Ptolomeu VI



Fonte: American, 2020a, recurso online.

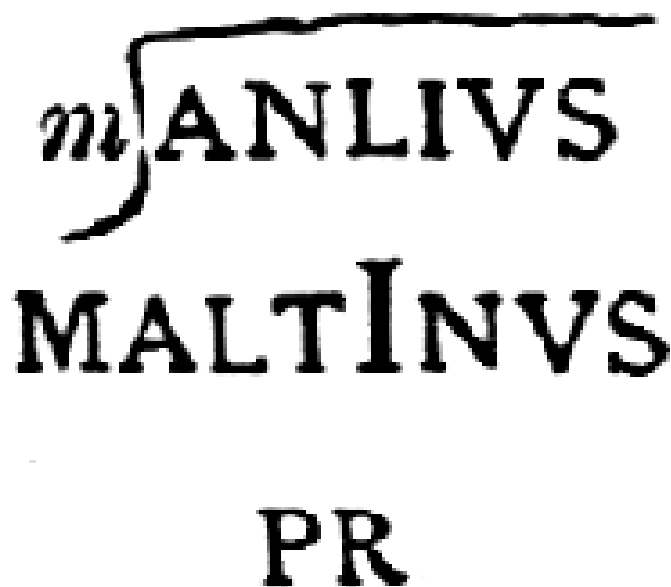
Figura 4 - Didragma de prata com o retrato de Ptolomeu VIII



Fonte: American, 2020b, recurso online.

ANEXO D – CIL 9.5073

Figura 5 - Reprodução de inscrição encontrada em Giulianova (*Castrum Nouum*), Téramo (*Interamnia Praetuttiorum*) e datada de, aproximadamente, 100-30 AEC: [-M]anlius / Maltinus / pr(aetor)¹⁹⁸



The image shows a reproduction of a Latin inscription. The text is arranged in three lines: the first line contains '[-M]ANLIVS', the second line contains 'MALTINVS', and the third line contains 'PR'. The letters are in a bold, serif font. A large, stylized bracket is drawn over the first line, starting from the left and ending under the 'S' of 'ANLIVS'.

Fonte: Mommsen (1883, p. 487).

¹⁹⁸ Informações retiradas de Branchesi (2011, recurso online).